LARISSA MOREIRA BRANGEL

O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DE VOCÁBULOS DE CORES NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA COGNITIVA

PORTO ALEGRE
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO
LINHA DE PESQUISA: TEORIAS LINGUÍSTICAS DO LÉXICO: RELAÇÕES TEXTUAIS

O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DE VOCÁBULOS DE CORES NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA COGNITIVA

LARISSA MOREIRA BRANGEL

ORIENTADORA: PROF. DR. MAITY SIQUEIRA
COORIENTADOR: PROF. DR. FÉLIX VALENTÍN BUGUEÑO MIRANDA

Dissertação de mestrado em Teorias Linguísticas do Léxico: Relações Textuais apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO
LINHA DE PESQUISA: TEORIAS LINGUÍSTICAS DO LÉXICO: RELAÇÕES TEXTUAIS

O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DE VOCÁBULOS DE CORES NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA COGNITIVA

LARISSA MOREIRA BRANGEL

ORIENTADORA: PROF. DR. MAITY SIQUEIRA
COORIENTADOR: PROF. DR. FÉLIX VALENTÍN BUGUEÑO MIRANDA

Aprovado em 02 de maio de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dr. Sabrina Pereira de Abreu
Instituto de Letras – UFRGS

Profª. Dr. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes
Centro de Ciências Humanas e Comunicação – UCS

Prof. Dr. Werner Heidermann
Centro de Comunicação e Expressão - UFSC

Para os meus pais, Valter e Lúcia, que me mostraram desde cedo o lado colorido da vida.

AGRADECIMENTOS

Neste trabalho, defendo uma visão semântica que diz que a língua é limitada e limitante do pensamento. Não vejo melhor momento para defender esta teoria do que agora, uma vez que, por mais que eu me esforce para colocar em palavras os meus sinceros agradecimentos, dificilmente conseguirei expressar fielmente o que estou sentindo.

Começo agradecendo aos dois pilares de sustentação deste trabalho, Maity e Félix. À Maity, minha orientadora, por ter me apresentado a Semântica Cognitiva ainda na iniciação científica e ter cultivado em mim este interesse pelo estudo da linguagem, fazendo com que os meus questionamentos acerca da linguagem humana rendessem bons frutos. Agradeço pelas horas dedicadas à minha formação acadêmica e por ter se tornado uma grande amiga ao longo desses anos, indo de parecerista de artigos à consultora de moda. Ao Félix, meu coorientador, por acreditar neste trabalho desde o início, mesmo sem seguir a mesma linha teórica que eu sigo. Agradeço pelo apoio, pelas críticas sempre muito bem-vindas, pelas discussões produtivas e por me ensinar a enxergar o mundo sob os mais diversos enfoques possíveis.

Aos professores membros da banca, Heloísa, Sabrina e Werner, por aceitarem discutir aspectos deste trabalho e contribuírem para o aprimoramento do mesmo.

À professora Maria José, pela ajuda durante o estágio de docência, e ao professor Gabriel, por disponibilizar suas turmas para a realização da pesquisa sobre a familiaridade de vocábulos de cores. Agradeço, ainda, aos 93 alunos que responderam meu questionário e me ajudaram a contribuir um pouco mais para o desenvolvimento da ciência.

Ainda no âmbito acadêmico, agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior), pela bolsa concedida nos últimos 18 meses, sem a qual não teria sido possível a minha dedicação total ao presente trabalho. À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por me acolher desde 2003, primeiramente como graduanda e, agora, como mestranda, e contribuir muito para a minha evolução, não apenas como estudante, mas também como pessoa. Farei o possível para repassar para a sociedade todo o conhecimento aqui adquirido.

Agradeço aos meus colegas de pesquisa, Tamara, Maitê, Ana Flávia e Dalby, que me ajudaram a construir muito do que está relatado nestas páginas através de discussões frutíferas e muito companheirismo. Obrigada por serem muito mais que

colegas de pesquisa. A amizade de vocês fez do meu local de trabalho uma segunda casa.

Das amizades fora da universidade, me sinto privilegiada por ter tido ao meu lado pessoas que foram essenciais para que eu enfrentasse com força os obstáculos que surgiram durante a redação desta dissertação. Agradeço aos meus amigos festeiros, Marco, Caroline, Fernanda, Luciana e Greice, por me mostrarem que tão importante quanto uma semana de avanço nos estudos, é a comemoração no sábado à noite. Foi uma honra desopilar com vocês.

Agradeço, também, às amigas de infância, Clarissa, Oriana, Tamara e Patricia, companheiras desde a época do colégio que partilham comigo as alegrias e tristezas de crescer e conquistar o seu espaço no mundo. Com certeza, estes dois anos de mestrado teriam sido bem menos prazerosos se eu não contasse com vocês para dar umas risadas de vez em quando.

Não poderia deixar de citar, também dentre as amigas de infância, uma pessoa que sempre ocupou espaço de destaque na minha vida: agradeço, de todo coração, a minha melhor amiga, minha irmã por opção, Elissa. Obrigada por ser essa amiga fiel de tantos anos e por me provar que amizades de verdade superam até mesmo a maior das distâncias. Obrigada por se fazer tão presente na minha vida mesmo estando tão longe.

No âmbito familiar, agradeço aos tios, tias, primos e primas que, de uma forma ou de outra, sempre estiveram presentes na minha vida e muito me estimularam, mesmo sem saber ao certo do que se tratava a minha pesquisa. Agradeço, em especial, aos meus padrinhos, Fábio e Maria, por sempre estimularem a minha busca pelo conhecimento, seja pelos vários livros presenteados durante a minha infância, seja pelos recortes de jornais até hoje enviados.

Deixo para o final as pessoas mais importantes da minha vida para que estes agradecimentos sejam fechados com chave de ouro. Reconheço que esta dissertação é fruto de um grande esforço, porém, de nada adiantaria o esforço se não houvesse uma base sólida o suficiente para aguentar tamanho peso. Diante de elogios, prefiro dizer que sou apenas uma pessoa que soube aproveitar as suas oportunidades: a oportunidade de nascer e crescer em uma família que sempre serviu de exemplo de superação, coragem e honestidade, servindo de exemplo para quem quisesse atingir seus objetivos da maneira mais correta possível. Agradeço à Lulu, por ser muito mais que uma irmã, mas também uma amiga com a qual pude trocar experiências e conselhos por todos esses anos e que consegue ser, ao mesmo tempo, tão igual e tão diferente de mim. Agradeço aos meus

pais, Valter (*in memoriam*) e Lúcia, pelo exemplo de caráter e pela constante motivação em todas as minhas escolhas. Obrigada por me gerarem, me criarem e me educarem. Obrigada por me conduzirem até aqui. Amo vocês.

“Sempre foi algo perigoso tratar da cor, a ponto de um de nossos antepassados ter certa vez ousado dizer que ‘o touro fica furioso ao ver o pano vermelho, mas o filósofo se torna irado tão logo se fale da cor’.”

J. W. GOETHE, *Doutrina das Cores*

RESUMO

As definições de cores encontradas nos dicionários semasiológicos do português estão passíveis a uma série de críticas. A análise dos verbetes de cores dos dicionários AuE (2004), HouE (2001), MiE (2001) e AnMS (1813) revelou que nenhuma destas obras apresentam verbetes de cores satisfatórios no que diz respeito à elucidação do significado de uma cor. Além disso, foi constatado que poucas foram as modificações sofridas nas definições de cores das obras do século XXI quando comparadas à obra do século XIX. O fato de os verbetes de cores dos dias atuais apresentarem falhas semelhantes às dos verbetes de cores de obras editadas há quase 200 anos parece indicar uma lacuna nos estudos lexicográficos que trate das cores nos dicionários. O presente trabalho se dispõe a discutir e tentar preencher esta lacuna. Para tanto, se procurou estabelecer uma relação entre os problemas encontrados nos verbetes de cores e a teoria lexicográfica, a fim de explicar o problema e, se possível, solucioná-lo. A partir dessa primeira análise, foi constatado que os verbetes de cores precisavam ser reestruturados. Para tanto, foi necessário estabelecer parâmetros que elencassem os segmentos informativos realmente necessários em um verbete de cor, para depois, se pensar em reelaborar estes segmentos. Os segmentos informativos reestruturados foram as paráfrases explanatórias e os exemplos, e esta reestruturação se deu com base nos postulados da Semântica Cognitiva. A visão prototípica de categorização, bem como a noção de corporeidade e de experiencialismo trazidas pela Semântica Cognitiva foram bastante proveitosas na discussão a respeito do fenômeno cromático no âmbito da Lexicografia. Através da relação entre teorias lexicográficas e a Semântica Cognitiva, chegou-se à conclusão de que as paráfrases de cores simples devem ser do tipo *paráfrase explanatória analítica por metalinguagem do signo extensional* e contarem com exemplares universais de cor no seu viés extensional para elucidar a cor. Em relação aos exemplos, eles devem estar alicerçados em padrões sintáticos curtos e frases de construções simples, além de contarem com exemplares prototípicos culturalmente situados das categorias de cor. Em complementação a isto, as cores simples devem contar com o mecanismo de substituição ostensiva, localizado nos textos externos do dicionário, que traga uma gravura da cor definida. A gravura oferecida pelo dicionário deve corresponder à elucidação de uma categoria inteira de cor, em conformidade com os postulados da Semântica Cognitiva sobre categorias prototípicas. Em relação às cores complexas, a Teoria da Mesclagem Conceitual aponta que este tipo de cor não necessita de uma definição, uma vez que seu significado é construído através da decodificação do próprio vocábulo. A proposta oferecida para as cores complexas é que o dicionário faça uma remissão para a cor simples da qual a cor complexa deriva e localize, dentro da categoria de cor simples, a zona correspondente à cor complexa. O desenvolvimento do presente estudo levou à conclusão de que o planejamento e reestruturação dos três segmentos informativos aqui elencados (paráfrase explanatória, exemplos e elementos iconográficos) permite a elaboração de definições mais satisfatórias para vocábulos de cores em dicionários semasiológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia; Definição Lexicográfica; Semântica Cognitiva; Cores.

ABSTRACT

Color definitions in Portuguese semasiological dictionaries are subject to much criticism. The analysis of color entries in AuE (2004), HouE (2001), MiE (2001), and AnMS (1813) revealed that none of these dictionaries have satisfactory entries when it comes to elucidating the meaning of colors. Moreover, it was observed that color definitions are quite similar when 21th century dictionaries and a 19th century dictionary are contrasted. Finding the same problems in color definitions of current and old dictionaries may indicate a gap in lexicographic studies concerning colors. This thesis aims to discuss and fill this gap. To do so, we tried to relate problems found in color entries to lexicographical theories, in order to explain these problems and, if possible, to solve them. This first analysis led us to conclude that color entries should be restructured. So it was necessary to set parameters, which could establish necessary informative segments to a color entry, and then restructure them. The restructured informative segments were explanatory paraphrases and examples. The restructuring was based on tenets of Cognitive Semantics. The Prototypical Theory and beliefs in Embodiment and Experientialism were very useful to the discussion about the chromatic phenomenon in lexicographical fields. From relating lexicographical theories to Cognitive Semantics, we concluded that simple color paraphrases should be *explanatory, analytical paraphrases based on the metalanguage of the extensional sign*, and they should rely on universal models of colors in their extensional part. Examples must be founded on short syntactic patterns and sentences with simple construction, relying on culturally situated, prototypical models of color categories. Besides this, simple colors must rely on ostensive replacement, situated in additional sections of the dictionary, which offer a picture of the related color. The picture has to represent/illustrate the entire category of that color, in accordance with the tenets of Cognitive Semantics about prototypical categories. Regarding complex colors, Conceptual Blending Theory shows that this kind of color does not require a definition, once its meaning is constructed by the decoding of the word itself. Our proposal concerning the lexicographical treatment of complex colors is to indicate them within the picture of simple colors. This study led us to conclude that, if one plans and restructures the three informative segments showed here (explanatory paraphrases, examples, and pictures), it is possible to provide more complete definitions of color words in semasiological dictionaries.

KEYWORDS: Lexicography; Lexicographic Definition; Cognitive Semantics; Colors.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Verbete do item lexical *amaréllo* em AnMS (1813)..... 20
Figura 2 – Verbete do item lexical *amarelo* em AuE (2004)..... 20
Figura 3 – Verbete do item lexical *amarelo* em HouE (2001)..... 20
Figura 4 – Verbete do item lexical *amarelo* em MiE (2001)..... 20
Figura 5 – Verbete do item lexical *amarelo* em AuE (2004)..... 23
Figura 6 – Verbete do item lexical *azul* em HouE (2001)..... 26
Figura 7 – Verbete do item lexical *vermelho* em MiE (2001)..... 27
Figura 8 – Verbete do item lexical *azúl* em AnMS (1813)..... 30
Figura 9 – Verbete do item lexical *azul-celeste* em AuE (2004)..... 30
Figura 10 – Verbete do item lexical *azul-celeste* em MiE (2001)..... 30
Figura 11 – Verbete do item lexical *azul-celeste* em HouE (2001)..... 30
Figura 12 – Verbete do item lexical *azul-pombinho* em AuE (2004)..... 30
Figura 13 – Verbete do item lexical *azul-pombinho* em MiE (2001)..... 30
Figura 14 – Verbete do item lexical *azul-pombinho* em HouE (2001)..... 30
Figura 15 – Verbete do item léxica *azul-claro* em AuE (2004)..... 31
Figura 16 – Verbete do item lexical *azul-claro* em HouE (2001)..... 31
Figura 17 – Verbete do item lexical *azul-ferrete* em AuE (2004)..... 31
Figura 18 – Verbete do item lexical *azul-ferrete* em MiE (2001)..... 31
Figura 19 – Verbete do item lexical *azul-turqui* em MiE (2001)..... 31
Figura 20 – Verbete do item lexical *amarelo-cinzento* em HouE (2001)..... 34
Figura 21 – Verbete do item lexical *azul-celeste* em AuE (2004)..... 34
Figura 22 – Verbete do item lexical *vermelho-cereja* em MiE (2001)..... 34
Figura 23 – Verbete do item lexical *verde-gaio* em AuE (2004)..... 35
Figura 24 – Verbete do item lexical *azul-fino* em MiE (2001)..... 35
Figura 25 – Verbete do item lexical *verde-mar* em HouE (2001)..... 35
Figura 26 – Verbete do item lexical *amarelo-canário* em MiE (2001)..... 36
Figura 27 – Verbete do item lexical *verde-musgo* em AuE (2004)..... 36
Figura 28 – Verbete do item lexical *azul-violeta* em HouE (2004)..... 36
Figura 29 – Verbete do item lexical *azul-piscina* em AuE (2004)..... 36
Figura 30 – Verbete do item lexical *verde-piscina* em AuE (2004)..... 36
Figura 31 – Verbete do item lexical *vermelho* em AuE (2004)..... 49
Figura 32 – Verbete do item lexical *vermelho* em HouE (2001)..... 49
Figura 33 – Verbete do item lexical *vermelho* em MiE (2001)..... 49
Quadro 1 – Comparação entre a densidade dos PCIs de AuE (2004), HouE (2001) e MiE (2001)..... 52
Figura 34 – Verbete do item lexical *bicicleta* em MiE (2001)..... 54
Figura 35 – Verbete do item lexical *coração* em AuE (2004)..... 55
Figura 36 – Verbete do item lexical *feijoada* em MiE (2001)..... 55
Figura 37 – Verbete do item lexical *ciúme* em HouE (2001)..... 61
Figura 38 – Verbete do item lexical *pálido* em AuE (2004)..... 61
Figura 39 – Verbete do item lexical *respirar* em MiE (2001)..... 61
Figura 40 – Verbete do item lexical *amarelo* em HouE (2001)..... 64
Figura 41 – Verbete do item lexical *espirrar* em MiE (2001)..... 67
Figura 42 – Verbete do item lexical *maquiagem* em AuE (2004)..... 67
Figura 43 – Verbete do item lexical *samambaia* em MiE (2001)..... 67
Figura 44 – Verbete do item lexical *baleia* em AuE (2004)..... 67

Figura 45 – Verbete do item lexical *uva* em HouE (2001)..... 67
Figura 46 – Verbete do item lexical *verde* em HouE (2001)..... 69
Figura 47 – Verbete do item lexical *verde* em AuE (2004)..... 70
Figura 48 – Verbete do item lexical *amarillo* em ReA (2001)..... 88
Figura 49 – Verbete do item lexical *yellow* em Webs (1957) 88
Figura 50 – Verbete do item lexical *jaune* em PeR (1993) 88
Figura 51 – Verbete do item lexical *verde* em AnMS (1813) 89
Figura 52 – Verbete do item lexical *verde* em AuE (2004)..... 89
Figura 53 – Verbete do item lexical *verde* em HouE (2001)..... 89
Figura 54 – Verbete do item lexical *verde* em MiE (2001)..... 89
Figura 55 – Verbete do item lexical *vérde* em Zin (1970) 89
Figura 56 – Verbete do item lexical *verde* em ReA (2001)..... 89
Figura 57 – Verbete do item lexical *green* em Webs (1957)..... 89
Figura 58 – Verbete do item lexical *vert* em PeR (1993)..... 89
Esquema 1 – Representação da proposta de Rosch (1978) para o sistema de categorização humano (adaptado de Evans; Green 2006, p.256)..... 112
Esquema 2 – Representação da versão estendida da teoria prototípica..... 115
Esquema 3 – Representação da sequência evolucionária dos termos básicos de cor (adaptado de Berlin; Kay 1999, p.4)..... 120
Figura 59 – Verbete do item lexical *preto* em HouE (2001) 142
Figura 60 – Verbete do item lexical *laranja* em AuE (2004)..... 142
Quadro 2 – Apresentação da nossa proposta para exemplos de vocábulos de cor em comparação ao que é oferecido atualmente pelas obras analisadas..... 147-148
Esquema 4 – representação do redirecionamento da perspectiva do ato da comunicação para se chegar à substituição ostensiva..... 155
Figura 61 – proposta de representação iconográfica para os vocábulos de cores simples 162
Figura 62 – proposta de definição de cores simples e complexas pelo método da substituição ostensiva 167

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

adj. adjetivo
cf. confira
etc. *et cetera*, e outros
p. página
s.f. substantivo feminino
s.m. substantivo masculino
s.v. *sub voce*, sob o lema
v. verbo

LISTA DE ABREVIATURAS DOS DICIONÁRIOS CITADOS

AnMS (1813) - Diccionario da Lingua Portugueza recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito accrescentado, por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (1813)

AuE (2004) - Novo dicionário Eletrônico Aurélio da língua portuguesa (2004)

HouE (2001) - Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2001)

MiE (2001) - Dicmaxi Michaelis Português (2001)

PeR. (1993) - Le nouveau petit Robert: Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la Langue Française (1993)

ReA (2001) - Diccionario de la lengua española (2001)

Webs (1957) - Webster's New World dictionary of the american language (1957)

Zin (1970) - *Vocabulario della língua italiana (*1970)

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO** 17
1.1 O FENÔMENO CROMÁTICO 17
1.2 AS CORES NOS DICIONÁRIOS 19
1.2.1 **Análise de verbetes de cores em dicionários do português brasileiro** ... 22
1.2.1.1 Análise das cores simples 23
1.2.1.2 Análise das cores complexas 29
1.3 OBJETIVOS 38
1.4 HIPÓTESES DE PESQUISA 39
1.5 ESTRUTURA GERAL DO TRABALHO 40

2 **A TEORIA LEXICOGRÁFICA APLICADA AOS VERBETES DE CORES: O PCI, A DEFINIÇÃO E OS EXEMPLOS** 42
2.1 OS COMPONENTES CANÔNICOS DO DICIONÁRIO SEMASIOLÓGICO 42
2.1.1 **O *outside matter*** 43
2.1.2 **A macroestrutura** 44
2.1.3 **A medioestrutura** 45
2.1.4 **A microestrutura** 46
2.1.4.1 O programa constante de informações (PCI) 47
2.2 A DEFINIÇÃO LEXICOGRÁFICA 53
2.3 OS EXEMPLOS 65

3 **A LINGUÍSTICA COGNITIVA E AS CORES** 72
3.1 A LINGUÍSTICA COGNITIVA 72
3.1.1 **As ramificações da Linguística Cognitiva** 78
3.2 A SEMÂNTICA COGNITIVA 79
3.2.1 **Experiencialismo [*experientialism*]** 86
3.2.1.1 O experiencialismo e as cores 87
3.2.2 **Corporeidade [*embodiment*]** 90
3.2.2.1 A corporeidade e as cores 93
3.2.3 **Espaços Mentais** 95
3.2.4 **Mesclagem Conceitual** 96
3.2.4.1 Os nomes das cores complexas, os espaços mentais e a mesclagem conceitual 97
3.2.5 **Fenômenos investigados pela Semântica Cognitiva** 98
3.2.5.1 Metáfora 99
3.2.5.1.1 *A metáfora e as cores* 103
3.2.5.2 Metonímia 105
3.2.5.2.1 *A Metonímia e as cores* 106
3.2.5.3 Categorização 107
3.2.5.3.1 *A categorização das cores* 116
3.2.5.3.2 *O relativismo linguístico, a Semântica Cognitiva e as cores* 123

4 **PROPOSTA PARA O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DE VOCÁBULOS DE COR** 126
4.1 PROPOSTA PARA O TRATAMENTO DAS CORES SIMPLES 128
4.1.1 **Proposta para a paráfrase explanatória** 129
4.1.1.1 Proposta para o tipo de paráfrase explanatória 129
4.1.1.2 Proposta para o modelo semântico 132
4.1.1.3 Proposta para o *pattern* sintático 139
4.1.2 **Proposta para os exemplos** 141
4.1.2.1 A funcionalidade dos exemplos de cores 141
4.1.2.2 Proposta para um exemplo mais funcional em verbetes de cores 142
4.1.3 **Proposta para a apresentação de elementos iconográficos** 150
4.1.3.1 A substituição ostensiva 154
4.1.3.2 O sistema de remissivas e o lugar dos elementos iconográficos no tratamento lexicográfico de vocábulos de cores simples 157
4.1.3.3 Proposta para a forma de apresentação dos elementos iconográficos das cores simples 160
4.2 PROPOSTA PARA O TRATAMENTO DAS CORES COMPLEXAS ...163
4.2.1 **Considerações iniciais a respeito do tratamento lexicográfico das cores complexas** 164
4.2.2 **Proposta para a forma de apresentação dos elementos iconográficos das cores complexas** 166

5 **CONCLUSÃO** 168
5.1 AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES DE PESQUISA 169
5.2 LIMITES DO ESTUDO E PERSPECTIVAS 171

BIBLIOGRAFIA 173

APÊNDICE A - FOLHA DE PREENCHIMENTO CONCEDIDA AOS VOLUNTÁRIOS DA PESQUISA SOBRE A FAMILIARIDADE DAS CORES COMPLEXAS 180
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO ENTREGUE AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA SOBRE FAMILIARIDADE DE VOCÁBULOS DE CORES COMPLEXAS 184
APÊNDICE C - TABELA "FAMILIARIDADE DOS VOCÁBULOS DE CORES COMPLEXAS" 185
APÊNDICE D - PROPOSTA DE REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DAS ONZE CATEGORIAS BÁSICAS DE COR SUGERIDAS POR BERLIN E KAY (1999) 187

ANEXO 1 - VERBETES ORIGINAIS DE AnMS (1813) 193
ANEXO 2 - VERBETES ORIGINAIS DE AuE (2004) 194
ANEXO 3 - VERBETES ORIGINAIS DE HouE (2001) 200
ANEXO 4 - VERBETES ORIGINAIS DE MiE (2001) 206

1 **INTRODUÇÃO**

1.1 O FENÔMENO CROMÁTICO

O ser humano, devido à constituição genética que lhe é característica, possui em sua configuração biológica uma propriedade que o torna privilegiado em relação a algumas espécies animais do planeta: trata-se da capacidade de enxergar em cores (EVANOVICH, 2004). O fato de interagir com o fenômeno cromático desde as épocas mais remotas da sua evolução levou o homem a estabelecer os mais diversos tipos de relações com as cores, que vão desde a busca de explicações científicas ao fenômeno, como fez Newton (1979), até o uso do mesmo para fins puramente estéticos. Desse modo, seria impossível para o homem contemporâneo se imaginar vivendo em um mundo em preto e branco visto o papel fundamental que as cores ocuparam no desenvolver-se da história. Pensemos, por exemplo, no papel das cores na sinalização de trânsito, na caracterização de times esportivos, na elucidação de visões políticas em bandeiras e símbolos partidários e em tantas outras esferas da realidade vivenciada pelo homem.

Devido a sua grande importância e marcante presença no decorrer da história da humanidade, o fenômeno cromático tem sido alvo de inúmeras indagações científicas, o que o levou a ser estudado sob os mais diversos enfoques teóricos, a exemplo de Wittgenstein (1977), Goethe (1993) e Newton (1979). Ao tratar da tentativa de se reescrever a história das cores, Pastoureau (1997, p. 98) postula que este exercício consiste em uma tarefa complexa, por, dentre outros fatores, ser demasiadamente difícil ao historiador abordar todos os domínios da cor de modo a tratar de todos os pontos de vista possíveis de maneira global, o que leva o autor a concluir que um exercício de tal natureza só seria possível através da separação do objeto de estudo (cor) em capítulos relativamente estanques. Para Pastoureau (1997), portanto, falar do fenômeno *cor* envolve uma enorme gama de pontos de vista diferentes a respeito de um mesmo assunto, porém, para abordar este fenômeno é necessário que se opte por um enfoque específico.

Guimarães (2000, p. 3), por outro lado, ao conduzir seus estudos sobre o fenômeno cromático, optou por considerar a cor como um processo amplo, que requereria um estudo de natureza interdisciplinar. O autor justifica seu posicionamento no fato de os pressupostos de um enfoque não invalidarem outros, necessariamente.

Seguindo esta corrente, seria possível dizer que as abordagens teóricas ao fenômeno cromático, além de não se anularem, muitas vezes se complementam, mostrando que pela soma das partes é capaz de se chegar a uma visão mais global do objeto. Diante de duas ideias divergentes, uma que defende a abordagem especifica ao fenômeno cromático e outra que defende a abordagem global, o presente trabalho se posiciona como uma pesquisa de caráter restrito ao tema, ou seja, corrobora com as ideias de Pastoureau (1997). Propomos, aqui, estudar a cor sob um olhar de natureza linguística à mesma, porém não desconsideramos o fato de o fenômeno cromático ser um objeto complexo, passível de ser abordado sob uma série de enfoques teóricos, apesar de não ser esta a nossa proposta.

Segundo Goethe (1993, p.37), "cada olhar envolve uma observação, cada observação uma reflexão, cada reflexão uma síntese". Seguindo o raciocínio do autor, podemos afirmar que falar sobre cor pelo viés da Física equivale a falar de comprimentos de ondas (HALLIDAY et al, 2003, p.2), ou que, ainda, tratar deste tema pelo viés da Biologia remete a um estudo sobre percepção dos comprimentos de onda pela retina e a transmissão desta informação ao cérebro (AMABIS; MARTHO, 1997, p.459). Dentre a multiplicidade de olhares possíveis ao fenômeno cromático, propomos, no presente estudo, um olhar de natureza linguística, que traga reflexões sobre o comportamento do fenômeno cromático na linguagem humana. Porém, dizer apenas que o fenômeno será abordado sob um prisma linguístico ainda constitui uma afirmação muito vaga, visto o leque de opções de abordagens que os estudos da linguagem dispõem. Precisando ainda mais o foco do presente trabalho, apresentamos o mesmo como uma proposta de estudo sobre cores localizada em uma zona de intersecção entre a Lexicografia, disciplina voltada para a discussão a respeito da compilação de dicionários, e a Semântica Cognitiva, proposta de abordagem semântica que busca explicar o processo de significação das línguas a partir da relação existente entre a mente, o corpo e a experiência humana.

Se, por um lado, a Lexicografia ainda carece de estudos a respeito da definição lexicográfica, por outro lado os estudos sobre cores também parecem apresentar lacunas no que diz respeito à discussão do tema no âmbito da Semântica. Assim, o presente estudo conduz a uma abordagem ao fenômeno cromático que busca unir duas áreas de investigações da ciência da linguagem, a Lexicografia e a Semântica Cognitiva, com o intuito de trazer ainda mais contribuições ao campo de estudos sobre as cores. Em seu

aspecto lexicográfico, o presente trabalho procura trazer contribuições às investigações ao fenômeno cromático de forma a levantar questões sobre a definição lexicográfica de verbetes de cores e, se possível, propor soluções para o seu aprimoramento em dicionários semasiológicos com o auxílio dos postulados em Semântica Cognitiva.

1.2 AS CORES NOS DICIONÁRIOS

De acordo com Jackson (2002, p.86), os dois principais motivos que levam alguém a consultar um dicionário são: 1) verificar a ortografia das palavras e 2) tomar conhecimento de seu significado. Levando em consideração a importância que a definição ocupa dentro do verbete, visto que é através desse segmento informativo que os consulentes buscam esclarecer as suas dúvidas em relação ao significado das palavras, o presente trabalho procura, dentre outras coisas, levantar discussões a respeito das definições de verbetes de cores nos dicionários gerais de língua do português brasileiro.

A escolha pelo enfoque se deu após a constatação de que as definições lexicográficas de vocábulos que designam cores, do modo como se apresentam nos dicionários gerais do português brasileiro, parecem não satisfazer plenamente os propósitos de uma definição lexicográfica. Conforme poderá ser observado ao longo deste capítulo, os problemas concernentes às definições de vocábulos de cores parecem decorrer, basicamente, de dois fatores: o primeiro fator está relacionado à própria natureza do objeto definido, que constitui um elemento difícil de ser definido linguisticamente. Além deste primeiro fator, ainda encontramos um segundo, que diz respeito a uma série de problemas encontrados na redação das definições dos dicionários consultados, que parecem ter sido redigidas sem passarem por uma reflexão prévia a respeito do assunto.[1] Importante observar, também, que os problemas em relação às definições de cores acompanham os dicionários brasileiros há muitos anos, conforme podemos observar ao compararmos o verbete de *amaréllo* do primeiro dicionário brasileiro de língua portuguesa (AnMS, 1813) com os verbetes de *amarelo* de três dicionários recentes também do português brasileiro (AuE, 2004; HouE, 2001 e MiE, 2001):

[1] Uma discussão mais aprofundada a respeito destes dois fatores será iniciada neste primeiro capítulo e será mais bem detalhada no segundo capítulo do presente trabalho.

AMARÉLLO (...) Da còr da gemma de ovo, do oiro, do rom, enxofre, &c. §. *Amarello tostado* é o muito acceso : *amarello gualdo* é o muito claro. t. de Pint. §. *Homem amarello:* pallido, desmayado. §. *Peixe amarello*, da China, que anda no mar, e pelo estio de muda em ave, &c.

Figura 1: verbete do item lexical *amaréllo* em AnMS (1813)

Amarelo [Do b.-lat. hispânico *amarellu*.] Adjetivo. 1.Da cor do ouro, da gema do ovo, do topázio, do enxofre: "A boca negra, os dentes amarelos." (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, V, 39.) 2.Diz-se dessa cor: *tecido de cor amarela*. 3.Pálido, descorado, amarelado. ~ V. *bismuto —, cera —a, cobre —, corpo —, febre —a, febre —a silvestre, febre —a urbana, latão —, riso —* e *sorriso —*. Substantivo masculino. 4.A cor amarela em todas as suas gradações. [V. *de cor* (3).] 5.No espectro visível (q. v.), cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda compreendido, aproximadamente, entre 575 e 590 nanômetros. 6.Bras. Pessoa que tem amarelão. 7.Bras. Bot. V. *vinhático-do-campo*. 8.Bras. N.E. MG SP MT Pej. Pessoa pálida. [Sin. nesta acepç. (em PE): *come-longe*.] ~ V. *amarelos*. Amarelo de tartrazina. 1. Quím. Tartrazina.

Figura 2: verbete do item lexical *amarelo* em AuE (2004)

Amarelo *s.m.* (944 cf. JM[3]) **1** a cor da gema de ovo, do açafrão, do ouro **2** ÓPT cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática cujo comprimento de onda é da ordem de 577 a 597 nanômetros [Sensação equivalente pode ser produzida por outros meios.] **3** substância us. para tingir de amarelo **4** tinta amarela **5** homem de raça amarela **6** *B* indivíduo que sofre de impaludismo **7** *B pej.* indivíduo pálido **8** *CE* m.q. [2]***amarelinha*** **9** ANGIOS m.q. ***vinhático-do-campo*** (*Plathymenia foliolosa*) **10** ANGIOS m.q. ***cuspária*** (*Cusparia trifoliata*) **11** ANGIOS m.q. ***pau-amarelo*** (*Enxylophora paraensis*) *adj.* **12** que tem a cor da gema de ovo, do açafrão, do ouro; louro, fulvo, dourado **13** diz-se dessa cor <*fazenda de cor a.*> **14** que se descorou ou perdeu a cor; desmaiado, pálido **15** *fig.* que se manifesta de maneira forçada, sem espontaneidade; contrafeito <*riso a.*> amarelos *s.m.pl.* **16** guarnições, fechos ou objetos de metal amarelo (latão, cobre etc.) <*lustrar os a.*> a. do ovo a parte central dos ovos das aves; gema rir ou sorrir a. sorrir de maneira contrafeita, forçada <*diante de tantas provas a condená-lo (sor)riu a.*> ETIM b.-lat. hispânico *amarellus*, dim. do lat. *amárus,a,um* 'amargo', prov. aplicado à palidez dos que padeciam da icterícia, por ser enfermidade causada por transtorno da secreção biliar ou humor amargo; ver *amar-*; f.hist. 944 *amarelo* antr., 1132 *amarelam*, sXIII *amarelo*, sXIV *amarello*, sXV *amarelho* SIN/VAR como adj.: alourado, atrigado, atrigueirado, flavo, gema, gemado, lauro, louro, melgaço, trigueiro; como subst.: ver sinonímia de [2]*amarelinha* HOM amarelo(fl.amarelar) noção de 'amarelo', usar *antepos.* cirr(o)-, flav-, icter(i/o)-, lute(i)-, lut(i)-, ocr(i/o)- e xant(o)-; *pospos.* -juba

Figura 3: verbete do item lexical *amarelo* em HouE (2001)

a.ma.re.lo *adj* (*lat hispânico amarellus*, de *amarus*) **1** Da cor da luz do Sol, da cor da gema do ovo, da cor do ouro. **2** Dourado, fulvo, louro. **3** Descorado, desmaiado, pálido. **4** Contrafeito: *Riso amarelo. sm* **1** Cor que no espectro solar está entre o verde e o alaranjado. **2** A cor amarela. **3** Substância de que se usa para tingir ou corar de amarelo. **4** *Bot* Leguminosa de grandes proporções e de madeira excelente para construção (*Omphalobium lutuosum*). **5** Homem de raça amarela. **6** Pessoa que sofre de impaludismo. **7** *Bot V angustura*. **8** *Ictiol* Espécie de baiacu. *A. de curcuma*: o mesmo que *curcumina*. *A. de zinco*: pigmento amarelo-esverdeado, comumente produzido pela reação de óxido de zinco, bicromato de potássio e ácido sulfúrico; usado principalmente na primeira demão de pinturas inibidoras de corrosão e em tintas para impressão.

Figura 4: verbete do item lexical *amarelo* em MiE (2001)

Apesar da diferença cronológica da primeira obra citada em relação às outras, é possível observar que poucas foram as modificações no verbete de *amarelo* no que diz

respeito à definição da cor nos quase dois séculos de prática lexicográfica que separam a primeira obra das outras três. Ao isolarmos apenas a primeira paráfrase explanatória[2] de cada verbete, podemos constatar que a técnica de definição permanece exatamente a mesma, ou seja, a menção a referentes no mundo que possuem como uma de suas características essenciais a cor amarela. Além disso, não só o modo como a definição foi redigida permaneceu o mesmo, mas também os referentes de cor utilizados permaneceram os mesmos (a gema do ovo e o ouro são elementos que aparecem nas paráfrases das quatro obras aqui expostas).

Diante da constatação de que as definições de cores não são muito elucidativas e que, ao que tudo indica, pouco se tem feito nas obras lexicográficas ao longo dos tempos para tornar tais definições menos problemáticas, julgamos pertinente, então, questionar o porquê desta situação e se haveria uma maneira de contorná-la. Para que seja possível traçar uma discussão a respeito da definição lexicográfica de cores e as possibilidades de melhoras à mesma é necessário que se parta de um ponto bem básico, ou seja, da descrição do problema que motivou o presente trabalho. Neste primeiro momento, pretendemos, portanto, deixar explícito com o que o consulente se depara ao procurar um verbete de cor em um dicionário semasiológico do português brasileiro. Para tanto, apresentaremos, no decorrer do capítulo, a atual situação dos verbetes referentes a cores em três grandes dicionários gerais do português do Brasil.

Antes de apresentarmos os verbetes, no entanto, julgamos pertinente ressaltar um aspecto importante em relação à tipologia do objeto com o qual trabalhamos (a cor) para melhor conduzir a discussão aqui proposta. Por receberem tratamentos distintos no que diz respeito a sua definição lexicográfica e, por isso, apresentarem características próprias dentro dos dicionários, consideramos pertinente, para fins de averiguação, classificar as cores analisadas em dois grupos distintos. O primeiro caso diz respeito à noção de cada cor como elemento abrangente. Neste caso, o nome da cor faz referência a todas as possíveis gradações que ela pode assumir dentro do espectro cromático, não especificando uma tonalidade precisa, mas fazendo referência a uma determinada zona do espectro cromático que pode assumir uma série de variações na sua tonalidade. Este

[2] A noção de paráfrase explanatória adotada neste trabalho provém da proposta de Bugueño (2009) que, ao julgar termos como "definição" e "paráfrase" suscetíveis a uma série de designações possíveis, escolhe empregar o termo "paráfrase explanatória" como "uma escritura nem sempre correspondente ao *definiens* escolástico" (BUGUEÑO, 2009, p244). Uma discussão mais aprofundada a respeito deste componente do dicionário será desenvolvida no segundo capítulo do presente trabalho.

primeiro tipo de cor, ao qual propomos o nome de *cores simples,* possui como representantes cores como *azul, vermelho, amarelo* e *verde*. Podemos falar, por exemplo, de um *azul-escuro* e de um *azul-claro,* duas tonalidades diferentes, porém consideradas variações de uma mesma cor no português brasileiro.[3]

Um segundo caso diz respeito às subtonalidades de uma cor simples, que serão tratadas aqui como o campo léxico do vocábulo de cor[4]. Este segundo tipo de cor diz respeito às tonalidades específicas que uma cor simples pode abranger e, diferentemente das cores simples, que, através de um único vocábulo podem gerar uma série de tonalidades, as *cores complexas* (como convencionamos chamá-las neste estudo) fazem referência a apenas uma tonalidade específica do espectro cromático, possuindo, assim, uma natureza bem mais limitada. Os vocábulos que expressam este segundo tipo de cor são, via de regra, constituídos por um nome composto formado por justaposição, que apresenta a cor principal, que é sempre uma cor simples (por exemplo, *amarelo*), seguida de uma variação (*-ouro, -claro, -enxofre* etc.). Alguns exemplos deste segundo tipo de cor são *azul-bebê, verde-água* e *amarelo-cinzento.*

1.2.1 **Análise de verbetes de cores em dicionários do português brasileiro**

Nesta seção do trabalho, será exposto, de modo detalhado, o modo como ocorre o processo de lematização das cores simples e das cores complexas nos dicionários gerais de língua do português brasileiro. Com o intuito de tornar a discussão o mais proveitosa possível, o verbete de cor será abordado na íntegra, não se limitando a enfocar somente as paráfrases explanatórias que almejam definir tonalidades de cor. Ao longo das análises dos verbetes, utilizaremos o conceito de informações discretas no artigo léxico proposto por Bugueño; Farias (2006; 2008). Com base na ideia de que "o fundamental na estruturação do artigo léxico é que cada segmento seja estratégico, isto é, efetivamente informativo" (BUGUEÑO; FARIAS, 2006, p.117), os autores defendem

[3] A hipótese do relativismo linguístico traz uma discussão muito pertinente a respeito da divisão da espectro cromático entre línguas diferentes. Abordaremos esta discussão no terceiro capítulo do presente trabalho.

[4] Utilizamos aqui uma noção de campo léxico diferente da proposta por Coseriu (1977). O autor define campo léxico como um "paradigma constituído por unidades léxicas de conteúdo ("lexemas") que se repartem em uma zona de significação contínua comum e encontram-se em oposição imediata umas com as outras" [paradigma constituido por unidades léxicas de contenido ("lexemas") que se reparten una zona de significación continua común y se encuentran en oposición inmediata unas con otras.] (Coseriu, 1977, p. 210). Na nossa proposta, apesar de não adotarmos a noção estruturalista de linguagem, optamos por utilizar a terminologia *campo léxico* para denominar os grupos de palavras que nomeiam as diversas tonalidades de uma mesma cor.

que o caráter informativo do artigo léxico ocorreria em função da presença de informações discretas e discriminantes. Por informação discreta, entende-se "um segmento informativo [que] corresponde minimamente aos anseios e/ou necessidades de um consulente" e, por informação discriminante, um segmento informativo "efetivamente bem estruturado lingüística e 'representacionalmente' para o usuário." (BUGUEÑO; FARIAS, 2008, p.132). Neste momento, portanto, pretendemos verificar o quão relevantes para o consulente são as informações que vigoram nos verbetes de cores, com especial atenção às paráfrases explanatórias.

1.2.1.1 Análise das cores simples

Em razão de seu caráter abrangente, conforme explicitado anteriormente, e por constituírem as bases das cores complexas, optamos por começar nossas considerações tratando das cores simples. O primeiro verbete analisado diz respeito ao vocábulo *amarelo* lematizado por AuE (2004).

Amarelo [Do b.-lat. hispânico *amarellu*.] Adjetivo. 1.Da cor do ouro, da gema do ovo, do topázio, do enxofre: "A boca negra, os dentes amarelos." (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, V, 39.) 2.Diz-se dessa cor: *tecido de cor amarela*. 3.Pálido, descorado, amarelado. ~ V. *bismuto —, cera —a, cobre —, corpo —, febre —a, febre —a silvestre, febre —a urbana, latão —, riso —* e *sorriso —*. Substantivo masculino. 4.A cor amarela em todas as suas gradações. [V. *de cor* (3).] 5.No espectro visível (q. v.), cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda compreendido, aproximadamente, entre 575 e 590 nanômetros. 6.Bras. Pessoa que tem amarelão. 7.Bras. Bot. V. *vinhático-do-campo*. 8.Bras. N.E. MG SP MT Pej. Pessoa pálida. [Sin. nesta acepç. (em PE): *come-longe*.] ~ V. *amarelos*. Amarelo de tartrazina. 1. Quím. Tartrazina.

Figura 5: verbete do item lexical *amarelo* em AuE (2004)

Primeiramente, cabe ressaltar que AuE (2004) divide o vocábulo *amarelo* em duas classificações: o adjetivo *amarelo* e o substantivo *amarelo*. Esta divisão ocorre, também, nos outros dicionários analisados, e, ao que tudo indica, constitui uma praxe no tratamento de cores simples em dicionários. A primeira acepção de *amarelo* diz respeito ao adjetivo, definido como "da cor do ouro, da gema do ovo, do topázio, do enxofre" (AuE, 2004, s.v. *amarelo*). A partir desta paráfrase explanatória, é possível depreender que estamos diante de um tipo de definição que, nas palavras de Martínez de Souza (1995, s.v. *definición ostensiva*) "emprega como definente exemplos concretos do definido" [5]. Trata-se do que Hartmann e James (2001) chamam de uma definição

[5] [Emplea como definiente ejemplos concretos del definido.]

ostensiva, caracterizada por ser "uma definição em que uma palavra ou expressão é explicada tanto pela indicação direta de um objeto, como pela indicação indireta, através da associação a um objeto" (HARTMANN, 2001, p.104)[6].

Em relação à classificação de *amarelo* como adjetivo, AuE (2004) traz, ainda, mais duas acepções ao vocábulo: a segunda acepção, "Diz-se dessa cor" pouco ou nada diz ao consulente, e é seguida por um exemplo que, igualmente, não traz muita informação sobre esta segunda acepção: "tecido de cor amarela"[7]. Neste caso, mesmo após muitas leituras, ainda permanece o questionamento sobre a funcionalidade de uma definição assim redigida. Conclui-se, portanto, que tanto a segunda acepção, como o exemplo usado para elucidá-la, constituem informações não discriminantes ao artigo léxico. A terceira e última acepção de *amarelo* como adjetivo, "Pálido, descorado, amarelado", faz referência ao fato de, na cultura brasileira, uma pessoa com aspecto anêmico ser associada à cor amarela. Por fim, o dicionário ainda remete a uma série de combinações sintagmáticas em que a palavra *amarelo (a)* é constituinte: "bismuto —, cera —a, cobre —, corpo —, febre —a, febre —a silvestre, febre —a urbana, latão — , riso — e sorriso —". Por estarem muito presentes no português brasileiro, pode-se considerar tais combinações sintagmáticas como informações discretas e discriminantes, pois remetem a expressões comumente usadas pelos falantes da língua.

A partir da quarta acepção de *amarelo*, o vocábulo é classificado como "o substantivo *amarelo*". A quarta acepção traz uma definição bem generalizada a respeito da cor: "A cor amarela em todas as suas gradações", que pouco ou nada contribui para um entendimento do consulente a respeito do vocábulo definido. Se, por exemplo, alguém perguntar "o que é amarelo?" e, seguindo a definição de AuE (2004), o interlocutor responder "amarelo é a cor amarela em todas as suas gradações", pode-se perceber que esta resposta pouco ou nada trouxe de informação nova a respeito do vocábulo que se pretende definir. Ao que parece, a única contribuição de uma definição deste tipo é a de demonstrar a natureza do que o presente estudo convencionou chamar de cor simples, ou seja, uma cor que abrange diversas tonalidades diferentes. Levando-se em consideração, porém, que não é um propósito do dicionário estabelecer uma divisão entre tipologias de cores, a definição apresentada não parece ser de grande utilidade ao consulente.

[6] [A definition in which a word or phrase is explained either by pointing directly at an object, or indirectly by association with an object.]
[7] Grifo do dicionário.

A acepção de número cinco constitui a mais precisa de todas as definições até agora examinadas, porém possui um baixo poder elucidativo para o consulente. Trata-se de uma definição técnica que explica a tonalidade amarela segundo as suas propriedades físicas no espectro cromático: "No espectro visível (q. v.), cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda compreendido, aproximadamente, entre 575 e 590 nanômetros" (AuE, 2004, s.v. *amarelo*). Note que, aqui, a definição de cor adquire um caráter preciso, bem diferente das outras definições apresentadas pelo dicionário, que abriam espaço para a ambiguidade. Aqui, o dicionário procura apresentar a cor como um produto do conhecimento científico, neste caso, conhecimentos da Física, e, para tanto, o dicionário se utiliza de uma definição que segue os padrões de uma definição terminológica, uma vez que "trata-se de um enunciado que remete a um corpo de conhecimentos" (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.94), e que operam com conceitos como *o máximo de informação e o mínimo de expressão*. Este tipo de definição, porém, é ineficiente para o consulente ao qual o dicionário se propõe, que não possui conhecimentos técnicos suficientes para operar com conceitos como "espectro visível", "radiação eletromagnética" e "comprimento de onda". Por outro lado, o tipo de usuário que compreenderia tais conceitos e entenderia com clareza esta definição dificilmente procuraria este tipo de informação em um dicionário geral de língua, pois utilizaria para tal finalidade dicionários, glossários e manuais altamente especializados, voltados para pesquisadores do ramo.

Por fim, as três últimas acepções de *amarelo* são marcadas como "brasileirismos". São elas: "Pessoa que tem amarelão" (sendo que "amarelão" encontra-se lematizado como uma doença), "V. vinhático-do-campo" (uma espécie de árvore) e "Pessoa pálida". Separado das acepções, o dicionário Aurélio ainda traz a nomenclatura química "Amarelo de tartrazina", que, pelos mesmos motivos da acepção de número cinco, dificilmente será útil a algum consulente.

Feitas as observações concernentes à lematização *amarelo* em AuE (2004), passemos agora ao verbete de *azul* em HouE (2001).

Azul *s.m.* (sXIII cf. IVPM) **1** cor que, no espectro solar, ocupa a área entre o verde e o violeta **2** ÓPT cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática, cujo comprimento de onda é da ordem de 455 a 492 nanômetros [Uma sensação equivalente pode ser produzida por outros meios.] **3** *fig.* o firmamento □ *adj.2g.* **4** que tem essa cor (acp. 1) <*suéter a.*> **5** diz-se dessa cor (acp. 1) <*a cor a. acalma*> **6** *fig.* muito assustado, muito perturbado <*ficar a.*> **7** *B* diz-se de gado de cor cinzento-escura □ a. de metileno (d1890) QUÍM corante azul ($C_{16}H_{18}ClN_3S$) us. como bactericida, antídoto contra envenenamento, indicador de reações de oxirredução, em tingimento industrial de tecidos etc. □ tudo a. *fig. B infrm.* tudo em ordem, em paz, às mil maravilhas □ ETIM prov. do ár. **lázúrd*, var. do ár. *lázawárd* ou do persa *lájwárd* 'lápis-lázuli, azul'; segundo Corominas, contrariamente à hipótese mais geral, o voc. não teria chegado à Europa através de um lat.medv. **azurium* ou do fr. provç. *azur* (c1080), e sim por uso pop., ao mesmo tempo, através da península Ibérica e da Itália (esp. *azul* 944, it. *azurro* sXII); ver *azul-*; f.hist. sXIII *azur*, 1344 *azul* □ SIN/VAR anil; ver tb. sinonímia de *beberrão* e *embriagado* □ ANT ver antonímia de *beberrão* □ noção de 'azul', usar *antepos.* cian(i/o)-; *pospos.* -obi

Figura 6: verbete do item lexical *azul* em HouE (2001)

Diferentemente de AuE (2004), HouE (2001) opta por apresentar, primeiramente, o *azul* como substantivo para, depois, apresentá-lo como adjetivo. Conforme se pode observar, as duas primeiras paráfrases explanatórias constituem definições científicas de *azul.* A primeira, "cor que, no espectro solar, ocupa a área entre o verde e o violeta" apesar de apresentar um grau menos elevado de complexidade se comparada à segunda, "cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática, cujo comprimento de onda é da ordem de 455 a 492 nanômetros", ainda requer certo conhecimento científico do consulente, pois faz referência à localização da cor no espectro solar. A segunda paráfrase se assemelha bastante à paráfrase de número cinco do vocábulo *amarelo,* e, pelos mesmos motivos apresentados anteriormente, também não parece se encaixar no perfil do consulente de HouE (2001).

A terceira acepção de *azul*, "o firmamento", traz o vocábulo como um sinônimo de *firmamento.* Este tipo de definição constitui o que Martínez de Souza (1995) chama de "definição por sinônimo", ou seja, a definição em que "a unidade léxica de entrada remete a outra ou outras da mesma categoria gramatical e de igual significado" (MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995, s.v. *definición por sinónimos*)[8]. O autor, no entanto, considera a definição sinonímica uma definição improcedente por defender a ideia de que não existam sinônimos perfeitos, ou seja, aplicáveis a todas as situações de substituição de uma palavra por outra.

[8] [La unidad de entrada remite a otra u otras de la misma categoría gramatical y de igual significado.]

A partir da acepção de número 4, o dicionário passa a se referir a *azul* como adjetivo. De modo semelhante ao observado em AuE (2004), HouE (2001) apresenta duas paráfrases de pouca funcionalidade no que tange a tentativa de definição da tonalidade *azul.* Primeiramente, trata-se da paráfrase de número 4, "que tem essa cor", que apenas explica ao consulente que, a partir deste ponto do verbete, *azul* será apresentado como um adjetivo. Julgamos esta paráfrase pouco pertinente porque a marca *adj.*, situada anteriormente à paráfrase, também cumpre com o papel de indicador de troca categoria gramatical do vocábulo, o que, a nosso ver, invalida uma paráfrase com a mesma função. Em relação à paráfrase de número 5, "diz-se dessa cor", que, por se apresentar exatamente do mesmo modo que a segunda acepção de *amarelo* em AuE (2004), constitui, de igual maneira, uma informação não discreta ao artigo léxico.

A acepção de número 6, "muito assustado, muito perturbado", remete a um uso figurativo do vocábulo *azul,* fazendo referência à expressão *ficar azul* do português, que em nada se relaciona à tentativa de definição da tonalidade azul. A sétima acepção tampouco faz menção à cor azul, e sim evoca um regionalismo do Brasil que remete a palavra *azul* a um tipo específico de gado. Em seguida, o dicionário cita e traz informações extras a respeito de um corante químico (*azul de metileno*) e, na última acepção, remete à locução *tudo azul*, bastante difundida e utilizada no português brasileiro. A partir destas acepções, o dicionário traz uma série de informações extras em relação ao vocábulo, que constituem a etimologia do mesmo, seguido de sua antonímia, com uso no sentido figurado.

Passemos, agora, à análise do vocábulo *vermelho* em MiE (2001):

Ver.me.lho *adj (lat vermiculu)* 1 Que tem cor encarnada muito viva; rubro. 2 Revolucionário. 3 Que emprega palavras obscenas (canto). 4 Diz-se da raça dos índios da América. 5 Diz-se da cor da pele dos indivíduos dessa raça. *sm* 1 A cor encarnada viva. 2 Verniz composto de resina e sangue-de-frango dissolvidos em álcool. 3 *Ictiol* Peixe marinho da família dos Lutjanídeos (*Lutjanus aya*); acaraiá, acarapitanga, carapitanga, dentão. 4 Comunista. *V. cereja*: que tem a cor vermelha da cereja. *V.-herinque, Ictiol*: pexe marinho, da família dos Lutjanídeos (*Lutjanus synagris*); ariocó, caranho, caranho-verdadeiro. *Estar no vermelho*: estar em déficit. *Fazer-se vermelho*: corar de pejo, envergonhar-se.

Figura 7: verbete do item lexical MiE (2001)

O terceiro verbete de cor aqui exposto relaciona-se ao *vermelho,* uma cor que possui uma alta carga emocional, derivada tanto de fatores culturais (a identificação da cor com o fogo e com o sangue, conferindo-lhe um caráter violento), como de fatores

físicos (os comprimentos de ondas desta cor encontrarem-se no limite da luz visível no espectro cromático, derivando uma certa agressividade à cor) e até mesmo fatores biológicos (por formar uma imagem mais forte no campo visual, devido aos pontos de convergência dos raios vermelhos estarem localizados atrás da retina, enquanto o azul, por exemplo, tem o ponto de convergência mais à frente da retina) (GUIMARÃES 2000, p.114). É nesse sentido que Pastoureau (1997, p. 160) classifica o *vermelho* como "a cor por excelência, a cor arquetípica, a primeira de todas as cores". Este enaltecimento da cor vermelha em relação às outras cores se estendeu também aos verbetes dos dicionários, conforme veremos ao longo da análise.

MiE (2001) apresenta o vocábulo *vermelho* tanto como um adjetivo como também um substantivo, bem como fazem AuE (2004) e HouE (2001). As primeiras acepções da palavra dizem respeito ao seu uso como um adjetivo, sendo a primeira paráfrase, "que tem a cor encarnada muito viva; rubro", uma tentativa de definição da tonalidade vermelha. Neste caso, o dicionário utiliza-se de um sinônimo de *vermelho* que já caiu em desuso no português brasileiro (*encarnado*) enfatizado por uma metáfora (*muito viva*) para se referir à intensidade da cor, seguido por outro sinônimo (*rubro*), mais presente na língua que o primeiro sinônimo apresentado. A segunda acepção de *vermelho* também se trata de uma definição por sinônimo, porém não mais se referindo à tonalidade de uma cor, e sim ao fato desta cor ter assumido, na sociedade contemporânea, uma identidade que a liga a guerras e revoluções, transparecendo o seu caráter violento (ao longo da história, bandeiras e símbolos partidários que se colocaram contra a situação política vigente tendiam a adotar o vermelho como cor dominante). A terceira acepção de *vermelho*, "que emprega palavras obscenas (canto)", diz respeito a cantos que empregam palavras obscenas, o que transparece, mais uma vez, a característica violenta desta cor. As acepções de número 4 e 5, as últimas em relação ao adjetivo *vermelho*, fazem referência à raça de índios *pele vermelha* e modo como suas peles são chamadas, respectivamente. Nestes casos, o dicionário deixa transparecer processos de metaforização e metonimização da cor *vermelha* no português brasileiro, apesar de não colocar isto de modo explícito (o que seria de bom proveito para o consulente caso o fizesse, culminando em informações discretas e discriminantes).

No que concerne à definição de *vermelho* como um substantivo, a primeira paráfrase explanatória apresentada por MiE (2001), "a cor encarnada viva", se assemelha bastante à primeira definição de *vermelho* como adjetivo, pois novamente faz

uso do sinônimo *encarnado* e do adjetivo *vivo*. A segunda acepção não se relaciona à cor vermelha, e sim a um tipo de verniz que, por apresentar esta coloração, recebe o nome de *vermelho* através de uma derivação metonímica. A terceira acepção faz menção a um tipo de peixe também conhecido pelo nome de *vermelho* (talvez por derivação metonímica, mas isto não está explícito no dicionário). A acepção de número quatro traz *comunista* como sinônimo de *vermelho*, novamente espelhando o caráter revolucionário da cor, que está estritamente ligada a esta ideologia política, conforme discutido anteriormente, quando apresentamos a acepção de número 2 de *vermelho* como adjetivo, em que o dicionário apresenta a cor como sinônimo de revolucionário. A partir deste momento, o dicionário deixa de fornecer acepções para o vocábulo e traz algumas palavras compostas e colocações que envolvem o vocábulo *vermelho*. Primeiramente, traz a lematização de uma cor complexa, o *vermelho-cereja*, que será debatida na próxima seção do trabalho. Em seguida faz menção a outro tipo de peixe e, por fim, duas expressões do português que envolvem a cor vermelha em um sentido metafórico e metonímico, respectivamente: *estar no vermelho* e *fazer-se vermelho*.

A exposição das diversas definições concernentes ao vocábulo *vermelho* deixa transparecer o forte poder emotivo e até mesmo ideológico que a cor vermelha assume na sociedade contemporânea. Uma das consequências diretas deste fato é a presença de palavras com significados fortes tais como *revolucionário, obscenas* e *déficit* vigorarem nas paráfrases explanatórias de *vermelho.* Além do mais, a utilização da metáfora *muito viva* para se referir à cor vermelha também deixa transparecer o caráter intenso da cor, visto que metáforas deste tipo e com esta finalidade não foram encontradas nos outros verbetes de cores analisados

Em relação a todas as considerações feitas nesta seção do trabalho, fica evidente que, embora os verbetes de cores estejam primordialmente voltados a tratarem de tonalidades do espectro cromático, as paráfrases explanatórias mais satisfatórias no que diz respeito aos vocábulos de cores simples não são aquelas que fazem menção à cor, e sim aos usos no sentido figurado do vocábulo ou, até mesmo, às denominações científicas, regionalismos e expressões idiomáticas.

1.2.1.2 Análise das cores complexas

Conforme mencionado anteriormente, a classificação do objeto de estudo do presente trabalho em cores simples e cores complexas ocorreu, primeiramente, em

função do tratamento que cada tipo de cor recebe dentro dos dicionários analisados. Apesar de receberem tratamentos distintos nas obras lexicogáficas, tanto as cores simples como as cores complexas apresentam problemas em relação a uma de suas principais funções dentro da obra lexicográfica, ou seja, a de informar ao consulente o significado da palavra lematizada (JACKSON, 2002, p.86). Do mesmo modo como foi feito na primeira seção do trabalho, que se dedicou a apresentar o tratamento dado às cores simples por três dicionários semasiológicos do português brasileiro, o objetivo desta segunda seção é conduzir o leitor a uma análise dos principais problemas relacionados às cores complexas nos mesmos dicionários.

Na seção anterior, começamos nossas considerações ressaltando que poucas foram as mudanças concernentes à lematização de cores simples ao se comparar obras lexicográficas com uma diferença de quase dois séculos, conforme pôde ser observado na comparação do verbete *amaréllo* de AnMS (1813) com os verbetes de *amarelo* de AuE (2004), AuE (2001) e MiE (2001). No âmbito das cores complexas, é possível constatar algumas modificações em relação à disposição dos vocábulos na macroestrutura do dicionário ao se comparar AnMs (1813) com AuE (2004), MiE (2001) e HouE (2001). Por outro lado, em relação às suas definições, podemos constatar que não houve mudanças efetivas nas obras analisadas. Vejamos alguns exemplos:

AZÚL [...] a cor, que tem o Ceo limpo, é azul celeste; alias *pombinho, fino:* o claro é mais aberto que o celeste. *Azul ferrete;* apertado, fechado; *turqui* é o escuro.

Figura 8: verbete do item lexical *azúl* em AnMS (1813)

azul-celeste [...] 1. Azul da cor do céu.

Figura 9: verbete do item lexical *azul-celeste* em AuE (2004)

A.-celeste: azul-do-céu; azul-fino; azul-pombinho.

Figura 10: verbete do item lexical *azul-celeste* em MiE (2001)

azul-celeste [...] 1 cor azul-clara, como a do céu quando limpo.

Figura 11: verbete do item lexical *azul-celeste* em HouE (2001)

azul-pombinho [...] 1. V. *azul-celeste.*

Figura 12: verbete do item lexical *azul-pombinho* em AuE (2004)

A.-pombinho: o mesmo que a.-celeste.

Figura 13: verbete do item lexical *azul-pombinho* em MiE (2001)

azul-pombinho [...] m.q. azul-celeste.

Figura 14: verbete do item lexical *azul-pombinho* em HouE (2001)

azul-claro [...] 1. De um tom claro de azul

Figura 15: verbete do item léxica *azul-claro* em AuE (2004)

azul-claro [...] 1. Tonalidade clara de azul.

Figura 16: verbete do item lexical *azul-claro* em HouE (2001)

azul-ferrete [...] 1. Azul muito carregado, tirante a preto

Figura 17: verbete do item lexical *azul-ferrete* em AuE (2004)

A.-ferrete: azul muito concentrado, tirante a preto; azul-turqueza; azul-turqui

Figura 18: verbete do item lexical *azul-ferrete* em MiE (2001)

A.-turqui: o mesmo que a.-ferrete.

Figura 19: verbete do item lexical *azul-turqui* em MiE (2001)

Analisando os verbetes referentes a algumas cores complexas derivadas de *azul*, é possível constatar que a principal diferença dos dicionários atuais em relação a AnMS (1813) está relacionada ao modo como os vocábulos estão dispostos. Atualmente, há uma tendência em se lematizar isoladamente cada vocábulo de cor complexa em um verbete único, conforme constatado de modo total em AuE (2004) e HouE (2001), que trazem todos os vocábulos de cores complexas lematizados separadamente das cores simples, e de forma parcial em MiE (2001), que, em alguns casos, lematiza os vocábulos de cores complexas dentro do verbete de cor simples da qual derivam e, em outros casos, os lematiza isoladamente.

Ainda em relação à lematização das cores complexas, é notória a grande quantidade de vocábulos designantes deste tipo de cor que se encontram lematizados nos dicionários atuais. Em uma comparação quantitativa entre AnMS (1813) e os dicionários atuais, AuE (2004), MiE (2001) e HouE (2001), é possível observar a grande quantidade de vocábulos que designam cores complexas que passaram a fazer parte do acervo de palavras dos dicionários. No verbete *azul* de AnMS (1813) exposto acima, por exemplo, foram encontrados seis vocábulos referentes à cores complexas oriundas de *azul* (*azul-celeste, azul-pombinho, azul-fino, azul-claro, azul-ferrete* e *azul-turqui*), ao passo que, nos outros dicionários analisados, foi contabilizado um total de dezenove vocábulos referentes a cores complexas oriundas de *azul* (somando-se as ocorrências de AuE 2004, HouE 2001 e MiE 2001). Apesar de sugerir uma provável melhoria em relação à lematização de vocábulos de cores complexas, este aumento na

quantidade de palavras também abre margem a questionamentos a respeito do uso efetivo destas palavras por falantes nativos da língua.

Com o intuito de verificar a familiaridade dos vocábulos de cores complexas junto aos falantes do português, desenvolvemos uma pesquisa de campo na qual foi solicitado a 93 voluntários[9] que atribuíssem o seu grau de familiaridade a cada um dos 55 vocábulos de cores complexas oriundas de *azul*, *amarelo*, *verde* e *vermelho* encontradas nas três obras analisadas. Nas instruções, foi solicitado aos voluntários que atribuíssem um valor de 1 a 5 a cada um dos vocábulos, onde o valor 1 corresponderia a um julgamento nada familiar, o valor 2 corresponderia a um julgamento pouco familiar, o valor 3 corresponderia a um julgamento medianamente familiar, o valor 4 corresponderia a um julgamento muito familiar e o valor 5 corresponderia a um julgamento totalmente familiar (ver apêndice A).

Após a coleta dos dados, calculamos a média de cada um dos vocábulos de cores complexas de acordo com os valores preenchidos nas folhas de respostas. O cálculo constituiu uma operação matemática bastante simples: após somarmos os valores atribuídos a uma cor simples por cada um dos 93 participantes, dividimos o resultado dessa soma por 93 (número de participantes), com o intuito de estabelecer a média geral. As médias gerais de cada um dos vocábulos pesquisados foram capazes de indicar vocábulos com um alto grau de familiaridade entre os falantes nativos e vocábulos com um baixo grau de familiaridade entre estes mesmos falantes.

Os vocábulos *amarelo-ouro, amarelo-claro, amarelo-escuro, azul-celeste, azul-claro, azul-céu, azul-escuro, azul-marinho, azul-piscina, azul-turquesa, verde-abacate, verde-água,verde-claro,verde-escuro* e *verde-musgo* foram considerados vocábulos de grande familiaridade pelos informantes, apresentando médias acima de 4 nas nossas análises. A alta familiaridade dos falantes com os vocábulos acima mencionados nos faz acreditar que estes vocábulos devem ser lematizados pelos dicionários, uma vez que compõem o léxico cromático do português brasileiro e, por isso, devem fazer parte do acervo de palavras que descrevem essa língua.

Nossa maior surpresa, no entanto, diz respeito ao número elevado de vocábulos que foram julgados como pouco familiares pelos entrevistados dessa pesquisa. O vocábulos de cores complexas elencados a partir de agora apresentaram escores

[9] Os voluntários foram estudantes de graduação dos cursos de Letras, Química, Fonoaudiologia, História, Física, Geografia, Pedagogia, Direito e Ciências Sociais, de ambos os sexos, com idades entre 18 e 39 anos.

inferiores a 2 na nossa pesquisa, o que lhes confere a característica pouco ou nada familiares. São eles: *amarelo-cinzento, amarelo-cobalto, amarelo-enxofre, amarelo-gualdo, azul-aço, azul-antraceno, azul-de-aço, azul-faiança, azul-ferrete, azul-fino, azul-pombinho, azul-turqui, verde-alvo, verde-azul, verde-bronze, verde-cré, verde-gaio, verde-montanha* e *verde-negro.* A tabela completa, com os escores finais de cada um dos vocábulos de cores complexas avaliados se encontra no apêndice C do presente trabalho.

As considerações feitas até aqui apontam para o primeiro grande desafio enfrentado pelos dicionários em relação à lematização de cores complexas, ou seja, a escolha dos vocábulos que farão parte da macroestrutura da obra lexicográfica. Ainda que esta discussão não esteja diretamente relacionada ao principal foco de debate do presente trabalho, que é a definição lexicográfica, ela se faz pertinente por dois motivos. Primeiramente, porque permite que se questione a respeito do que AuE (2004), HouE (2001) e MiE (2001) propõem a seus consulentes, ou seja, a descrição do léxico da língua, e o que de fato é oferecido, ou seja, palavras que pouco ou nada contribuem para essa descrição, por terem pouca (ou nenhuma) evidência de emprego real pelos falantes. Em segundo lugar, porque coloca em questionamento a necessidade de formulação de paráfrases explanatórias que informem (mesmo que de maneira pouco satisfatória, conforme será mostrado logo adiante) a significação de palavras que parecem não vigorar no uso real da língua.

Em relação às paráfrases explanatórias das cores complexas, pudemos levantar uma série de considerações pertinentes à discussão aqui proposta. Diferentemente das cores simples, que possuem como uma de suas características principais dentro dos dicionários o fato de serem definidas através de uma série de mecanismos parafrásticos, as cores complexas geralmente são definidas através de uma única paráfrase. Nos verbetes de cores complexas analisados, foi possível identificarmos três casos diferentes de tentativas de parafraseamento da cor. Delinearemos, a seguir, cada um dos casos.

A maior parte das paráfrases de cores complexas analisadas constitui uma das principais opções metodológicas disponíveis em lexicografia para a formulação de paráfrases explanatórias, que é a definição por gênero próximo e diferença específica. Este tipo de definição é construído através do estabelecimento de termo descritor, que é um hiperônimo do vocábulo a ser definido, e especificadores, que diferenciam este vocábulo de seus co-hipônimos (FARIAS, 2009b, p.76). Vejamos alguns exemplos:

amarelo-cinzento [...] 1. tom acinzentado de amarelo.

Figura 20: verbete do item lexical *amarelo-cinzento* em HouE (2001)

azul-celeste [...] 1. Azul da cor do céu.

Figura 21: verbete do item lexical *azul-celeste* em AuE (2004)

vermelho-cereja: que tem a cor vermelha da cereja.

Figura 22: verbete do item *vermelho-cereja* em MiE (2001)

Apesar da tentativa de se formular uma definição seguindo os moldes da definição por gênero próximo e diferença específica, a maioria das paráfrases assume a característica do que muitos estudiosos convencionaram chamar de *definição circular*. Para Landau (2001, p.157), evitar a circularidade é o princípio mais importante na redação de definições lexicográficas. O autor cita dois tipos de circularidade: um primeiro tipo seria quando se define A em termos de B e B em termos de A, e um segundo tipo, quando simplesmente A é definido em termos de A (LANDAU, 2001, p.157). Ao também tratar da definição circular, Martínez de Souza (1995, s.v. *definición circular*) a concebe como uma "definição defeituosa onde o definido e o definiente se remetem reciprocamente"[10], ou seja, o segundo tipo de circularidade apontado por Landau (2001). Este segundo tipo de definição circular, em que o objeto definido e a sua definição se remetem de modo recíproco, é o que mais vigora dentre as cores complexas.

Quando não utilizam uma definição circular nos moldes dos exemplos apresentados acima, também é comum encontrar o uso de definições por sinônimos para definir cores complexas, o que leva o consulente a crer que muitos dos vocábulos destas cores fazem referência a uma mesma tonalidade, apesar da tonalidade em questão nem sempre ficar clara no verbete do dicionário. Estamos diante, portanto, de dois problemas. Primeiramente, trata-se de um problema de ordem lexicológica, relativo ao fato de o dicionário não especificar ao consulente se uma tonalidade pode assumir dois nomes diferentes, ou seja, se dois vocábulos de cor complexa fazem, de fato, menção à mesma tonalidade. Outro problema diz respeito à metodologia empregada pelo dicionário, ou seja, o uso de definições sinonímicas e de remissões que, neste caso, em vez de ajudar o consulente, acabam por tornar a informação mais confusa. Vejamos alguns exemplos:

[10] [Definición defectuosa en la que el definido y el definiente se remiten recíprocamente.]

verde-gaio [...] 1. V. *verde-claro*.

Figura 23: verbete do item lexical *verde-gaio* em AuE (2004)

A.-fino: o mesmo que a.-celeste.

Figura 24: verbete do item lexical *azul-fino* em MiE (2001)

verde-mar [...] m.q. verde-claro

Figura 25: verbete do item lexical *verde-mar* em HouE (2001)

Nos verbetes extraídos de AuE (2004) e HouE (2001) é possível identificar o uso das abreviaturas *V.* ("ver" ou "vide") e *m.q.* ("mesmo que"), respectivamente. Trata-se de um sistema de remissões, relativo ao que muitos estudiosos convencionaram chamar de medioestrutura. Segundo Welker (2004, p. 177), a medioestrutura consiste em maneiras de se remeter o usuário de um lugar a outro dentro da obra lexicográfica. O autor ainda salienta que as remissões podem ser tanto para dentro como para fora do dicionário, sendo as primeiras (remissões internas) as mais importantes (WELKER, 2004, p.177)[11].

Em relação às remissões dentro dos verbetes, Welker (2004, p.178-179) aponta para dois tipos: as facultativas, às quais o consulente só segue se almejar mais informações, e as obrigatórias, que ocorrem quando não há uma definição disponível para o vocábulo lematizado, o que obriga o consulente a seguir a remissão para obter a informação que procura. Nos casos analisados, as remissões identificadas constituem o que Welker (2004) classifica como remissões obrigatórias. Segundo o autor, este tipo de remissão ocorre devido a situações tais como: a lematização de uma palavra que não constitua um lexema, mas que faça parte de um lexema complexo (neste caso, a remissão é feita ao verbete principal); a lematização de formas flexionadas, onde a remissão é feita para a forma canônica; a lematização de uma palavra de uso não tão frequente na língua, que, então, é remetida à palavra mais usual (WELKER, 2004, p. 178-179).

Das três situações apresentadas por Welker (2004), apenas a última parece justificar o uso de remissões nos verbetes de cores complexas, sendo que algumas ressalvas se fazem importantes. De fato, o vocábulo *verde-gaio* (AuE, 2004) parece ser bem menos usual que o vocábulo *verde-claro*, o que justificaria a remissão do primeiro

[11] Neste capítulo, apresentamos uma visão geral de medioestrutura, porém esta visão será ainda mais aprofundada e discutida no próximo capítulo.

para o segundo. Porém, no caso de *verde-mar* (HouE, 2001), a frequência de uso parece-nos alta o suficiente para se evitar a remissão (obteve um média 3,31 na nossa pesquisa sobre familiaridade). Note, ainda, que não entramos aqui no mérito do significado destas palavras, ou seja, se realmente *verde-gaio, verde-mar* e *verde-claro* são equivalentes semânticos de cor. Estamos apenas discutindo questões metodológicas dos dicionários analisados.

Em relação à definição sinonímica apresentada em MiE (2001, s.v. *azul-fino*), "o mesmo que azul-celeste", levantamos, da mesma forma, os dois problemas acima discutidos: primeiramente, trata-se do questionamento se, de fato, a tonalidade nomeada pelo vocábulo *azul-fino* é a mesma tonalidade nomeada por *azul-celeste.* Em segundo lugar, questionamos a eficácia da definição que, ao apresentar um possível sinônimo para o vocábulo definido, traz a definição deste sinônimo de forma pouco esclarecedora, pois apresenta outra definição sinonímica ("azul-do-céu; azul-fino; azul-pombinho"). Conforme é possível constatar pelas paráfrases acima apresentadas, a utilização de sinônimos e de remissões na definição das tonalidades de cores tampouco esclarece o consulente a respeito do significado da palavra que se almeja definir, sendo, deste modo, tão pouco informativas quanto as definições circulares apresentadas anteriormente.

Há, ainda, um terceiro tipo de definição que vigora entre os vocábulos de cores complexas, que se trata da tentativa do lexicógrafo em descrever a cor sem cair na circularidade apresentada anteriormente:

Amarelo-canário [...] Cor amarelo-clara, moderadamente esverdeada, como a de certos canários.

Figura 26: verbete do item lexical *amarelo-canário* em MiE (2001)

verde-musgo [...] 1.Que tem uma tonalidade de verde escuro, opaco, com reflexos acinzentados, que lembra o musgo.

Figura 27: verbete do item lexical *verde-musgo* em AuE (2004)

azul-violeta [...] 1. Tom arroxeado de azul

Figura 28: verbete do item lexical *azul-violeta* em HouE (2004)

azul-piscina [...] 1. Azul tirante a verde como o da cor da água clorada de piscina.

Figura 29: verbete do item lexical *azul-piscina* em AuE (2004)

verde-piscina [...] 1. Verde azulado tirante a azul-piscina.

Figura 30: verbete do item lexical *verde-piscina* em AuE (2004)

Novamente, a definição apresentada é a do tipo gênero próximo e diferença específica, porém, nestes casos, a tentativa de reescrita da cor não leva a uma definição circular, o que torna estas definições menos passíveis de críticas dentre os três tipos de definições encontrados nos verbetes de cores complexas. No entanto, esta tentativa de descrever a cor ainda não é clara o suficiente a ponto de esclarecer o consulente sobre a tonalidade a qual o verbete faz menção. Note, por exemplo, que apesar de AuE (2004) apresentar definições diferentes para os vocábulos *azul-piscina* e *verde-piscina*, não fica claro para o consulente se estes dois vocábulos fazem menção à mesma tonalidade ou não, ou seja, se são duas designações.

Neste momento da discussão, cabe também ressaltar que qualquer um dos três tipos de definições utilizados para definir cores complexas se baseia no conhecimento prévio do consulente em relação ao significado da cor simples da qual a cor complexa deriva. Assim, na definição de *verde-musgo*, é esperado que o consulente tenha conhecimento da tonalidade a qual a palavra *verde* faz menção, para que possa compreender, pelo menos de modo parcial, a qual tonalidade a palavra *verde-musgo* se refere. É neste sentido que podemos concluir que, em relação à sua definição, as cores complexas são altamente dependentes das cores simples das quais derivam. Levando em conta que as definições das cores simples pouco contribuem para o esclarecimento dos consulentes, conforme pudemos observar nas análises feitas na seção anterior, podemos, então, concluir que uma definição de cor complexa que esteja ancorada em uma definição de cor simples também será problemática, pois esta definição já parte da suposição de um conhecimento que não está apresentado de forma satisfatória na obra lexicográfica. Além disso, a apresentação de uma boa definição de cor simples não garante, automaticamente, uma definição satisfatória de cor complexa, o que nos leva a entender a grande complexidade intrínseca às definições de cores (tanto simples como complexas).

Outro ponto também importante de ser ressaltado diz respeito ao fato de praticamente todas as paráfrases explanatórias de cores complexas serem passíveis à prova da substituição. Para Seco (2003, p.32), a prova da substituição constitui "o banco de provas" da definição lexicográfica. Segundo o autor, "se o enunciado definidor pode substituir o termo definido, em um enunciado de fala, sem que o sentido objetivo dele se

altere, o enunciado definidor é válido" (SECO, 2003, p.32)[12]. Neste caso, a possibilidade de substituição de *o azul-violeta é a minha cor preferida* por *o tom arroxeado de azul é a minha cor preferida* seria um fator que conferiria à definição das cores complexas um caráter satisfatório, pelo menos teoricamente. Na prática, no entanto, é possível constatar que, mesmo sendo suscetíveis à prova da substituição, as paráfrases definidoras de cores complexas não são tão satisfatórias no que diz respeito ao seu caráter informativo da tonalidade a qual o vocábulo faz menção, o que nos faz reconsiderar os postulados a respeito da prova da substituição, pelo menos em relação aos vocábulos de cores complexas.

Diante dos exemplos apresentados e das considerações feitas ao longo desta seção, alguns questionamentos a respeito das cores complexas podem ser levantados. No momento, a primeira conclusão que temos em relação a este tipo de cor nos dicionários analisados é que, por não apresentarem definições que esclareçam de forma satisfatória a qual tonalidade de cor o vocábulo lematizado faz menção, nos parece que os verbetes de cores complexas cumprem apenas indicam ao consulente quais são os vocábulos de cores complexas do português brasileiro, sem esclarecer o significado destas palavras. Seria o mesmo que o dicionário se propusesse a listar, por exemplo, as diversas partes que constituem o corpo humano (cabeça, tronco, pernas, ombros etc.), mas não apresentasse as características e as funções destas partes, oferecendo, assim, apenas uma lista de vocábulos ao consulente. É nesse sentido que concluímos que, ao que tudo indica, os dicionários estão mais preocupados em aumentar a densidade macroestrutural, lematizando uma série de vocábulos que nomeiam cores complexas, do que em propriamente tentar esclarecer o consulente a respeito do conteúdo destes vocábulos, ou seja, a qual tonalidade eles fazem menção.

1.3 OBJETIVOS

Tendo em vista os diversos problemas concernentes às definições de cores, tanto no âmbito das cores simples como no âmbito das cores complexas, temos como objetivos no presente trabalho:

[12] [Se el enunciado definidor puede sustituir al término definido, em um enunciado de habla, sin que el sentido objetivo de este se altere, el enunciado definidor es valido.]

a) identificar os principais problemas concernentes às definições de cores e conferir o que a literatura especializada postula a respeito destes problemas (tarefa realizada neste primeiro capítulo);

b) aplicar alguns dos subsídios teóricos da Lexicografia às definições de cores, de modo a fazer com que os verbetes de cores estejam estruturados de maneira funcional, ou seja, com segmentos informativos que ofereçam ganhos ao consulente;

c) estabelecer uma interface entre os estudos Lexicográficos e a semântica Cognitiva através da aplicação de postulados da Semântica Cognitiva aos segmentos informativos considerados necessários em verbetes de cores;

d) apresentar uma proposta final para o tratamento lexicográfico de cores em dicionários semasiológico que cumpra com os propósitos deste tipo de obra lexicográfica, ou seja, o de informar ao consulente o significado das palavras.

1.4 HIPÓTESES DE PESQUISA

a) O trabalho parte da hipótese geral de que, tendo em vista algumas particularidades do elemento *cor*, a Semântica Cognitiva constitui a abordagem semântica mais apta a lidar com o tratamento lexicográfico de vocábulos relativos a este elemento.

b) A segunda hipótese, mais específica, é que os problemas encontrados nas definições de cores decorrem de dois motivos. Primeiramente, trata-se da falta de critérios das obras durante a elaboração dos verbetes de cores, resultando em informações pouco relevantes ao consulente e na omissão de informações que poderiam ajudar na elucidação dos significados dos vocábulos de cores. Em segundo lugar, encontram-se as próprias limitações do objeto a ser definido, o que nos faz acreditar que dificilmente será possível elaborar uma definição plenamente satisfatória de um vocábulo de cor;

c) Decorrente da primeira e da segunda hipótese, lançamos a terceira hipótese de que os postulados da Semântica Cognitiva poderão ser de grande utilidade para o aprimoramento das atuais definições encontradas nos dicionários, tornando este segmento mais funcional nas obras lexicográficas.

> Estas definições, no entanto, poderão requerer segmentos informativos auxiliares para cumprirem satisfatoriamente com a sua função. Caso isso ocorra, estes segmentos informativos complementares também serão norteados pelos princípios da Semântica Cognitiva.

1.5 ESTRUTURA GERAL DO TRABALHO

O presente trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos, onde o primeiro capítulo assume um caráter introdutório e apresenta o problema, o segundo e o terceiro capítulos apresentam os referenciais teóricos e o quarto capítulo apresenta a nossa proposta levando em consideração os fenômenos analisados e as teorias apresentadas. Importante ressaltar, também, que durante todo o desenvolver do trabalho procuraremos desenvolver relações entre o que está sendo discutido e o fenômeno cromático, com o intuito de justificar a pertinência de cada assunto aqui abordado.

Neste primeiro capítulo, procuramos situar o leitor sobre o atual tratamento lexicográfico dado aos vocábulos de cores e, assim, justificar a pertinência da pesquisa aqui proposta. Além disso, julgamos pertinente apresentar, também no primeiro capítulo, a tipologia que aqui propomos para abordar o fenômeno cromático, ou seja, a divisão do objeto em cores simples e cores complexas. Estas considerações iniciais constituem os alicerces dos argumentos desenvolvidos ao longo do trabalho.

No segundo capítulo, nos aprofundamos ainda mais nas teorias lexicográficas, apresentando os componentes canônicos do dicionário semasiológico, com especial atenção à microestrutura. Dentro do debate sobre a microestrutura, discorremos a respeito dos segmentos informativos atualmente presentes nos verbetes de cores e em que medida eles cumprem com o papel de auxílio ao consulente. Através dessa discussão, pretendemos elencar quais são os segmentos realmente necessários dentro de um verbete de cor e como estes elementos devem estar construídos.

O terceiro capítulo apresenta a Semântica Cognitiva como a vertente semântica que conduzirá nossas propostas, tanto para a redação das definições como para a elaboração de outros segmentos informativos (caso sejam necessários). Ao longo do capítulo, procuraremos explicitar como essa concepção semântica explica a formação do significado de vocábulos de cor e, com isso, criar parâmetros para o tratamento lexicográfico deste tipo de vocábulo.

Tendo em vista o problema apresentado e as teorias lexicográficas e semânticas elencadas ao longo dos três primeiros capítulos, chegamos ao capítulo quatro com os subsídios necessários para apresentar uma proposta ao tratamento lexicográfico de vocábulos de cores que, diferentemente do tratamento encontrado nas obras aqui analisadas, se caracterize por fornecer informações mais eficientes ao consulente, cumprindo, assim, com os seus propósitos. Para finalizar, retomamos e discutimos as hipóteses de pesquisas e apresentamos nossas conclusões, na última parte do trabalho.

2 **A TEORIA LEXICOGRÁFICA APLICADA AOS VERBETES DE CORES: O PCI, A DEFINIÇÃO E OS EXEMPLOS**

2.1 OS COMPONENTES CANÔNICOS DO DICIONÁRIO SEMASIOLÓGICO

A megaestrutura de um dicionário é constituída por uma série de componentes canônicos que, obedecendo a princípios organizacionais, garante que a obra lexicográfica seja, de fato, funcional (FARIAS, 2009, p. 57). Segundo a literatura especializada, os principais componentes que podem constituir a megaestrutura de um dicionário são a macroestrutura, a microestrutura, a medioestrutura e o *outside matter* (composto por *front matter, middle matter* e *back matter*) (cf. HAUSMANN; WIEGAND, 1989; LANDAU, 2001; WELKER, 2004). É possível encontrarmos, no entanto, a omissão do *outside matter* como um componente canônico do dicionário, a exemplo de Bugueño (2003), onde o autor apresenta apenas a macro, a micro e a medioestrutura como componentes canônicos mínimos para a construção de um dicionário. Isto ocorre porque os três componentes que compõem o *outside matter* (*front matter, middle matter* e *back matter*) não necessitam se fazer presente, obrigatoriamente, em todas as obras lexicográficas. Em Farias (2009, p. 57), por exemplo, a autora expõe o fato de dicionários infantis utilizarem-se abundantemente do *middle matter* para a apresentação de figuras, ao passo que os dicionários de língua geral do português (como AuE, 2004; HouE, 2001 e MiE, 2001, analisados anteriormente) não costumam utilizar este espaço. Neste sentido, podemos concluir que a presença ou ausência do *outside matter* como componente canônico está relacionada ao tipo de dicionário analisado.

Neste primeiro momento, começamos nossas considerações assumindo a importância dos quatro componentes acima apresentados – *outside matter*, macroestrutura, medioestrutura e microestrutra. Embora já consideremos componentes canônicos a macro, a micro e a mediaestrutura, pretendemos, ainda, discutir quais os componentes do *outside matter* - *front matter, middle matter* e *back matter* – podem assumir esta função de componente canônico dentro da obra lexicográfica tendo em vista os propósitos do presente trabalho. Um de nossos questionamentos iniciais, portanto, é se o *outside matter* deve ser considerado na sua totalidade ou não em uma proposta de aprimoramento de definição de vocábulos de cores em dicionários semasiológicos. Para tanto, faremos uma breve apreciação do que se trata cada um dos componentes até agora citados.

2.1.1 O *outside matter*

Denominado por Welker (2004, p.78) como "textos externos", o *outside matter* constitui todos aqueles elementos do dicionário que não correspondem à lista de palavras e suas definições. Algumas das informações trazidas pelo *outside matter* são*:* introdução, guia do usuário, figuras, lista de abreviaturas, regras de gramática etc. Estas informações podem estar localizadas no *front, middle* ou *back matter*, que, conforme já mencionamos, compõem o *outside matter*. Ao *front matter*, correspondem todas as informações apresentadas antes da nomenclatura principal do dicionário (como a introdução e o prefácio, por exemplo). Ao *middle matter*, correspondem as informações contidas dentro da macroescrutura do dicionário, mas que não fazem parte dos verbetes arrolados (como figuras e notas explicativas). Por fim, o *back matter* constitui o último componente do dicionário, trazendo informações que se situam após a nomenclatura principal do mesmo (como tabelas diversas e informações bibliográficas) (FARIAS, 2009, p. 248).

A localização da informação dentro do dicionário é o que determina se esta informação faz parte do *front, middle* ou *back matter*, sendo que não parece existir uma regra preestabelecida em relação a quais tipos de informação devem constar em cada um dos constituintes do *outside matter*. Assim, uma lista com os verbos irregulares de uma língua, por exemplo, pode se localizar nas partes introdutórias de um determinado dicionário, integrando o seu *front matter*, ao passo que outro dicionário, voltado para o mesmo público-alvo e apresentando os mesmos objetivos do primeiro dicionário, pode fornecer esta mesma lista nas suas páginas finais, fazendo com que o mesmo tipo de informação faça parte do seu *back matter*.

Conforme mencionamos anteriormente, as informações contidas no *outside matter*, embora úteis e, muitas vezes, necessárias para uma boa utilização do dicionário, nem sempre são vistas como elementos obrigatórios dentro da obra lexicográfica. Hausmann; Wiegand (1989, p.331), por exemplo, postulam que "o principal constituinte textual obrigatório e imediato de todo o dicionário é a lista (central) de palavras"[13], o que parece conferir ao *outside matter* uma posição acessória dentro da obra lexicográfica. Acreditamos, no entanto, que, em alguns casos, o complemento informacional trazido pelo *outside matter* pode ser de total importância para o

[13] [The main and obligatory immediate text constituent of the whole dictionary is the (central) *world list.*]

consulente. Pensemos, por exemplo, no caso dos *realia*[14]. Em um dicionário voltado para aprendizes de uma língua estrangeira, a função de uma foto ou desenho de determinada planta exclusiva de uma região, por exemplo, pode ter um valor muito mais elucidativo do que a tentativa de descrevê-la para um público-alvo que jamais teve contato com ela. Assim, trabalhamos com a ideia de que o *outside matter* pode, em alguns casos, assumir uma posição muito mais do que complementar, ao fornecer ao consulente determinado tipo de informação (neste caso, uma informação através da imagem) que os verbetes do dicionário nem sempre são capazes de transmitir satisfatoriamente.

2.1.2 **A macroestrutura**

Em uma visão bem geral, a macroestrutura do dicionário é definida como a lista ordenada das entradas, ou seja, a progressão vertical, geralmente disposta em ordem alfabética, que constitui o elemento central do dicionário (cf. HARTMANN; JAMES, 2001; HAUSMANN; WIEGAND, 1989; HAENSCH, 1982; WELKER, 2004). Ao discutir a macroestrutura em um dicionário de língua, Bugueño (2007a, p. 261) postula que a literatura especializada ainda não consegue fornecer, de forma satisfatória, um conceito de macroestrutura que seja capaz de explicitar uma série de questões pertinentes ao lexicógrafo na elaboração da macroestrutura (questões como o número de unidades que devem constituir o conjunto de entradas ordenadas e quais os tipos de unidades podem constituir este conjunto). Para o autor, uma vez que um dicionário deve ser formulado com base nos seus objetivos e público-alvo, a macroestrutura deverá sempre ser entendida de acordo com as necessidades do usuário.

Estas considerações trazidas por Bugueño (2007a) a respeito da relação que deve se estabelecer entre a macroestrutura do dicionário e as necessidades do consulente, se encaixam nos propósitos do presente trabalho ao nos levarem a questionar a necessidade de lematização de determinados vocábulos de cores complexas, conforme foi exposto no primeiro capítulo. Ainda que os objetivos dos dicionários analisados aqui não estejam expostos de maneira clara nos textos introdutórios das obras, não nos pareceria equivocado que um consulente destas obras esperasse que as mesmas refletissem, na sua seleção de vocábulos lematizados, o português falado contemporaneamente no Brasil.

[14] Conforme aponta Farias (2010), os *realia* constituem palavras culturalmente restritas, ou seja, termos que espelham especificidades de uma cultura e que não possuem equivalentes de tradução. São exemplos de *realia* do português brasileiro os termos *feijoada*, *bossa nova* e *caipirinha*.

No entanto, a lematização de uma série de vocábulos que apresentam um baixo grau de familiaridade, conforme apontado por muitos falantes nativos na pesquisa exposta no primeiro capítulo deste trabalho, parece indicar que este léxico espelhado pelos dicionários não condiz com o acervo de palavras utilizadas no dia-a-dia dos falantes. Este tipo de discussão remete às questões relativas ao âmbito macroestrutural dos dicionários analisados. Embora nossa proposta esteja mais focada em lidar com o âmbito microestrutural (definição de vocábulos de cores), é necessário salientar que, antes mesmo de se julgar se as paráfrases explanatórias são eficientes ou não, é válido questionar a pertinência de muitos destes vocábulos na macroestrutura das obras consultadas. Em outras palavras, indagamos, aqui, qual seria a necessidade de se debater a respeito de paráfrases explanatórias de vocábulos que, ao que tudo indica, não parecem vigorar na língua. Esse exercício constituiria, a nosso ver, um esforço desnecessário.

2.1.3 **A medioestrutura**

A medioestrutura de um dicionário diz respeito ao sistema de remissivas que opera dentro da obra. Conforme salienta Farias (2009, p. 59), a medioestrutura é o "componente responsável por estabelecer relações no interior de uma microestrutura, entre dois segmentos microestruturais de verbetes distintos e entre microestrutura e *outside matter*". Em Hartmann; James (2001, s.v. *cross-reference structure*), o significado de *mediostructure* é, coincidentemente, apresentado através da remissão para o verbete *cross-reference structure,* definido como "a rede de referências cruzadas que possibilita compiladores e usuários de uma obra de referência localizarem informações espalhadas por diversas partes integrantes da obra"[15].

No primeiro capítulo deste trabalho, apontamos para o uso corriqueiro de remissões nas definições de cores complexas, fato que, conforme pôde ser constatado, não parece auxiliar muito o consulente no reconhecimento da tonalidade de cor ao qual o vocábulo faz menção. Importante salientar, no entanto, que não são as remissões em si que tornam os verbetes de cores tão precários, e sim o modo como estas remissões são feitas. No caso das cores complexas, tudo leva a crer que as remissões entre verbetes devem ser evitadas ao máximo dentro da obra lexicográfica, visto que, conforme ficou

[15] [The network of CROSS-REFERENCES which allows compilers and users of a reference work to locate material spread over different component parts.]

constatado em nossas análises, estas remissões, além de pouco explicitarem a respeito do significado das palavras, ainda geram confusão em relação à existência ou não de sinonímia entre vocábulos de cores, uma vez que os dicionários não deixam claro para o consulentes se é possível que dois termos de cores façam referência a uma mesma tonalidade ou não.

2.1.4 **A microestrutura**

A microestrutura de um dicionário semasiológico diz respeito às informações que se encontram dentro do verbete. Hartmann; James (2001, s.v. *microstructure*), a definem como "o desenho interno de uma unidade de referência"[16], e Hausmann; Wiegand (1989, p.328) como "a estrutura de informações dentro do artigo lexicográfico"[17]. Uma boa elucidação a respeito do que seria a microestrutura de um dicionário de orientação semasiológica é a encontrada em Bugueño (2009b, p.61), em que o autor propõe que se observe a progressão horizontal do verbete a partir da concepção saussureana do signo linguístico, onde o signo-lema corresponderia ao significante e a microestrutura corresponderia ao significado.

Dentro da microestrutura do verbete, é possível, ainda que se estabeleça uma nova subdivisão. Utilizando-se da terminologia proposta por Seco (2003), Bugueño (2009b) divide as informações microestruturais como informações de "primeiro enunciado", que correspondem ao signo linguístico como significante, e as informações de "segundo enunciado", que correspondem ao signo linguístico como significado. Estas reflexões servem para ilustrar a proposta apresentada por Wiegand (1989 apud BUGUEÑO, 2009b) sobre dois conjuntos de informações encontrados dentro dos verbetes, que recebem o nome de comentário de forma e comentário semântico. Em Hartmann; James (2001, s.v. *comment*), aponta-se informações referentes à ortografia, gramática e pronúncia como pertencentes ao comentário de forma, enquanto a definição, a etimologia e as marcas de uso fariam parte do comentário semântico. Bugueño (2009b), no entanto, acredita que a etimologia constitui um terceiro tipo de comentário, propondo, assim que a microestrutura seja constituída por três tipos de comentário: o comentário de forma, o comentário semântico e o comentário

[16] [the internal design of a reference unit.]
[17] [the structure of information within the article.]

etimológico. Para os propósitos do nosso trabalho, nos deteremos à discussão no âmbito do comentário semântico.

2.1.4.1 O programa constante de informações (PCI)

A concepção de microestrutura apresentada em Hausmann; Wiegand (1989, p. 344) defende a necessidade de criação de uma base teórica que subjaza a microestrutura da obra lexicográfica. Segundo esta visão, os diferentes tipos de signo-lema devem obedecer aos diferentes tipos de estruturação no artigo lexicográfico, o que contradiz a concepção de artigos lexicográficos uniformes, ou seja, artigos que possuem a mesma estruturação, mesmo se tratando de diferentes signos-lema. Esta base teórica responsável pela estruturação do verbete constitui o que Hausmann; Wiegand (1989) chamam de microestrutura abstrata, ou seja, uma série de informações passíveis de constituírem o verbete que são estabelecidas de acordo com os tipos vocábulos a serem lematizados. Na prática, isto significa que "um dicionário geral de língua com n tipos de signos-lema possui exatas n microestruturas abstratas (hierárquicas)"[18] (HAUSMANN; WIEGAND, 1989, p.344).

Juntamente com a noção de microestrutura abstrata se encontra a noção de microestrutura concreta, que é a representação direta da microestrutura abstrata na obra lexicográfica, ou seja, "a totalidade das informações linearmente ordenadas no interior de cada um dos verbetes" (FARIAS, 2009, p.114). Podemos concluir, então, que enquanto a microestrutura abstrata desenha o que seria a estrutura do verbete, a microestrutura concreta realiza esta estrutura, fazendo com que ela tome forma. Conforme aponta Farias (2009, p.114), a microestrutura abstrata corresponde ao programa constante de informações de um dicionário (PCI), que melhor detalharemos a partir de agora.

Em Fornari (2008, p.10), o PCI é definido como "toda e qualquer informação que a microestrutura de um dicionário contenha e a sua disposição dentro do verbete". Para a autora, que se propõe a estudar o *Front Matter* de uma obra lexicográfica, quanto mais simples for o PCI de um dicionário, menos complexo será o processo de elaboração do *Front Matter* desta obra, tendo em vista que uma das funções básicas deste componente do dicionário é servir como um manual de instruções ao consulente

[18] [a general monolingual dictionary with n types of lemma signs has exactly n abstract (hierarchical) microstructures.]

(FORNARI, 2008, p.5). Assim, se uma das funções do *Front Matter* é ajudar o consulente a compreender cada um dos segmentos informativos encontrados no verbete, quanto mais complexo for o PCI da obra, ou seja, quanto mais informações ele trouxer, mais explicativo terá que ser o *Front Matter* desta mesma obra. Esta constatação nos leva a crer que o PCI pode estar também relacionado a outros componentes canônicos do dicionário (neste caso, ele está estritamente relacionado ao *Front Matter*).

Em relação aos constituintes do PCI, Bugueño (2007b, p. 120), ao analisar a microestrutura de um dicionário do alemão, cita as paráfrases explanatórias, as colocações, os compostos, a valência, a sinonímia, a antonímia e as expressões idiomáticas como segmentos pertencentes ao PCI deste dicionário, que, segundo o autor, "apresenta um programa relativamente ambicioso" (BUGUEÑO, 2007b, p.120) em virtude da grande quantidade de informações oferecidas ao consulente, bem como o modo complexo que muitas destas informações são apresentadas. É necessário salientar, também, que tanto a presença quanto a ausência dos segmentos informativos da microestrutura possui um valor dentro do verbete, pois, conforme aponta Damim (2005, p.83-84), "um programa constante de informações implica um comprometimento com o nível zero de informação, que pode ser tão significativo quanto a presença de outras informações".

A noção de PCI apresentada até agora deixa transparecer a importância singular que este elemento ocupa nas obras lexicográficas. Em uma situação ideal (ou seja, em um verbete bem construído), portanto, as informações trazidas pelo PCI devem ser funcionais e estarem organizada de maneira estratégica, de modo a fazer do verbete um conjunto padronizado de informações, em que tanto a presença quanto a ausência de uma informação seja significativa e tenha sido planejada (BUGUEÑO, 2007a, p. 105-106). Passaremos, agora, a uma apreciação dos PCIs do verbete *vermelho* em AuE (2004), HouE (2001) MiE (2001). Apesar do PCI tratar do comentário de forma, do comentário semântico e do comentário etimológico (cf. BUGUEÑO, 2009b), nos limitaremos a avaliar apenas o comentário semântico de cada um dos verbetes, por se tratar do elemento que mais interessa aos propósitos do presente trabalho, conforme dito anteriormente.

vermelho1
(ê) [Do lat. *vermiculu*, ‘pequeno vermezinho (a cochonilha)’ (q. v.).] Adjetivo. 1.Da cor do sangue, da papoula, do rubi. 2.Diz-se dessa cor: *manto de cor vermelha*. 3.Afogueado, corado, rubro: *Ficou vermelho de cólera*. 4.Diz-se das partes externas do corpo incidentalmente sujeitas a maior afluxo sanguíneo; congestionado: *olhos vermelhos*. 5.Diz-se de cantiga ou anedota picante, obscena. 6.Pertencente ou relativo à ex-U. R.S. S.: *o exército vermelho*. 7.P. ext. Fig. Comunista, marxista, ou socialista. ~ V. *açafrão —, anã —a, bode —, cota —a, cruz —a, lama —a, latão —, mancha —a, naipes —s, planeta —* e *sinal —*. Substantivo masculino. 8.A cor vermelha [v. *cor* (3)]. 9.Indivíduo vermelho[1] (6 e 7). 10.Verniz de resina de sangue-de-drago e álcool. 11.Fís. No espectro visível (q. v.), a cor da radiação eletromagnética com os mais longos comprimentos de onda, situados, aproximadamente, entre 620 e 790 nanômetros. 12.Pop. Condição de prejuízo (de indivíduo, empresa, etc.): *estar no vermelho*; *sair do vermelho*.

Figura 31: verbete do item lexical *vermelho* em AuE (2004)

[1]Vermelho
adj. (sXIII cf. FichIVPM) **1** que tem a cor do sangue; encarnado, berne **2** diz-se dessa cor **3** *fig.* que se enrubesceu; corado, afogueado, rubro <*os olhos baixos no rosto v.*> **4** apresentando afluxo de sangue, congestionado <*olhos v.*> **5** ENOL diz-se do vinho que é ainda jovem □ *s.m.* **6** a cor do sangue **7** verniz feito de resina e sangue-de-drago dissolvidos em álcool **8** ICT design. comum aos peixes teleósteos perciformes da fam. dos lutjanídeos, esp. do gên. *Lutjanus*, com cerca de 64 spp.; acarajá, caranha **8.1** ICT *B* peixe (*L. purpureus*) do Atlântico tropical, comum no Ceará e Rio Grande do Norte, que atinge 90 cm de comprimento e tem coloração vermelha, boca rosada com mancha negra na base e axila das nadadeiras peitorais; acaraiá, acarapuã, cachucho, pargo, pargo-cachucho [Espécie de grande valor comercial no Nordeste do Brasil.] **8.2** ICT *B* peixe (*L. vivanus*) que ocorre da Carolina do Norte ao Sudeste do Brasil, de coloração vermelho-rosada, com o ventre mais claro e uma mancha arredondada no meio do corpo; olho-de-vidro, pargo-olho-de-vidro, pargo-vermelho, vidrado [Sua carne é considerada de excelente qualidade.] **9** ICT *B* m.q. ***baúna*** (*Lutjanus jocu*) □ *adj.s.m.* **10** *p.met.* diz-se de ou indivíduo ou instituição da ex-U.R.S.S. <*exército v.*> <*os v. atacarão*> **10.1** *p.ext.* comunista, socialista ou esquerdista □ v. congo QUÍM substância ($C_{32}H_{22}N_6Na_2O_6S_2$) us. como indicador ácido-base, como corante biológico etc. □ v. de açafrão QUÍM m.q. ***cartâmico*** (subst.) □ ETIM lat. *vermicùlus,i* 'pequeno verme', dim. de lat. *vérmis,is* 'verme, inseto, varejeira'; f.divg. de *vermículo*; ver *verm(i)-*; f.hist. sXIII *vermello*, sXIV *vermelhas* □ SIN/VAR acerejado, acharoado, afogueado, alacoado, avermelhado, carmesim, carmim, carminado, cetrino, charão, cinabre, cinabrino, cinábrio, colorado, corado, coral, coralino, encarnado, escarlate, magenta, mínio, piranga, pletórico, puníceo, quermes, rubente, rúbeo, rubicundo, rúbido, ruborizado, rubro, rufo, sandiz, sangüíneo, uzífur, uzífuro, vermelhaço, vermelhão, vermelhento, vermelhidão, vermelhusco; nas acp. 8.1 e 8.2: acaraaia, acarapitanga, carapitanga, caraputanga, cherne-vermelho, dentão, papa-terra-estrela, vermelho-de-fundo □ HOM vermelho /ê/ (fl.vermelhar); vermelha /ê/ (f.)/ *vermelha* /ê/ (fl.vermelhar) □ noção de 'vermelho', usar *antepos.* eritr(o)- e rub(e/i)-; *pospos.* -piranga

Figura 32: verbete do item lexical *vermelho* em HouE (2001)

Ver.me.lho
adj (lat vermiculu) 1 Que tem cor encarnada muito viva; rubro. 2 Revolucionário. 3 Que emprega palavras obscenas (canto). 4 Diz-se da raça dos índios da América. 5 Diz-se da cor da pele dos indivíduos dessa raça. sm 1 A cor encarnada viva. 2 Verniz composto de resina e sangue-de-frango dissolvidos em álcool. 3 Ictiol Peixe marinho da família dos Lutjanídeos (Lutjanus aya); acaraiá, acarapitanga, carapitanga, dentão. 4 Comunista. V. cereja: que tem a cor vermelha da cereja. V.-herinque, Ictiol: pexe marinho, da família dos Lutjanídeos (Lutjanus synagris); ariocó, caranho, caranho-verdadeiro. Estar no vermelho: estar em déficit. Fazer-se vermelho: corar de pejo, envergonhar-se.

Figura 33: verbete do item lexical *vermelho* em MiE (2001)

Por se tratar de uma análise de dicionários semasiológicos, os segmentos informativos que mais se destacam são as paráfrases explanatórias e os exemplos, segmentos informativos amplamente utilizados em virtude de sua grande importância para o tipo de obra aqui exposto. Em nossa análise, optamos por destacar as paráfrases explanatórias utilizando-nos da cor amarela, ao passo que os exemplos foram destacados em verde. Além de paráfrases explanatórias e de exemplos, identificamos, também, outros dois tipos de segmentos informativos nos verbetes analisados. Primeiramente, trata-se da utilização de um pós-comentário semântico, que marcamos com a cor azul, e, em segundo lugar, da utilização de um mecanismo explanatório que tem como objetivo duplicar o significado através de uma nomenclatura científica (enquadramento taxonômico)[19], marcado em rosa

Pela nossa análise, portanto, podemos dizer que são quatro os segmentos informativos encontrados no comentário semântico dos verbetes relativos à cor vermelha: a paráfrase explanatória, o exemplo, o pós-comentário semântico e a duplicação do significado através da indicação de uma nomenclatura científica. Uma vez identificados estes segmentos informativos, podemos, então, começar a pensar a respeito da sua funcionalidade dentro da obra e da necessidade de fixação de cada um deles pelo PCI dos dicionários analisados.

Conforme apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, as paráfrases explanatórias de vocábulos de cor possuem um valor pouco elucidativo quando se propõem a definir uma tonalidade. Tomemos, por exemplo, as diversas acepções encontradas para o vocábulo *vermelho.* Ao se comparar as diversas paráfrases presentes no verbete *vermelho,* podemos observar que aquelas que almejam definir a tonalidade vermelha não parecem ser tão satisfatórias quanto as paráfrases que procuram definir outras acepções relacionadas a *vermelho,* como, por exemplo, expressões idiomáticas do

[19] Cf. BUGUEÑO 2007a, p. 255, onde o autor apresenta a noção de *paráfrase explanatória taxonômica.*

tipo *estar no vermelho* ou *sair do vermelho*. As paráfrases mais elucidativas e, portanto, funcionais, dentro dos verbetes aqui expostos são justamente aquelas que não estão voltadas para a definição da tonalidade vermelha, sendo que esta acepção de vermelho (como cor) deveria ser, a nosso ver, o significado mais importante do verbete.

Uma vez que as paráfrases não são muito elucidativas, passamos, então, para a avaliação da pertinência dos exemplos, pois, neste caso, eles poderiam constituir uma ferramenta de complemento à paráfrase, ajudando o consulente a melhor entender a significação da palavra (cf. FARIAS, 2008). Os exemplos encontrados, no entanto, pouco ou nada esclarecem em relação à tonalidade de cor, servindo para basicamente duas funções[20]. Um primeiro proveito que podemos retirar dos exemplos encontrados é o de elucidar ao consulente a função que o vocábulo *vermelho* pode assumir dentro da frase, ou seja, seu comportamento como um substantivo em oposição ao seu comportamento como um adjetivo. A segunda possível funcionalidade dos exemplos nos verbetes analisados é inserir expressões figuradas que carreguem o vocábulo *vermelho* em suas construções (como em *ficar no vermelho* ou *estar vermelho de raiva*). Estas expressões oferecidas pelos dicionários não colaboram em nada para a elucidação do significado da cor vermelha e, por se tratarem de expressões idiomáticas, poderiam também ser encontradas em outros verbetes (*vermelho de raiva*, por exemplo, poderia estar localizada tanto no verbete *vermelho* como no verbete *raiva*, já que não existe uma regra clara em relação à lematização de expressões idiomáticas pelos dicionários).

Os outros dois segmentos informativos apresentados tampouco parecem ter alguma funcionalidade para a definição da cor vermelha. O pós-comentário semântico (marcado em azul) aparece somente nas paráfrases relativas às acepções de vermelho que não se referem à tonalidade, trazendo informações extras ao consulente a respeito de *vermelho* como referência a uma espécie de peixe ou a uma expressão figurada. O mecanismo de duplicação do significado através da apresentação de uma nomenclatura científica, por fim, corresponde a uma tentativa do dicionário de apresentar uma classificação taxonômica ao vocábulo que se almeja definir, sendo que esta tentativa de elucidação não parece trazer muitas contribuições ao dicionário e, muito menos, ao consulente. Trata-se de nomenclaturas científicas, pertencentes a um âmbito muito restrito da ciência, passível, portanto, de serem questionadas em relação a sua

[20] É necessário frisar que, em nenhum momento, as obras aqui analisadas informam que os exemplos estejam dispostos a assumir estas funções. As considerações que aqui fazemos dizem respeito única e exclusivamente a nossa dedução diante das possíveis funcionalidades dos verbetes de cor.

pertinência em dicionários de língua geral, que não são voltados para um público especialista.

As considerações feitas até agora nos levam a concluir que os segmentos informativos apresentados pelos PCIs dos dicionários analisados possuem uma baixa funcionalidade no que diz respeito à definição da tonalidade vermelha. Se, por um lado, é correto afirmar que os verbetes contam com uma diversidade muito grande de informações, é também correto afirmar que estas informações, em sua grande maioria, pouco ou nada servem para definir linguisticamente o que é a tonalidade vermelha. Além disso, podemos também observar que os quatro segmentos informativos aqui apresentados não se fazem presentes em todos os verbetes analisados, o que aponta para uma diferença de estruturação dos PCIs de AuE (2004), HouE (2001) e MiE (2001). AuE (2004), por exemplo, não apresenta a duplicação do significado pela apresentação de uma nomenclatura científica, ao passo que MiE (2001) não apresenta nenhum pós-comentário semântico. Esta diferença no tipo de informação oferecida é, na verdade, uma consequência direta do modo como os PCIs dos dicionários estão estruturados.

Outro fator importante de ser salientado aqui diz respeito à quantidade de informação presente nos verbetes das três obras. Se compararmos quantitativamente a informação apresentada por AuE (2004), HouE (2001) e MiE (2001), constataremos que HouE (2001) é o que apresenta mais informações dentro do verbete, seguido por AuE (2004) e, em último lugar, MiE (2001). Esta comparação entre as obras nos permite introduzir a noção de densidade do PCI ou, simplesmente, densidade informativa, conforme o esquema a seguir:

HouE > AuE > MiE

Quadro 1: comparação entre a densidade dos PCIs de AuE (2004), HouE (2001) e MiE (2001)

Diante de tais considerações, é importante ressaltar que a maior densidade informativa de HouE (2001) não lhe garante uma melhor funcionalidade em relação à elucidação do significado do vocábulo de cor. Ou seja, um PCI mais denso não é, necessariamente, um PCI mais funcional, o que pode ser constatado no verbete de HouE (2001), que deixa muito a desejar em relação a sua função de definir a tonalidade vermelha.

A exposição teórica e as análises aqui apresentadas nos permitem traçar algumas conclusões pertinentes aos propósitos do presente trabalho. Primeiramente, fica evidente que o estabelecimento da microestrutura abstrata é um fator fundamental na elaboração da obra lexicográfica. Conforme apontou a literatura apresentada nesta seção, é necessário que signos-lema diferentes sejam estruturados de maneira diferente dentro de um dicionário, visto que um tratamento homogêneo a todas as palavras lematizadas acarretaria em verbetes deficitários de informações necessárias e outros com informações desnecessárias.

No entanto, embora a definição do PCI seja de total importância para a obra lexicográfica, o seu estabelecimento não garante o sucesso da microestrutura de um verbete. Nossa segunda conclusão, portanto, é a de que a definição do PCI não garante *a priori* a funcionalidade das paráfrases explanatórias. Esta conclusão pôde ser depreendida através de nossas análises dos verbetes de *vermelho*, quando foi possível reparar que, embora os dicionários apresentem uma série de segmentos informativos, poucos deles são realmente funcionais na definição da tonalidade de cor.

Apesar das duas considerações trazidas acima, acreditamos que uma teoria das paráfrases explanatórias somada a um estabelecimento coerente do PCI poderia aprimorar o comentário semântico dos verbetes de cores aqui discutidos. Cabe-nos, agora, questionar em que medida as informações trazidas pelas obras poderiam ser aperfeiçoadas a fim de tornarem-se mais funcionais dentro dos verbetes de cor. Uma das nossas principais metas será, portanto, trabalhar nestes segmentos informativos a ponto de torná-los mais proveitosos na definição de uma tonalidade de cor. Ainda assim, se o aprimoramento destes segmentos não for suficiente para os propósitos deste trabalho, procuraremos descobrir que outros recursos um dicionário semasiológico pode dispor para trazer aos olhos do consulente a elucidação de uma cor.

2.2 A DEFINIÇÃO LEXICOGRÁFICA

Até agora, postulamos que as definições de cores, do modo como estão apresentadas, não são suficientes para que os dicionários cumpram com um dos seus principais papéis junto aos consulentes, ou seja, o de esclarecer os mesmos a respeito dos significados das palavras. Diante de um problema de tal sorte, é pertinente questionar até que ponto as falhas presentes nos dicionários em relação às definições de cores são um problema de técnica dos dicionários ou até que ponto são limitações da

própria natureza dos vocábulos aqui analisados. Para tanto, consideramos pertinente a exposição de alguns postulados a respeito da definição lexicográfica, a fim de se averiguar em que medida tais postulados poderiam auxiliar o aprimoramento das definições de cores.

Ao tratarmos do tema *definição lexicográfica*, um dos primeiros questionamentos que surge diz respeito à existência ou não de uma teoria da definição, ou seja, uma teoria que, cumprindo com o seu papel de instrumento auxiliar à ciência, seja capaz de nortear o lexicógrafo durante a sua prática lexicográfica. Conforme Farias (2009b, p. 74) afirma, apesar da importância singular que a definição ocupa em um dicionário semasiológico, a literatura especializada ainda oferece poucos estudos sobre como gerar uma definição satisfatória. Esta lacuna apontada pela autora leva-nos a indagar como que os dicionários vêm cumprindo com o seu propósito durante tanto tempo sem que os lexicógrafos disponham de um elemento norteador para a redação das paráfrases explanatórias.

Em Bugueño (2009a, p.244) o autor critica o fato de a definição lexicográfica ser abordada de maneira parcial na literatura, uma vez que, na metalexicografia, a discussão em torno da definição lexicográfica se apresenta ou através de uma discussão a respeito da teoria semântica usada como suporte metodológico para gerar as paráfrases, ou tangencia os princípios de redação de uma paráfrase explanatória, ou, ainda, procura criar uma tipologia de classes de definições. Para o autor, no entanto, uma teoria da definição teria que trabalhar com o cruzamento de três variáveis, a saber: 1) a opção por um tipo de paráfrase explanatória; 2) um *pattern* sintático a ser escolhido e 3) a adoção de uma teoria semântica. A proposta de Bugueño (2009a) para a geração de paráfrases realmente elucidativas para o consulente se encontra, portanto, alicerçada em três variáveis que se encontram em um mesmo nível hierárquico e que não devem ser separadas a ponto de se considerar uma(s) em detrimento da(s) outra(s). Conforme apresentaremos a partir de agora, a abordagem parcial a estas três variáveis é, muitas vezes, responsável pelas falhas nas definições lexicográficas. Seguem, abaixo, alguns exemplos:

bi.ci.cle.ta [...] 1 Velocípede de duas rodas iguais, movido a pedal.

Figura 34: verbete do item lexical *bicicleta* em MiE (2001)

coração1 [...] 1.Anat. Órgão muscular situado na cavidade torácica que, nos vertebrados superiores, é constituído de duas aurículas e dois ventrículos, e que recebe o sangue e o bombeia por meio dos movimentos ritmados de diástole (q. v.) e de sístole (q. v.).

Figura 35: verbete do item lexical *coração* em AuE (2004)

fei.jo.a.da [...] 2 Folc Prato da culinária brasileira, preparado com feijão, toicinho, carne-seca, paio e, também, pés, orelhas, beiços e rabos de porco. No Nordeste, leva também legumes, como quiabo, maxixe, couve, abóbora etc. Iguaria, criada pelo negro escravo, que recebia do senhor as partes desprezíveis do porco.

Figura 36: verbete do item lexical *feijoada* em MiE (2001)

Através da análise dos verbetes acima, é possível apontar, no mínimo, dois problemas graves que emergem da leitura das paráfrases explanatórias. O primeiro problema está relacionado ao emprego de palavras de difícil compreensão, que fazem parte do acervo terminológico de áreas específicas da ciência e que provavelmente não serão reconhecidas por falantes leigos no assunto. Por se tratar de definições retiradas de dicionários de língua geral do português brasileiro, a presença de tais terminologias não nos parece apropriada, já que o público alvo dos dicionários são pessoas que dificilmente dominam a linguagem científica apresentada. A opção por se adotar tais terminologias leva a paráfrases pouco elucidativas, conforme apresentado nas definições das palavras *bicicleta* e *coração1*, em MiE (2001) e AuE (2004), respectivamente, e espelham a falta de um parâmetro que estipule o modo como a informação deve ser redigida na paráfrase explanatória. Outro problema verificado nos verbetes analisados diz respeito à quantidade de informação que vigora dentro da paráfrase explanatória, conforme se pode observar na definição de *feijoada* extraída de MiE (2001). Nesse caso, existe uma quantidade desnecessária de informação que, além de inflar o verbete, pouco ou nada contribui para o esclarecimento da significação das palavras que se almeja definir. O problema de cálculo de informação na paráfrase é explícito nesse caso, o que deixa transparecer, mais uma vez, a possível ausência de parâmetros para a redação das paráfrases explanatórias. Um problema de tal sorte poderia ser contornado apenas deslocando este tipo de informação dentro do verbete, através da inserção de pós-comentários semânticos às paráfrases explanatórias, garantindo, assim, que a informação permaneça disponível para o consulente, porém em um lugar mais apropriado.

Os exemplos apresentados acima nos levam a questionar se os dicionários consideram pelo menos uma única variável proposta por Bugueño (2009a) na redação

das paráfrases explanatórias ou se estas paráfrases teriam sido redigidas sem que houvesse qualquer reflexão prévia sobre o assunto. Em alguns casos, é possível encontrar obras que levam em consideração algum princípio norteador[21], porém, na maioria das vezes, tais obras pecam ao embasarem-se em apenas uma ou duas das variáveis apresentadas, não tomando a combinação como um todo. Bugueño (2009, p. 246-248), por exemplo, recorre ao modo como o verbete *abacaxi* é apresentado em três dicionários diferentes da língua portuguesa para demonstrar que os problemas dessas paráfrases explanatórias não repousam somente na falta de uma sintaxe da definição, mas também num problema de cálculo de informação e equívocos a respeito do tipo de informação oferecida ao consulente. Os exemplos apresentados pelo autor demonstram que as paráfrases analisadas falham por desconsiderarem a combinação de variáveis anteriormente propostas: enfoca-se uma, descarta-se as outras.

Ao que tudo indica, as falhas apontadas acima não ocorrem aleatoriamente nos dicionários, mas são o reflexo direto da carência de uma teoria da definição na literatura especializada. A discussão a respeito da geração de paráfrases explanatórias satisfatórias já vem sendo levantada há algumas décadas, porém, conforme será explicitado nesta seção do trabalho, tudo indica que o enfoque ao tema é geralmente feito de maneira parcial, se levarmos em conta a proposta de Bugueño (2009). Haensch (1982, p.261), por exemplo, apontava que o problema da definição era concebido como o resultado da análise semântica, realizado segundo uma teoria semântica. O autor, que se dispõe a falar sobre a definição lexicográfica tomando como modelo norteador uma teoria semântica de cunho estruturalista, liga a definição lexicográfica à análise semasiológica. Para o autor, por exemplo, "uma das possibilidades de definir o conteúdo referencial de uma unidade léxica consiste em parafrasear o semema que lhe corresponde mediante um sintagma cujo conteúdo referencial seja idêntico ao do semema que se vai definir" (HAENSCH, 1982, p.275)[22]. Ao tratar da definição seguindo os parâmetros da decomposição sêmica, Haensch (1982) aborda apenas uma das variáveis expostas

[21] O caso do dicionário *Collins Cobuild* é um exemplo pertinente à discussão aqui levantada. Ao optar pelas *whole-sentence definitions*, o dicionário deixa transparecer a adoção pelo modelo semântico proposto pela Semântica Cognitiva, porém, apenas a escolha de um modelo semântico não garante, *a priori*, o sucesso das definições da obra lexicográfica (para maiores informações a respeito das *whole-sentence definitions*, cf. Farias (2009b) e Rundell (2008)).

[22] [Una de las posibilidades de definir el contenido referencial de una unidad léxica consiste en parafrasear el semema que le corresponde mediante um sintagma cuyo contenido referencial es idéntico al del semema que hay que definir.]

anteriormente (a escolha de uma teoria semântica), deixando de lado outras duas importantes (o *pattern* sintático e a taxonomia da paráfrase explanatória).

Em Dubois; Dubois (1971) foi verificado o mesmo comportamento. Se, por um lado, Haensch (1982) liga a definição lexicográfica à decomposição sêmica, Dubois; Dubois (1971) abordam a questão levando em conta o conceito de sinonímia. Nessa proposta de abordagem, os autores postulam que definir equivale a dar à palavra uma paráfrase semanticamente equivalente. Os autores citam como exemplo a sinonímia lexicográfica entre *verificação* e *ação de verificar*, e defendem que esses dois sinônimos são, na verdade, duas realizações de superfície de uma mesma estrutura profunda (Dubois; Dubois, 1971, p.85). Em um primeiro momento, tratar do fenômeno da sinonímia no âmbito da discussão de paráfrases explanatórias pode parecer uma possível solução às dificuldades intrínsecas ao ato de definir. No entanto, apesar de uma definição sinonímica conseguir dar conta de uma das principais metas dos lexicógrafos, que é a prova da substituição (tratada em SECO, 2003; LANDAU, 2001), ainda não existe um consenso entre os teóricos da Lexicografia se este tipo de definição constitui, de fato, um reparafraseamento do vocábulo a ser definido. Esta crítica à definição sinonímica justifica-se no fato de este tipo de definição não explicar ao consulente o significado de uma palavra, limitando-se a oferecer-lhe um sinônimo. A discussão a respeito da pertinência ou não de uma definição sinonímica para os propósitos do presente trabalho, ou seja, para a definição de tonalidades de cores, será exposta no quarto capítulo deste trabalho, quando procuraremos expor nossa proposta de verbetes efetivamente funcionais para vocábulos de cores.

Assim como faz Haensch (1982), Dubois; Dubois (1971) também procuram se apoiar em uma teoria semântica estruturalista para tratar da definição lexicográfica. Apesar de conseguir abordar a questão, essa abordagem não se dá de forma completa, pois, bem como foi verificado em Haensch (1982), ainda ficaram faltando as outras duas importantes variáveis no tratamento do fenômeno. A exposição das propostas aqui elencadas ilustra, bem resumidamente, o modo parcial como a definição lexicográfica ainda é tratada na literatura especializada, conforme aponta Bugueño (2009a). Como se pode notar, os teóricos apresentam propostas que enfocam o problema de maneira incompleta, o que deixa transparecer que os estudos deste segmento informativo da microestrutura ainda se encontram em uma fase embrionária.

Apesar de Haensch (1982) e Dubois; Dubois (1971) apresentarem propostas distintas para o tratamento da definição, é necessário frisar que ambos os autores partem de uma mesma teoria semântica – o estruturalismo. Conforme Costa (2009, p.113), apesar de não ser possível falar de um conceito único para termo *estruturalismo*, é possível afirmar que as escolas estruturalistas apresentam em comum o fato de conceberem a língua como uma estrutura (ou sistema), cabendo ao linguista analisar a organização e o funcionamento dos elementos que constituem esse sistema. A consequência disso é a existência de múltiplas propostas dispostas a tratar da definição lexicográfica que, apesar apresentarem diferenças entre si, possuem como característica comum o fato de estarem alicerçadas em uma teoria de cunho estruturalista.

Lyons (1963, p. 67-68), ao tratar da escola estruturalista, defende a ideia de que uma análise semântica de uma determinada língua deve partir de uma aproximação estrutural, pois "cada língua deve ser considerada como tendo a sua própria estrutura semântica, tal como tem a sua própria estrutura gramatical e fonológica". O autor se baseia no fenômeno do anisomorfismo semântico entre diferentes línguas para defender a hipótese de que a cultura desempenha um papel fundamental na linguagem de uma determinada sociedade, e que, por isso, a cultura de uma língua particular será sempre refletida no seu vocabulário, gerando uma *sobreposição cultural* em maior ou menor grau durante a comparação entre duas sociedades (Lyons, 1963, p. 73). Lyons retoma a hipótese fraca de Sapir-Whorf[23], que postula que "é através dessa sobreposição cultural que se faz a entrada no sistema semântico de outra língua, quer ao aprendê-la como uma segunda língua, quer para o fim de investigação científica do seu vocabulário" (Lyons, 1963, p. 74).

Lyons conclui que, uma vez que o aprendiz/pesquisador de determinada língua penetre no sistema da mesma através da identificação de itens na área de sobreposição cultural, ele poderá construir e modificar o seu conhecimento a respeito da língua a partir dessa visão interna do sistema, se informando a respeito das relações que operam entre os itens da língua em seus diversos contextos de uso (Lyons, 1963, p. 77). No que tange a Lexicografia, a proposta apresentada por Lyons (1963), portanto, só poderia ser aplicada em línguas isoladas, ou seja, a definição lexicográfica constituiria um mecanismo que aborda somente as relações de significado inerente à estrutura interna da

[23] A hipótese de Sapir-Whorf (tanto a *forte* como a *fraca*) será exposta e discutida de acordo com os propósitos do presente trabalho no capítulo seguinte, quando pretendemos abordar os postulados acerca do relativismo linguístico.

língua, sendo impossível traçar paralelos entre línguas diferentes ou estabelecer universais semânticos. Reflexões que vão contra esta proposta e suas consequência no âmbito lexicográfico serão apresentadas no terceiro capítulo deste trabalho.

Outra proposta de análise cujas bases também se encontram na teoria estruturalista diz respeito aos postulados de Coseriu (1977) para o estabelecimento de uma semântica estrutural. Segundo o autor, uma abordagem de tal sorte à linguagem só é possível se aplicada ao que ele denomina *língua funcional*. Por *língua funcional* se entende uma língua mais ou menos unitária dentro de uma língua histórica, ou seja, uma determinada variedade interna dessa língua histórica (COSERIU, 1977, p.12). Coseriu (1977, p. 119) aponta três tipos de variedades que estão inseridas em uma língua histórica: variedades diatópicas (diferenças no espaço geográfico), variedades diastráticas (diferenças entre os níveis sócio-culturais da comunidade linguística) e variedades diafásicas (diferenças entre estilos de linguagem). Uma vez que cada língua histórica é formada por diversas línguas funcionais, o autor parte do princípio que a descrição estrutural de uma língua histórica é impossível, cabendo apenas às línguas funcionais isoladas a possibilidade de serem descritas. Para Coseriu (1977, p. 119), portanto, "uma língua histórica nunca é *apenas um* 'sistema linguístico', e sim um 'diassistema'"[24]. É nesse sentido que, para o autor, o objeto ideal da lexicologia estrutural é a língua funcional (COSERIU, 1977, p.122).

Os postulados aqui expostos demonstram um pouco da contribuição que a semântica estrutural vem trazendo para a Lexicografia ao longo das tentativas de teorização a respeito da definição lexicográfica. As paráfrases apresentadas até agora, retiradas de AuE (2044), MiE (2001) e HouE (2001), fundamentam-se em postulados defendidos pelo modelo estruturalista, tais como o *modelo de condições necessárias e suficientes*[25], e são amplamente utilizadas na maioria dos dicionários ao qual temos acesso[26]. Trata-se de uma abordagem semântica que trata de uma semântica da linguagem, não de uma semântica dos referentes no mundo, ou seja, uma semântica que

[24] [Una lengua histórica no es nunca *un solo* "sistema lingüístico", sino un "diasistema."]
[25] A exposição deste modelo de categorização, bem como uma discussão a respeito de suas limitações, será feita no terceiro capítulo do presente trabalho, onde apresentaremos, também, a proposta da Semântica Cognitiva que busca contornar os problemas concernentes a esta visão clássica de categorização.
[26] Conforme aponta Farias (2009b), as paráfrases conhecidas por *genus proximum + differentiae specificae*, amplamente utilizadas pelas obras aqui analisadas, fundamentam-se no modelo das condições necessárias e suficientes, ao passo que as *whole-sentence definitions* estão fundamentadas na Teoria dos Protótipos.

busca estudar o significado através da reflexão sobre a organização particular que cada língua apresenta, desconsiderando o quanto fatores externos à linguagem possam influenciar no significado[27].

No entanto, a abordagem semântica citada acima não constitui a única vertente teórica do estudo do significado a se preocupar com a definição lexicográfica. Conforme será apresentado com maior detalhamento no capítulo seguinte, o modelo semântico proposto pela Semântica Cognitiva traz para o plano dos estudos do significado questões que perpassam a linguagem, envolvendo também os processos cognitivos que regem o pensamento humano. Trata-se, portanto, de uma proposta que busca chamar atenção para a importância que o conhecimento enciclopédico (ou *conhecimento do mundo* ou *das coisas*) assume diante do conhecimento linguístico, uma vez que, segundo esta visão, é impossível separar um do outro. É nesse sentido que as *whole-sentence definitions* constituem um expoente de paráfrases explanatórias ancoradas no modelo semântico-cognitivo da linguagem, uma vez que este tipo de paráfrase tem por característica definir a palavra-entrada colocando-a em um contexto (ou seja, trazendo para o plano da definição também o conhecimento enciclopédico).

Um exemplo da aplicabilidade da Semântica Cognitiva nos estudos lexicográficos pode ser encontrado na proposta trazida por Geeraerts (2003), que também se inclina a trazer para o âmbito dos estudos semânticos discussões pertinentes à geração de paráfrases explanatórias. Em Geeraerts (2003), o autor chama a atenção para o fato de o lexicógrafo se deparar com diversas escolhas ao desenvolver o seu trabalho, e que essas escolhas serão cruciais para o resultado final. As escolhas apontadas por Geeraerts (2003) dizem respeito ao modo como os lexicógrafos optam por descrever os diversos fenômenos semânticos com os quais se deparam (a saber: informação semasiológica *versus* informação onomasiológica; sentido denotacional *versus* sentido emotivo, gramatical, pragmático; intensão *versus* extensão), o que justifica o título do seu trabalho, *meaning and definition*. Para o autor, o significado [*meaning*] e a definição [*definition*] são dois âmbitos distintos de fenômenos e cabe ao lexicógrafo cruzar as informações desses dois âmbitos e escolher, dentre a variada gama de opções que dispõe a teoria lexicográfica, aquela que melhor se emprega diante de

[27] Podemos utilizar, aqui, a noção de uma semântica intensional em oposição a uma semântica extensional.

determinado fenômeno semântico. Os exemplos abaixo ilustram um pouco do que aqui foi exposto:

ciúme [...]1 estado emocional complexo que envolve um sentimento penoso provocado em relação a uma pessoa de que se pretende o amor exclusivo; receio de que o ente amado dedique seu afeto a outrem; zelo (mais us. no pl.)

Figura 37: verbete do item lexical *ciúme* em HouE (2001)

pálido [...] 1.Diz-se da pele (esp. Da tez) descorada.

Figura 38: verbete do item lexical *pálido* em AuE (2004)

res.pi.rar [...] 1 *Fisiol* Exercer a função da respiração; receber e expelir, alternadamente, o ar por meio do movimento dos pulmões.

Figura 39: verbete do item lexical *respirar* em MiE (2001)

Para fins de ilustração, apresentamos três palavras de natureza distinta, a saber: um substantivo que remete a um estado emocional, um adjetivo referente a uma característica física, e um verbo que remete a uma das ações mais básicas dos seres vivos[28]. Não se pretende, aqui, julgar se as paráfrases explanatórias estão bem formuladas ou não, e sim chamar a atenção para o fato de, por se referirem a entidades muito diferentes, e por pertencerem a classes gramaticais também diferentes, as paráfrases de cada um dos vocábulos aqui elencados possuem formas distintas de redação.

É nesse sentido que Geeraerts conclui que "algumas técnicas de definição convém mais a um tipo específico de informação" (GEERAERTS, 2003, p. 92)[29]. A proposta apresentada por Geeraerts (2003) vai ao encontro do que foi discutido na seção 2.1.4.1 do presente trabalho, onde postulamos que signos-lema diferentes devem apresentar estruturações distintas em seus PCIs. O autor demonstra, portanto, que uma teoria da definição jamais poderia partir de uma fórmula pré-concebida que pudesse ser aplicada de forma homogênea a todos os verbetes do dicionário. Uma teoria da definição deveria estar alicerçada tanto na identificação dos principais fenômenos

[28] A diferença intrínseca entre as definições das palavras aqui apresentadas não ocorre por acaso, podendo ser explicada em virtude das *classes de palavras* a qual pertencem (adjetivos, substantivos, verbos etc.). A existência de diferentes *categorias gramaticais* possibilita que estas classes de palavras apresentem variações nas suas formas em circunstâncias gramaticais diferentes (TRASK, 2004, *s.v.*). No Português, por exemplo, a classe de palavras dos substantivos é afetada pela categoria gramatical do número, fazendo com que sempre usemos os substantivos ou no plural ou no singular, obrigatoriamente.

[29] [Some definitional techniques are most suited for a specific type of semantic information.]

semânticos como também nas técnicas descritivas oferecidas pela teoria metalexicográfica.

Uma publicação mais recente que vai ao encontro das considerações de Geeraerts (2003) diz respeito à proposta trazida por Atkins; Rundell (2008) no tratamento da definição, que também se faz de grande proveito para a discussão aqui levantada. Para os autores, as definições devem se diferenciar baseadas em seu público-alvo, e devem ser formuladas com base em dois parâmetros: o conteúdo e a forma (ATKINS; RUNDEL, 2008, p.407). Os autores definem o conteúdo como "a informação que a definição inclui"[30] e a forma como "as palavras e as estruturas usadas para conduzirem essa informação"[31] (ATKINS; RUNDEL, 2008, p.407). Conforme o que foi exposto anteriormente a respeito dos elementos norteadores de uma teoria da definição, pode-se relacionar a noção de *conteúdo* trazida pelos autores à adoção de uma teoria semântica (cálculo de informação) e a noção de *forma* à adoção de um modelo sintático (sintaxe da definição). Nesse caso, como se pode notar, faltaria, ainda, a eleição de um modelo de paráfrase explanatória. Porém, ao tratarem do conteúdo da definição, os autores também chamam a atenção para o fato de algumas palavras serem melhores definidas por uma técnica definitória em detrimento de outras (ATKINS; RUNDEL, 2008, p.430), o que torna a proposta trazida pelos autores complementar e favorável ao que postulamos aqui em relação à redação de paráfrases explanatórias.

As considerações trazidas até agora nos levam a crer que um verbete de cor só terá chances de ser satisfatório se seguir uma estruturação própria, formulada especificamente para vocábulos deste tipo, que forneça, da melhor maneira possível, as informações necessárias para a definição de uma cor. Em relação às paráfrases explanatórias, retomamos, aqui, as considerações de Bugueño (2009a), em que o autor postula a necessidade de cruzamento de três variáveis na construção de definições lexicográficas funcionais: 1) a opção por um tipo de paráfrase explanatória; 2) um *pattern* sintático a ser escolhido e 3) a adoção de uma teoria semântica, sendo que a primeira dessas variáveis (a opção por um tipo de paráfrase explanatória) deve, segundo o autor, estar fundamentada em dois parâmetros: a perspectiva do ato da comunicação e a metalinguagem empregada (BUGUEÑO, 2009a, p.244).

[30] [The information which the definition includes.]
[31] [The words and structures used for conveying this information.]

Em relação à perspectiva do ato da comunicação, o autor apresenta a perspectiva semasiológica, em que, segundo o autor, a paráfrase procura representar o conteúdo da significação, e a perspectiva onomasiológica,em que ocorre o caminho inverso, ou seja, "a um determinado conteúdo sêmico atribui-se uma entidade (fonológica) que o designa" (BUGUEÑO, 2009a, p. 251). A elucidação destas duas perspectivas será de extrema importância para os propósitos deste trabalho, conforme será apresentado no quarto e último capítulo, fato que justifica a sua exposição neste momento.

De acordo com a perspectiva semasiológica, Bugueño (2009a) distingue dois tipos de paráfrases: a paráfrase analítica (onde há a reescrita do conteúdo da palavra que se almeja definir) e a paráfrase sinonímica (onde a reescrita de uma palavra ocorre através da substituição desta palavra por outra). Para o autor, no entanto, a paráfrase sinonímica pode ser também considerada uma classe de relação onomasiológica, visto que o conteúdo da significação permanece oculto neste tipo de paráfrase, pois não há uma explanação do mesmo, e sim o oferecimento de um equivalente (BUGUEÑO, 2009a, p250).

Assim, na perspectiva onomasiológica, o autor apresenta a paráfrase sinonímica como sendo também um possível expoente desta perspectiva do ato de comunicação. Outro tipo de definição apresentado pelo autor é a substituição ostensiva, que não está associada a uma reescrita do conteúdo, e sim à apresentação de elementos iconográficos como forma de levar ao consulente a informação desejada (BUGUEÑO, 2009a, p.251).

O segundo parâmetro apontado por Bugueño (2009a) em relação à taxonomia de paráfrases explanatórias está relacionado à metalinguagem empregada pela própria paráfrase. De acordo com o autor, a paráfrase pode valer-se de uma metalinguagem do conteúdo, onde há uma reescrita do conteúdo da significação, ou, então, uma metalinguagem do signo, onde a paráfrase instrui o consulente a respeito do uso, aplicação e emprego do vocábulo definido. Em relação a este segundo tipo de metalinguagem, o autor apresenta uma subclassificação, segundo a qual a paráfrase pode ser por indicação de uso (exposição das funções e condições de uso do vocábulo) ou por metalinguagem do signo extensional (indicação de unidades extralingüísticas referentes ao vocábulo) (BUGUEÑO, 2009a, p. 252-253).

Analisando um verbete de cor e utilizando a taxonomia acima proposta, foi possível observar que o dicionário procura elucidar as tonalidades de cor das mais

diversas formas, ou seja, valendo-se de diferentes tipos de paráfrases explanatórias. Segue, abaixo, a constatação deste fato:

amarelo s.m. (944 cf. JM[3]) **1** a cor da gema de ovo, do açafrão, do ouro **2** ÓPT cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática cujo comprimento de onda é da ordem de 577 a 597 nanômetros [Sensação equivalente pode ser produzida por outros meios.] **3** substância us. para tingir de amarelo **4** tinta amarela **5** homem de raça amarela **6** B indivíduo que sofre de impaludismo **7** B pej. indivíduo pálido **8** CE m.q. [2]**amarelinha** **9** ANGIOS m.q. **vinhático-do-campo** (Plathymenia foliolosa) **10** ANGIOS m.q. **cuspária** (Cusparia trifoliata) **11** ANGIOS m.q. **pau-amarelo** (Enxylophora paraensis) adj. **12** que tem a cor da gema de ovo, do açafrão, do ouro; louro, fulvo, dourado **13** diz-se dessa cor <fazenda de cor a.> **14** que se descorou ou perdeu a cor; desmaiado, pálido **15** fig. que se manifesta de maneira forçada, sem espontaneidade; contrafeito <riso a.> amarelos s.m.pl. **16** guarnições, fechos ou objetos de metal amarelo (latão, cobre etc.) <lustrar os a.> a. do ovo a parte central dos ovos das aves; gema rir ou sorrir a. sorrir de maneira contrafeita, forçada <diante de tantas provas a condená-lo (sor)riu a.> ETIM b.-lat. hispânico amarellus, dim. do lat. amárus,a,um 'amargo', prov. aplicado à palidez dos que padeciam da icterícia, por ser enfermidade causada por transtorno da secreção biliar ou humor amargo; ver amar-; f.hist. 944 amarelo antr., 1132 amarelam, sXIII amarelo, sXIV amarello, sXV amarelho SIN/VAR como adj.: alourado, atrigado, atrigueirado, flavo, gema, gemado, lauro, louro, melgaço, trigueiro; como subst.: ver sinonímia de [2]amarelinha HOM amarelo(fl.amarelar) noção de 'amarelo', usar antepos. cirr(o)-, flav-, icter(i/o)-, lute(i)-, lut(i)-, ocr(i/o)- e xant(o)-; pospos. -juba

Figura 40: verbete do item lexical *amarelo* em HouE (2001)

Marcamos em amarelo somente as paráfrases explanatórias que almejam definir a tonalidade amarela. Observando e estudando tais paráfrases identificamos a ocorrência de diversos tipos de definições entre este grupo de paráfrases. Observamos a ocorrência de paráfrase explanatória analítica por metalinguagem do signo extensional (“a cor da gema do ovo, do açafrão, do ouro” e “que tem a cor da gema do ovo, do açafrão, do ouro”), paráfrase explanatória analítica por metalinguagem do conteúdo (“cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática cujo comprimento de onda é da ordem de 577 a 597 nanômetros”), paráfrase explanatória sinonímica por metalinguagem do signo extensional (“louro, fulvo, dourado”) e paráfrase explanatória analítica por indicação de uso (“diz-se dessa cor”).

Conforme foi discutido no primeiro capítulo deste trabalho, embora o dicionário tenha utilizado os mais diversos tipos de paráfrases para definir as cores, que foi comprovado, aqui, pelo enquadramento da taxonomia proposta por Bugueño (2009a) nas paráfrases de HouE (2001), fica evidente que nenhuma das paráfrases utilizadas é satisfatória para os propósitos aqui apresentados, ou seja, definir uma cor.

Além disso, também questionamos até que ponto os dicionários analisados neste trabalho se valem de uma teoria lexicográfica para a redação das suas paráfrases explanatórias e até que ponto esta prática é feita de modo meramente intuitivo. Ao que tudo indica, as diversas paráfrases referentes à definição de cores expostas logo acima não resultam de um modelo de redação de paráfrases baseado em postulados da teoria lexicográfica, e sim de uma série de tentativas de reescrita de uma tonalidade desprovidas de qualquer fundamentação teórica.

Estamos diante, portanto, de dois problemas: primeiramente, o pouco que uma possível teoria da definição poderia contribuir para com as paráfrases explanatórias de vocábulos de cor e, em segundo lugar, ainda que uma proposta de tal sorte trouxesse contribuições efetivas, o fato de os dicionários desconsiderarem esta proposta. Diante da constatação de que nenhuma das tantas paráfrases explanatórias utilizadas cumprem de maneira satisfatória o seu papel dentro da obra lexicográfica, somos levados a crer que o principal problema que circunda a definição de uma cor repousa muito mais na natureza deste objeto, que possui limitações em relação à sua definição, do que na teoria lexicográfica propriamente dita.

2.3 OS EXEMPLOS

Conforme foi salientado anteriormente, as paráfrases explanatórias e os exemplos constituem dois segmentos informativos de grande importância para o tipo de obra aqui analisado. Uma vez expostos os diversos problemas concernentes às paráfrases explanatórias relacionadas à definição de cores e a eminente necessidade de segmentos informativos complementares a estas paráfrases, nos voltamos para os exemplos com o intuito de melhor discutir em que medida este segmento informativo poderia servir de instrumento auxiliar às definições de cores, proporcionando, assim, um esclarecimento melhor ao consulente a respeito da significação dos vocábulos de cores.

Em relação ao caráter informativo que um exemplo pode apresentar, Laufer (2008, p. 213) postula que, enquanto os diversos segmentos do PCI fornecem tipos diferentes de informação acerca de determinada unidade léxica (tais como pronúncia, comportamento sintático, significado etc.), o exemplo consegue reunir grande parte da informação que o consulente precisa saber sobre esta unidade. Para o autor, isso acontece porque “um uso correto e natural de uma palavra em uma frase, ou várias

frases, necessariamente trará características gramaticais, semânticas, pragmáticas e colocacionais da palavra" (LAUFER, 2008, p. 213)[32]. Trata-se, portanto, de um segmento que tem o potencial de fornecer uma série de informações através do posicionamento da palavra em um contexto de uso. As considerações trazidas por Laufer (2008) dizem respeito à função decodificadora dos exemplos, ou seja, ao papel auxiliar de esclarecimento da significação das palavras que os exemplos podem assumir. Este tipo de exemplo é classificado por Farias (2008) como exemplo para compreensão. Paralelamente aos exemplos para compreensão, se encontram os exemplos para produção, que conforme o próprio nome já sugere, seriam aqueles auxiliares na produção linguística do consulente (FARIAS, 2008, p. 104). A discussão aqui proposta enfocará apenas o exemplo como elemento auxiliar à compreensão, tendo em vista que o presente trabalho repousa na discussão a respeito da elucidação, ou seja, compreensão, de vocábulos de cores em dicionários semasiológicos.

Tendo em vista a importância singular que as paráfrases explanatórias ocupam nos dicionário de orientação semasiológica, Farias (2008, p. 105) acredita que os exemplos para a compreensão só serão pertinentes no verbete caso a paráfrase explanatória não consiga, por si só, oferecer ao consulente uma definição satisfatória da unidade léxica em questão. Para avaliar a pertinência dos exemplos nas obras analisadas, Farias (2008, p.106) diferencia dois tipos de paráfrases definidoras: as *paráfrases transparentes*, que são esclarecedoras ao consulente, e as *paráfrases opacas*, que apresentam problemas quanto ao cumprimento da sua função. Ainda segundo a autora, as paráfrases opacas podem ser de dois tipos: *paráfrases opacas deficitárias*, que possuem problemas na sua formulação pela falta de critérios durante a sua redação, ou seja, são paráfrases mal redigidas, mas que podem ser aprimoradas, e *paráfrases opacas propriamente ditas*, que procuram definir unidades léxicas cuja dificuldade de definição é inerente à sua natureza e que, por isso, dificilmente poderão ser aprimoradas a ponto de chegarem a um resultado plenamente satisfatório.

Nas considerações de Farias (2008, p. 106), somente as paráfrases opacas propriamente ditas requereriam exemplos, visto que os mesmos se colocariam em uma relação de complementaridade com a paráfrase, trazendo para o consulente um segmento informativo extra para melhor elucidar o que a paráfrase não é capaz de fazer

[32] [a correct and natural use of a word in a sentence , or several sentences, will necessarily bring out the grammatical, semantic, pragmatic and collocational characteristics of the word]

sozinha. Neste sentido, o exemplo torna-se imprescindível apenas nos casos em que for impossível oferecer ao consulente uma definição satisfatória. Para fins de ilustração, seguem alguns exemplos:

Paráfrases opacas deficitárias:

es.pir.rar [...]1 Dar espirros.

Figura 41: verbete do item lexical *espirrar* em MiE (2001)

maquiagem [...] 1.Ato ou efeito de maquiar(-se); pintura.2.O conjunto dos produtos de beleza, como base (4), pó-de-arroz, ruge, batom, sombra, rímel, etc., utilizados para maquiar.

Figura 42: verbete do item lexical *maquiagem* em AuE (2004)

Paráfrases opacas propriamente ditas:

sa.mam.bai.a [...] 1 Nome vulgar de diversos fetos das famílias Polipodiáceas, Maratiáceas e outras. 2 Planta bromeliácea (*Tillandsia usneoides*). *S.-chorona*: planta polipodiácea ornamental (*Polypodium subauriculatum*); samambaia-paulista. *S.-cumaru*: planta polipodiácea (*Polypodium brasiliense*). *S.-do-brejo*: planta maratiácea (*Marattia cicutaefolia*). S.-douradinha: outro nome da *douradinha. S.-paulista*: o mesmo que *samambaia-chorona. Var: sambambaia.*

Figura 43: verbete do item lexical *samambaia* em MiE (2001)

baleia [...] 1.Zool. Nome comum a cetáceos de corpo fusiforme, hidrodinâmico, com nadadeira caudal horizontal, orifício(s) respiratório(s) no alto da cabeça, membros anteriores modificados em nadadeiras e os posteriores ausentes; são adaptados exclusivamente à vida aquática e dividem-se em dois grupos principais: as providas de barbatanas (misticetos) e as providas de dentes (odontocetos).

Figura 44: verbete do item lexical *baleia* em AuE (2004)

uva [...] 1 fruto da videira, uma baga ovóide ou elipsóide, verde, rosada, rubra, azulada ou preta, ger. doce e mais ou menos ácida, comestível ao natural e tb. como passa, em geléias, doces e refrescos, e de que se fazem o vinho e o vinagre.

Figura 45: verbete do item lexical *uva* em HouE (2001)

Nos exemplos de paráfrases opacas deficitárias apresentados, é possível observar duas características passíveis de serem reavaliadas, o que contribuiria para a elucidação destas definições, convertendo tais paráfrases opacas deficitárias em paráfrases transparentes. Primeiramente, trata-se da utilização, na paráfrase explanatória, de um substantivo que deriva do verbo que se almeja definir. A utilização de *espirro* na definição de *espirrar* pouco contribuiria ao consulente que não soubesse o significado de *espirro*, pois o obrigaria a percorrer o dicionário em busca de *espirro* para, então,

entender o que é *espirrar*. A necessidade de migrar de um verbete a outro para tomar conhecimento de determinada significação não invalida *a priori* a qualidade de uma paráfrase explanatória, visto a grande importância que a medioestrutura possui em um dicionário e as importantes contribuições que o sistema de remissivas traz para o mesmo. No entanto, acreditamos que se existe a possibilidade de se oferecer de modo satisfatório ao consulente a informação que ele procura sem obrigá-lo a percorrer outros verbetes, o dicionário deve assim proceder. No caso específico de *espirro*, acreditamos que a utilização de uma *whole-sentence definition,* que tem a característica de colocar a palavra em um contexto, definindo-a através do uso (LANDAU, 2001, p.179), poderia trazer as informações necessárias ao consulente para o entendimento da palavra sem que fosse obrigatória a consulta a outro verbete do dicionário.

Em relação ao item *maquiagem* apresentado por AuE (2004), além de ser identificada a mesma característica passível de crítica encontrada na definição anterior, ou seja, o uso do verbo *maquiar* para definir *maquiagem*, é também possível identificar um problema no viés extensional da definição, ou seja, na listagem dos itens que fazem parte da categoria *maquiagem.* Nesse caso, trata-se de um problema de atualização do dicionário, uma vez que os itens *pó-de-arroz* e *ruge* não vigoram mais entre os itens prototípicos de produtos de beleza[33].

Em relação às paráfrases opacas propriamente ditas, são apresentados três exemplos considerados por Farias (2009b) elementos cuja definição é inerente à sua natureza: plantas, animais e frutos. Apesar das paráfrases poderem ser aprimoradas, a natureza dos vocábulos definidos impossibilita ao lexicógrafo chegar a uma paráfrase explanatória totalmente transparente, o que leva à conclusão de que esses tipos de palavras requereriam complementos às suas paráfrases explanatórias, tais como exemplos. Frente ao que foi exposto nesta seção e na seção anterior, é possível classificar as paráfrases relativas a tonalidades de cores como paráfrases opacas propriamente ditas. Trata-se, portanto, de paráfrases que, embora ainda possam ser aprimoradas, nunca chegarão a ser paráfrases transparentes na sua função de informar ao consulente a tonalidade de uma cor, requerendo, portanto, o auxílio dos exemplos.

Apesar da pertinência dos exemplos para este tipo de paráfrases, constatamos que os mesmos, quando utilizados, não parecem ser explorados de forma correta pelos

[33] Uma exposição mais detalhada a respeito da concepção de categorias dotadas de exemplares mais representativos que outros será feita no terceiro capítulo deste trabalho, dedicado à apresentação de alguns aspectos da Semântica Cognitiva.

dicionários aqui analisados. Em MiE (2001), observamos a total ausência de exemplos nos verbetes de cores analisados. Em HouE (2001) e AuE (2004), apesar do exemplo vigorar como um segmento informativo vigente no PCI dos verbetes de cores, ele não é utilizado de uma maneira satisfatória para os propósitos deste trabalho. Vejamos a seguir:

verde /ê/ *s.m.* (960 cf. JM[3]) **1** a cor da relva **2** ÓPT cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática cujo comprimento de onda é da ordem de 492 e 577 nanômetros [Sensação equivalente pode ser produzida por outros meios.] **3** *p.met.* a vegetação, as plantas em geral ou de determinado lugar *<o v. de nossa terra> <gosta de fazer caminhadas em meio ao v.>* **3.1** a vegetação dos locais não alterados ou pouco modificados pela ação humana e que abrigam por isso diversas outras espécies vivas **4** *p.ext.* a paisagem natural, o domínio da vida selvagem *<é preciso preservar o v.>* **5** *p.metf.* pensamento, doutrina ou modo de agir que tem como preocupação ou interesse principal o equilíbrio ecológico do meio ambiente *<o v. está cada vez mais presente nos debates políticos>* **6** (1552) *p.met.* forragem verde para alimentar o gado; ferrã **7** (1899) *B N.E. GO* a estação das chuvas **8** *MG* brotamento de pastagem após uma queimada seguida de chuvas **9** *RS* mate amargo, chimarrão □ *adj.2g.* **10** que tem a cor da relva **11** diz-se dessa cor **12** cuja cor-pigmento se obtém misturando amarelo e azul **13** vivo, cheio de seiva *<pastos v.>* □ p.opos. a *seco* **14** que ainda não amadureceu *<fruta v.>* **15** *p.metf.* a que falta vivência, experiência *<novos alunos ainda muito v.>* **16** (sXIV) *p.metf.* que tem o frescor, o viço, a energia do que é novo ou do que se inicia *<os v. anos da adolescência>* **17** relativo ou pertencente a local ou terreno que apresenta vegetação (cultivada ou em estado selvagem) em extensão ou proporção relativamente grande *<cinturão v.> <uma cidade com poucas áreas v.>* **18** relativo ou pertencente ao cultivo de plantas, esp. à agricultura ou horticultura (no que diz respeito a técnicas, problemas, política etc.) ou, p.ext., à jardinagem *<revolução v.> <o setor v. da produção>* **19** relativo ou pertencente à preservação de ecossistemas e recursos naturais (esp. flora e fauna) **19.1** *p.ext.* relativo à defesa do equilíbrio ecológico do meio ambiente; relativo aos esforços ou organizações (políticas, econômicas, técnicas, de opinião pública etc.) em favor da proteção à natureza contra ações humanas predatórias *<legislação v.> <ética v.>* **20** que segue, respeita ou atenta para critérios ou padrões que levam em conta a qualidade não poluída ou não poluente de um produto (ou seu processo de produção), de um serviço etc. *<mercadorias v. já são encontradas em supermercados> <consumidor v.>* **21** *p.metf.* em seu início *<a primavera ainda está muito v.>* **22** fresco, não salgado *<carne v.>* **23** *p.metf.* difícil de suportar; atroz, penoso *<sentiu-se tomar por v. azedume>* □ *adj.2g.s.2g.* **24** que ou aquele que participa de movimento, grupo ou partido político que prega ou tem por objetivo a defesa do meio ambiente contra desequilíbrios ecológicos, e/ou a preservação de ecossistemas naturais *<os (candidatos) v. conquistaram várias cadeiras no parlamento>* **25** *p.ext.* que ou aquele que é a favor da defesa do meio ambiente ou apóia a doutrina, ação ou política de um grupo que tem esse objetivo *<eleitor v.> <foi eleito com os votos dos v.>* □ *adj.2g.s.m.* ENOL **26** diz-se de ou vinho branco, tinto ou palhete dotado de efervescência natural, fabricado com uvas colhidas cedo nas regiões do Minho e Douro (Portugal) *<beber um bom vinho v.> <os v. da casta alvarinho>* □ jogar v. *fraseol.* m.q. ***plantar verde para colher maduro*** □ plantar v. para colher maduro *fraseol.* sondar habilmente alguém, dizendo algo que provoque uma confissão ou uma informação que não conseguiria com uma indagação franca; jogar verde □ ETIM lat. *virìdes,e* 'verdejante, planta ou mato que é verde, a cor verde', p.ext. 'o que é recente, o que é forte, o que tem vida e está em pleno vigor da idade'; ver *ver(d)-*; f.hist. 960 *uerde*, sXIII *verde*, sXIV *uerdes* adj. □ SIN/VAR ver sinonímia de *novo* e *vicejante* e antonímia de *experiente* □ ANT amadurecido, maduro; ver tb. antonímia de *novo* e sinonímia de *experiente* □ noção de 'verde', usar *antepos.* ver(d)-; *pospos.* -obi; 'verde pálido', usar *antepos.* clor(o)-, prasi(o)- e pras(o)-

Figura 46: verbete do item lexical *verde* em HouE (2001)

verde (ê) [Do lat. *viride*.] Adjetivo de dois gêneros. 1.Da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores; da cor da esmeralda: "Verdes, na verde mata, embalançam-se as ramas" (Olavo Bilac, *Poesias*, p. 269). 2.Diz-se dessa cor: *vestido de cor verde*. 3.V. *verdejante*. 4.Diz-se da planta que ainda tem seiva. 5.Diz-se da fruta que ainda não está madura. 6.Diz-se da madeira que não está seca. 7.Muito pálido: *Ficou verde de susto*.8.Fig. Tenro, fraco, delicado. 9.Fig. Relativo aos primeiros anos de existência: "Lá se perdia ele para sempre, assim como estes meus verdes anos que em vão procuro reter." (José Lins do Rego, *Meus Verdes Anos*, p. 351.) 10.Coberto de vegetação (nativa ou cultivada): *área verde; cinturão verde*. 11.Relativo à preservação dos recursos naturais e do equilíbrio ecológico (q. v.), ou às ideias ou ações políticas, econômicas, administrativas, dos que defendem esta preservação: *partido verde; legislação verde*. 12.Relativo ao uso ou à aplicação de princípios ou técnicas não-poluentes de exploração dos recursos naturais: *O mercado de produtos verdes vem crescendo nos países desenvolvidos*. 13.Relativo ao, ou que é partidário ou simpatizante do PV (Partido Verde) [v. *verde* (11)]. ~ V. *algas —s, área —, bode —, caldo —, carne —, cinturão —, Inferno —, luz —, marketing —, ouro —, pano —, raio —, sinal —, tapete —* e *vinho —*. Substantivo masculino. 14.A cor verde em todas as suas gradações [v. *cor* (ô) (3)]: "A cana, de um verde doce, estendendo-se pelo baixio, longa e ondulante faixa que acompanha a linha da estrada" (Juarez Barroso, *Mundinha Panchico e o Resto do Pessoal*, p. 10). 15.Fís. No espectro visível (q. v.), a cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda situado, aproximadamente, entre 510 e 575 nanômetros. 16.A vegetação, as plantas verdes; verdor, verdura: *Há falta de verde nas grandes cidades*. 17.Os recursos vegetais em geral, esp. aqueles que formam ecossistemas naturais, ou os encontrados em áreas em que ainda não houve interferência sensível das atividades humanas: *preservar o verde*. 18.P. ext. O meio ambiente; a natureza. 19.Bras. Alimentos verdes para o gado. 20.Bras. N.E. GO A estação chuvosa. 21.Bras. MG Pastagem que rebenta nos campos após a queima dos pastos e as primeiras chuvas. 22.Bras. PR RS Mate amargo; chimarrão. 23.Bras. AL Verdete us. para matar formigas. Substantivo de dois gêneros. 24.Bras. V. *integralista* (2). 25.Bras. Membro do Partido Verde, ou simpatizante dele. Cair no verde. 1. Bras. RJ Gír. Fugir para o campo; esconder-se no mato. Jogar verde. 1. Plantar verde para colher maduro. Plantar verde para colher maduro. 1. Estimular alguém mediante perguntas hábeis, dissimuladas, a fazer uma declaração, contar um fato; jogar verde.

Figura 47: verbete do item lexical *verde* em AuE (2004)

Nos verbetes acima, estão destacados todos os exemplos apresentados pelos dicionários, independente de serem relacionados a definições da tonalidade verde ou não. A análise de HouE (2001) permite observar que nenhum dos exemplo oferecidos pelo dicionário se relaciona à tentativa de definição do vocábulo *verde* em referência à tonalidade, ainda que as paráfrases explanatórias voltadas para esta função não sejam, de fato, esclarecedoras. Conforme pode ser observado, exemplos de HouE (2001) limitam-se a exemplificar as extensões do significado de *verde*, que constituem variações polissêmicas da palavra, tais como *vegetação*, *imaturo*, *ecológico* ou *fresco*. A maioria das paráfrases relativas a estas polissemias, no entanto, são paráfrases transparentes, que não necessitariam de exemplos complementares para o seu entendimento, conforme foi exposto logo acima. Uma crítica passível de se fazer a HouE (2001) em relação a apresentação de exemplos em verbetes de cores, portanto, é que este dicionário apresenta a seu consulente um segmento informativo desnecessário

em certo momento , e, ao mesmo tempo, omite este mesmo segmento no momento em que ele se faz pertinente.

AuE (2004), diferentemente de HouE (2001), procura apresentar exemplos também nas definições relativas à tonalidade verde. Estes exemplos, no entanto, estão mais voltados para elucidar a forma de uso da palavra *verde* quando caracterizada como um adjetivo ou como um substantivo, do que para definir a qual tonalidade do espectro cromático a palavra faz menção. AuE (2004), portanto, parece estar mais preocupado em fornecer exemplos que marquem a diferença existente entre o substantivo *verde* e o adjetivo *verde*, como a diferença entre *vestido verde* e *o verde do vestido*, do que apresentar exemplos que ajudem a esclarecer a qual tonalidade a palavra *verde* está relacionada. Neste sentido, constatamos que os exemplos trazidos por AuE (2004) se revelam pouco funcionais para os propósitos deste trabalho.

As considerações aqui trazidas corroboram com Farias (2008, p. 102), que postula que a qualidade da obra lexicográfica não pode ser verificada apenas pelo tipo de informação oferecida por esta obra, e sim pela funcionalidade desta informação. Assim, o fato de apresentarem exemplos em seus verbetes de cores não torna HouE (2001) e AuE (2004) superiores a MiE (2001), visto que os exemplos apresentados não constituem segmentos muito funcionais dentro do verbete. A conclusão a que eminentemente chegamos, portanto, é que o segmento informativo aqui tratado não recebe o tratamento adequado por nenhuma das três obras analisadas no que diz respeito à definição de cores como tonalidades. Bem como deve ser feito com as paráfrases explanatórias, discutido na seção anterior, os exemplos também devem passar por uma reformulação, baseada em parâmetros específicos aos propósitos aqui traçados, a fim de converter os exemplos relativos às tonalidades de cores em uma informação funcional dentro da obra lexicográfica.

Neste capítulo, procuramos frisar a importância que cada segmento informativo deve assumir dentro de um verbete para que o dicionário consiga cumprir com a sua função junto ao consulente. Estas considerações serão de grande utilidade para a construção da nossa proposta de tratamento lexicográfico a vocábulos de cores em dicionário semasiológicos, que apresentaremos no quarto capítulo deste trabalho.

3 **A LINGUÍSTICA COGNITIVA E AS CORES**

O presente capítulo traz uma visão geral da Linguística Cognitiva, com especial atenção na Semântica Cognitiva, abordagem semântica escolhida para nortear este trabalho. Conforme poderá ser visto nas próximas páginas, além de fazermos uma revisão bibliográfica sobre alguns postulados deste âmbito de estudos, procuraremos, também, relacionar postulados da Semântica Cognitiva ao fenômeno cromático, com o intuito de apresentar como esta vertente semântica explica o processo de construção do significado de vocábulos de cores.

3.1 A LINGUÍSTICA COGNITIVA

A Linguística Cognitiva surgiu na década de setenta, concomitantemente com a Psicologia Cognitiva, e acabou se tornando uma disciplina autônoma devido às proporções que seus estudos tomaram ao longo das investigações. Apesar de carregar em seu nome a característica de ser uma abordagem linguística que enfatiza a cognição humana, é importante salientar que a Linguística Cognitiva não foi a primeira vertente teórica a considerar a língua como um fenômeno mental, o que não a torna uma representante exclusiva das abordagens cognitivas à linguagem. Para Geeraerts (2006, p.3), por exemplo, é necessário que se faça uma distinção entre Linguística Cognitiva, grafada com iniciais maiúsculas, que representa a abordagem aqui discutida, e linguística cognitiva, em letras minúsculas, que se refere a abordagens que estudam a língua como fenômeno mental (da qual a Gramática Gerativa também faz parte). A Linguística Cognitiva, portanto, se encontra inserida em um grupo distinto de abordagens linguísticas que estabelecem uma intersecção entre o estudo da linguagem humana e o sistema cognitivo humano.

Outro ponto a ser salientado diz respeito à própria estrutura da abordagem teórica aqui exposta. Por não se tratar de uma teoria estanque, e sim do agrupamento de muitas abordagens compatíveis, Geeraerts (2006, p. 2) postula que a Linguística Cognitiva está mais para uma estrutura flexível do que para uma teoria única da linguagem. Utilizando-nos da metáfora do autor, podemos dizer que a Linguística Cognitiva está mais para um arquipélago do que para uma ilha. Da mesma forma, estas características levam Evans (2009, p. 48) a considerar a Linguística Cognitiva uma empreitada [*enterprise*], por "representar uma abordagem que possui uma série de compromissos essenciais e princípios norteadores, que têm levado a uma série de teorias

complementares, sobrepostas e, muitas vezes, concorrentes"[34]. Levando em conta as considerações aqui apresentadas, começaremos nossa exposição apontando quais são as características da Linguística Cognitiva que a tornam cognitiva por natureza e que a diferenciam das outras abordagens cognitivas à linguagem, em especial à Gramática Gerativa.

Em síntese, a Linguística Cognitiva é uma vertente teórica que se propõe a investigar a relação existente entre a linguagem, a mente e a experiência física e social (EVANS, 2009, p. 47). Nesta abordagem linguística, a língua é vista como uma entidade capaz de refletir padrões de pensamento, o que faz da linguagem um meio de se entender o funcionamento do aparato cognitivo humano. Nas palavras de Evans; Green (2006, p. 5), "a língua abre uma janela para dentro da função cognitiva, proporcionando o esclarecimento acerca da natureza, da estruturação e da organização do pensamento e das ideias"[35]. Para Geeraerts; Cuyckens (2007, p.6) o que diferencia a Linguística Cognitiva da Gramática Gerativa, que também é uma abordagem cognitiva à linguagem, é que, "enquanto a Gramática Gerativa está interessada no conhecimento *da* língua, a Linguística Cognitiva está interessada no conhecimento *através* da língua".[36] É neste sentido que se pode afirmar que as duas propostas se diferenciam em relação ao papel epistemológico da língua natural (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 5).

George Lakoff, um dos principais nomes dentro dos estudos em Linguística Cognitiva, a enxerga como "um compromisso em caracterizar a grande variedade de generalizações linguísticas e, ao mesmo tempo, em ser fiel às descobertas empíricas acerca da natureza da mente/cérebro"[37] (LAKOFF, 1990, p.39). Ao definir a Linguística Cognitiva dentro destes moldes, o autor procurou expor o que ele considera dois princípios-chave que subjazem os estudos em Linguística Cognitiva, aos quais deu o nome de Compromisso da Generalização [*Generalization Commitment*] e Compromisso Cognitivo [*Cognitive Commitment*].

Para Lakoff (1990, p.45), a explicação para os problemas de comunicação entre linguistas gerativistas e cognitivos repousa no fato destes estudiosos tomarem como

[34] [It represents an approach that has a number of core commitments and guiding principles, which have led to a diverse range of complementary, overlapping (and sometimes competing) theories.]
[35] [Language offers a window into cognitive function, providing insights into the nature, structure and organisation of thoughts and ideas.]
[36] [Whereas Generative Grammar is interested in knowledge *of* the language, Cognitive Linguistics is so to speak interested in knowledge *through* the language.]
[37] [The commitment to characterize the full range of linguistic generalizations while being faithful to empirical discoveries about the nature of the mind/ brain.]

primários compromissos diferentes. Enquanto muitos dos gerativistas tomam como primário o Compromisso Gerativo (o de enxergar a língua em termos de sistema de matemática combinatória), linguistas cognitivos tomam como primários o Compromisso da Generalização e o Compromisso Cognitivo. Por se tratarem de compromissos incompatíveis, tais compromissos geram posições diferentes a respeito da linguística como iniciativa científica (LAKOFF, 1990, p. 45). Passaremos, agora, a uma breve apreciação destes dois compromissos primários que caracterizam a Linguística Cognitiva, visto a importância singular que ambos ocupam no embasamento da teoria aqui exposta.

Em um de seus artigos seminais relativos à Linguística Cognitiva, Lakoff (1990, p. 40) define o Compromisso da Generalização como "o compromisso em caracterizar os princípios gerais que regem os aspectos da linguagem humana"[38]. Para o autor, este primeiro princípio constitui um compromisso em fazer da linguística uma disciplina de cunho científico (LAKOFF, 1990, p.40).

O Compromisso da Generalização deriva de um dos principais postulados em Semântica Cognitiva, que defende que vários aspectos da linguagem humana são estruturados pelos mesmos princípios (EVANS; GREEN, 2006, p.28). Para um linguista cognitivo, identificar e estudar estes princípios constitui uma das tarefas mais elementares para se desenvolver estudos acerca da linguagem.

Nas abordagens formais ao estudo da linguagem, a linguística é dividida em áreas separadas, geralmente vistas como autônomas, ou seja, áreas que, a princípio, podem ser estudadas isoladamente, sem que sejam estabelecidas relações entre si. Assim, se convencionou estudar fenômenos da língua de modo isolado, tais como a fonologia, a semântica, a sintaxe, a morfologia etc., de modo a crer que estas subdisciplinas são distintas por natureza e incompatíveis no que diz respeito à sua organização (EVANS; GREEN, 2006, p.28). O que estas abordagens propõem, portanto, é uma perspectiva modular da mente que, consequentemente, recai também ao âmbito da linguagem.

O Compromisso da Generalização, por sua vez, leva os linguistas cognitivos a discordarem do modo de averiguação apresentado logo acima, uma vez que defende que as diferentes áreas da linguística estão fortemente relacionadas por compartilharem os mesmos princípios fundamentais de organização. Um bom exemplo do Compromisso

[38] [a commitment to characterizing the general principles governing all aspects of human language]

da Generalização, que elucida de que maneira diferentes "áreas" da linguagem podem se estruturar a partir de características em comum, é o apresentado em Evans; Green (2006), em relação à categorização. Por ora, nos propomos a apresentar este exemplo por dois motivos: em primeiro lugar, por ser um tema de total relevância nos estudos em Semântica Cognitiva, ocupando lugar de destaque dentre as áreas de investigação desta visão semântica. Em segundo lugar, porque pretendemos desenvolver ainda mais a discussão a respeito da categorização no decorrer do capítulo, já que esta discussão também constitui um dos pilares de sustentação em que o presente trabalho se encontra fundamentado.

Em estudos realizados ao longo da década de 70 (ROSCH, 1975; ROSCH, 1978), a Psicologia Cognitiva apresentou uma nova explicação ao fenômeno da categorização (a capacidade que os seres vivos têm de formar categorias, de modo a organizarem e entenderem o mundo em que vivem). Estes postulados da Psicologia Cognitiva foram de encontro aos postulados clássicos oriundos da filosofia grega. Nesta nova visão, há um rompimento com a ideia de que o processo de categorização ocorre através da listagem de características fundamentais que tornam um membro pertencente (ou não) a uma determinada categoria. Em vez disso, apresentou-se uma visão que leva em conta a interatividade do homem com o mundo na construção de categorias, fazendo com que as categorias passassem a assumir um caráter difuso em vez de claramente delineado, como era defendido anteriormente. Deste modo, as categorias passaram a ter uma nova constituição, que se caracteriza pela sua natureza nebulosa, ou seja, dotada de limites difusos, com membros mais centrais (melhores representantes) e outros mais periféricos (ROSCH et al, 1976). Tais postulados filosóficos migraram para os estudos da linguagem, levando estudiosos a crerem que as categorias linguísticas obedeceriam os mesmos princípios de organização das categorias conceituais (LAKOFF, 1987). É neste ponto que o Compromisso da Generalização se faz presente, uma vez que, através deste compromisso, é possível defender a hipótese de que, assim como as categorias conceituais, muitas categorias linguísticas também apresentam membros prototípicos e membros periféricos, conforme será exemplificado a seguir.

De acordo com as averiguações em Linguística Cognitiva, o homem não apenas categoriza objetos no mundo através da estruturação de categorias com centros prototípicos, mas estende esta maneira de categorizar também ao plano da língua. Conforme Evans; Green (2006, p. 28-29) apresentam, da mesma forma que criamos a

categoria *xícaras* baseados no nosso conhecimento de diferentes tipos de xícaras e o modo como interagimos com elas (que nos leva a elencar "xícaras melhores" e "xícaras piores"), levamos esta forma de categorizar também ao plano linguístico, na categorização de sufixos, classes de palavras e sons, por exemplo. Nos exemplos apresentados pelos autores, o modo de categorização subjacente às três áreas da linguagem consideradas distintas – a morfologia, a sintaxe e a fonologia – corrobora o Compromisso da Generalização, pois, do mesmo modo que elegemos xícaras mais prototípicas e xícaras menos prototípicas, elegemos, também, verbos mais centrais e mais periféricos à categoria de verbos, ou sons mais vozeados (mais representativos) e menos vozeados (menos representativos) na categoria dos sons vozeados, por exemplo. Nas palavras dos autores, "pelo menos em termos de categorização, podemos generalizar em relação ao que geralmente é visto como tipos distintos de fenômenos linguísticos"[39] (EVANS; GREEN, 2006, p.35)

É neste sentido que o Compromisso da Generalização representa "um compromisso em se investigar como os vários aspectos do conhecimento linguístico emergem a partir das mesmas habilidades cognitivas humanas, das quais são extraídos, em vez de se assumir que tais conhecimentos sejam produzidos em módulos encapsulados da mente"[40] (EVANS, 2009, p.48).

Paralelamente ao Compromisso da Generalização, Lakoff (1990) também apresenta o Compromisso Cognitivo como parte integrante do que ele chama de Compromissos Primários, pelos quais a Linguística Cognitiva é definida. Segundo Lakoff (1990, p.40), o Compromisso Cognitivo é "um comprometimento em fazer com que uma perspectiva acerca da linguagem humana esteja em sintonia com o que já foi descoberto a respeito da mente e do cérebro, tanto em outras disciplinas como na nossa"[41]. Lakoff (1990) acredita que os dois Compromissos Primários – o Compromisso da Generalização e o Compromisso Cognitivo – podem se unir, uma vez que os princípios gerais procurados pelos linguistas cognitivos são cognitivamente reais. Porém, caso isso não ocorra, o autor deixa claro que o Compromisso Cognitivo tem

[39] [At least in terms of categorisation, we can generalize across what are often thought of as wholly distinct kinds of linguistic phenomena.]
[40] [a commitment to investigating how the various aspects of linguistic knowledge emerge from a common set of human cognitive abilities upon which they draw, rather than assuming that they are produced in encapsulated modules of the mind.]
[41] [A commitment to make one's account of human language accord with what is generally known about the mind and the brain, from other disciplines as well as our own.]

prioridade sobre o Compromisso da Generalização. Para o autor, "nós [linguistas cognitivos] estamos preocupados em lidar com generalizações cognitivas reais"[42] (LAKOFF, 1990, p.41).

De acordo com Evans; Green (2006, p.41), o Compromisso Cognitivo supõe que a língua e a organização linguística refletem princípios cognitivos gerais, e não apenas princípios cognitivos específicos da linguagem. Mais uma vez, há um rompimento com a visão modular da mente, defendida pela linguística formal, que acredita que a mente está organizada em módulos distintos que detêm diferentes tipos de conhecimento. Conforme apontam Evans; Green (2006, p.41), "os linguistas cognitivos rejeitam especificamente que exista um módulo autônomo da linguagem que indique que a estrutura e a organização linguística sejam notoriamente distintas de outros aspectos da cognição"[43].

Tomemos a metáfora como um exemplo do Compromisso Cognitivo. Conforme será mais aprofundado no decorrer do capítulo, assim como o processo de categorização, a metáfora também assumiu novas características dentro da Linguística Cognitiva. Diferentemente do que era postulado na visão clássica, onde a metáfora era vista como um adorno da linguagem ordinária, a metáfora é vista pela Linguística Cognitiva como um elemento essencial na estruturação do pensamento e da linguagem, sem a qual seria muito difícil ao homem entender conceitos abstratos. A metáfora é, portanto, um fenômeno muito mais conceitual do que linguístico (EVANS; GREEN, 2006, p. 44). Esta nova visão da metáfora, apresentada pioneiramente por Lakoff; Johnson (1980), defende que o nosso pensamento e as nossas ações são, em grande parte, metafóricos por natureza.

Vejamos um exemplo bem recorrente da interferência da metáfora no raciocínio e na linguagem humanos: desde os seus primeiros anos de vida, ao dar os seus primeiros passos, o homem é levado a experienciar a lei da gravidade no ambiente no qual está inserido. A gravidade leva o homem a cair para baixo e a enxergar este tipo de experiência como algo ruim. A partir desta experiência com a gravidade, o homem forma um mapeamento em seu sistema conceitual que relaciona o conceito de *para baixo* ao conceito de *ruim*. Usa-se, portanto, uma base física, mais acessível aos sentidos e altamente experienciada (*para baixo*) para se falar de algo mais abstrato,

[42] [We are concerned with cognitively real generalizations.]
[43] [Cognitive linguists specifically reject the claim that there is a distinct language module, which asserts that linguistic structure and organisation are markedly distinct from other aspects of cognition.]

menos acessível aos sentidos, ou seja, o conceito de *ruim*. A partir deste mapeamento, feito cognitivamente e altamente motivado pelas experiências sensório-motoras do indivíduo, surge a metáfora conceitual RUIM É PARA BAIXO[44], que se faz altamente presente no nosso dia-a-dia em atualizações linguísticas do tipo "estou me sentindo para baixo", "os valores morais estão decaindo" e "este produto é de baixa qualidade". Esta forma de conceitualizar ideias abstratas em função de experiências físicas e fazer com que tais conceitualizações transpareçam também no plano linguístico é um exemplo claro da interferência da cognição na linguagem humana, conforme defende o Compromisso Cognitivo.

Resumidamente, o Compromisso Cognitivo

> [...] defende que os modelos de linguagem e a organização linguística devem refletir o que se sabe a respeito da mente humana, em vez de declarações puramente estéticas como o uso de tipos específicos de formalismos ou economia de representação, como no caso de abordagens formais à linguística.[45] (EVANS, 2009, p. 49).

Uma vez estabelecidos os dois compromissos fundamentais que alicerçam a Linguística Cognitiva, podemos avançar nossas considerações a respeito das principais áreas de interesse dessa proposta de averiguação linguística.

3.1.1 **As ramificações da Linguística Cognitiva**

Os estudos em Linguística Cognitiva podem ser divididos, basicamente, em duas grandes áreas de investigação, que dizem respeito à Semântica Cognitiva e à Gramática Cognitiva (ou abordagens cognitivas à gramática)[46]. Uma das principais diferenças da Linguística Cognitiva em relação às abordagens formais é que, enquanto as abordagens formais dão ênfase ao papel da gramática, a Linguística Cognitiva dá ênfase ao papel do significado (semântica) (EVANS; GREEN, 2006, p.48).

Na Semântica Cognitiva, há uma preocupação em se estudar a relação existente entre a experiência do indivíduo no mundo em que habita, o sistema conceitual e a estrutura semântica codificada pela língua. Conforme apontam Evans; Green (2006, p.48-49), para a Semântica Cognitiva, a língua constitui uma lente pela qual fenômenos

[44] Por uma questão de convenção em Semântica cognitiva, as metáforas conceituais são grafadas em letra maiúscula e as atualizações linguísticas em letras minúsculas, entre aspas.
[45] [Asserts that models of language and linguistic organization should reflect what is known about the human mind, rather than purely aesthetic dictates such as the use of particular kinds of formalisms or economy of representation, as in the case of formal approaches to linguistics.]
[46] No original, em Inglês, fala-se em *cognitive (approaches) to grammar*.

cognitivos como a representação conceitual (estrutura conceitual) e a construção do significado (conceitualização) podem ser investigados.

A Gramática Cognitiva, por sua vez, pode ser subdividida em dois grupos programáticos. O primeiro deles procura estudar os princípios que estruturam a gramática e relacioná-los com aspectos da cognição em geral. Já o segundo grupo procura trazer uma descrição mais detalhada das unidades que consistem a língua (EVANS; GREEN, 2006, p.49). Conforme se pode observar, a Gramática Cognitiva não investiga a estrutura gramatical independentemente do significado, como nas abordagens formais, e sim o torna um elemento central no estudo da gramática.

O mais importante de se salientar neste momento é que, embora haja uma separação para fins de estudos, para a Linguística Cognitiva, a gramática e a semântica estão profundamente relacionadas. Conforme aponta Evans (2009, p.50), "grande parte das investigações em Linguística Cognitiva julga necessário que se investigue o significado e a organização gramatical de modo simultâneo"[47], o que torna os interesses destas duas áreas de investigação complementares entre si.

Como o foco deste trabalho é a definição lexicográfica de vocábulos de cor (discussão a respeito do significado das cores), nossos interesses recaem no âmbito da Semântica Cognitiva, e não na Gramática Cognitiva. No decorrer do capítulo, procuraremos delinear melhor o que é a Semântica Cognitiva, expor algumas de suas áreas de investigação e propor algumas possíveis zonas de intersecção desta teoria semântica com o estudo do fenômeno cromático.

3.2 A SEMÂNTICA COGNITIVA

Originada na década de 70, a Semântica Cognitiva nasceu como uma crítica à visão objetivista oriunda da filosofia Anglo-Americana e à sua abordagem semântica correspondente, a Semântica das Condições de Verdade, acolhida pela linguística formal (EVANS; GREEN, 2006, p.156). Se, de acordo com a abordagem das Condições de Verdade, o significado é uma questão de relação entre palavras e o mundo real, o que negava que a cognição humana pudesse interferir no sistema linguístico, na proposta apresentada pela Semântica Cognitiva, a cognição não apenas é reconhecida como também assume um papel fundamental na construção do significado. Conforme aponta

[47] [Most work in cognitive linguistcs finds it necessary to investigate both meaning and grammatical organization simultaneously.]

Saeed (2003, p. 344), diferentemente da visão defendida pela abordagem formal, na abordagem cognitiva ao significado,"a falsidade e a verdade linguística devem estar relacionadas ao modo como um observador constrói a situação, baseado na sua estrutura conceitual"[48]. É neste sentido que, conforme postulam Evans; Green(2006, p. 156), "a Semântica Cognitiva enxerga o significado linguístico como uma manifestação da estrutura conceitual: a natureza e a organização da representação mental em toda a sua riqueza e diversidade"[49].

Ao apresentarem a proposta da Semântica Cognitiva, Evans; Green (2006) apontam para quatro princípios norteadores, os quais os autores julgam como hipóteses centrais em Semântica Cognitiva, oriundas do Compromisso Cognitivo e do Compromisso da Generalização, expostos anteriormente. A partir da identificação e da exposição destas quatro premissas (*a estrutura conceitual é corporificada*; *a estrutura semântica é a estrutura conceitual*; a *representação do significado é enciclopédica* e *a construção do significado é a conceitualização*), pretendemos delinear, a partir de agora, o que é a teoria semântica procedente da Linguística Cognitiva.

Em relação à primeira premissa, *a estrutura conceitual é corporificada*, chamamos a atenção para um dos principais postulados em Semântica Cognitiva, que diz que a estrutura conceitual está estritamente relacionada com o mundo externo, percebido através das experiências sensório-motoras do indivíduo. Nos estudos em Semântica Cognitiva, portanto, procura-se construir uma teoria da estrutura conceitual que leve em conta o modo como o homem interage com o mundo. Este modo de conceber a organização conceitual alicerça a teoria da cognição corporificada[50], uma teoria muito sólida em Semântica Cognitiva, que defende que

> [...] a natureza da organização conceitual emerge da experiência com o corpo, logo, parte do que faz com que a estrutura conceitual seja significativa é a experiência corpórea com a qual ela está associada[51] (EVANS; GREEN, 2006, p.157)

Os esquemas de imagem apresentados por Johnson (1987) constituem um bom exemplo da tese da cognição corporificada. Johnson (1987, p.19) define os esquemas de

[48] [Linguistic truth and falsity must be relative to the way an observer construes a situation, based on his or her conceptual framework.]
[49] [Cognitive semantics sees linguistic meaning as a manifestation of conceptual structure: the nature and organisation of mental representation in all its richness and diversity.]
[50] *Embodied cognition thesis*, no original.
[51] [The nature of conceptual organisation arises from bodily experience, so parto f what makes conceptual structure meaningful is the bodily experience with wich it is associated.]

imagem como estruturas esquemáticas decorrentes de interações perceptuais e movimentos corpóreos, que possibilitam ao homem experienciar o mundo, entendê-lo e raciocinar sobre ele. Basicamente, conforme apontam Evans; Green (2006, p.158), "no modelo cognitivo, o conceito de esquema de imagem representa uma das maneiras pelas quais a experiência corpórea origina conceitos significativos"[52].

Johnson (1987, p.28) apresenta uma série de esquemas de imagem que atuam constantemente na cognição humana, bem como as explicações para o seu surgimento. Tomemos, por ora, o esquema de imagem *percurso* como exemplo. Conforme aponta o autor, trata-se de um esquema de imagem constituído por três elementos (um ponto inicial A, um ponto final B e um vetor que traça uma trajetória entre os dois pontos) e uma relação (vista como um vetor que se move de A a B). Este esquema surge através de ações recorrentes no dia-a-dia do ser humano, tais como se deslocar de um lugar a outro ou lançar um objeto para alguém. A partir de situações mais concretas como essas, os esquemas de imagem são conceitualizados, de modo a serem utilizados também em situações mais abstratas, como a concepção (metafórica) da vida como um trajeto, onde nascemos (ponto A), vivemos (vetor de movimento) e morremos (ponto B). Este exemplo elucida um pouco a noção dos esquemas de imagem e a sua importância para o estudo do significado em Semântica Cognitiva.

Porém, a interferência do corpo na formação de conceitos não se restringe somente à noção de esquemas de imagem, podendo também ser estendida ao âmbito das nossas discussões, ou seja, às cores. Levando a discussão para este campo, é possível que façamos, por ora, algumas considerações que serão mais bem desenvolvidas mais adiante. Tomemos, por exemplo, a divisão do espectro cromático em cores quentes e cores frias, que é um reflexo do papel do corpo e da experiência na estrutura conceitual. Caracterizar uma cor como quente ou como fria, apesar de parecer um raciocínio óbvio em primeira instância, envolve uma série de conhecimentos oriundos da interação do homem com o ambiente em que vive. Primeiramente, podemos relacionar as cores quentes ao fogo, elemento crucial para a evolução do homem no mundo, manipulado desde as épocas pré-históricas e que desempenha funções primordiais na sociedade contemporânea. Podemos dizer que a manipulação do fogo e a comparação de suas tonalidades (laranja, vermelha, amarela) com a sua alta temperatura levaram o homem a

[52] [In the cognitive model, the image-schematic concept represents one of the ways in which bodily experience gives rise to meaningful concepts.]

relacionar essas tonalidades ao conceito de tonalidades quentes. Como consequência, as tonalidades mais distantes a estas no espectro cromático, e que se assemelham à cor do gelo, por exemplo, receberam a designação *fria*.

A nomeação quente/frio, no entanto, não advém apenas da observação dos elementos no mundo, mas também da interação do homem com o seu próprio organismo. O homem experiencia, desde os primeiros anos de vida, a tendência de seu corpo esquentar cada vez que determinada região acumula sangue, adquirindo, consequentemente, a tonalidade vermelha. Basta um tempo a mais de exposição solar para a pele ficar vermelha e quente, uma alergia em alguma parte do corpo para, da mesma forma, aparecer vermelhidão seguida de um aquecimento do local, ou, até mesmo, o simples ato de baixar a cabeça por alguns minutos, colocando-a abaixo da linha do corpo (brincadeira repetida muitas vezes durante a infância) já é o suficiente para ficarmos com o rosto vermelho e quente. O corpo, portanto, juntamente com o ambiente ao qual o homem está inserido, serviu como motivação para a criação de uma forma de conceitualizar as cores. É dessa forma que a experiência realizada através do corpo fez com que o homem relacionasse conceitos como quente e frio a entidades as quais os conceitos não se aplicam literalmente, ou seja, às cores. Esta relação constitui um tipo de metáfora denominado por Lakoff; Johnson (1980) como *metáfora ontológica*[53].

Os exemplos apresentados até agora ajudam a esclarecer um pouco como que a experiência corporificada, resultado da interação do homem com o mundo através de seu corpo, serve de base para uma série de fenômenos responsáveis pela conceitualização e que são amplamente estudados pelos semanticistas cognitivos.

O segundo princípio que chamamos atenção postula que *a estrutura semântica é parte da estrutura conceitual*[54]. De acordo com esse princípio, "a língua faz referência a conceitos que estão na mente do falante, e não a objetos do mundo exterior"[55] (EVANS; GREEN, 2006, p.158). Esse postulado da Semântica Cognitiva a coloca em evidente

[53] Lakoff; Johnson (1980) dividem as metáforas em três classes diferentes: metáforas estruturais (estruturam uma experiência ou atividade em termos de outra experiência ou atividade), metáforas orientacionais (estão relacionadas à orientação espacial e organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro) e metáforas ontológicas (dão características de entidades ou substâncias a coisas que não se aplicam). A este último tipo de metáfora, relacionamos o caso das cores por ora citado.

[54] No original em inglês (*semantic structure is conceptual structure*) os autores deixam transparecer que a estrutura semântica é o reflexo direto e exato da estrutura conceitual, o que não é verdade, conforme os próprios autores deixam claro ao explicitar este princípio. Por considerarmos isto uma pequena contradição, optamos por modificar um pouco a frase que dá nome ao princípio.

[55] [Language refers to concepts in the mind of the speaker rather than to objects in the external world.]

oposição aos postulados da Semântica Formal, que apresenta o que alguns autores (EVANS; GREEN, 2006; LAKOFF; JOHNSON, 1999) consideram uma visão objetivista do mundo, ou seja, a ideia de que a língua apenas reflete (ou descreve) o mundo real. Uma das ideias defendidas pela Semântica Cognitiva é que a língua é uma entidade limitada e limitante do pensamento (EVANS; GREEN, 2006, p. 159), logo, nem sempre é possível trazer (na sua completude) para o plano linguístico as ideias contidas na mente do falante. A essa última observação, podemos relacionar a difícil tarefa de se definir uma cor em palavras: tente, por exemplo, definir *azul* sem fazer referência a uma entidade de cor azul. Nesse sentido, acreditamos que em uma abordagem linguística ao fenômeno cromático que procure tratar de questões sobre a definição lexicográfica de vocábulos de cores, que é a nossa proposta de discussão, a concepção de língua como limitada e limitante do pensamento pode ser de grande proveito.

Conforme apontam Evans; Green (2006, p. 160), a ideia de a estrutura semântica representar uma subparte da estrutura conceitual traz consigo duas ressalvas importantes: primeiramente, é preciso saber que a Semântica Cognitiva não postula que a língua se relaciona única e exclusivamente a conceitos relativos à mente do falante. Uma visão de tal sorte constituiria uma visão subjetivista extrema, que não condiz com a visão semântico-cognitiva da linguagem. Para a Semântica Cognitiva, os conceitos representam uma maneira de entendermos o mundo externo, logo, ela se coloca em um caminho intermediário entre duas teorias opostas, o subjetivismo total e o objetivismo extremo (EVANS; GREEN, 2006, p. 160). Tomemos como exemplo, novamente, o modo como o homem experiencia a cor. De fato, existe uma propriedade física inerente aos objetos, que deriva de uma série de interações químicas e físicas, tais como comprimentos de ondas e transições atômicas, que são responsáveis pela existência do fenômeno cromático (BENVENUTTI, 2006, p. 187). Porém, a configuração biológica do ser humano desempenha um papel muito importante na percepção da cor, tanto na percepção pelo olho humano, através das células cones localizadas na retina, como na conceitualização do que é percebido. A cor é, portanto, o resultado de uma série de processos relacionados tanto ao objeto que reflete a cor como ao ser que o observa. Aprofundaremos esta discussão mais adiante, ao tratarmos de modo mais detalhado do papel da corporeidade na formação de conceitos.

A segunda ressalva apontada por Evans; Green (2006, p. 160) diz respeito à estrutura semântica. Em uma visão dicionarística da linguagem, os significados associados às palavras podem ser definidos *a priori*. Apesar de concordar com a existência de uma definição, a Semântica Cognitiva acredita que os conceitos lexicais (significado das palavras) não surjam de maneira estrita, "fechada", e sim obedecendo a uma visão enciclopédica de linguagem, que é justamente a discussão trazida pelo próximo princípio.

Assim, a terceira premissa apresentada por Evans; Green (2006) diz que *a representação do significado é enciclopédica*. Segundo essa concepção, a estrutura semântica é enciclopédica por natureza, ou seja, as palavras não são recipientes fechados com um significado dentro, tal como pregaria uma visão dicionarística do significado. Em vez disso, as palavras representam "'pontos de acesso' a um vasto repositório de conhecimento relacionado a um conceito ou domínio conceitual particular"[56] (EVANS; GREEN, 2006, p. 160).

Para a Semântica Cognitiva, a representação do significado é enciclopédica no sentido de que ela não está separada de outras formas de conhecimento, ou seja, "envolve o conhecimento de mundo que está integrado com nossas outras capacidades cognitivas"[57] (GEERAERTS, 2006, p. 5). Esta premissa dá ao significado um caráter enciclopédico e não-autônomo.

Segundo Geeraerts (2006, p.5), dois aspectos estão relacionados a esta concepção enciclopédica do significado. Primeiramente, trata-se do fato de sermos seres corporificados, e não apenas mentes, ou seja, um dos princípios fundamentais da Linguística Cognitiva (*embodiment*), de que a natureza de nossos corpos influencia diretamente a nossa experiência no mundo, e que esta experiência é refletida na língua, como já citado anteriormente. Um segundo aspecto diz respeito ao fato de não sermos entidades cem por cento biológicas, mas nos encontrarmos constantemente sob influência da sociedade e da cultura em que vivemos. Nas palavras de Geeraerts (2006, p.5), "as línguas podem incorporar as experiências históricas e culturais de grupos de falantes (e indivíduos)[58]".

[56] ["Points of access" to vast repositories of knowledge relating to a particular concept or conceptual domain.]
[57] [It involves knowledge of the world that is integrated with our other cognitive capacities.]
[58] [Languages may embody the historical and cultural experience of groups of speakers (and individuals)]

Tomemos como exemplo o significado da palavra *mãe*. Em tempos mais remotos, no início do processo de evolução do homem, poderíamos dizer que o significado de *mãe* estava atrelado à fêmea que gerasse os seus filhotes, dito em termos bem simples. Nos dias de hoje, no entanto, estamos inseridos em uma sociedade onde é possível ser mãe de diversas formas, e não somente após nove meses de gestação e um parto. Uma mulher pode ser uma mãe de criação, por exemplo, ou então uma mãe adotiva, sem nunca ter engravidado, ou ainda, uma mãe biológica que foi responsável apenas pela concepção de um novo ser, mas que nunca manteve contato com ele após o seu nascimento. Todas estas possibilidades de se adquirir o *status* de mãe dentro dos padrões de nossa cultura afeta diretamente o significado da palavra, que deixa de ser algo limitado para adquirir uma característica mutável, podendo variar de uma cultura para outra (cf. Lakoff, 1987, onde se faz uma discussão mais aprofundada a respeito da categoria *mãe*).

Por fim, é importante também salientar que tomar as palavras como pontos de acesso ao conhecimento enciclopédico não significa negar que elas tenham algum significado convencional atrelado. O que os semanticistas cognitivos alegam é que o significado convencional serve como um estímulo, ou seja, ele instancia a construção do significado, que ocorre pelo viés da pragmática: "nós, portanto, 'construímos' um significado através da 'seleção' de um significado que seja apropriado ao contexto do enunciado"[59] (EVANS; GREEN, 2006, p.162).

A quarta e última premissa por ora destacada, que defende que *a construção do significado é a conceitualização*, está intimamente relacionada com o que acabamos de ver, ou seja, à noção de que a língua, por si só, não codifica o significado. Ao invés disso, o significado é construído no nível conceitual, ou seja, ele está equiparado à conceitualização.

Conforme apontam Evans; Green (2006, p.162), sentenças contrafactuais são um bom exemplo da natureza conceitual da construção do significado. Recebem o nome de contrafactuais as frases que descrevem situações ou eventos que não aconteceram, ou seja, que descrevem cenários que vão de encontro aos fatos, sendo que, na própria sentença, ocorre uma indicação de que o falante está ciente de que a situação não aconteceu (diferente de uma mentira, por exemplo). São exemplos de sentenças

[59] [We then "construct" a meaning by "selecting" a meaning that is appropriate in the context of utterance.]

contrafactuais: “se eu tivesse viajado no último feriado, meu humor estaria melhor” ou “em alguns países do mundo, este crime teria pena capital”. A construção deste tipo de significado é explicada pela Teoria da Mesclagem Conceitual, que será mais aprofundada a seguir. Em síntese, a teoria trabalha com a ideia de que, ao construirmos o significado de sentenças contrafactuais, formamos espaços mentais com realidades distintas e um espaço-mescla, onde ocorre uma fusão do que existe e do que não existe de fato, gerando um significado adicional aos espaços originais (EVANS; GREEN, 2006, p. 163).

É nesse sentido que a Semântica Cognitiva reconhece que há uma enorme complexidade cognitiva envolvida por trás da formação desse tipo de significado, mesmo sendo um processo, em grande parte, inconsciente. O significado, portanto, “é um processo, e não uma ‘coisa’ discreta que possa ser ‘empacotada’ pela língua”[60] (EVANS; GREEN, 2006, p. 162).

Conforme pôde ser observado até agora, a interação do homem com o meio e a sua configuração corpórea são dois fatores fundamentais para a construção do significado segundo a perspectiva da Semântica Cognitiva. Pretendemos, na próxima seção do trabalho, expor mais detalhadamente do que se trata cada um desses fatores, bem como discutir sua pertinência para o estudo das cores sob um prisma linguístico.

3.2.1 **Experiencialismo [*experientialism*]**

Iniciamos nossas considerações pelo experiencialismo por considerarmos uma palavra-chave dentro dos estudos em Semântica Cognitiva. É necessário salientar também que achamos bastante difícil separar experiencialismo de corporeidade, pois um termo automaticamente remete ao outro (experiencia-se através do corpo). Porém, para fins mais didáticos e uma melhor discussão e aprofundamento do tema, optamos por apresentar esses dois conceitos em seções separadas, apesar de os dois inevitavelmente se mesclarem ao longo de nossas considerações.

Conforme foi visto, a concepção de linguagem defendida pela Semântica Formal postula que existe um mundo concebido *a priori* e que a língua tem o potencial de descrever apropriadamente este mundo. Esse postulado é refutado pela Semântica Cognitiva quando ela propõe que a realidade percebida pelo homem não está pronta, e sim condicionada ao modo como ele a interpreta, ou seja, a experiencia.

[60] [Meaning is a process rather than a discrete “thing” that can be “packaged” by language.]

Para Evans; Green (2006, p. 47), a tese defendida pelo experiencialismo constitui uma consequência de se assumir que a experiência e a conceitualização estão condicionadas ao corpo. Em outras palavras, o fato de os semanticistas cognitivos enxergarem o corpo como um fator determinante na formação dos conceitos acarreta a aceitação de que a descrição da realidade está constantemente influenciada pela experiência e pela conceitualização. Novamente, é necessário frisar que não se trata de uma visão puramente subjetivista: existe, de fato, uma realidade externa com a qual o homem se depara ao interagir com o mundo, porém, conforme defendem Evans; Green (2006, p.48), "as partes desta realidade externa as quais temos acesso são, em grande parte, limitadas pelo nicho ecológico ao qual estamos adaptados e pela natureza de nossa corporeidade"[61].

3.2.1.1 O experiencialismo e as cores

Por trabalharmos com a definição das cores em dicionários semasiológicos, achamos pertinente trazer algumas considerações a respeito do modo como dicionários de línguas diferentes apresentam a seus consulentes as definições de cores. Acreditamos que uma análise de tal sorte sirva como exemplo do importante papel da experiência do homem no mundo em que ele vive na hora de elucidar conceitos tão presentes nas culturas, tais como os termos de cores de determinada língua.

Conforme foi observado nos capítulos anteriores, um dos principais recursos utilizados pelos dicionários semasiológicos para definir vocábulos de cores é a apresentação de elementos que tenham como propriedade característica a cor que o dicionário almeja definir. Além disso, também constatamos, ao analisarmos o verbete *amarelo*, que os dicionários do português brasileiro apresentam basicamente os mesmos elementos elucidativos em suas paráfrases explanatórias, pois os quatro dicionários analisados – AnMS, 1813; AuE, 2004; HouE, 2001 e MiE, 2001 - trazem a gema do ovo e o ouro como exemplos de entidades caracterizadas pela cor amarela.

A análise dos verbetes do vocábulo *amarelo* nos dicionários do português brasileiro nos leva a crer que o ouro e a gema do ovo constituem dois elementos altamente familiares à cultura brasileira, o que facilitaria ao consulente das obras lexicográficas analisadas reconhecer a qual tonalidade o vocábulo *amarelo* faz menção

[61] [The parts of this external reality to which we have access are largely constrained by the ecological niche we have adapted to and the nature of our embodiment.]

ao relacioná-lo aos elementos apresentados. Ao analisarmos os verbetes desta mesma cor em dicionários semasiológicos voltados para falantes nativos de línguas que não o português, pudemos constatar algumas diferenças em relação aos elementos apresentados. Vejamos a seguir:

Amarillo, lla (...) Adj. De color semejante al del oro, la flor de la retama, etc.

Figura 48: verbete do item lexical *amarillo* em ReA (2001)

Yellow (...) 1. Of the color of gold, butter, or ripe lemons

Figura 49: verbete do item lexical *yellow* em Webs (1957)

Jaune (…) Adj. 1. Qui est d'une couleur placee dans le spectre entre le vert et l'orange et dont la nature offer de nombreux exemples (citron, bouton, d'or).

Figura 50: verbete do item lexical *jaune* em PeR (1993)

Apresentamos, acima, verbetes extraídos de dicionários gerais do espanhol (ReA, 2001), do inglês (Webs, 1957) e do francês (PeR, 1993). Uma das primeiras características a ser salientada é a total ausência do elemento gema do ovo nos verbetes apresentados. Isto nos leva a crer que, embora este elemento pareça ser tão fundamental na sociedade brasileira, talvez não o seja em outras sociedades, pois não é citado pelos dicionários apesar de carregar consigo uma propriedade que lhe confere a cor amarela. Em vez da gema de ovo, encontramos a utilização de outros elementos exemplificadores da cor que, em alguns casos, constituem elementos pouco familiares para falantes do português brasileiro, como a flor da retama, por exemplo (apresentado em ReA, 2001). Outro aspecto que chamou a atenção foi a apresentação do limão em Webs (1957) e PeR (1993) como uma elucidação da cor amarela, sendo que, na cultura brasileira, a mesma fruta seria um bom exemplar da cor verde, o que nos leva a crer que o tipo de limão consumido no Brasil seja diferente do tipo de limão consumido na França e nos Estados Unidos, diferenciando, assim, a experiência destes povos com o fruto em questão.

Por outro lado, existem também elementos que parecem assumir um caráter quase universal em relação à representabilidade de uma cor. Na análise dos verbetes acima, pudemos observar a menção ao ouro como um dos elementos exemplificadores da cor amarela, da mesma forma que pudemos observar nos quatro dicionários analisados do português. Em virtude da sua importância e visibilidade ao longo da história da humanidade, acreditamos que não é por acaso que o ouro seja um dos

principais elementos a ser mencionado por muitos dicionários na tentativa de definir a cor amarela. Fato semelhante também pode ser constatado na análise do verbete *verde* e seus correspondentes em língua estrangeira. Vejamos:

Verde, s.m. Huma das cores principaes, como a que tem as hervas viçosas, os limos, etc.

Figura 51: verbete do item lexical *verde* em AnMS (1813)

Verde (...) 1. Da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores; da cor da esmeralda

Figura 52: verbete do item lexical *verde* em AuE (2004)

Verde (...) 1. a cor da relva

Figura 53: verbete do item lexical *verde* em HouE (2001)

Verde (...) 1. De cor semelhante à das folhas da maior parte das árvores ou das ervas viçosas.

Figura 54: verbete do item lexical *verde* em MiE (2001)

Vérde (...) Agg.1 Di colore che sta tra il giallo e il blu, tipico dell'erba vegetante.

Figura 55: verbete do item lexical *vérde* em Zin (1970)

Verde (...) Adj. De color semejante al de la hierba fresca, la esmeralda, el cardenilio, etc.

Figura 56: verbete do item lexical *verde* em ReA (2001)

Green (…) Adj. (…) 1.of the color that is characteristic of growing grass. (…) n. 1. The color of growing grass; any color between blue and yellow in the spectrum: green can be produced by blending blue and yellow pigments.

Figura 57: verbete do item lexical *green* em Webs (1957)

Vert, verte (…) Adj. (…) Intermediaire entre le bleu et le jaune (…) Qui est de la couleur verte dês plantes à chlorophylle.

Figura 58: verbete do item lexical *vert* em PeR (1993)

Apresentamos, acima, uma série de paráfrases explanatórias relativas à definição da tonalidade verde, que variam quanto ao ano de publicação, obra publicada, língua empregada e público-alvo. Apesar desta série de características que as distinguem, todas as paráfrases apresentadas apresentam a vegetação como um dos elementos representativos da cor verde. Trata-se, mais uma vez, de uma caráter potencialmente universal que a vegetação possui de ser uma das principais representantes da tonalidade verde. Novamente, não se trata de uma simples coincidência, e sim do eminente papel que plantas, folhas e todo tipo de vegetação desempenham no mundo, tornando-se

elementos altamente familiares por estarem constantemente presentes na interação do homem com o mundo que o cerca.

Os exemplos que trouxemos logo acima deixam transparecer de que maneira a experiência do homem com o mundo em que vive pode influenciar os mais diversos aspectos de sua produção cultural. Neste caso, tanto as discrepâncias como as coincidências entre elementos representativos de determinadas tonalidades apontam tanto para aspectos potencialmente universais em relação à experiência humana (como a interação com plantas e o reconhecimento do ouro como um expoente marcante da cor amarela), bem como para restrições culturais no que diz respeito à eleição de itens representativos de determinada tonalidade (como o reconhecimento do limão como um exemplar da tonalidade verde em dicionários de algumas línguas e amarelo em outras).

3.2.2 **Corporeidade [*embodiment*]**

A noção de Corporeidade em Semântica Cognitiva surgiu como uma refutação aos postulados filosóficos mais tradicionais, que costumavam pregar a dualidade entre a mente e o corpo, ou seja, a possibilidade de se estudar a mente humana de modo separado do corpo. Conforme apontam Evans; Green (2006), esse embasamento teórico serve de sustentação para os postulados de teorias formais, tais como o Gerativismo desenvolvido por Noam Chomsky, que possui como uma de suas características essenciais a abordagem racionalista à linguagem. Conforme já foi previamente apresentado, a visão empiricista adotada pela Semântica Cognitiva

> [...] toma sua inspiração nas tradições da filosofia e da psicologia que enfatizam a importância da experiência humana, a centralidade do corpo humano e a organização e estruturação humanas específicas cognitivas, que afetam a natureza de nossa experiência[62] (EVANS; GREEN, 2006, p.44).

Ao tratar das discussões filosóficas as quais acabamos de mencionar, que serviram de base para a visão empiricista adotada pela Semântica Cognitiva, Lakoff; Johnson (1999, p.3) ressaltam três descobertas importantes na Ciência Cognitiva responsáveis por reabrir importantes discussões filosóficas relativas à mente. São elas: 1) "A mente é corporificada por natureza"[63], 2) "O pensamento é predominantemente

[62] [Takes its inspiration from traditions in psychology and philosophy that emphasise the importance of human experience, the centrality of the human body, and human-specific cognitive structure and organisation, all of which affect the nature of our experience.]
[63] [Mind is inherently embodied]

inconsciente"[64] e 3) "Os conceitos abstratos são, em grande medida, metafóricos"[65]. Com base nessas descobertas, os autores conduzem o leitor a questionar o que aconteceria ao se construir uma nova filosofia, baseada em descobertas empíricas acerca da mente. Obviamente, seria necessário que reconsiderássemos postulados filosóficos já enraizados na nossa cultura (tomados *a priori* em mais de dois mil anos de especulações) em função desta filosofia com bases empíricas. Um dos principais rompimentos com a filosofia clássica é justamente a aceitação do raciocínio como algo corporificado, emergente da natureza de nossos cérebros, corpos e experiências com o corpo, o que coloca a corporeidade em uma zona de destaque nas discussões filosóficas.

Esta nova maneira de se explicar o raciocínio humano traz mudanças significativas não apenas para a filosofia, mas também para outras áreas do conhecimento que lançam teorias com base em postulados filosóficos. Conforme já expusemos neste capítulo, a ciência da linguagem também foi diretamente afetada por este novo direcionamento das averiguações filosóficas, o que culminou em postulados centrais na Semântica Cognitiva, ao lançar hipóteses sobre como ocorre o processo de significação das línguas. Além disso, conforme apontam Lakoff; Johnson (1999, p.4), "uma mudança radical no nosso entendimento do raciocínio [humano] significa uma mudança radical no nosso entendimento de nós mesmos"[66], uma vez que, segundo os autores, o raciocínio não diz respeito somente à capacidade de se fazer inferências lógicas, mas também a outras capacidades, como a de resolver problemas, criticar e avaliar, por exemplo.

Ainda no âmbito dos estudos filosóficos, Lakoff; Johnson (1999, p.102) apontam para três níveis diferentes da corporeidade dos conceitos: trata-se do nível neural, da experiência consciente fenomenológica e do inconsciente cognitivo. Apresentamos, em seguida, alguns aspectos referentes a cada um deles.

O primeiro tipo de corporeidade, bem como sugere o nome, diz respeito ao nível neurológico, ou seja, "relaciona-se às estruturas que caracterizam conceitos e operações cognitivas no nível neural"[67] (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.102). Conforme enfatizam Lakoff; Johnson (1999, p.103), trata-se de uma área de investigação proveniente de

[64] [Thought is mostly unconscious]
[65] [Abstract conceps are largely metaphorical]
[66] [A radical change in our understanding of reason is therefore a radical change in our understanding of ourselves.]
[67] [Concerns structures that characterize concepts and cognitive operations at the neural level.]

averiguações científicas que se valeram de técnicas experimentais sofisticadas e de muita abstração teórica. Este alto grau de abstração leva a comunidade científica a tratar do nível neural valendo-se do termo *circuitos neurais*, que são, basicamente, os sistemas formados pelas células nervosas que se interconectam de forma específica, a fim de determinar estímulos internos e externos ao organismo. Lakoff; Johnson (1999, p. 102) ainda chamam atenção para o fato de o termo *circuito neural* se tratar de uma metáfora que conceitualiza a estrutura neural em termos eletrônicos e que esta metáfora é amplamente utilizada pela comunidade neurocientífica para ajudar a entender o comportamento do cérebro.

O segundo nível de corporeidade diz respeito ao nível fenomenológico e se trata de um nível acessível à consciência. Conforme definem Lakoff; Johnson (1999, p. 103), "o nível fenomenológico consiste em tudo o que nós temos consciência, em especial nossos estados mentais, nossos corpos, nosso meio e nossas interações físicas e sociais"[68]. É neste nível de corporeidade que experienciamos mais diretamente os fenômenos, uma vez que se trata do modo como as coisas no mundo – uma dor, um sabor, uma imagem – se fazem presentes para nós, ou seja, se trata da realidade que dispomos em função de nossos corpos. Apesar de se encontrar em um nível consciente da mente, a fenomenologia não desconsidera a existência de estruturas inconscientes que servem como base de sustentação da nossa experiência consciente, sem as quais ela não existiria (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 103).

O terceiro nível de corporeidade, o inconsciente cognitivo, é descrito por Lakoff; Johnson (1999, p.102) como a parte massiva de um iceberg, a que fica imersa na água e que dá sustentação à sua parte visível, ou seja, à ponta do iceberg, que neste caso é representada pelo nível fenomenológico. Os autores definem o inconsciente cognitivo como "todas as operações mentais que estruturam e tornam possível todas as experiência conscientes"[69] (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.103), e isto inclui o entendimento da língua. Ao introduzirmos a noção de corporeidade, apresentamos os esquemas de imagem propostos por Johnson (1987) como recursos cognitivos essenciais na formação de conceitos. Estes esquemas de imagem constituem exemplos do terceiro nível de corporeidade, bem como os mapeamentos metafóricos e as estruturações prototípicas, uma vez que explicam a experiência consciente e o

[68] [It consists of everything we can be aware of, especially our own mental states, our bodies, our environment, and our physical and social interactions.]
[69] [All those mental operations that structure and make possible all conscious experience.]

comportamento, que não podem ser entendidos de forma direta em seus próprios termos (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 103).

Uma grande conclusão oriunda desta divisão dos três níveis de corporeidade é que, apesar de se encontrarem em níveis diferentes e apresentarem características distintas, um nível não está em estado de independência em relação ao outro. Conforme explicam Lakoff; Johnson (1999, p.104), "as especificidades da natureza do o inconsciente cognitivo e da experiência consciente emergem das especificidades da estrutura neural"[70]. Neste sentido, tomando a proposta de Johnson (1987) como exemplo, não seria possível formarmos conceitos a partir de relações espaciais se não dispuséssemos de uma configuração corpórea que nos permitisse a orientação no espaço. É justamente com base na proposta dos três níveis de corporeidade intrinsecamente relacionados que pretendemos conduzir nossa discussão a respeito da corporeidade e das cores.

3.2.2.1 A corporeidade e as cores

Uma vez assumida a existência de três níveis de corporeidade que estão interligadas, é possível que se aplique a proposta ao campo do fenômeno cromático, conforme demonstram Lakoff; Johnson (1999). Em uma breve discussão a respeito dos conceitos de cores, os autores levam o leitor a questionar o quão verdadeiras são sentenças do tipo *a grama é verde* ou *o céu é azul*. De fato, enxergamos as cores como uma propriedade inerente dos objetos e, em uma visão ingênua, nada é mais verdadeiro do que se afirmar a cor predominante de um corpo, visto que ela se encontra disponível de modo objetivo, para quem puder observá-la, não deixando espaço para possíveis contradições.

Uma vez questionada esta visão a respeito das cores, Lakoff; Johnson (1999, p.23) demonstram que, diferentemente do que a nossa experiência nos leva a crer, as cores não existem objetivamente em uma realidade externa, mas são o produto de uma combinação de fatores do mundo, de nossos corpos e de nossos cérebros, conforme discutimos anteriormente. Para os autores, as cores são criadas a partir de quatro fatores, que são: 1) os comprimentos de onda da luz refletida, 2) as condições de luminosidade, 3) os três tipos de células cones que se localizam na retina e 4) o complexo circuito

[70] [The details of the character of the cognitive unconscious and of conscious experience arise from the details of neural structure.]

neural que se conecta às células cones (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.23). As cores, portanto, não se encontram disponíveis *a priori* no mundo externo, mas estão diretamente atreladas à nossa corporeidade. É neste sentido que os autores postulam que os conceitos de cores são interacionais, ou seja, "eles emergem das interações de nossos corpos, de nossos cérebros, das propriedades reflexivas dos objetos e da radiação eletromagnética"[71] (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.24).

Levando em conta esta série de fatores necessários para a existência de um mundo em cores, é possível que se trace um paralelo com os níveis de corporeidade apresentados anteriormente. No nível neural, portanto, encontra-se o complexo circuito neural responsável pelo modo como percebemos as cores que, conforme já explicitado, atua de modo inconsciente ao organismo. No nível fenomenológico, consciente ao organismo, encontra-se a maneira direta como experienciamos as cores; o modo como, por exemplo, enxergamos a cor vermelha inerente a uma maçã e que pode nos fazer acreditar que as cores estão estabelecidas de maneira única e objetiva como propriedade dos objetos. No nível do inconsciente cognitivo, podemos encontrar a explicação para o modo como conceitualizamos o espectro cromático em *cores quentes* e *cores frias*, por exemplo, conforme já foi discutido anteriormente. Neste caso, há o uso de aspectos perceptuais de nossos corpos com o intuito de melhor compreender e expressar ideias muito abstratas (como a descrição de uma cor).

A discussão aqui apresentada, oriunda de uma proposta aos estudos filosóficos que busca trazer uma nova noção de verdade para a filosofia, nos leva a pensar na complexidade com a qual operam conceitos em princípio tão simples, como a noção de cor. Uma vez aceita a grande influência do corpo humano na formação dos conceitos de cores, tornando-os algo extremamente dependente do aparato visual humano para serem percebidos e, ao mesmo tempo, as diversas restrições que a linguagem impõe na descrição do pensamento, começamos, então, a entender por que a tarefa de se descrever uma cor é algo tão complexo. A seguir, apresentamos como ocorre o processo de construção destes significados tão difíceis de serem descritos.

[71] [They arise from the interactions of our bodies, our brains, the reflective properties of objects, and electromagnetic radiation.]

3.2.3 **Espaços Mentais**

Conforme foi visto até agora, para a Semântica Cognitiva, o significado não está atrelado diretamente às palavras, mas decorre de um processo dinâmico de construção, ao qual se deu o nome de conceitualização (EVANS; GREEN, 2006, p. 363). Com base nesta premissa básica dos estudos em Semântica Cognitiva, Fauconnier (1985) desenvolveu a Teoria dos Espaços Mentais[72], que defende a ideia de que a língua serve como guia na construção do significado, e que isto acontece diretamente no contexto de uso. A primeira consequência deste postulado é que, diferentemente do que propõem as abordagens formais, a semântica não poderia ser separada da pragmática, visto que o significado de uma sentença, nesta abordagem, é altamente dependente do contexto no qual ela está inserida. Além disso, conforme apontam Evans; Green (2006, p.364), ao ser considerada um processo fundamentalmente conceitual, a construção do significado é, consequentemente, influenciada por processos e princípios cognitivos gerais.

A teoria apresentada por Fauconnier (1985) defende que a construção do significado envolve, basicamente, dois processos. Primeiramente, trata-se da construção de espaços mentais e, em seguida, do mapeamento entre estes espaços. Nesta seção do trabalho, apresentamos a noção de espaços mentais, referente ao primeiro processo envolvido na construção do significado, e trataremos sobre os mapeamentos destes espaços na seção seguinte, onde apresentaremos a Teoria da Mesclagem Conceitual.

Facounnier; Turner (2007, p.307) definem os espaços mentais como "pequenos pacotes conceituais construídos enquanto falamos e pensamos para propósitos de entendimento e ação locais"[73]. O importante de se salientar na Teoria dos Espaços Mentais é que, primeiramente, os espaços mentais detêm tipos específicos de informação e que são construídos com base em informações culturais, pragmáticas e linguísticas. Além disso, por serem construídos durante o contexto de fala, os espaços mentais constituem pacotes de informação únicos e temporários, específicos ao discurso corrente (EVANS; GREEN, 2006, p.369).

Lee (2001, p.113) considera o modelo dos espaços mentais uma ferramenta teórica muito útil na explicação de muitos fenômenos linguísticos que a semântica formal nem sempre consegue explicar. Um dos exemplos trazidos pelo autor diz respeito à ambiguidade referencial existente na frase "o primeiro ministro tinha dez anos

[72] *Mental Spaces Theory*, no original, em inglês.
[73] [Small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action.]

em 1949". Segundo Lee (2001, p.101), a frase apresentada pode ser interpretada de duas maneiras. Primeiramente, trata-se da interpretação mais esperada, que é a de que a pessoa que hoje assume o cargo de primeiro ministro tinha dez anos de idade em 1949. Neste caso, há um entendimento de que as duas entidades em questão correspondem a diferentes manifestações da mesma pessoa. Uma segunda interpretação possível é a de que a pessoa que assumia o cargo de primeiro ministro em 1949 tinha dez anos de idade. Neste caso, há apenas um espaço temporal envolvido.

A possibilidade de criação de dois espaços mentais referentes ao tempo (primeira interpretação) ou de apenas um (segunda interpretação) explica, com base na Teoria dos Espaços Mentais, por que frases deste tipo, ou seja, que apresentam um caráter ambíguo, podem ser interpretadas de maneiras diferentes. Além disso, ao defender que a língua instancia o significado mais apropriado ao contexto operante, a Semântica Cognitiva também explica por que tendemos a buscar a primeira interpretação em detrimento da segunda.

3.2.4 **Mesclagem Conceitual**

Em Semântica Cognitiva, uma das peças-chave da construção do significado é a projeção conceitual. Segundo Facounnier; Turner (2007, p.304), a ideia de projeção entre estruturas ocupa um lugar central na ciência cognitiva, visto que é a projeção que conecta elementos tais como frames e situações específicas, construções linguísticas relacionadas entre si, um ponto de vista a outro ponto de vista etc. Facounnier; Turner (2007, p.304) apresentam a projeção como a espinha dorsal da analogia, da categorização e da gramática. Em relação aos espaços mentais, os autores afirmam que a projeção geralmente envolve integração conceitual.

O processo de mesclagem, que será discutido ao longo desta seção, ocorre justamente nas redes de integração conceitual. Estas redes de integração conceitual geralmente envolvem uma série de espaços mentais (FAUCONNIER; TURNER, 2007, p.307). A Teoria da Mesclagem Conceitual diferencia dois tipos de espaços mentais: os espaços de *input* [*input spaces*], que constituem espaços-fontes, com os conhecimentos prévios a serem mesclados, e o espaço genérico, que resulta da mescla dos espaços de *input*, contendo, assim, o que os dois (ou mais) espaços têm em comum ao se desenvolver a rede de integração conceitual (FAUCONNIER; TURNER, 2007, p.308). É através deste processo que os espaços de *input* se projetam em outro espaço.

Facounnier; Turner (2007, p.314-315) apresentam, ainda, três tipos de operações envolvidas na construção da mesclagem. São elas: a composição [*composition*], a complementação [*completion*] e a elaboração [*elaboration*]. Na composição, a mesclagem é composta por elementos dos espaços de *input* e forma relações que não existiriam em *inputs* separados. Na complementação, a mesclagem faz uso de uma variada gama de conhecimento e estrutura conceituais, sem que notemos isto. Na elaboração, há uma simulação mental imaginativa que segue a lógica da mesclagem, o que nos possibilita pensar sobre a mescla de forma indefinida, tornando a mescla extremamente elaborada.

Conforme apontam Evans; Green (2006, p.400), um dos principais postulados da Teoria da Mesclagem Conceitual é que "a construção do significado geralmente envolve integração entre estruturas que resultam em mais do que a soma das partes"[74]. Além disso, a mesclagem conceitual é vista como uma operação cognitiva central para o pensamento humano. Uma vez apresentada esta visão geral do que são os espaços mentais e como eles se mesclam através da mesclagem conceitual, pretendemos expor como estas duas teorias podem ser aplicadas ao estudo das cores.

3.2.4.1 Os nomes das cores complexas, os espaços mentais e a mesclagem conceitual

Apresentamos, no primeiro capítulo do trabalho, nossa proposta para uma tipologia das cores com as quais trabalhamos, ou seja, a divisão do nosso objeto de estudo em cores simples e cores complexas. Ainda no primeiro capítulo do trabalho, apresentamos uma série de vocábulos encontrados nos dicionários utilizados para denominar as cores complexas e, ainda, questionamos a real necessidade de lematização de alguns destes vocábulos, visto a falta de familiarização de falantes nativos em relação a muitos deles.

Vocábulos de cores complexas podem ser criados a qualquer momento de acordo com a necessidade de comunicação entre falantes em uma situação de uso real da língua. Mesmo que um vocábulo de cor complexa não seja familiar a muitos falantes por não fazer parte dos vocábulos de cores complexas comumente empregados no português, ele pode, ainda assim, servir como uma referência precisa a determinada tonalidade. Vejamos um exemplo: em Porto Alegre, a maioria dos táxis são automóveis

[74] [The crucial insight of Blending Theory is that meaning construction typically involves integration of structure that gives rise to more than the sum of its parts.]

que apresentam uma tonalidade bem marcante de vermelho. Trata-se de um vermelho vivo com uma forte inclinação para o laranja, ou seja, uma tonalidade bem diferente da encontrada em automóveis vermelhos para uso doméstico. Apesar de o vocábulo *vermelho-táxi* não vigorar entre os vocábulos de cor do português brasileiro, nem mesmo entre os falantes porto-alegrenses, é correto dizer que a grande maioria dos habitantes de Porto Alegre poderia utilizar este vocábulo durante uma conversa para fazer referência a esta tonalidade característica de vermelho, atingindo, assim, o seu objetivo de transmitir ao interlocutor a qual tonalidade de cor está se referindo.

Tanto a criação do vocábulo *vermelho-táxi* como a transmissão precisa de seu significado (tonalidade) são possíveis devido ao complexo processo existente por trás da construção do significado, conforme discutimos anteriormente. No exemplo aqui citado, trata-se da formação de dois espaços de *input*, um que reúne informações sobre a cor vermelha e outro que reúne informações sobre as características dos táxis de Porto Alegre. No processo de mesclagem conceitual, estes dois espaços mentais se mesclam através da operação de composição, dando origem a um espaço genérico, que é a tonalidade que o falante deseja referir.

Acreditamos que a grande maioria dos vocábulos de cores complexas tenha sido formada através deste processo, em situações de comunicação onde se procurava especificar uma gradação de uma cor simples utilizando-se um referente no mundo que apresentasse esta tonalidade específica. Com o uso, alguns destes vocábulos se consolidaram na língua, deixando de assumir apenas um caráter situacional (como no caso de *azul-celeste*, *amarelo-ouro* e *verde-musgo*, por exemplo), porém, outros ainda são menos utilizados e podem ser criados *online* em qualquer situação de fala, corroborando o caráter dinâmico da construção do significado, tal como proposto pela Teoria dos Espaços Mentais e Teoria da Mesclagem Conceitual.

3.2.5 **Fenômenos investigados pela Semântica Cognitiva**

Com base nos postulados discutidos até agora, procuraremos expor como alguns importantes fenômenos linguísticos e conceituais averiguados pela Semântica Cognitiva se desenvolvem e qual a sua importância tanto para a construção como para a decodificação do significado de uma cor.

3.2.5.1 Metáfora

Há mais de dois mil anos, a metáfora tem sido alvo de discussões entre estudiosos da linguagem humana. Segundo a visão tradicional, oriunda da filosofia grega, a metáfora é um fenômeno concernente à linguagem e se resume a uma série de expressões linguísticas figuradas cujos significados podem ser expressos literalmente. Trata-se de uma concepção baseada nos postulados de Aristóteles, que definia a metáfora como um desvio (ou variação) da linguagem comum (YÜ, 1998, p.1). Uma visão de tal sorte confere à metáfora o status de figura de linguagem, alvo de interesse apenas para os estudos literários e retóricos, visto a sua função essencialmente ornamental à linguagem ordinária. Nesta concepção, a metáfora não é necessária, e sim decorativa.

Yü (1998, p.10) apresenta as três principais visões que conduzem os estudos sobre metáforas nas teorias clássicas: trata-se da visão comparativa [*comparison vision*], da visão substitutiva [*substitution view*] e da visão interativa [*interaction view*]. Segundo o autor, a visão comparativa diz respeito à concepção aristotélica, que concebe a metáfora como "comparações implícitas entre uma expressão metafórica e uma paráfrase literal baseadas em uma similaridade ou analogia subjacente"[75] (YÜ, 1998, p.10). A visão substitutiva defende que a metáfora ocorre quando uma expressão metafórica é utilizada no lugar de uma expressão literal equivalente (neste sentido, a visão comparativa constitui um caso da visão substitutiva). A terceira visão, a visão interativa, corresponde à crença de que o sentido metafórico resulta da interação entre uma expressão metafórica e o frame literal que o cerca.

Conforme aponta Yü (1998, p.10), o que as três visões possuem em comum é o fato de enxergarem a metáfora como um fenômeno estritamente linguístico e traçarem uma distinção entre sentido literal e sentido figurado. Conforme apontam Lakoff; Johnson (2002, p.45), esta concepção tradicional de metáfora, como uma questão poética e ornamental, servindo mais à linguagem extraordinária do que à linguagem ordinária, ainda é a concepção vigente para a maioria das pessoas. Lakoff (1993, p. 202) chama a atenção para o fato de esta concepção clássica de metáfora estar tão enraizada que muitas pessoas sequer a vêem como uma teoria. Assim, por tomarem os postulados clássicos sobre a metáfora como a única explicação possível para o fenômeno e acharem

[75] [implicit comparisons beween a metaphorical expression and a literal paraphrase based on underlying analogy or similarity.]

que o mesmo é mais uma questão de palavras do que de pensamento e ação, a maioria das pessoas acredita que poderia viver perfeitamente sem metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45).

Nas últimas décadas, no entanto, estudos em Semântica Cognitiva refutaram esta concepção tradicional, conferindo à metáfora um papel central na organização do pensamento humano. Trata-se de uma ruptura com postulados concebidos *a priori* há mais de vinte séculos e que trouxeram mudanças significativas não apenas aos estudos da linguagem humana, mas também a outras áreas do saber, como a filosofia e a neurociência, por exemplo. É esta concepção de metáfora defendida pela Semântica Cognitiva que pretendemos discutir no presente trabalho.

A publicação de *Metaphors we live by* (1980) redirecionou os estudos sobre a metáfora de modo a confrontar postulados provenientes da visão clássica que se encontravam já preestabelecidos e consolidados pelos estudiosos da linguagem. Os autores, Lakoff e Johnson, baseando-se em evidências linguísticas, sugeriram que a maior parte do sistema conceitual humano é de natureza metafórica. Isto equivale a dizer que o homem não apenas se utiliza de metáforas para adornar a linguagem, como postulava a visão clássica, mas também pensa metaforicamente, o que o leva a utilizar metáforas na linguagem e na ação de uma forma quase automática. Uma das grandes consequências desta descoberta é que a metáfora não se encontra somente na linguagem, mas também no pensamento. Neste sentido, falamos metaforicamente porque pensamos metaforicamente.

Nesta nova concepção, a metáfora ganha não apenas uma nova definição, mas também uma nova função. Para Lakoff; Johnson (2002, p.47-48), "a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra". Para ilustrar este postulado, os autores apresentam o modo como compreendemos e experienciamos discussões em termos de guerra. Através de sentenças do tipo "seus argumentos são indefensáveis", "suas críticas foram direto ao alvo" e "ele derrubou todos os meus argumentos", por exemplo, deixamos transparecer, no plano linguístico, um conceito metafórico que se encontra estruturado em nosso sistema conceitual. As atualizações linguísticas citadas não dizem respeito a várias metáforas utilizadas de forma isolada, mas a uma metáfora conceitual (DISCUSSÃO É GUERRA) que faz com que a discussão seja, segundo as palavras dos autores, "parcialmente estruturada, compreendida, realizada e tratada em termos de guerra" (LAKOFF; JOHNSON, 2002,

p.48). É neste sentido que "o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada" (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.48).

Por defenderem os postulados da Semântica Cognitiva, que busca estudar a cognição humana através da linguagem, Lakoff; Johnson (1980) basearam-se em pesquisas linguísticas empíricas para postularem suas considerações sobre o sistema conceitual humano. Desta forma, os autores acreditam que

> [...] uma vez que expressões metafóricas em nossa língua são ligadas a conceitos metafóricos de uma maneira sistemática, podemos usar expressões metafóricas linguísticas para estudar a natureza de conceitos metafóricos e, dessa forma, compreender a natureza metafórica de nossas atividades (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 50)

A língua, portanto, apenas espelha um pouco do complexo processo de formação de conceitos (neste caso, conceitos metafóricos). A Teoria da Metáfora Conceitual, delineada a partir de agora, procura ilustrar como ocorre este processo e com quais elementos ele trabalha.

Lakoff (1993, p. 203) redefine o conceito de metáfora através da apresentação da metáfora como "um mapeamento entre domínios no sistema conceitual"[76]. O termo expressão metafórica [*metaphorical expression*], que, na visão clássica, correspondia à noção de metáfora, é, para a Teoria da Metáfora Conceitual, apenas uma expressão linguística que corresponde a uma realização de superfície de mapeamentos entre domínios conceituais (LAKOFF, 1993, p.203).

Segundo a Teoria da Metáfora Conceitual, a metáfora constitui um mapeamento (no sentido matemático da palavra) entre dois domínios conceituais: um domínio-fonte [*source domain*], mais concreto e acessível aos sentidos, e um domínio-alvo [*target domain*], mais abstrato e menos acessível aos sentidos (LAKOFF, 1993, p. 206-207). Conforme apontam Evans; Green (2006, p.295), a metáfora conceitual corresponde a uma associação onde o domínio-alvo (que é o domínio a ser descrito) é convencionalmente estruturado em termos do domínio-fonte (o domínio em termos dos quais o domínio-alvo é descrito). Segundo os autores, a associação convencional entre os domínios é o que faz deste processo uma metáfora, e o fato de ele operar no nível dos domínios conceituais é o que o torna conceitual por natureza (em vez de puramente linguístico).

[76] [A cross-domain mapping in the conceptual system.]

Tomemos um exemplo de nosso cotidiano: é comum que o homem estabeleça uma correspondência entre importância e tamanho em virtude de suas experiências com o mundo, tal como a sua relação com os seus pais, que, durante a sua infância, são maiores fisicamente e aos quais deve respeito. Esta experiência no mundo leva o homem a mapear o domínio conceitual TAMANHO para o domínio conceitual IMPORTÂNCIA, levando-o a se referir à importância em termos de tamanho. Este mapeamento desenvolvido no sistema cognitivo leva o homem a formar a metáfora conceitual IMPORTÂNCIA É TAMANHO, onde a importância corresponde ao domínio-fonte e o tamanho ao domínio-alvo. Este mapeamento é refletido na língua através da geração de uma série de atualizações linguísticas do tipo "as influências desta empresa na economia do país são enormes", "trata-se de um problema pequeno em relação aos outros" e "Sócrates foi um grande filósofo", por exemplo.

Para Lakoff (1993, p. 207), o mapeamento que liga os domínios de uma metáfora conceitual constitui uma série de correspondências ontológicas. Estas correspondências ontológicas caracterizam correspondências epistêmicas através do mapeamento do conhecimento do domínio-fonte (mais abstrato) em termos do conhecimento do domínio-alvo (mais concreto). O autor ainda postula que são estas correspondências que nos permitem pensar sobre o domínio-alvo utilizando os nossos conhecimentos acerca do domínio-fonte. Importante salientar, ainda, que os mapeamentos são sempre unidirecionais, ou seja, vão do domínio-fonte para o domínio-alvo e nunca assumem a direção oposta. Isso equivale a dizer, por exemplo, que falamos em importância (domínio-fonte) em termos de tamanho (domínio-alvo), como na frase "Sócrates foi um grande filósofo", porém é muito improvável que nos refiramos a tamanho em termos de importância.

Uma das grandes consequências desta nova visão acerca da metáfora foi o fato de se oportunizar o estudo da metáfora nas mais diversas esferas do conhecimento. Assim, é possível encontrarmos estudos inclinados a averiguarem a presença e a importância da metáfora nas linguagens técnicas e científicas (FINATTO, 2007; SIQUEIRA et al, 2008), na linguística de *corpus* (SARDINHA, 2007), na aquisição da linguagem (SIQUEIRA; GIBBS, 2007; e SIQUEIRA, 2004), na cultura de um povo (GIL, 2009), para citar apenas alguns exemplos. Esta possibilidade de abordagem à metáfora sob os mais diversos enfoques e para os mais diversos propósitos nos

oportuniza, também, enfocar este objeto de estudos segundo os nossos propósitos, ou seja, o fenômeno cromático, conforme será desenvolvido a partir de agora.

3.2.5.1.1 *A metáfora e as cores*

Uma vez explicitada a importância da metáfora em nosso cotidiano e a maneira como ela opera em nosso sistema cognitivo, voltamos nossa atenção para estabelecer uma intersecção entre o fenômeno metafórico e o fenômeno cromático. Nesta seção do trabalho, procuraremos explicitar o papel da metáfora na formação de termos de cores complexas.

Ao discutirem a influência da metáfora nas cores, Farias; Marcuschi (2006) utilizam-se da noção de metáfora de imagem [*image metaphors*], um tipo especial de metáfora estudado pela Semântica Cognitiva. Lakoff (1990, p. 65-66) apresenta as metáforas de imagem como uma classe de metáforas que mapeiam uma imagem mental em termos de outra (como quando comparamos a silhueta de uma mulher ao contorno de um violão, gerando frases do tipo "aquela mulher é um violão", por exemplo). Para o autor, as metáforas de imagem se diferenciam das metáforas conceituais (apresentadas na seção anterior) porque em vez de mapearem vários conceitos do domínio-fonte com os do domínio-alvo, como ocorre com as metáforas conceituais, elas mapeiam apenas uma imagem em termos de outra, o que leva o autor a considerá-las metáforas de apenas uma ligação [*one-shot metaphor*].

Farias; Marcuschi (2006, p.27), por acreditarem que as metáforas de imagem são recorrentes na experiência humana, fazem parte do nosso dia-a-dia e podem gerar matizes cognitivos, atribuem um valor mais significativo a este tipo de metáfora, defendendo, por isso, o estatuto de metáfora conceitual também às metáforas de imagem. Além disso, os autores adotam a visão de que existe um *continuum* que liga a noção de metonímia à noção de metáfora, que vai desde a metonímia linear, um tipo de metonímia que não é nem figurada nem polissêmica, até a metáfora propriamente dita, que é figurada e/ou polissêmica (FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p.34-35). A metonímia e a metáfora de imagem, segundo os autores, situar-se-iam entre os dois extremos deste *continuum* e são fortemente atuantes na geração de sentido para os termos cromáticos.

A partir dos estudos de Farias e Marcuschi (2006), destacamos o papel da metáfora e da metonímia na formação de conceitos de termos de cores complexas[77]. Em relação à metáfora, os autores sustentam a teoria de que o entendimento metafórico dos conceitos de cor resulta de um mapeamento entre a imagem-alvo (que é gerada no domínio das cores, equivalente ao espaço de entrada II na Teoria da Mesclagem Conceitual, discutida anteriormente) e a imagem-fonte (que é gerada nos diferentes domínios-fonte, equivalente ao espaço de entrada I da mesma teoria) (FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p.37). Trata-se de um processo que origina metáforas de imagem do tipo COR É MINERAL (*verde-esmeralda*, *grafite* e *amarelo-ouro*, por exemplo), COR É VEGETAL (*verde-musgo* e *rosa-floral*, por exemplo), COR É ANIMAL (*azul-pavão* e *marfim*, por exemplo).

Farias; Marcuschi (2006, p.37) ainda apontam para um outro caso de formação de conceitos de cor que não ocorre por meio de metáforas de imagem, e sim por mecanismos associativos. Trata-se das metáforas COR É EVENTO e COR É SENSAÇÃO. Segundo os autores, estes dois grupos apresentam um grau de figuratividade maior quando comparados às metáforas de imagem, uma vez que exigem dos interlocutores maior compartilhamento de conhecimento. São exemplos deste segundo tipo de metáfora termos como *cores fortes*, *cores mortas* e *cores quentes*.

As principais conclusões de Farias; Marcuschi (2006, p.50) em relação ao papel das metáforas na construção do significado de termos de cores é que o processo de categorização atua de forma direta na organização do conhecimento no que diz respeito ao modo como nos referirmos às cores. Para os autores, através da percepção visual, o homem identifica semelhanças entre elementos pertencentes a domínios diferentes, o que constitui a base do processo de categorização. Os autores também identificam dois tipos de organização subjacentes aos termos de cores: trata-se da organização por semelhança e da organização por associação, que dão origem a duas classes de metáforas de termos cromáticos. No primeiro grupo se encontram os casos da metáfora-imagem, em que uma entidade serve de nome para uma tonalidade. Segundo Farias; Marcuschi (2006, p.50),

> [...] esse processamento dá-se a partir da sobreposição de imagens dos domínios de entrada I e II, cujas correspondências são projetadas no espaço mesclado. A mescla guarda características dos dois domínios de entrada, mas redesenha o seu espaço dando-lhe novas conformações.

[77] O papel da metonímia na formação dos termos de cores complexas será discutido na próxima seção.

O segundo grupo apontado pelos autores diz respeito a metáforas com um grau de figuratividade maior, que não correspondem às metáforas de imagem. Neste caso, trata-se de metáforas do tipo COR É EVENTO e COR É SENSAÇÃO apontadas pelos autores. Vale, aqui, salientar que os termos de cores complexas são formados, em sua maior parte, por metáforas de imagem, o que nos leva a crer que um grau de figuratividade mais baixo seja mais proveitoso na formação de termos de cores, visto a relação estreita e necessária que existe entre a cor e a visão humana (muito mais do que cor e sensação e cor e evento).

3.2.5.2 Metonímia

Assim como a metáfora, a metonímia também passou a assumir uma nova função na linguagem e no pensamento dentro dos estudos em Semântica Cognitiva. Conforme apontam Lakoff; Johnson (2002, p. 93), a metonímia assemelha-se à metáfora por não se limitar a ser um recurso poético ou retórico, nem tampouco uma questão de linguagem, conforme prega a visão clássica, mas por constituir um mecanismo pelo qual agimos, pensamos e falamos. Tais postulados parecem soar repetitivos, uma vez que foram empregados exatamente da mesma forma durante a exposição da concepção de metáfora trazida pela Semântica Cognitiva. Esta sensação de repetição leva à confirmação dos postulados de Lakoff; Johnson (2002, p. 93) de que "a metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo".

Segundo a visão da Semântica Cognitiva, portanto, os conceitos metonímicos obedecem a uma sistematicidade, assim como os conceitos metafóricos. A partir de um conceito metonímico, portanto, é possível que pensemos em uma série de atualizações linguísticas presentes em nosso dia-a-dia. Estes conceitos metonímicos, tais como PARTE PELO TODO, LUGAR PELO EVENTO e AUTOR PELA OBRA, por exemplo, ao nos permitirem conceitualizar uma coisa por sua relação com outra, desempenham um papel crucial na organização dos nossos pensamentos e das nossas ações (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.96). Nesta visão, portanto, a metonímia deixa de ser uma figura retórica para assumir o papel de mecanismo cognitivo (BARCELONA, 2009, p. 7). Assim, a nova concepção de metonímia, sob a luz dos postulados da Semântica Cognitiva, proposta por Barcelona (2009, p.8) é que

> [...] a metonímia é a projeção conceitual de um domínio cognitivo sobre outro, ambos pertencentes ao mesmo domínio cognitivo, de sorte que o domínio projetado (domínio-fonte) ressalta e proporciona acesso mental ao domínio sobre o qual se faz a projeção (domínio alvo).

Outro ponto a ser salientado é que, conforme postula Barcelona (2009, p.21), por servir de base para a geração de diversas metáforas, a metonímia constitui um fenômeno mais básico que a metáfora, além de ser tão onipresente quanto ela. Esta observação será de grande proveito para as nossas considerações a respeito do papel da metonímia na formação de vocábulos de cores complexas, discutidas a partir de agora.

3.2.5.2.1 *A Metonímia e as cores*

Nas nossas considerações a respeito do papel da metáfora na formação de termos de cores complexas, identificamos as metáforas de imagem como a principal fonte de geração de termos de cores, conforme apontam Farias; Marcuschi (2006). Na pesquisa desenvolvida pelos autores, todas as metáforas identificadas em seu *corpus* de análise, com exceção das metáforas COR É SENSAÇÃO e COR É EVENTO, constituíam exemplos de metáforas de imagem, tais como COR É VEGETAL, COR É MINERAL, COR É ANIMAL etc. É em relação a este grupo significativo de metáforas que discutiremos, também, o importante papel da metonímia na formação de termos de cores complexas.

Segundo Farias; Marcuschi (2006, p. 41), "o processo cognitivo que atua na geração do sentido [das metáforas de imagem] é o da sobreposição de imagens, geradas a partir de domínios diferentes, com base na semelhança de atributos". Para os autores, a sobreposição de imagens com base na semelhança constitui um mecanismo de organização do conhecimento, sendo os termos de cores aqui debatidos um exemplo expoente desta forma de organização do conhecimento. Os autores defendem que as metáforas de imagem aqui apresentadas são regidas pelas metonímias ENTIDADE PELA COR DA ENTIDADE/ COR DA ENTIDADE PELA ENTIDADE e PARTE PELO TODO/ TODO PELA PARTE (FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p.41-44).

Segundo os autores, por serem manifestações linguísticas de metáforas de imagem, os termos de cores complexas possuem a base metonímica PARTE PELO TODO ou TODO PELA PARTE. Seguindo este raciocínio, a parte corresponderia à cor da entidade, ao passo que o todo corresponderia à própria entidade, gerando as

metonímias COR DA ENTIDADE PELA ENTIDADE ou ENTIDADE PELA COR DA ENTIDADE (FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p.44-45). Assim, ao se tratar de termos de cores complexas, é possível que se identifique dois tipos de metonímias subjacentes.

Em termos de cores como *verde-montanha* ou *azul-piscina*, estamos diante das metonímias PARTE PELO TODO/ COR DA ENTIDADE PELA ENTIDADE, visto que, ao se mapear a imagem da cor com a imagem da montanha e a imagem da piscina, a sobreposição das imagens ocorre somente com a parte superficial da montanha (sua vegetação, e não seu solo, por exemplo) e com o conteúdo da piscina (a sua água clorada, e não suas paredes e bordas, por exemplo). É neste sentido que a metonímia focaliza somente parte da entidade, fazendo com que uma das cores da entidade represente toda ela.

No caso de termos de cores como *azul-turquesa*, *amarelo-ouro* e *verde-musgo*, o mapeamento da cor com os elementos em questão não prioriza determinada parte do elemento, e sim ele como um todo, já que estes elementos apresentam uniformidade em relação à suas cores. Assim, os exemplos *azul-turquesa*, *amarelo-ouro* e *verde-musgo*, por serem resultantes de um mapeamento da cor com o elemento inteiro (e não somente uma parte dele), representam metonímias do tipo TODO PELA PARTE/ ENTIDADE PELA COR DA ENTIDADE.

3.2.5.3 Categorização

Por constituir uma das atividades mais básicas do ser humano, a categorização tem sido alvo de interesse de estudiosos desde tempos remotos, encontrando suas bases teóricas iniciais na filosofia grega. Conforme aponta Lakoff (1987, p.5), a categorização é o elemento mais básico em ações como pensar, perceber, agir e comunicar do ser humano. Para o autor, categorizamos não apenas quando classificamos um objeto como *um tipo de* alguma coisa (ao fazermos, por exemplo, um determinado movimento corpóreo pertencente a uma categoria de tipos de movimentos – como escrever ou passar roupa), mas também quando executamos uma ação, ou proferimos ou entendemos um enunciado (ao empregarmos categorias como categorias de sons, de palavras, de frases etc., bem como categorias conceituais) (LAKOFF, 1987, p.6). Estamos, portanto, constantemente categorizando a realidade que nos cerca, a fim de organizar e entender o mundo.

Classificada também por Kleiber (1990, p. 12-13) como um fenômeno essencial ao ser humano, visto a sua importância para a organização da experiência humana, um estudo sobre a categorização se faz pertinente ao reconhecermos a categorização como um processo cognitivo básico de muitos seres vivos[78]. Para Lakoff (1987, p.6), sem a habilidade de categorizar, seria impossível ao homem desempenhar suas funções tanto no mundo físico como também no âmbito social e intelectual. Assim, um estudo sobre como ocorre o processo da categorização é importante uma vez que "um entendimento de como categorizamos se faz central para qualquer entendimento sobre como pensamos e funcionamos, e, dessa forma, central para um entendimento do que nos faz humanos"[79] (LAKOFF, 1987, p.6). Os estudos acerca da categorização, porém, divergem no que diz respeito à explicação sobre como ocorre este processo. Em nosso trabalho, pretendemos expor duas propostas que se dispõem a explicar o fenômeno: a visão clássica, conhecida como *modelo de condições necessárias e suficientes*, e a visão defendida pela Semântica Cognitiva, conhecida como *Teoria Prototípica*.

Conforme já mencionamos, os primeiros estudos que tangenciam a categorização remetem à filosofia grega, mais especificamente aos postulados de Aristóteles. Assim como foi verificado mais acima em relação à metáfora e à metonímia, a categorização também permaneceu durante muito tempo inquestionável em relação às suas premissas essenciais, sugeridas pela filosofia aristotélica, que foram aceitas de modo a serem as únicas explicações possíveis ao fenômeno. Conforme aponta Lakoff (1987, p.6), esta teoria clássica nunca foi alvo de debate e não é resultado de um estudo empírico, mas sim de uma posição filosófica que se estabeleceu baseada única e exclusivamente em especulações *a priori.*

O modelo clássico ao qual fazemos menção é também conhecido como modelo de condições necessárias e suficientes (doravante modelo CNS) e remete ao pensamento aristotélico (e não equivocado) de que a categorização acontece sob a base de propriedades comuns (KLEIBER, 1990, p.21). O nome deste modelo de categorização remete à ideia de que os membros de determinada categoria dividem entre si características específicas (também chamadas de traços) que permitem e explicam o fato

[78] Ressaltamos, aqui, que a capacidade de categorizar não é restrita aos seres humanos. Um animal, por exemplo, ao reconhecer que certo alimento pode servir de sustento para a sua sobrevivência, está, automaticamente, formando categorias de produtos alimentícios e não-alimentícios, ainda que de maneira bem menos complexa que a formação de categorias pela mente humana.

[79] [An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what makes us human.]

de estes membros estarem posicionados em uma mesma categoria. Croft; Cruse (2004 p.76) explicam que

> [...] os traços [ou propriedades, ou características] são necessários no sentido de que uma entidade que não possua todos estes traços não pertencerá à categoria, e são suficientes no sentido de que o fato de uma entidade possuir todos estes traços lhe garante o pertencimento à categoria" [80].

Uma visão de tal sorte ao fenômeno da categorização traz consequências diretas à natureza das categorias, que passam a assumir características decorrentes desta concepção.

Uma das consequências diretas do modelo CNS é que as categorias são vistas como detentoras de fronteiras claramente delimitadas, que pode ser exemplificada da seguinte forma: uma vez que o pertencimento ou não de um membro a uma categoria ocorre em função da presença de traços (necessários e suficientes), poderíamos dizer que a categoria MENINA[81] seria definida pelos traços [HUMANO+] [FEMININO+] [ADULTO-], ao passo que a categoria MULHER diferenciar-se-ia por apresentar os traços [HUMANO+] [FEMININO+] [ADULTO+]. Note que se trata de traços binários, ou seja, traços pertencentes ou não a determinado membro, o que é capaz de posicioná-lo, de maneira rígida, dentro ou fora da categoria. É nesse sentido que Kleiber (1990, p. 22) postula que, segundo o modelo CNS, a pertinência de uma entidade a uma categoria responde ao sistema de verdadeiro ou falso (no exemplo aqui apresentado, *x* é ou não é uma menina ao satisfazer ou não aos critérios da categoria MENINA). Esta noção de pertencimento total ou pertencimento nulo à categoria é o que confere à categoria a característica de possuir limites bem delineados.

Outra característica importante decorrente desta concepção diz respeito aos membros posicionados dentro das categorias. Se, conforme foi postulado, o pertencimento de uma entidade a determinada categoria se justifica pela presença de traços característicos da categoria, é correto dizer que todos os membros agrupados da mesma forma possuem características necessárias e suficientes em comum, o que os torna equidistantes em relação ao seu posicionamento na categoria. Ou seja, uma vez que os membros apresentam os mesmo traços necessários para serem categorizados de forma igual, o modelo CNS confere a estes membros o mesmo status, sendo impossível

[80] [The features are necessary in that no entity that does not possess the full set is a member of the category, and they are sufficient in that possession of all the features guarantees membership.]
[81] As letras maiúsculas, bem como a utilização de colchetes e outros símbolos matemáticos, obedecem a convenções formais utilizadas para se referir a categorias.

pensarmos em membros mais representativos de uma mesma categoria. As categorias propostas pelo modelo CNS, portanto, além de apresentarem limites claramente definidos, são, também, homogêneas em sua natureza.

Apesar de ser amplamente aceito por muitos estudiosos, o modelo CNS parece funcionar muito bem na teoria, porém, na prática, não consegue explicar satisfatoriamente alguns questionamentos que naturalmente surgem. Tomemos o exemplo dado logo acima em relação à categoria MENINA. É sabido que o processo de crescimento do ser humano acontece de maneira gradual, logo, a categorização de um ser humano como adulto ou criança tende a ser passível de críticas por não se tratar de uma questão binária como propunha a teoria aqui exposta. Assim, um ser humano do sexo feminino não deixa de possuir o traço [ADULTO-] para adquirir o traço [ADULTO+] de forma súbita. Em outras palavras, uma menina não dorme menina e acorda mulher, e sim passa por uma série de transformações físicas e psicológicas que ocorrem de maneira gradual e a colocam, em certo momento, em uma zona difusa entre a categoria MENINA e a categoria MULHER. Uma pessoa do sexo feminino com saúde física e mental plenamente desenvolvidas aos treze anos de idade, por exemplo, não apresenta mais os traços de uma criança, mas também não apresenta todos os traços de uma adulta. Em situações como esta, o modelo CNS não explica quando, ao certo, este ser humano apresentará todas as características necessárias e suficientes para apresentar o traço [ADULTO+] e ser categorizada como uma mulher e não mais como uma menina. É por questionamentos deste tipo que Lakoff (1987, p.9) defende que as ideias trazidas pelo modelo CNS "devem ser substituídas por ideias não apenas mais eficazes, mas mais humanas"[82].

Tais considerações serviram de motivação para a psicóloga Eleanor Rosch desenvolver uma série de experimentos empíricos, ao longo da década de 70 (cf. ROSCH, 1975; ROSCH et al, 1976), que buscavam explicar, de maneira mais criteriosa, como ocorre o processo de categorização na mente humana. Em seus estudos, Rosch (1978, p.28) propõe a existência de dois princípios básicos responsáveis pela formação de categorias. O primeiro princípio é o da economia cognitiva [*Cognitive Economy*], e diz respeito à função dos sistemas de categoria, que, segundo a autora, é o de providenciar o máximo de informação com o mínimo de esforço cognitivo. Nas palavras de Rosch (1978, p.28), "enquanto organismo vivo, o que uma pessoa espera

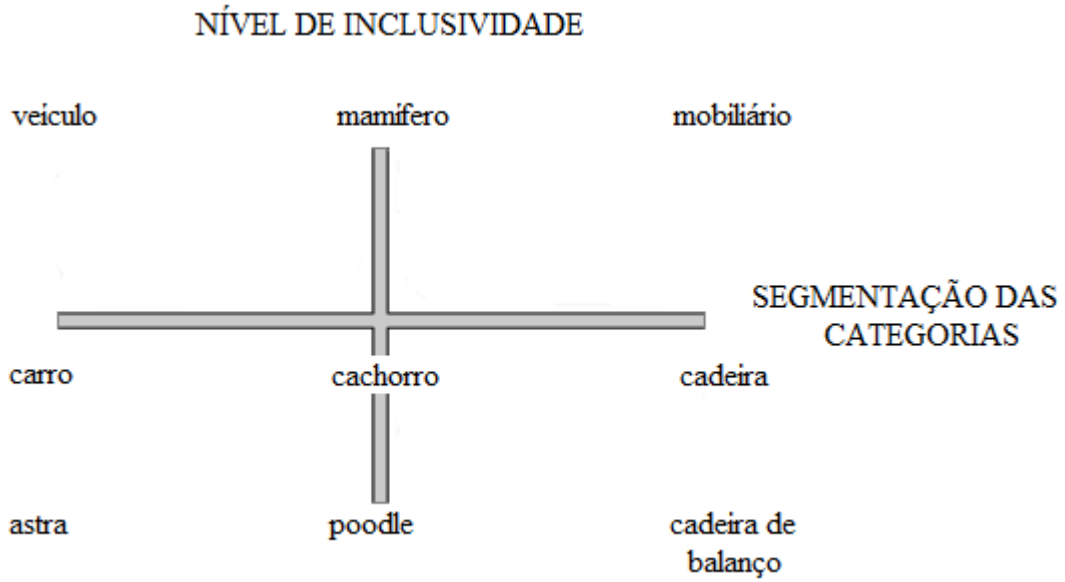
[82] [they need to be replaced by ideas that are not only more accurate, but more humane.]

ganhar de uma categoria é uma grande quantidade de informação sobre o ambiente que a cerca e, ao mesmo tempo, conservar o máximo possível recursos finitos"[83]. O segundo princípio, o da percepção da estrutura do mundo [*Perceived World Structure*], diz respeito ao modo como o mundo é percebido pelo ser humano e defende que a informação chega ao homem de maneira estruturada, e não arbitrária. Segundo Rosch (1978, p. 29),

> [...] as combinações do que percebemos como atributos de objetos reais não ocorrem de maneira uniforme. Algumas combinações são muito prováveis, aparecendo, às vezes, em combinação com um atributo, às vezes com outro atributo. Outras combinações são raras. Outras, logicamente, não podem ocorrer empiricamente.[84]

A partir dos dois princípios aqui descritos, Rosch (1978, p.30) postula uma concepção dupla de categoria e categorização, em que a autora defende que devemos conceber os sistemas de categoria através de duas dimensões, uma vertical (referente ao estabelecimento da estruturação hierárquica entre as categorias) e outra horizontal (referente à estruturação interna das categorias). De acordo com a autora, as implicações dos dois princípios de categorização para a dimensão vertical é que os distintos níveis de categorização diferem em relação a sua utilidade e grau de satisfatoriedade (compare, por exemplo, as diferenças entre as categorias MAMÍFERO, CACHORRO e POODLE. Para a dimensão horizontal, as implicações dos dois princípios dizem respeito ao modo como estas categorias irão se estruturar (ou seja, em termos de protótipos) (ROSCH, 1978, p.30). Abaixo, apresentamos uma representação esquemática da proposta de Rosch (1978):

[83] [as an organism, what one wishes to gain from one's categories is a great deal of information about the environment while conserving finite resources as much as possible.]
[84] [combinations of what we perceive as the attributes of real objects do not occur uniformly. Some pairs, triples, etc., are quite probable, appearing in combination sometimes with one, sometimes another attribute; others are rare; others logically cannot or empirically do not occur.]



Esquema 1: representação da proposta de Rosch (1978) para o sistema de categorização humano (adaptado de EVANS; GREEN, 2006)

Se observarmos o gráfico na sua dimensão vertical, poderemos reparar a existência de diferentes níveis categoriais. Quanto mais alto o nível categorial, menos informação é oferecida, porém mais economia cognitiva é feita. Da mesma forma, quanto mais decresce o nível categorial, mais são as informações oferecidas acerca da categoria, porém isso custa um esforço cognitivo maior, ou seja, a economia cognitiva é menor. Comparando as dimensões verticais, portanto, temos, no nível superior, as categorias intituladas *categorias superordenadas*, como a categoria VEÍCULO, por exemplo. Nesta categoria, se encontra uma grande diversidade de possíveis membros (tais como carros, barcos, aviões etc.), o que a leva a ser uma categoria mais geral, que apresenta pouco detalhamento a respeito de seus membros.

No outro extremo do gráfico, temos, no nível inferior, as categorias intituladas *categorias subordinadas*, tais como a categoria ASTRA aqui apresentada. Neste caso, se trata uma categoria muito específica, já que se refere a um tipo específico de carro e, por isso, apresenta grande detalhamento, poupando seus usuários da economia cognitiva. Pensemos, por exemplo, no uso destas duas categorias em uma mesma frase: *comprei um veículo novo*, por exemplo, em comparação a *comprei um astra novo.* A seleção da primeira categoria no primeiro exemplo pouparia o interlocutor de detalhamentos a respeito do que foi comprado (pode ser um ônibus, uma moto ou uma bicicleta, por exemplo), o que lhe renderia uma grande economia cognitiva, porém sacrificaria muitas informações, deixando a frase um tanto vaga. No segundo exemplo,

acontece o inverso, pois a seleção da categoria fornece informações muito precisas (talvez até desnecessárias) a respeito do que foi comprado, exigindo assim, um esforço cognitivo maior do interlocutor.

No nível intermediário aos dois extremos aqui apresentados, encontram-se as categorias intituladas *categorias de nível básico*, que, neste caso, podem ser exemplificadas pela categoria CARRO. Segundo Rosch (1978, p.34), este nível intermediário corresponde ao nível categorial que consegue ser, ao mesmo tempo, mais geral e mais inclusivo, onde os objetos podem ser mais bem descritos. Em outras palavras, a categoria de nível básico é a mais importante para a categorização humana, uma vez que, nela, os conceitos têm um número satisfatório de atributos distintivos sem deixar de ser econômica cognitivamente. Assim, retomando nossos exemplos anteriores, podemos dizer que entre a falta de precisão e economia cognitiva demasiada de *comprei um automóvel novo* e a precisão demasiada e falta de economia cognitiva de *comprei um astra novo*, podemos encontrar um meio termo, que atenda às nossas necessidades de informação e nos proporcione economia cognitiva, através da frase *comprei um carro novo* (que é a mais utilizada por quem quer comunicar este tipo de informação). A concepção da dimensão vertical foi de grande proveito para a comunidade científica, uma vez que conseguiu demonstrar, esquematicamente, a existência de diferentes níveis de categorias e a sua utilidade para a transmissão de informação entre seres humanos.

Em consonância com a dimensão vertical, encontramos, também, a dimensão horizontal proposta por Rosch (1978), que está relacionada à estruturação interna das categorias, ou seja, procura explicar como os membros de uma mesma categoria estão dispostos dentro dela e o que os leva a dividirem este mesmo espaço. Note que, no modelo CNS, a única discussão desenvolvida a respeito do fenômeno da categorização é esta (pertencimento de membros a categorias), o que leva os defensores da Teoria Prototípica a postularem que o modelo clássico de categorização aborda o fenômeno apenas de modo parcial.

Seguindo os postulados de Kleiber (1990), podemos dizer que a averiguação da estruturação interna das categorias se divide em dois momentos da Teoria Prototípica proposta por Rosch. Ao primeiro momento, o autor dá o nome de versão padrão [*version standard*] e, ao segundo momento, versão estendida [*version étendue*]. A versão padrão da teoria dos protótipos traz uma ruptura com o modelo CNS, uma vez que abandona a ideia de traços necessários e suficientes para a descrição de uma

categoria e adota a noção de protótipo. Conforme aponta Kleiber (1990, p.48), o protótipo é apresentado, na versão padrão, como o melhor exemplar, o melhor representante ou a instância central de uma categoria. Nesta concepção, o protótipo funciona como um ponto de referência cognitivo. A consequência desta nova concepção é que os membros das categorias não são mais vistos como equidistantes, conforme propunha o modelo CNS, mas podem ser considerados melhores ou piores representantes da categoria em virtude do seu grau de proximidade com o protótipo.
Kleiber (1990, p.51) aponta para as ideias fundamentais que alicerçam a versão padrão da Teoria Prototípica. São elas:

a) a categoria possui uma estrutura interna prototípica;
b) o grau de representatividade de um exemplar corresponde ao seu grau de pertencimento à categoria;
c) as fronteiras das categorias ou dos conceitos são difusas;
d) os membros de uma categoria não apresentam as propriedades comuns a todos os membros, é uma *semelhança de família*[85] que os agrupa;
e) o pertencimento de um membro a uma categoria se dá sobre a base do grau de similaridade com o protótipo;
f) a categorização não se dá de modo analítico, e sim de modo global.

Basicamente, a versão padrão da teoria dos protótipos propõe que o pertencimento ou não de um membro a uma categoria ocorre em virtude da comparação deste membro com o protótipo da categoria. Esta explicação ao fenômeno da categorização trouxe muitas vantagens para os estudos na área, uma vez que apresenta um vasto domínio de aplicação. Porém, a versão padrão da teoria dos protótipos também apresentou falhas em alguns casos de sua aplicação, o que levou os seus

[85] A noção de semelhança de família [*family resemblance*] foi proposta originalmente pelo filósofo Wittgenstein e consiste em uma estruturação que permite que os membros de uma categoria estejam relacionados uns aos outros sem que apresentem uma propriedade em comum que defina a categoria (LAKOFF, 1987, p.12). O termo remete aos traços de uma família (cabelo escuro, pele clara, olhos puxados e estatura alta, por exemplo) que constituem um conjunto de atributos característicos desta família (como atributos em uma categoria). No entanto, para que um membro seja reconhecido como pertencente a esta família, ele não precisa apresentar todos os atributos listados (ele pode ser de estatura baixa ou ter cabelos claros, por exemplo), da mesma forma que uma ave, para ser categorizada como tal, não necessita, obrigatoriamente, voar (mesmo que a capacidade de voar seja um atributo da categoria AVES). Assim, também, embora possamos falar de uma série de atributos característicos de uma família/categoria, não existe nada que obrigue que um destes atributos seja essencial para o pertencimento a esta categoria.

formuladores a submetê-la a revisões, que culminaram na versão estendida da Teoria Prototípica.

Conforme salienta Kleiber (1990, p. 119), a própria noção de protótipo é uma noção prototípica, ou seja, ela não se aplica diretamente a todos os setores. Com a aplicação da teoria na prática, os estudiosos chegaram à conclusão de que existem domínios privilegiados, que são os melhores representantes do emprego da teoria, e domínios mais ou menos marginais, onde a teoria não é tão eficaz. Estes domínios marginais correspondem, principalmente, a itens polissêmicos (KLEIBER, 1990, p.148).

Assim, a noção de protótipo como entidade fundadora da estrutura categorial é abandonada. Esta concepção cede seu espaço, na versão estendida, para a noção de *graus de prototipicidade*. É nesse sentido que Rosch (1978, p.40) postula que "falar de *um protótipo* é uma ficção gramatical cômoda; o que é realmente visto são os julgamentos de grau de prototipicidade"[86]. O protótipo, portanto, não se trata mais de uma entidade única, e sim de uma representação de um conceito, que serve para representar uma categoria. Nesta reformulação da teoria, o conceito de semelhança de família é a peça fundamental para explicar por que membros que não possuem nenhum traço em comum podem ser categorizados da mesma forma. Vejamos, abaixo, uma ilustração desta nova concepção de categoria:

Esquema 2: representação da versão estendida da teoria prototípica

Podemos imaginar que a figura acima reúne quatro palavras polissêmicas com uma origem em comum. Assim, *b*, *c* e *d* são extensões de sentido de *a*, que, mesmo não apresentando nenhum traço em comum com *d*, ainda assim é categorizada da mesma forma. Neste caso, a versão estendida da Teoria Prototípica consegue explicar o posicionamento de *a* e de *d* em uma mesma categoria por apresentar uma concepção multi-referencial de categoria (em oposição à versão padrão, que apresentava uma concepção mono-referencial). É nesse sentido que, nesta nova versão, o protótipo passa

[86] [To speak of *a prototype* at all is simply a convenient grammatical function; what is really referred to are judgments of degree of prototypicality.]

a ser efeito prototípico, e o que vincula os membros de uma mesma categoria é a semelhança de família. Seguindo o princípio da semelhança de famílias, a ideia de uma categoria organizada em torno de um centro prototípico é substituída por uma organização lado-a-lado (KLEIBER, 1990, p.160).

Conforme aponta Kleiber (1990, p.150), mesmo após o surgimento da versão estendida, a versão padrão da Teoria Prototípica permaneceu sendo amplamente utilizada por muitos estudiosos. Para o autor, isso ocorre porque a versão estendida não representa apenas um prolongamento da versão padrão, mas uma ruptura com a mesma, tendo em vista as inúmeras modificações que foram feitas. Além disso, frisamos que a versão estendida surgiu em razão das dificuldades encontradas ao se aplicar a versão padrão em itens polissêmicos, principalmente. Conforme foi exposto anteriormente, a versão padrão possui um alto grau de aplicabilidade, o que leva muitos estudiosos a optarem por esta teoria na explicação da categorização de certo fenômenos, mesmo nos dias atuais. Conforme ficará explícito na próxima seção deste trabalho, o objeto que nos propomos a averiguar – as cores – constitui um destes campos de aplicação em que a versão padrão da teoria dos protótipos se aplica de forma muito proveitosa.

A importância dos três modelos de categorização aqui expostos – o modelo CNS, a primeira versão da Teoria Prototípica e a segunda versão da Teoria Prototípica – são de valor inegável para a ciência, uma vez que estas múltiplas maneiras de se discutir os sistemas de categorização nos aproximam cada vez mais do entendimento acerca da mente humana. Conforme salienta Lakoff (1987, p.7),

> [...] a Teoria Prototípica, do jeito que está colocada, está mudando nossa ideia a respeito da capacidade mais fundamental da mente humana – a capacidade de categorizar – e, com ela, nossa ideia sobre como funcionam a mente e o raciocínio humanos.

3.2.5.3.1 *A categorização das cores*

Nos estudos sobre categorização, o debate em torno das diferenças e semelhanças em relação ao modo como as línguas recortam e nomeiam o espectro cromático tem sido muito alimentado pela comunidade científica (cf. BERLIN; KAY, 1999; KAY et al, 1997; LYONS, 1963), o que faz desse tema um assunto abordado por linguistas das mais diversas vertentes teóricas. Além disso, os estudos da Semântica Cognitiva foram altamente influenciados por muitas descobertas da Psicologia Cognitiva, dentre as quais se encontram importantes postulados que tangem a discussão sobre protótipos de cores. Conforme veremos nesta seção, as cores tiveram um papel

fundamental para os estudos de Rosch que levaram à consolidação da Teoria dos Protótipos, uma vez que os experimentos desenvolvidos pela pesquisadora e seus colaboradores também envolviam testes referentes ao reconhecimento de expoentes prototípicos de categorias de cor. Tendo em vista as diversas pesquisas que ainda tangenciam o debate sobre a categorização (cf. HARDIN; MAFFI, 1997), acreditamos que a exposição deste tema no presente trabalho seja de grande utilidade para o nosso objetivo, ou seja, a apresentação de uma proposta para o tratamento lexicográfico de vocábulos de cores.

Taylor (2003) apresenta duas visões distintas a respeito da categorização das cores, uma baseada na visão tradicional, oriunda da tradição estruturalista (Semântica Estrutural), e outra baseada nos postulados da Semântica Cognitiva, que se encontram alicerçados na Teoria Prototípica apresentada logo acima. É com base no raciocínio apresentado por Taylor (2003) que pretendemos expor a trajetória dos estudos sobre a categorização das cores, primeiramente sob uma ótica saussureana e, depois, sob a ótica semântico-cognitiva da linguagem.

Taylor (2003, p.6) retoma, primeiramente, os postulados saussureanos a respeito da arbitrariedade do signo linguístico. Conforme postula Saussure, o signo linguístico é arbitrário por natureza e essa arbitrariedade ocorre por dois vieses: primeiramente, porque a associação de uma forma particular (significante) a um significado particular (significado) é arbitrária (SAUSSURE, 2006, p.81). Em segundo lugar, porque o próprio significado é arbitrário por natureza (SAUSSURE, 2006, p.83). Desta forma, "Saussure negava vigorosamente que existissem pré-significados (como 'vermelho', 'laranja' etc.), que estivessem lá, independentes da língua, esperando para serem nomeados" (TAYLOR, 2003, p.6)[87].

Um outro aspecto da visão saussureana da linguagem apontada por Taylor (2003) diz respeito à noção de língua como um sistema de signos em oposição. Segundo esse famoso postulado de Saussure, o valor de um signo resulta da presença simultânea de outros, ou seja, o significado acontece pela presença da oposição dos elementos do sistema (SAUSSURE, 2006, p.136). A primeira conclusão oriunda de tal postulado, portanto, é que uma cor teria o seu valor em função da presença de outras cores no sistema (TAYLOR, 2003, p.7). Diante destas considerações, Taylor (2003, p.7) defende

[87] [Saussure vigorously denied that there are pre-existing meanings (such as "red", "orange", etc.), which are there, independent of language, waiting to be named.]

que o estudo das cores sob a perspectiva estruturalista da linguagem acarretaria em implicações tais como:

1) "Todos os termos de cores de um sistema possuem o mesmo status" (TAYLOR, 2003, p.7)[88]. Ou seja, assim como postulava o modelo tradicional de categorização (modelo CNS), as categorias de cores seriam formadas por membros equidistantes, mesmo que alguns termos fossem usados com mais frequência que outros. Para a concepção estruturalista, se o valor de cada termo ocorre em função da oposição com os outros termos do sistema, não há porque existir um termo mais representativo da categoria do que outro.
2) "Todos os referentes de um termo de cor possuem o mesmo status" (TAYLOR, 2003, p.7)[89]. Da mesma forma que os termos do sistema possuem o mesmo status, na visão estruturalista, os referentes desses termos também terão o mesmo status. Conforme aponta Taylor (2003, p.7), de acordo com a visão estruturalista, se duas tonalidades são categorizadas como vermelho, não há porque, do ponto de vista da linguagem, se discutir qual tonalidade é "mais vermelha". Apesar de o falante perceber a diferença entre as tonalidades, o estruturalismo ignora que essa diferença seja importante para fins de estudos de categorização.
3) "O único objeto de estudos da Linguística é o sistema linguístico, não termos individuais de um sistema, nem os referentes dos termos individuais." (TAYLOR, 2003, p.7)[90]. Para a teoria estruturalista, o que importa no estudo da linguagem é a comparação entre sistemas inteiros e os valores existentes dentro desses sistemas (línguas).

Como já foi mencionado, o modelo de categorização tradicional foi, durante muito tempo, concebido como a única explicação possível para a formação de categorias. Esse modelo, portanto, permaneceu inquestionável durante centenas de anos, até ser refutado pela Teoria Prototípica proposta por Rosch e colaboradores, quando se passou a questionar a respeito da existência de melhores e piores exemplares de uma categoria. Dentre os estudos que impulsionaram o surgimento de novas explicações ao

[88] [All colours terms in a system have equal status.]
[89] [All referents of a colour term have equal status.]
[90] [The only legitimate object of linguistic study is the language system, not individual terms in a system, nor indeed the referents of the individual terms.]

fenômeno da categorização, encontra-se o trabalho de Berlin; Kay (1999), publicado originalmente no final da década de sessenta, que discutiremos a partir de agora.

Através de uma série de experimentos empíricos que visava a comparar os nomes de cores básicas em 20 línguas diferentes, Berlin e Kay chegaram a algumas conclusões que se colocavam em oposição à visão tradicional sobre categorização de cores. De acordo com o estudo intitulado Termos Básicos de Cor [*Basic Color Terms*],

> [...] apesar das diferentes línguas codificarem em seus vocabulários diferentes *números* de categorias de cores básicas, um inventário total universal de exatas onze categorias de cores básicas existe, do qual onze ou menos termos de cores básicas de qualquer língua são sempre extraídos (BERLIN; KAY, 1999, p.2).[91]

As onze categorias básicas de cor apontadas pelos autores são, no português brasileiro, as representadas pelos termos de cor *branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, roxo, rosa, laranja* e *cinza* (BERLIN; KAY, 1999, p.12). Esses termos básicos de cor constituem os protótipos de categorias de cor e, ao mesmo tempo, nomeiam estas categorias. Além disso, estes termos possuem um caráter universal no que diz respeito à sua tonalidade correspondente no espectro cromático (o vermelho prototípico do inglês, nomeado pelo termo básico de cor *red*, seria o mesmo vermelho prototípico do português, designado pelo termo *vermelho*, por exemplo). Os estudos levaram a crer que a existência de termos básicos de cor e sua possível universalidade estariam estritamente condicionados à configuração biológica do corpo humano, como pôde ser comprovado algum tempo mais tarde em estudos neurofisiológicos desenvolvidos por Kay e McDaniel (LAKOFF, 1987, p.26). A primeira grande conclusão de Berlin e Kay (1999), portanto, é a provável existência de universais semânticos de cor, representados pelo que os autores denominaram Cores Focais [*Focal Colors*]. As cores focais, uma vez que funcionam como pontos de referência cognitiva e são psicologicamente mais salientes, podem ser classificadas como categorias de nível básico no âmbito do espectro cromático. Conforme Berlin e Kay (1999, p.6), para que um termo seja um termo básico de cor, ele deve obedecer às seguintes regras:

1) O termo deve ser monolexêmico, ou seja, morfologicamente simples. Além disso, o significado do termo de cor não pode ser depreendido do

[91] [Although different languages encode in their vocabularies different numbers of basic color categories, a total universal inventory of exactly eleven basic color categories exists from which the eleven or fewer basic color terms of any given language are allways drawn.]

significado das suas partes. Termos como *azul-celeste* ou *verde-limão*, por exemplo, não são termos básicos de cor;

2) O termo não deve estar incluído dentro de outro termo, ou seja, não deve estar subordinado a uma outra tonalidade de cor. O termo *bordô*, por exemplo, não constitui um termo básico de cor por fazer referência a um tipo de vermelho;
3) O termo não pode ser restrito a aplicações específicas. O termo *loiro*, por exemplo, não constitui termo básico de cor, pois faz referência preferencialmente às cores de cabelo;
4) O termo deve ser psicologicamente saliente aos falantes. Alguns indícios de saliência apontados pelos pesquisadores são a estabilidade de referência entre os informantes (diferentes informantes apontaram a mesma tonalidade como a instância mais prototípica da categoria de cor) e a ocorrência nos idioletos de todos os informantes (são termos de uso corriqueiro nas línguas, tais como *azul* no português, *blue* no inglês e *bleu* no francês).

A segunda conclusão a que Berlin e Kay chegaram após seus experimentos foi a de que as onze cores focais descobertas se apresentavam de forma hierárquica nas línguas estudadas, ou seja, que havia a possível existência de uma sequência evolucionária para o desenvolvimento do léxico de cores. Conforme postulam Berlin; Kay (1999, p.2), "se uma língua codifica menos de onze categorias básicas de cor, há uma limitação estrita de quais categorias essa língua poderá codificar"[92]. De acordo com os autores, o inventário universal de onze cores focais obedece à seguinte sequência:

preto					amarelo						cinza laranja
	<	vermelho	<			<	azul	<	marrom	<	
branco					verde						roxo rosa

Esquema 3: representação da sequência evolucionária dos termos básicos de cor (adaptado de BERLIN; KAY, 1999, p.4)

No desenvolvimento léxico das cores, portanto, o preto e o branco seriam os dois primeiros termos a surgirem, seguidos pelo vermelho, que é seguido pelo verde ou pelo amarelo, seguido pelo verde e o amarelo (aparecendo sob apenas uma categoria de cor),

[92] [If a language encodes fewer than eleven basic color categories, then there are strict limitations on which categories it may encode.]

que são seguidos pelo azul, que é seguido pelo marrom, que é seguido pelo o cinza, pelo laranja, pelo roxo e pelo rosa. De acordo com Berlin; Kay (1999, p.2-3), o inventário de termos de cores de uma língua, ao que tudo indica, segue as seguintes regras:

1) "Todas as línguas contém termos para o branco e o preto"[93]
2) "Se uma língua contém três termos, ela, então, contém um termo para o vermelho"[94];
3) "Se uma língua contém quatro termos, ela, então, contém um termo para o verde ou para o amarelo (mas não para os dois)"[95];
4) Se uma língua contém cinco termos, ela, então, contém termos para o verde e para o amarelo"[96];
5) "Se uma língua contém seis termos, ela, então, contém um termo para o azul"[97];
6) "Se uma língua contém sete termos, ela, então, contém um termo para o marrom"[98];
7) "Se uma língua contém oito ou mais termos, ela, então, contém um termos para o roxo, o rosa, o laranja, o cinza ou alguma combinação destes termos"[99].

Seguindo o esquema acima proposto, a existência, em uma língua, de uma categoria de cor à direita, implica a existência de todas as categorias à esquerda. Uma língua, portanto, que apresente no seu léxico um termo referente à tonalidade *azul*, apresentará, necessariamente, segundo Berlin e Kay (1999), termos designantes para preto, branco, amarelo e/ou verde. Assim, podemos dizer que o estudo de Berlin e Kay perpassa a discussão da categorização das cores na linguagem, servindo, também, para explicar alguns aspectos da evolução cronológica das línguas. Hardin; Maffi (1997b, p.4) dividem os resultados da pesquisa de Berlin e Kay (1999) em resultados sincrônicos (a existência das cores focais e dos termos básicos de cor) e resultados diacrônicos (a evolução no aparecimento dos termos básicos de cor no léxico das línguas).

[93] [All languages contain terms for white and black.]
[94] [If a language contains three terms, then it contains a term for red.]
[95] [If a language contains four terms, then it contains a term for either green or yellow (but not both).]
[96] [If a language contains five terms, then it contains terms for both green and yellow.]
[97] [If a language contains six terms, then it contains a term for blue.]
[98] [If a language contains seven terms, then it contains a term for brown.]
[99] [If a language contains eight terms or more terms, then it contains a term for purple, pink, orange, grey, or some combination of these.]

Por estarem estritamente ligadas à percepção pelas células cones, localizadas na retina, as cores focais propostas por Berlin e Kay (1999) apontam para uma provável motivação em relação à divisão do espectro cromático, o que leva Taylor (2003, p.12) a concluir que, "embora possamos falar em um espectro cromático organizado de maneira contínua, a percepção desse espectro não é necessariamente contínua"[100]. O verde prototípico da categoria *verde*, por exemplo, não surge de forma arbitrária, e sim por uma série de interações dos fenômenos químicos e físicos (que resultam no comprimento de onda da cor verde) com o aparelho visual humano, que tende a perceber esta tonalidade como a mais saliente da categoria VERDE. Além disso, Taylor (2003, p.13) ainda aponta para o fato de haver um motivo pelo qual o vermelho e o verde, o azul e o amarelo, o preto e o branco estão posicionados à direita da hierarquia: "em termos de seu processamento neurológico, tais cores constituem 'primitivos' perceptuais, enquanto o laranja e o roxo, e o cinza, o rosa e o marrom resultam da mistura das cores elementares"[101].

De acordo com Taylor (2003, p.14), duas considerações importantes, que se colocam em oposição à visão estruturalista sobre o estudo das cores, emergem a partir da pesquisa realizada por Berlin e Kay. Primeiramente, a conclusão de que as categorias de cores possuem centro e periferia, ou seja, a existência de exemplares melhores e piores de uma mesma tonalidade, fato que discorda da visão estruturalista de que os membros de uma categoria teriam o mesmo status. Importante mencionar que, no caso das cores, o centro da categoria é sempre constante, seja qual for a extensão da categoria.

Em segundo lugar, a conclusão de que as cores não formam um sistema, no sentido saussureano, pois possuem um centro focal, apresentado como protótipo da categoria. O centro focal, ou seja, o centro da categoria cromática permanecerá o mesmo independentemente da entrada de um novo termo ao sistema.

O estudo aqui apresentado serviu para inovar o modo como as categorias de cores eram concebidas até a década de sessenta do século XX. Ao postular que a divisão do espectro cromático não ocorre de maneira arbitrária, como postulava a visão tradicional, o estudo intitulado *Basic Color Terms* contribuiu de modo empírico para a

[100] [While it may be valid to talk of the colour spectrum as a smooth continuum, it does not follow that perception of the spectrum is equally smooth.]
[101] [In terms of their neurological processing, these colours constitute perceptual "primitives", while Orange and purple, and grey, pink and brown, result from the mixing of the elemental colours.]

construção e consolidação da Teoria dos Protótipos, que, na época, começava a dar seus primeiros passos. Além disso, o estudo também corroborou um dos postulados mais difundidos pela Semântica Cognitiva, que é o papel do corpo na formação de conceitos na mente humana. Nesse estudo, ficou claro que, em vez de demonstrar a arbitrariedade das categorias linguísticas, as cores constituem um exemplo da influência da percepção e do meio na formação destas categorias (corporeidade e experiencialismo).

3.2.5.3.2 *O relativismo linguístico, a Semântica Cognitiva e as cores*

Ao sugerir que a categorização das cores não ocorre de maneira arbitrária, e sim de maneira altamente motivada, a discussão levantada por Berlin; Kay (1999) vai de encontro a um importante postulado dos estudos da linguagem conhecido como *hipótese do relativismo linguístico*. Segundo esta hipótese, existe uma relação intrínseca entre a língua que falamos e o modo como agimos e pensamos (KÖVECSES, 2006, p.34).

A hipótese do relativismo linguístico foi desenvolvida por uma série de pesquisadores, dentre eles, Edward Sapir, mas foi através dos escritos de um de seus discípulos, Benjamin Lee Whorf, que a hipótese se propagou. Essa relação de parceria entre os dois pesquisadores fez com que a hipótese do relativismo linguístico fosse também conhecida como *hipótese Sapir-Whorf.*

Conforme aponta Kövecses (2006, p.34), a hipótese do relativismo linguístico possui duas versões, conhecidas como versão forte [*strong version*] e versão fraca [*weak version*]. A versão forte da hipótese postula que a língua que um ser humano fala determina o modo como ele pensa, ao passo que a versão fraca postula que a língua que um ser humano fala apenas influencia o que ele pensa. Com a divulgação das duas versões da hipótese, muitas críticas recaíram sobre a versão forte, uma vez que ela parecia sugerir que o homem se encontrava aprisionado dentro da sua própria língua materna. Se a hipótese forte fosse verdadeira, seria impossível ao ser humano aprender uma língua estrangeira, por exemplo, uma vez que para que o aprendizado de uma língua estrangeira ocorra, é necessário que se enxergue o mundo de acordo com essa língua. Através de críticas desse tipo, a versão forte da hipótese, que defendia que a língua determina o pensamento, teve pouco respaldo entre os pesquisadores, que preferiram dar sustentação à hipótese fraca, de que a língua não determina, mas sim influencia o pensamento humano (KÖVECSES, 2006, p.34).

Assim, a tese central do relativismo linguístico (ou hipótese Sapir-Whorf) apresentada por Whorf (1956, p.212) defende que

> [...] o sistema linguístico (em outras palavras, a gramática) de uma língua não constitui apenas um instrumento reprodutor de ideias proclamadas, mas sim o molde dessas ideias, o programa e o guia da atividade mental dos indivíduos, para as suas análises de impressões, para a síntese de seus estoques mentais. A formulação de ideias não é um processo independente, estritamente racional no velho sentido, mas faz parte de uma gramática particular e se difere, pouco ou muito, de gramáticas diferentes.[102]

Conforme apontam Berlin; Kay (1999, p.2), a hipótese do relativismo linguístico influenciou amplamente linguistas e antropólogos americanos do século XX, que possuíam uma orientação de extremo relativismo linguístico. No âmbito das cores, os postulados trazidos por Sapir e Whorf sugerem a total arbitrariedade em relação ao modo como as línguas segmentam o espectro cromático, pensamento que, conforme já mencionamos na seção anterior, dominou as convicções científicas durante muito tempo, até ser refutado pelos estudos de Berlin; Kay (1999). Essa linha teórica sugere que, uma vez que a divisão e a nomeação do espectro cromático acontecem de modo totalmente arbitrário, cada língua tem a sua maneira particular de lidar com os termos de cores, o que leva os termos de cores de uma língua a não manterem correspondências com os termos de cores de outras línguas. A busca por universais semânticos de cor, nesse caso, não faz sentido.

As influências do relativismo linguístico podem ser encontradas, por exemplo, nos escritos de Lyons (1963) que, ao discorrer sobre as diferentes estruturações que as línguas obedecem, recorre aos termos de cores para defender suas ideias. Segundo o autor, os termos de cores constituem, prontamente, exemplos de um sistema fechado dentro do vocabulário total, o que torna possível, na visão do autor, "demonstrar claramente e sem controvérsia que o mesmo campo denotativo é diferentemente dividido pelas diversas línguas" (LYONS, 1963, p.69-70), deixando transparecer, assim, suas convicções na arbitrariedade dessa esfera do léxico.

As ideias lançadas pelo relativismo linguístico em relação à arbitrariedade de conceitos de cores em razão da influência da língua sobre o pensamento foram fortemente refutadas pelo estudo de Berlin; Kay (1999) apresentado na seção anterior.

---

[102] [The background linguistic system (in other words, the grammar) of each language is not merely a reproducing instrument for voicing ideas but rather is itself the shaper of ideas, the program and guide for people's mental activity, for their analysis of impressions, for their synthesis of their mental stock in trade. Formulation of ideas is not an independent process, strictly rational in the old sense, but is part of a particular grammar and differs, from slightly to greatly, among different grammars.]

Conforme foi exposto, os estudos de Berlin; Kay (1999) indicaram que a percepção, que é um processo cognitivo, leva à emergência dos termos básicos de cor, ou seja, que a percepção das cores focais (cores mais salientes) nos leva a perceber e nomear determinadas categorias de cor. Conforme aponta Kövecses (2006, p.34), trata-se de um efeito oposto ao que o relativismo linguístico promulga, ou seja, em vez de a língua influenciar o pensamento, é o pensamento (percepção) que influencia a língua (estabelecimento dos termos básicos de cor). Há, portanto, um redirecionamento na concepção língua *versus* pensamento, pois, se em um primeiro momento se acreditou que os significados emergiam da língua e se estabeleciam no pensamento, neste segundo momento o vetor imaginário assume uma direção oposta e vai do pensamento em direção à língua.

A discussão apresentada aqui não podia ficar de fora desse trabalho em razão da importância que ela assumiu nas discussões a respeito da arbitrariedade linguística. Embora tudo indique que, no âmbito das cores, a hipótese do relativismo linguístico pareça não se sustentar, é importante salientar a importância que essa teoria ainda assume dentro dos estudos linguísticos. Kövecses (2006, p.37) enfatiza que o domínio da cor parece ser o único a ir de encontro aos postulados de Whorf (1956), uma vez que outros domínios da linguagem ainda parecem apontar para o que o autor chama de "efeitos whorfinianos", ou seja, a real influência da língua sobre o pensamento.

Acreditamos que uma das conclusões mais importantes da discussão aqui levantada diz respeito à influência de nossos corpos sobre a construção do significado e, consequentemente, a existência de significados potencialmente universais. Por ser um tema tão enfatizado pela Semântica Cognitiva, procuramos deixá-lo explícito ao longo de todo o capítulo, com o intuito de mostrar de que forma essa nova proposta vem desconstruindo postulados há tanto tempo tomados como verdades incontestáveis. Sendo a configuração corpórea do homem um elemento de natureza comum a todos os membros dessa espécie, ela parece ser capaz de transpor as limitações históricas, geográficas e culturais dos povos, deixando transparecer que, ainda que sejamos tão diferentes uns dos outros, alguns aspectos da nossa natureza nos mantém unidos de certa forma, o que nos leva a pensar de modo muito semelhante.

4 PROPOSTA PARA O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DE VOCÁBULOS DE COR

Ao longo deste trabalho, defendemos que as definições de cores oferecidas pelos dicionários semasiológicos, do modo como estão colocadas, não são funcionais na elucidação de significados. Se, por um lado, a discussão de aspectos referentes à teoria lexicográfica tornou possível a identificação de uma série de problemas presentes nas definições de cores dos dicionários analisados, por outro, tudo indica que a mesma teoria não seja capaz de oferecer uma solução plenamente satisfatória ao problema da definição de uma cor, o que nos leva a concluir que nem sempre uma teoria será capaz de fornecer subsídios teóricos para resolver completamente o problema a qual critica.

Tendo em vista a complexidade do objeto aqui averiguado – as definições de cores –, ainda que seja possível desenvolver um modelo que enfoque as definições lexicográficas de vocábulos de cores de maneira integral (ou seja, levando em conta uma taxonomia de paráfrases explanatórias, a escolha por um *pattern* sintático e a adoção de uma teoria semântica), tudo indica que outros elementos complementares à definição linguística ainda sejam necessários para uma boa elucidação do que é uma cor.

Conforme aponta Hardin (1988, p.1), "a visão em cores, assim como a própria complexidade da vida, depende de uma sorte de combinações de circunstâncias"[103]. De acordo com o que foi discutido nas seções 3.2.1.1 e 3.2.2.1, onde elucidamos o importante papel da experiência e do corpo humanos na formação de conceitos de cores, postulados amplamente defendidos pela Semântica Cognitiva, a cor é uma combinação de fatores que envolvem o mundo, o corpo e o cérebro de quem a observa (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.23; GIERE, 2006, p.23-27). Uma vez que esta combinação é indispensável para que o homem perceba a cor do modo como percebe, podemos, então, classificar a cor como uma sensação altamente subjetiva[104]. São reflexões de tal sorte que nos levam a crer que uma definição linguística de cor plenamente satisfatória aos propósitos de um dicionário poderia constituir uma visão utópica.

[103] [Color vision, like complex life itself, depends upon a fortuitous combination of circumstances.]

[104] Fica importante salientar, neste ponto, que classificar a cor como uma sensação altamente subjetiva não implica que possam existir entidades que não sejam subjetivas. Conforme frisamos no capítulo 3 deste trabalho, a Semântica Cognitiva acredita que construir o significado seja conceitualizar, ou seja, que todos os significados presentes em uma língua estão altamente atrelados à subjetividade do falante. No entanto, no caso aqui debatido, acreditamos que, em uma escala de subjetividade, as cores ocupem um lugar mais alto que outros elementos (como objetos concretos, por exemplo).

Neste ponto da discussão, retomamos outro importante postulado trazido pela Semântica Cognitiva, que diz que a língua é uma entidade limitada e limitante do pensamento (EVANS; GREEN, 2006, p. 159). Segundo esta visão, a língua nem sempre é capaz de refletir de forma precisa todas as ideias que se fazem presentes na mente de um falante, visto que algumas coisas não podem ser plenamente descritas, ou seja, perpassam o nível de alcance da língua em razão da sua alta complexidade. Assim, a dificuldade de se exprimir através de sentenças a tonalidade exata de uma cor pode ser uma pista indicativa de que, no caso das cores, a língua seja um recurso de expressão limitado, uma vez que não é capaz de expressar as características necessárias para a transmissão da informação sem fazer uso de referentes diretos no mundo.

Para a Semântica Cognitiva, esta limitação da língua em relação ao pensamento ocorre, principalmente, porque o sistema conceitual humano não constitui uma estrutura linear dotada de limites bem estabelecidos (conforme apresentamos na seção 3.2.7.3, onde tratamos do fenômeno da categorização), mas sim uma sobreposição de ideias que se organiza de maneira radial, com uma série de zonas de interseção que fundem um conceito a outro, sendo muito difícil estabelecer, com precisão, os limites de um conceito.

Porém, a linguagem é linear na sua essência, uma vez que nos comunicamos verbalmente através de sons (que são pronunciados um após o outro), através de gestos (que são exibidos também de maneira ordenada no espaço) e através da escrita (que obedece também a um princípio de progressão linear, onde as letras, palavras e sentenças são posicionadas de modo linear em uma superfície concreta). Sendo a linguagem linear por natureza, os dicionários apresentam os significados das palavras de forma linear, desafiando, assim, a noção de conceito defendida pela Semântica Cognitiva. O dicionário impõe ordenamentos, estabelece limites e separa conceitos que, para a Semântica Cognitiva, não são ordenados por natureza, não possuem uma estrutura linear nem limites estabelecidos *a priori*.

No entanto, as propostas de estudos lexicográficos com base na Semântica Cognitiva, embora ainda embrionárias, parecem demonstrar um grande potencial para os avanços em Lexicografia. Além disso, no caso específico das cores, a Semântica Cognitiva parece apresentar um grande potencial para guiar discussões que tangenciem este tópico, uma vez que está alicerçada em postulados (tais como o experiencialismo, a corporeidade e a Teoria Prototípica) que parecem ser satisfatoriamente aplicáveis à

discussão sobre como o homem percebe e conceitualiza as cores. Estas considerações nos levam a crer que seja possível encontrar na Semântica Cognitiva uma alternativa para o tratamento lexicográfico de vocábulos de cor.

Na discussão que segue, pretendemos encontrar em alguns postulados da Semântica Cognitiva as ferramentas necessárias para aprimorar o tratamento lexicográfico dado aos vocábulos de cor. A teoria semântica aqui defendida tem contribuído muito para diversas discussões que tangenciam a Lexicografia (cf. GEERAERTS, 2003; OLIVEIRA, 2010), e acreditamos que estas contribuições possam se estender também ao âmbito das cores. As propostas que oferecemos a partir de agora se colocam em concordância com essa linha de estudos lexicográficos que enxerga na Semântica Cognitiva uma ferramenta de aprimoramento dos dicionários.

4.1 PROPOSTA PARA O TRATAMENTO DAS CORES SIMPLES

Começaremos apresentando nossa proposta para o tratamento das cores com as cores simples por dois motivos. Primeiramente, por se tratar de cores fundamentais em qualquer língua, uma vez que são responsáveis pela nomeação e representação de categorias inteiras de cor[105], sendo, muitas delas, as representantes das cores focais propostas por Berlin e Kay (1999), ou seja, cores que servem como pontos de referência cognitiva, atuando como protótipos de categorias de cor e possuindo um caráter potencialmente universal em relação a sua representatividade como exemplar prototípico da categoria.

O segundo motivo que nos leva a tratar das cores simples antes de tratarmos das cores complexas se relaciona ao fato de já possuirmos uma proposta para o tratamento lexicográfico deste primeiro tipo de cor, o que ainda não é possível com o segundo tipo. Conforme será visto mais adiante, a discussão que apresentaremos sobre o tratamento lexicográfico das cores complexas ainda depende de pesquisas complementares para que se chegue ao que consideramos uma solução ideal, sendo que, no momento, o que poderemos apresentar constitui uma solução parcial ao problema.

[105] O vocábulo *vermelho*, por exemplo, além de representar uma tonalidade na espectro cromático, também faz menção a todas as variações da categoria *vermelho*, ou seja, todos os tipos de vermelho que são reconhecidos como tal.

4.1.1 **Proposta para a paráfrase explanatória**

4.1.1.1 Proposta para o tipo de paráfrase explanatória

Conforme foi apresentado na seção 2.2 do presente trabalho, nos colocamos em conformidade com a taxonomia apresentada por Bugueño (2009a), que postula que uma definição, para ser suficientemente elucidativa, deve estar alicerçada em três variáveis - a saber, a opção por um tipo de paráfrase explanatória, a escolha de um modelo semântico e a adoção de um *pattern* sintático (BUGUEÑO, 2009a, p.243). Será através do cruzamento destas três variáveis que procuraremos desenhar como seria a melhor maneira de se expressar o significado de uma cor através de mecanismos linguísticos sob a forma de uma definição lexicográfica. Procuraremos, assim, chegar ao que seria o melhor modelo possível de uma definição lexicográfica de cor.

Recapitulando a proposta citada, temos que, em relação à primeira variável (o tipo de paráfrase explanatória adotada) Bugueño (2009a, p.248) apresenta uma tipologia baseada em dois parâmetros: a perspectiva do ato de comunicação e a metalinguagem empregada na própria paráfrase explanatória. O primeiro parâmetro apresentado está relacionado ao caminho que o consulente percorre ao consultar o dicionário, ou seja, se o consulente pretende tomar conhecimento do conteúdo da significação através da busca de um signo-lema (perspectiva semasiológica) ou se ele, conhecendo a significação da unidade léxica, faz o caminho oposto, utilizando-se deste conhecimento para buscar o vocábulo que designa esta significação (perspectiva onomasiológica).

Uma vez que procuramos formular, neste momento, definições linguísticas voltadas para dicionários semasiológicos, a primeira característica da nossa paráfrase explanatória será a de assumir a perspectiva semasiológica do ato da comunicação. Assim, estamos pensando em um consulente que procure na obra lexicográfica o significado de tonalidades as quais só conheça a forma escrita e fonológica, cabendo ao dicionário fornecer a este consulente a tonalidade (significado da cor) correspondente a esta forma escrita e fonológica.

De acordo com a perspectiva semasiológica, Bugueño (2009a, p.249) ainda distingue dois tipos de paráfrases explanatórias. O primeiro tipo diz respeito à paráfrase explanatória analítica, que, segundo o autor, "consiste na reescrita do conteúdo de uma unidade léxica por meio de uma proposição que explicita o mesmo" (BUGUEÑO, 2009a, p.249). O outro tipo de paráfrase apresentado diz respeito à paráfrase

explanatória sinonímica, que procura reescrever o conteúdo de uma unidade léxica através da substituição dessa unidade por outra de conteúdo equivalente (sinônimo).

No que tange aos objetivos do presente trabalho, cabe-nos questionar a respeito da existência de sinônimos de cores. Apesar da definição sinonímica ser utilizada muitas vezes com grande proveito pelos dicionários, acreditamos que este tipo de definição não seja muito proveitosa quando aplicada às cores, uma vez que, ao pensarmos em sinônimos de vocábulos de cores (especialmente cores simples), estes sinônimos parecem estar destinados a usos muito restritos, tendo sua possibilidade de substituição bastante limitada. Pensemos, por exemplo, em *castanho* para sinônimo de *marrom* e em *louro* para sinônimo de amarelo: trata-se de designações utilizadas quase exclusivamente para se referir a estas cores quando presentes em tonalidades de cabelos (e também de olhos, no caso de *castanho*). Pensemos também em *dourado* como sinônimo de *amarelo*, ou em *negro* como sinônimo de *preto* e estaremos diante de outros casos onde a substituição por um provável sinônimo é igualmente limitada, visto que *negro* e *dourado* são amplamente utilizados em situações onde *preto* e *amarelo* não se aplicam (como na referência à cor da pele, onde a palavra *preto* constitui um termo pejorativo no português brasileiro ao ser utilizado no lugar de *negro*, ou no caso de objetos de ouro, onde se usa a caracterização *dourado* em vez de *amarelo*, apesar da tonalidade em questão se encontrar na categoria dos tons de amarelo). O caso de *rubro* e de *encarnado* também soa interessante, uma vez que, embora estes vocábulos possam ser utilizados como sinônimos de *vermelho*, ambos parecem ter caído em desuso na língua portuguesa falada no Brasil, uma vez que dificilmente encontramos falantes utilizando-os em seu dia-a-dia[106].

Diante do que foi colocado a respeito dos sinônimos de cores, parece-nos evidente que uma paráfrase que utilize este tipo de mecanismo para definir cores dificilmente cumprirá com os seus propósitos, cabendo-nos optar pela paráfrase explanatória do tipo analítica dentre as opções disponíveis na perspectiva semasiológica. Até o momento, portanto, podemos enquadrar nossa paráfrase explanatória como uma paráfrase explanatória analítica no que diz respeito à perspectiva do ato da comunicação.

[106] Todos os sinônimos aqui citados são utilizados pelas obras lexicográficas analisadas, conforme apontamos nas análises dos verbetes de cores, no primeiro capítulo deste trabalho.

A segunda variável proposta por Bugueño (2009a) relaciona-se à metalinguagem empregada, ou seja, ao modo como a paráfrase irá abordar o signo-lema. A esta segunda variável subjazem a metalinguagem do conteúdo, onde se procura reescrever o conteúdo da significação de um signo-lema, e a metalinguagem do signo, onde se procura expressar como um signo se emprega (BUGUEÑO, 2009a, p.251-252).

Na nossa tentativa de estruturação de uma paráfrase explanatória para vocábulos de cores, parece-nos quase impossível pensar em uma paráfrase elucidativa que se utilize da metalinguagem do conteúdo, uma vez que o conteúdo de uma cor não parece suscetível de ser descrito em termos linguísticos. As cores não possuem características, propriedades, atributos etc. suficientemente elucidativos que possam ser listados em obras lexicográficas do tipo aqui analisadas[107]. Pensemos, por exemplo, nas diversas características que podemos listar ao tentarmos definir uma árvore: galhos, tronco, folhas, frutos, raízes, capacidade de fazer fotossíntese etc. Esta possibilidade de elencar características para descrever um objeto é muito restrita no caso das cores, o que torna a cor um elemento difícil de ser parafraseado segundo os princípios da metalinguagem do conteúdo, cabendo-nos optar pela metalinguagem do signo.

Em relação à metalinguagem do signo, Bugueño (2009a, p.252-253) ainda aponta para dois subgrupos, sendo o primeiro a paráfrase por indicação de uso, onde "são fornecidas instruções que permitem saber as particularidades da função de um signo ou as suas condições de uso em relação a outros signos", e o segundo a paráfrase por metalinguagem do signo extensional, onde há uma indicação de unidades extralinguísticas relativas ao signo-lema.

Aplicando esta subdivisão ao caso das cores, chegaremos à conclusão de que a melhor escolha repousa na opção pela paráfrase por metalinguagem do signo extensional, por, basicamente, dois motivos. Primeiramente, porque nos parece estranho e desnecessário para os propósitos de um dicionário fornecer ao consulente as funções ou as condições de uso de uma cor (questionamos até mesmo se isto seria possível). Em segundo lugar, em vista das limitações que a língua oferece na descrição de uma cor,

[107] Nos dicionários analisados, identificamos um tipo de paráfrase explanatória analítica por metalinguagem do conteúdo utilizada como definição de cor. Trata-se das definições de cor levando em conta a medida do comprimento de onda a qual a cor resulta, como a 15ª acepção de *verde* oferecida por AuE (2004), "no espectro visível (q. v.), a cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda situado, aproximadamente, entre 510 e 575 nanômetros", por exemplo. Conforme foi discutido no primeiro capítulo deste trabalho, este tipo de definição possui uma funcionalidade muito baixa frente ao público alvo dos dicionários analisados, uma vez que exige conhecimentos científicos muito específicos para que possa ser interpretada.

nos parece altamente pertinente o uso de unidades extralinguísticas que façam referência às tonalidades que se almeja definir.

Portanto, conforme o que foi demonstrado, acreditamos que, levando em conta todas as particularidades que uma cor detém, o tipo de paráfrase que a melhor descreveria seria uma paráfrase que se encaixasse da seguinte forma na taxonomia aqui utilizada: *paráfrase explanatória analítica por metalinguagem do signo extensional*. Esta é, portanto, a primeira variável com que trabalhamos na busca de uma definição linguística para um vocábulo de cor.

4.1.1.2 Proposta para o modelo semântico

Uma vez estabelecido o tipo de paráfrase explanatória utilizado para definir uma cor, é necessário partirmos para a elucidação da segunda variável com a qual trabalharemos na construção da nossa definição linguística para a cor. A segunda variável aqui elencada diz respeito ao modelo semântico que norteará esta definição.

A opção pelo modelo da Semântica Cognitiva se deu, principalmente, em razão de diversos aspectos salientados pela teoria que, na nossa opinião, poderiam ser muito pertinentes para a discussão sobre a lematização e a definição de vocábulos de cores em dicionários. No entanto, para justificarmos a possível eficácia da Semântica Cognitiva diante da discussão proposta neste trabalho, não basta que apresentemos os principais postulados desta teoria, mas que também apresentemos um pouco de outras teorias semânticas e as principais ideias defendidas por elas, para, assim, justificarmos a opção pela Semântica Cognitiva em detrimento de outras propostas teóricas.

Geeraerts (2010), ao apresentar as principais vertentes teóricas dos estudos em Semântica Lexical, discorre a respeito da Semântica Histórico-Filológica, Semântica Estrutural, Semântica Gerativa, Semântica Neoestrutural e Semântica Cognitiva. O autor apresenta estes modelos como uma série de abordagens que, além de estarem dispostas em uma sequência cronológica, também representam os avanços em estudos sobre semântica, uma vez que estas teorias se encontram, muitas vezes, relacionadas umas às outras, tanto por afinidades em seus postulados, como também por oposições em relação aos mesmos.

A primeira abordagem apresentada, a Semântica Histórico-Filológica, representa, segundo o autor, o primeiro estágio da história da Semântica Lexical, abrangendo o período que vai do ano de 1850 ao ano de 1930, aproximadamente

(GEERAERTS, 2010, p.1). Este tipo de averiguação semântica se caracteriza, principalmente, por ser uma abordagem diacrônica à semântica lexical, ou seja, por possuir uma orientação histórica. Neste tipo de abordagem, o principal interesse dos pesquisadores repousa na mudança do significado ou, conforme exemplifica Geeraerts (2010, p.1), "na identificação, classificação e explicação das mudanças semânticas"[108].

Em relação às principais vozes deste primeiro tipo de averiguação semântica, Geeraerts (2010, p.16) apresenta as concepções psicológicas do significado apresentadas por Bréal e Paul como as mais significativas da Semântica Histórico-Filológica, o que não significa que outras opiniões e perspectivas também não se insiram nesta abordagem. De acordo com Geeraerts (2010, p.17), o principal motivo que levou Bréal e Paul a defenderem a perspectiva psicológica é que a mesma poderia trazer explicações bastante satisfatórias às mudanças do significado. Segundo esta perspectiva, o processo de mudança dos significados ocorre em função da necessidade dos falantes de expressarem algo novo. Em outras palavras, a língua muda para se adaptar às necessidades de quem a usa.

Para Geeraerts (2010, p.42), o valor da semântica Histórico-Filológica dificilmente poderá ser subestimado. Um dos motivos da importância deste tipo de averiguação semântica é o fato de ela dar uma atenção especial a dois conceitos fundamentais em qualquer teoria de Semântica Lexical. O primeiro está ligado à natureza dinâmica do significado, ou seja, o reconhecimento de que o significado não é imutável e de que ele sofre modificações ao longo do tempo de acordo com a evolução cronológica da língua. O segundo postulado diz respeito ao fato de a língua estar relacionada à mente, ou seja, que a língua apresenta um lado psicológico.

Obviamente, a ideia defendida pela abordagem Histórico-Filosófica de que a língua possui uma relação estreita com a mente humana parece uma consideração bastante proveitosa para a discussão a respeito de definições de cores. No entanto, outra característica também fundamental da abordagem Histórico-Filosófica se desvia dos propósitos do presente trabalho. Trata-se da proposta de lançar um estudo de natureza diacrônica dentro da Semântica Lexical. Conforme se pode depreender ao longo deste trabalho, nos propomos a fazer um estudo sincrônico a respeito dos termos de cores e suas definições, não nos cabendo discutir a respeito das mudanças de significado que um vocábulo de cor pode ter sofrido ao longo do tempo. É verdade que apresentamos

[108] [The identification, classification and explanation of semantic changes.]

algumas definições de cores de outras épocas da história, assim como discutimos a respeito das definições de significados figurados de expressões cromáticas (tais como *estar no vermelho* ou *ficar roxo de raiva*), porém nenhuma destas discussões foi aprofundada, uma vez que nossa proposta de discussão e aprimoramento dos dicionários não está voltada para estes casos. A proposta de investigação diacrônica, embora muito proveitosa para a Linguística, não se enquadra nos objetivos específicos deste trabalho, o que nos leva a crer que a Semântica Histórico-Filológica não constituiria um modelo teórico satisfatório para os nossos propósitos.

A segunda vertente teórica apresentada por Geeraerts (2010) diz respeito ao modelo estruturalista, já mencionado no segundo capítulo deste trabalho. A Semântica Estrutural constitui a abordagem teórica que dominou o segundo estágio da história da Semântica Lexical, servindo como a principal fonte de inspiração para inovar os estudos sobre o significado no período que abrange os anos de 1930 e 1960 (GEERAERTS, 2010, p.47). Importante mencionar que, apesar de não se encontrar mais em sua época de destaque nos estudos semânticos, a Semântica Estrutural continua servindo de inspiração para diversas abordagens que podem ser vistas como linhas sucessivas do pensamento estrutural, fortemente influenciadas por uma das diversas ramificações desta semântica (conforme foi apresentado no segundo capítulo deste trabalho).

De acordo com Geeraerts (2010, p.49), a principal ideia que rege o estruturalismo é a concepção de língua como sistema. Nas palavras do autor,

> [...] as línguas naturais constituem sistemas simbólicos com propriedades e princípios próprios, e são estas propriedades e estes princípios que determinam o modo como o signo linguístico funciona como signo [109] (GEERAERTS, 2010, p.49)

Este importante postulado remete ao exemplo clássico do jogo xadrez apresentado por Saussure (2006, p.32), pai da teoria estruturalista, que, ao comparar a língua a um jogo de xadrez e as palavras às peças deste jogo, enfatiza que a substituição de peças de madeira por peças de marfim manteria o sistema do jogo inalterado, ao passo que a redução ou o aumento do número de peças do jogo acarretaria em uma mudança profunda do que o autor chama de "a gramática do jogo". Com este exemplo, Saussure (2006) procurou mostrar que, assim como o valor de uma peça dentro de um jogo de xadrez, o valor de um signo linguístico é totalmente convencional dentro da

[109] [Natural languages are symbolic systems with properties and principles of their own, and it is precisely those properties and principles that determine the way in which the linguistic sign functions as a sign.]

língua. O que determina o valor de uma peça ou de um signo, nesta concepção, não é sua forma, e sim as regras do jogo e as regras da língua, respectivamente. O significado de uma palavra, portanto, será sempre em função de sua oposição com outras palavras dentro do sistema linguístico. É nesse sentido que a língua é vista, aqui, como um sistema de signos em oposição.

Conforme aponta Geeraerts (2010, p.50), na proposta apresentada pela Semântica Estrutural, é possível salientar três aspectos que vão de encontro aos postulados da Semântica Histórico-Filológica. Primeiramente, o estruturalismo nega a concepção psicológica de significado, uma vez que, de acordo com a Semântica Estrutural, o significado deve ser sempre visto como uma parte da língua, e não como parte da mente do falante. O segundo ponto refere-se ao foco da investigação linguística, que, na concepção estruturalista, deixa de ser diacrônica para se tornar de orientação sincrônica. Em terceiro lugar, a ênfase das averiguações, nesta nova abordagem, recai nas relações do sistema como um todo, e não mais em signos isolados.

Na seção 3.2.7.3.1 do presente trabalho, onde nos propomos a falar sobre a categorização das cores, apresentamos duas possíveis visões acerca da categorização de termos de cores, uma defendida pela teoria estruturalista e outra pela Semântica Cognitiva. Conforme deixamos claro, procuramos desenvolver as discussões deste trabalho embasados na proposta da Semântica cognitiva, que reconhece fenômenos como prototipicidade e gradiência nas categorias de cor. Acreditamos que as discussões a respeito da identificação e importância dos protótipos de cores e sua possível motivação em decorrência da experiência e do corpo humanos sejam muito proveitosas aos propósitos deste trabalho. Assim, optamos pela teoria proposta pela Semântica Cognitiva, uma vez que a mesma não apenas reconhece estes fenômenos como também dá a eles um status primordial, que vem ao encontro dos nossos propósitos. Nosso interesse pela Teoria Prototípica aplicada ao estudo das cores foi o principal motivo pela opção por um modelo semântico do tipo prototípico em detrimento a um do tipo sistêmico.

A terceira abordagem Semântica que ganha destaque nos estudos em Semântica Lexical, segundo Geeraerts (2010, p.101), é a Semântica Gerativa. Fortemente influenciada pelo modelo estruturalista, a Semântica Gerativa surgiu ao Katz e Fodor introduzirem, na Gramática Gerativa, a análise componencial proposta pela Semântica Estrutural (GEERAERTS, 2010, p.101). Para Geeraerts (2010, p.101), o modelo pode

ser caracterizado, em poucas palavras, como "uma combinação de um método estruturalista de análise, um sistema formalista de descrição e uma concepção mentalista de significado"[110]. A Semântica Gerativa é, basicamente, uma tentativa de formalizar a semântica como parte de uma gramática formal. Esta formalização ocorre através da incorporação de aspectos da Semântica Estrutural à Gramática Gerativa, porém, sem abrir mão da adequação psicológica.

Em vez de partir de uma análise contrastiva de uma série de palavras pertencentes ao mesmo campo léxico, como faziam seus antecessores estruturalistas, Katz e Fodor propuseram uma análise componencial, onde era possível se analisar os vários significados de uma palavra como parte de uma gramática formal (GEERAERTS, 2010, p.102). Segundo esta proposta, ao se analisar semanticamente uma palavra, é possível que se identifique dois tipos de componentes semânticos: os marcadores [*markers*] e os distinguidores [*distinguishers*]. O primeiro componente se relaciona à parte sistemática do significado, ao passo que o segundo componente se relaciona à parte idiossincrática (peculiar) (GEERAERTS, 2010, p.103). Assim, no exemplo de *bachelor* apresentado pelos autores, podemos dizer que quando a palavra estiver identificada apenas pelo marcador *human*, seu distinguidor será *who has never married*, ao passo que quando estiver identificada pelos marcadores *human* e *young*, seu distinguidor será *knight serving under the standard of another knight*.

Conforme fica claro no exemplo acima, a Semântica Gerativa procura explicar o significado através da formalização do mesmo. No caso acima mencionado, os marcadores (resultantes de uma análise componencial) são importantes ao executarem a função de desambiguadores de palavras de múltiplos significados. Esta tentativa de formalização da linguagem, no entanto, não nos parece muito proveitosa ao lidarmos com termos cromáticos, uma vez que, mais uma vez, nos questionamos como seria possível decompor em marcadores e distinguidores as palavras que designam cores. Acreditamos, no entanto, que a relação estrita que existe entre a mente e a língua seja de grande proveito para as nossas considerações. Conforme será visto mais adiante, é justamente este postulado da Semântica Gerativa que impulsionou em grande parte os estudos em Semântica Cognitiva, a teoria aqui adotada.

[110] [Is a combination of a structuralist method of analysis, a formalist system of description, and a mentalist conception of meaning.]

Conforme foi mencionado, a incorporação da análise componencial à Gramática Gerativa gerou interesse em dois aspectos da Semântica Lexical que eram desconsiderados nas primeiras abordagens estruturalistas: a realidade psicológica das análises semânticas e a possibilidade de uma representação formal do significado. Conforme aponta Geeraerts (2010, p.124), o primeiro aspecto aqui citado contribui para a emergência da Semântica Cognitiva, que rompe com os princípios do estruturalismo e que será apresentada mais adiante. Outras abordagens, no entanto, não foram tão radicais e, direta ou indiretamente, deram continuidade às ideias estabelecidas pelo estruturalismo. Este novo grupo de abordagens é classificado por Geeraerts (2010) como uma Semântica Neoestrutural. Trata-se, portanto, de uma série de abordagens contemporâneas que exploram a Semântica Estrutural levando em conta questões que surgiram nas bases da Semântica Gerativa.

Segundo o autor, a Semântica Neoestrutural pode ser dividida em diversos grupos de teorias que se encontram agrupadas de acordo: 1) com o fenômeno estruturalista no qual estão alicerçadas, 2) com o modo como lidam com a proposta trazida pela Semântica Gerativa e 3) com as influências sofridas pela Semântica Gerativa (GEERAERTS, 2010, p.124-125). Geeraerts (2010, p.126) ainda salienta que as abordagens que aqui se encontram possuem diferentes graus de popularidade, sendo umas mais difundidas que outras. Além disso, muitas destas teorias Neoestruturais existem paralelamente à Semântica Cognitiva, o que rompe com a exposição cronológica feita até o momento. O autor também acha pertinente salientar que, apesar de apresentar estas teorias como Neoestruturalistas, dificilmente estas teorias se autodenominariam como tal. Para Geeraerts (2010, p.126), o modelo semântico aqui apresentado enfatiza características peculiares da linhagem histórica destas abordagens teóricas, não se tratando de um rótulo que as próprias teorias tenham se colocado.

Não é nosso propósito apresentar, neste momento, cada um dos modelos Neoestruturais apresentados por Geeraerts (2010), pois esta exposição constituiria um exercício longo e muito detalhado, que fugiria do foco deste trabalho. Por ora, pretendemos apenas situar o leitor dentro dos diversos debates acerca do estudo do significado que conduziram o surgimento da teoria semântica adotada neste trabalho. Assim, com o impulso dado pela Semântica Gerativa no sentido de apresentar uma semântica de orientação psicológica (o que a torna uma teoria também de cunho cognitivo, conforme salientamos no terceiro capítulo deste trabalho) e com as diversas

discussões trazidas pelas teorias de cunho Neoestrutural, chegamos a uma série de reformulações, contestações e até mesmo conservações de alguns postulados, que culmina no surgimento da Semântica Cognitiva.

Geeraerts (2010, p.182) apresenta a Semântica Cognitiva como uma abordagem de concepção maximalista ao significado, uma vez que se trata de uma abordagem que considera irrelevante a distinção entre semântica e pragmática e concebe a língua como algo contextualizado à cognição. Dentre os principais postulados defendidos pela Semântica Cognitiva, salientamos a ideia de que o significado está atrelado à cognição humana, ou seja, que ele perpassa os limites da palavra (conforme aponta Geeraerts, 2010, p.182) e o princípio de que o significado está relacionado à perspectiva do falante (perspectivação).

Assim, a ideia de que a interação do homem com o ambiente seja um fator primordial para a construção do significado se torna um dos postulados que vai ao encontro dos nossos propósitos, uma vez que o objeto que procuramos definir – a cor – não se trata de um significado pronto, mas sim de uma sensação altamente dependente da constituição fisiológica do ser que a percebe (conforme discutimos aprofundadamente no terceiro capítulo deste trabalho). Acreditamos, portanto, que as cores constituam um ótimo exemplo da teoria defendida pela Semântica Cognitiva, que postula que a configuração corpórea do ser humano exerce uma grande influência no modo como o homem conceitualiza o mundo e, assim, constrói o significado. Nesse sentido, experienciamos as cores do modo como experienciamos porque possuímos uma configuração que assim nos permite experienciar.

Com estes postulados da Semântica Cognitiva, podemos compreender um dos tantos aspectos que tornam as definições de cores tão problemáticas. Diante da tentativa de descrever algo que não parece ser de natureza concreta (como árvores, móveis ou seres vivos), mas que se trata de uma sensação altamente dependente de configurações específicas do órgão da visão, tudo indica que a melhor maneira de descrever este objeto seja através de referentes no mundo que apresentem a tonalidade que se almeja definir. Assim, no âmbito da Lexicografia, uma das grandes contribuições da Semântica Cognitiva é a ideia de não se separar o conhecimento linguístico do conhecimento do mundo (uma vez que, para esta concepção semântica, estes dois tipos de conhecimento são inseparáveis). Em uma paráfrase explanatória pensada à luz da Semântica Cognitiva, portanto, a elucidação do conhecimento enciclopédico do consulente para se

chegar ao significado do signo-lema constitui um artifício potencialmente muito proveitoso.

Na busca de um modelo semântico como uma das variáveis para a construção de uma definição de cor, portanto, elegemos a Semântica Cognitiva como o modelo que, aparentemente, estaria mais inclinado a lidar com a difícil tarefa de definir uma cor. Seguindo os princípios da Semântica Cognitiva, frisamos a importância de se inserir nesta definição (que contará com um viés extensional, conforme apontamos na escolha do modelo de paráfrase explanatória) elementos que sejam do conhecimento do público-alvo do dicionário, ou seja, buscar quais seriam os elementos que melhor representariam a cor que se almeja definir. Neste ponto, acreditamos que a noção de corporeidade e de experiencialismo sejam muito úteis na busca de elementos centrais para o reconhecimento das cores, além, é claro, da concepção de protótipos de categorias de cores.

4.1.1.3 Proposta para o *pattern* sintático

A terceira e última variável elencada para o desenho da nossa paráfrase explanatória de cor diz respeito ao *pattern* sintático, ou seja, a forma como será disposta sintaticamente esta paráfrase que, até agora, se caracteriza por estar enquadrada como uma paráfrase explanatória analítica por metalinguagem do signo extensional e que estará sustentada pelo modelo semântico proposto pela Semântica Cognitiva.

O primeiro aspecto que merece ser salientado é que o elemento cor pode assumir dois comportamentos gramaticais: o de um adjetivo ou de um substantivo. Ao tratarmos da cor como adjetivo, estamos nos referindo à cor como propriedade de algo, ou seja, a cor como uma função caracterizadora. Ao ser tratada como substantivo, a cor se coloca como um elemento autônomo[111].

A classificação de cor como adjetivo ou como substantivo será o elemento central para distinguir as paráfrases de cor como adjetivo das paráfrases de cor como

[111] Essa diferenciação de como substantivo e cor como adjetivo remete a uma discussão clássica trazida por Aristóteles no âmbito da filosofia da linguagem. Aristóteles acreditava que o mundo fosse composto por entidades passíveis de serem categorizadas nas dez categorias seguintes: substância [*substance*], quantidade [*quantity*], qualidade [*quality*], relação [*relation*], lugar [*place*], tempo [*time*], posição [*position*], estado [*state*], ação [*action*] ou paixão [*affection*] (SEUREN, 2010, p.26). Segundo essa concepção, a substância identifica um ser, respondendo o que ele é, ao passo que as outras nove categorias equivalem a acidentes, uma vez que evocam características deste ser. Apesar de uma cor sempre remeter a uma qualidade, defini-la como substantivo parece uma tentativa (ainda que frustrada) de categorizá-la como substância.

substantivo, uma vez que remete à propriedade analítica da paráfrase, sendo que a parte extensional da mesma permanecerá igual para ambas as paráfrases[112]. Assim, no que tange a parte dita analítica de nossa paráfrase, consideramos o *pattern* "da cor de" para adjetivos e o *pattern* "a cor de" para substantivos como as melhores opções para se referir a uma cor. Esta primeira parte da paráfrase, conforme apontado anteriormente, leva em conta a perspectiva do ato da comunicação. Em relação à segunda parte da paráfrase, referente à metalinguagem empregada, optamos pelo modelo de metalinguagem do signo extensional, ou seja, pela indicação de unidades extralinguísticas que apontariam a tonalidade de cor em questão. Neste ponto da discussão, contamos também com os postulados da Semântica Cognitiva que enfatizam a importância do conhecimento enciclopédico do consulente para a elucidação do significado de um vocábulo.

Em relação ao *pattern* sintático, portanto, chegamos à conclusão, sob a luz da teoria lexicográfica, que a melhor saída para a definição escrita de uma cor seria apresentar frases iniciadas por "da cor de", no caso de adjetivos e "a cor de", no caso de substantivos, seguidos por referentes no mundo que representassem bons exemplares desta cor, como o sol no caso da cor amarela, o céu no caso da cor azul ou a vegetação no caso da cor verde.

Conforme ficou claro até agora, a teoria lexicográfica não nos permite criar paráfrases mais funcionais do que as do tipo "a cor do ouro, do sol, da gema de ovo" ou "da cor do ouro, do sol, da gema de ovo" para definir a cor amarela, por exemplo. Estamos diante, portanto, da melhor definição linguística possível de um vocábulo de cor, da maneira mais funcional possível de se descrever uma cor, porém, mesmo assim, ainda não consideramos esta definição suficientemente boa.

Desde o início deste trabalho, sustentamos que estas paráfrases não constituíam paráfrases suficientemente funcionais, uma vez que não descrevem o significado, limitando-se apenas a indicar referentes no mundo que expressam este significado. Após

[112] Importante mencionar, aqui, que apesar de nos referirmos à primeira parte da paráfrase como *analítica*, devemos destacar que, no caso das cores, esta paráfrase analítica não assume plenamente a característica que uma paráfrase analítica pode assumir, uma vez que não fornece todas as contribuições que uma paráfrase analítica tem o potencial de oferecer. Na taxonomia que optamos utilizar, a paráfrase se encaixa perfeitamente como uma paráfrase do tipo analítica, porém, por tentar descrever um objeto tão complexo como a cor, esta paráfrase não é capaz de descrever de forma eficaz, através de uma proposição, o conteúdo do vocábulo que se almeja definir, que é a principal característica da paráfrase analítica. Trata-se, portanto, de uma paráfrase do tipo analítica que não parece se comportar como tal.

todas estas considerações, no entanto, conseguimos comprovar que o que torna estas paráfrases passíveis de críticas não é a falta de aprimoramento dos dicionários, e sim um problema com o objeto definido, que possui limitações em relação a sua descrição. As definições de cores se encontram praticamente iguais desde AnMS (1813), conforme apontamos no primeiro capítulo deste trabalho, porque, no caso restrito das cores, a língua não é capaz de fornecer, por si só, uma definição realmente elucidativa. Queremos demonstrar que, apesar de tudo indicar que os dicionários não estão embasados em qualquer teoria lexicográfica para redigir as suas paráfrases, mesmo que optassem pela utilização de mecanismos teóricos para criar paráfrases de cores, ainda assim apresentariam falhas nestas definições. Nossa primeira conclusão, portanto, é que as limitações das definições lexicográficas de vocábulos de cores decorrem muito mais da natureza do objeto definido do que da carência de suporte teórico.

4.1.2 **Proposta para os exemplos**

Conforme apontamos na seção 2.3 do presente trabalho, em casos onde as paráfrases explanatórias não são suficientemente elucidativas por tentarem parafrasear unidades léxicas cuja dificuldade de definição é inerente à sua natureza (paráfrases opacas propriamente ditas), cabe ao dicionário contar com segmentos informativos complementares à paráfrase explanatória para tentar oferecer, de forma satisfatória, o significado dos vocábulos lematizados. Assim, nos propomos a discutir em que medida o exemplo poderia constituir um segmento informativo complementar às paráfrases explanatórias de vocábulos de cores, uma vez que as estas podem ser classificadas como paráfrases opacas propriamente ditas. Nesta seção, procuramos apresentar como seria um exemplo funcional dentro do verbete de cor, tendo em vista que os exemplos oferecidos pelas obras analisadas, assim como as paráfrases explanatórias, não nos parecem muito auxiliares ao consulente na elucidação do significado das palavras que designam cores.

4.1.2.1 A funcionalidade dos exemplos de cores

Conforme apresentamos na seção 2.3 do presente trabalho, os exemplos oferecidos pelas obras analisadas em nada auxiliam o consulente a respeito do entendimento do significado dos vocábulos referentes a cores. Vejamos abaixo dois casos onde esse fato pode ser observado:

preto adjetivo [...] Ex.: a cor p. fica bem na decoração se for us. com sobriedade [...] substantivo masculino [...] Ex.: o p. é uma das características desse pintor

59 – Verbete do item lexical *preto* em HouE (2001)

laranja Substantivo masculino [...] *O laranja assenta-lhe muito bem.* Adjetivo [...] *terno de cor laranja.*

Figura 60 – Verbete do item lexical *laranja* em AuE (2004)

Analisando os segmentos acima, é possível observar que os exemplos oferecidos por HouE (2001) e AuE (2004), para os vocábulos *preto* e *laranja*, respectivamente, em nada ajudam na identificação do significado das palavras lematizadas. Estes exemplos, em vez de atuar como mecanismos auxiliares à paráfrase explanatória na explicitação do significado dos vocábulos de cor, exercem uma função quase nula dentro do verbete do dicionário, uma vez que não oferecem informações relevantes e proveitosas ao consulente.

Se pensarmos em retirar dos exemplos acima algum tipo de informação, o máximo que poderemos extrair é a diferença do comportamento dos vocábulos de cores ao assumirem uma função de adjetivo ou de substantivo, embora nada indique que tenha sido esta a intenção dos dicionários ao oferecerem estes exemplos. Em vez de assumir uma função complementar à paráfrase explanatória, portanto, o exemplo parece se colocar como uma complementação ao comentário de forma, uma vez que elucida o que é informado por este segmento informativo (informações gramaticais). No entanto, por acreditarmos que o exemplo constitua um segmento pertencente ao comentário semântico, defendemos que ele deve trazer, prioritariamente, informações semânticas a respeito do signo-lema, ou seja, informações sobre o significado desta palavra, e não sobre a sua função gramatical.

Neste trabalho, defendemos que um exemplo realmente funcional em um verbete de cor seria aquele exemplo que busca auxiliar o consulente na identificação do significado da palavra-entrada, constituindo, assim, uma complementação à paráfrase explanatória. Embora esta possibilidade seja altamente necessária por todos os problemas até agora apresentados nas definições de cores, não foram encontrados exemplos deste tipo em acepções referentes à cor como tonalidade, sendo encontrados somente em acepções que remetem a outros significados da cor (como em expressões idiomáticas). Acreditamos que um exemplo que cumpra com esta função seja

altamente necessário na definição de tonalidades de cores, uma vez que, conforme apontamos, somente uma paráfrase explanatória não é capaz de fornecer informações suficientes para a elucidação de uma cor.

Assim, levando a cabo o que expomos até agora, acreditamos que exemplos que marquem a diferença gramatical entre um substantivo de cor e um adjetivo de cor não devem ser adotados em restrição a um exemplo que auxilie no significado das palavras. Trata-se de uma questão de necessidade frente à complexidade do objeto a ser definido. Todas estas considerações encontram-se alicerçadas na ideia de Bugueño; Farias (2006, p.117; 2008, p.132) de que, no artigo léxico, cada segmento apresentado deve ser estratégico, no sentido de ser efetivamente informativo.

4.1.2.2 Proposta para um exemplo mais funcional em verbetes de cores

Até o momento, procuramos nos apoiar, principalmente, na proposta de Bugueño; Farias (2006; 2008, p.132) sobre informações discretas e discriminantes no artigo léxico para julgar a pertinência e a necessidade dos segmentos informativos presentes nos verbetes de vocábulos de cores. Para os autores, a presença de informações discretas e discriminantes seria a condição básica para que um artigo léxico contasse com informações funcionais em sua estruturação.

Segundo essa concepção, uma informação discreta constitui uma informação que satisfaça os anseios e/ou necessidades do usuário da obra lexicográfica, ao passo que uma informação discriminante constitui uma informação estruturada de maneira satisfatória no âmbito linguístico e representacional para o consulente (BUGUEÑO; FARIAS 2008, p.132). Tomando por base esses postulados e estendendo-os ao âmbito dos exemplos, temos o seguinte:

a) no âmbito das cores, um exemplo dotado de informação discreta seria aquele que tratasse da norma real da língua. Um exemplo seguindo estes pressupostos poderia oferecer ao consulente, por exemplo, informações referentes às combinatórias léxicas possíveis de vocábulos referentes à cor. Assim, teríamos exemplos que oferecem informações do tipo: *olhos castanhos*, *cabelos castanhos*, mas nunca **pele castanha.* Ou então: *roupa amarela*, *carro amarelo*, *parede amarela*, *fruta amarela*, mas nunca **cabelo amarelo*.

b) um exemplo com informações discriminantes seria aquele que oferecesse ao consulente informações pertinentes ao significado dos vocábulos de cor de maneira bem estruturada aos propósitos de um dicionário. No âmbito dos dicionários, defendemos que exemplos estruturados de maneira satisfatória equivalham a exemplos elaborados em sentenças curtas e de estruturação simples (sentenças em ordem direta, por exemplo, obedecendo à formulação SVO[113]). Além disso, essas sentenças devem carregar informações de fácil acesso para o entendimento do significado da cor, tais como elementos presentes no cotidiano dos falantes que sejam caracterizados pela cor que o dicionário almeja definir.

Assim, nossa proposta, diferentemente do que é apresentado atualmente pelos dicionários, procura apresentar exemplos que cumpram as seguintes características:

1) Primeiramente, que se coloquem em relação de complementaridade à paráfrase explanatória, uma vez que, ao tratarmos de definições de cores, estamos diante de paráfrases opacas propriamente ditas;
2) Em segundo lugar, que esta complementaridade à paráfrase explanatória aconteça através do oferecimento de informações relevantes para o reconhecimento da cor como tonalidade, tais como a apresentação de elementos prototípicos da cor que se almeja definir;
3) Em terceiro lugar, que as sentenças sejam de fácil compreensão ao consulente, de modo a não exigirem um esforço cognitivo muito grande para serem compreendidas.

Nosso maior desafio, portanto, é fazer com que os exemplos de vocábulos de cores assumam a característica de informações discretas e discriminantes dentro do artigo léxico. Além disso, ao apresentarmos exemplos distintos para substantivos de cores e adjetivos de cores, estaremos apontando, também, o comportamento do vocábulo de cor de acordo com a sua função gramatical (substantivou ou adjetivo) sem deixar de indicar a significação dessa palavra e de trazer informações pertinentes ao consulente. Esse esforço em oferecer a maior quantidade possível de informações de maneira estratégica constitui o nosso objetivo de tornar o exemplo de vocábulos de cores um segmento informativo eficiente.

[113] Sujeito, verbo, objeto.

Em nossa proposta para os exemplos, a apresentação da tonalidade de cor ocorre em função de referentes no mundo que apresentem esta tonalidade, seguindo o mesmo raciocínio desenvolvido na discussão sobre as paráfrases explanatórias. Assim como procedemos com as paráfrases explanatórias, nos embasaremos teoricamente nos postulados da Semântica Cognitiva para conduzir a nossa proposta para os exemplos de cores nas obras lexicográficas.

O primeiro postulado que voltamos a retomar se relaciona a uma das principais premissas presentes nos estudos em Semântica Cognitiva, que postula que a estrutura conceitual é corporificada (EVANS; GREEN, 2006, p.157). Esta premissa traduz uma das ideias basilares desta vertente semântica, que acredita que a estrutura conceitual da língua esteja profundamente relacionada ao mundo externo, percebido por meio das experiências sensório-motoras dos falantes. Neste sentido, todas as considerações feitas em relação à importância do experiencialismo e da corporeidade na formação de conceitos de cores e o modo como eles já se fazem presentes na redação de paráfrases explanatórias são também proveitosas na discussão sobre a geração de exemplos. Assim como nas paráfrases explanatórias, a seleção dos referentes no mundo que representem a tonalidade que se almeja definir deve estar intimamente relacionada com a experiência do público-alvo do dicionário.

Os referentes apresentados, no entanto, não serão os mesmos utilizados nas paráfrases explanatórias, por uma questão óbvia de se evitar a repetição de informações. Se, por um lado, contamos com exemplares de cores potencialmente universais[114] na redação das paráfrases explanatórias (conforme discutimos na seção 3.2.1.1), podemos contar com exemplares mais restritos à cultura de uma comunidade linguística para a formulação de exemplos, uma vez que os representantes universais poderão se esgotar nas paráfrases explanatórias. Os elementos apontados pelo exemplo, portanto, são elementos diferentes dos apresentados nas paráfrases, mas devem, da mesma forma, constituir exemplares familiares aos consulentes das obras, ou seja, elementos que sejam bons representantes da tonalidade que se almeja definir.

[114] Classificamos como exemplares de cores potencialmente universais aqueles elementos que, por apresentarem uma familiaridade muito alta a praticamente todos os seres humanos, acabam por se tornar elementos significativos na representatividade de uma cor, aparecendo, não por coincidência, em verbetes de cores de dicionários das mais diversas línguas (conforme foi apresentado no capítulo 3). Alguns destes exemplares são: o sol como representante da cor amarela, a vegetação como representante da cor verde, o céu como representante da cor azul e o sangue como representante da cor vermelha.

Em nossas considerações, procuramos, até agora, dar um enfoque maior nas discussões a respeito do caráter universal da cor e dos elementos que melhor representariam estas tonalidades universais. No entanto, cabe também, neste ponto do trabalho, expandir a discussões para elementos culturais que também poderiam servir como bons representantes das tonalidades prototípicas de cor. Zavaglia (2006, p.28), ao apresentar um estudo sobre o que ela denominou *provérbios cromáticos* e *expressões idiomáticas cromáticas*, enfatiza a importância das divergências linguístico-semânticas para a formação de aspectos culturais de comunidades de fala. Apesar do estudo de Zavaglia (2006) apresentar aspectos referentes a uma linguagem figurada que envolve vocábulos de cores, chamamos a atenção para o fato de expressões como *estar no vermelho* ou *a situação está preta* não possuírem um significado arbitrário, e sim altamente motivado pelo valor que certas cores assumem na nossa sociedade[115]. Acreditamos que estas relações da cor com certos significados em função de determinadas convenções sociais podem ser exploradas em uma proposta de exemplos, uma vez que constituem informações de fácil interpretação para os consulentes.

No que tange à representatividade da categoria de cor, reiteramos a importância da Teoria Prototípica defendida pela Semântica cognitiva, que acredita que as categorias sejam constituídas por membros equidistantes, sendo uns mais representativos do que outros (ROSCH, 1978, p.29; KLEIBER, 1990, p.51; LAKOFF, 1987, p.41). Levando esta concepção de categoria ao âmbito das cores, temos que algumas tonalidades de uma mesma cor serão mais representativas do que outras. Em uma proposta para o tratamento lexicográfico de verbetes de cores, acreditamos que cabe ao lexicógrafo contar com referentes no mundo que apresentem a tonalidade prototípica da categoria de cor, e não tonalidades mais periféricas.

Assim, se a definição da palavra *amarelo*, por exemplo, apresenta o ouro, o sol e a gema de ovo como exemplares desta tonalidade (o que acreditamos ser exemplares universais desta cor), o exemplo deveria contar com outras instâncias caracterizadas por esta tonalidade, tais como a manteiga, o melão e o canário, por exemplo, que não se tratam de exemplares potencialmente universais, mas que estão mais restritos à comunidade linguística do português brasileiro. A escolha por estes elementos deve-se

[115] Nos exemplos apresentados, o vermelho representa, em muitas comunidades linguísticas, a cor do perigo, ao passo que o preto representa o luto e a negatividade. Frisamos, aqui, que o valor de uma cor em uma sociedade pode, sim, ser arbitrário, porém o surgimento de provérbio e expressões idiomáticas envolvendo esta cor não o são, uma vez que são consequências diretas destes juízos de valores.

ao fato de os exemplares universais de cor estarem presentes nas paráfrases explanatórias, logo, seria uma incoerência repetí-los nos exemplos. Como os exemplares prototípicos de cores provavelmente terão sido utilizados exaustivamente nas paráfrases explanatórias, cabe-nos optar por outros elementos representativos de cores para incorporarem os exemplos. Neste caso, chegamos à conclusão de que exemplares bem demarcados culturalmente constituiriam boas alternativas aos nossos propósitos. Trata-se de elementos muito presentes na cultura brasileira por estarem ligados à fauna, à flora e à gastronomia do Brasil, servindo, assim, como bons exemplares aos falantes deste país.

No que diz respeito aos padrões formais para a redação dos exemplos, retomamos a noção de informações discriminantes aplicadas a esse segmento informativo. Conforme mencionamos anteriormente, um exemplo que constitua uma informação discriminante equivale a um exemplo sintaticamente simples. Nossa proposta de exemplo, portanto, constitui em formulações de sentenças curtas que sigam, preferencialmente, o *pattern* sintático SVO. Em relação ao conteúdo destas sentenças, retomamos a noção de informações discretas, ou seja, o reconhecimento de que as informações contidas nestes exemplos satisfaçam as necessidades do consulente (BUGUEÑO; FARIAS, 2008, p.132). Abaixo, apresentamos um quadro com os exemplos oferecidos pelos dicionários analisados e a nossa proposta de reelaboração de tais exemplos:

VOCÁBULOS DE CORES	EXEMPLOS OFERECIDOS PELOS DICIONÁRIOS	PROPOSTA DE EXEMPLO
Amarelo	Adj.: “Fazenda de cor amarela” (HouE, 2001) “A boca negra, os dentes amarelos” / “Tecido de cor amarela”(AuE, 2004)	Adj.: “A banana e o melão são frutos amarelos”
	Subst.: [não há exemplos]	Subst.: “O amarelo do canário”
Azul	Adj.: “Suéter azul” / “A cor azul acalma” (HouE, 2001) “Camisa de cor azul” (AuE, 2004)	Adj.: “A Terra é azul quando vista do espaço” / “O círculo azul da bandeira do Brasil”
	Subst.: [não há exemplos]	Subst.: “O azul é a cor do *jeans*”

Branco	Adj.: “Tinta branca” / “A cor branca acalma” (HouE, 2001)	Adj.: “O algodão é branco” / “A barba branca do Papai Noel” / “Arroz branco”
	Subst.: “Sua cor favorita é o branco” (HouE, 2001)	Subst.: “O branco é a cor das noivas”
Marrom	Adj.: “Vestia um costume marrom, avivado no peito por um pequeno lenço branco” (AuE, 2004)	Adj.: “O chocolate ao leite é marrom”
	Subst.: [não há exemplos]	Subst.: “O marrom do café torrado e moído” / “O marrom do tronco das árvores”
Verde	Adj.: “Verdes, na verde mata, embalançam-se as ramas” / “vestido de cor verde” (AuE, 2004)	Adj.: “A cor verde do limão”
	Subst.: “A cana, de um verde doce, estendendo-se pelo baixio, longa e ondulante faixa que acompanha a linha da estrada” (AuE, 2004)	Subst.: “Nas sinalizações de trânsito, o verde é a cor da permissão”
Vermelho	Adj.: “Manto de cor vermelha” (AuE, 2004)	Adj.: “maçãs vermelhas” / “A cereja é vermelha”
	Subst.: [não há exemplos]	Subst.: “Nas sinalizações de trânsito, o vermelho é a cor da proibição”
Preto	Adj.: “A cor preta fica bem na decoração se for us. com sobriedade” (HouE, 2001)	Adj.: “O petróleo é preto” / “O cabelo preto dos índios”
	Subst.: “O preto é uma das características desse pintor” (HouE, 2001) “Toda de preto vestida / como um poema fechado / num envelope de luto” / “Andava quase sempre de preto, cor muito da época” (AuE, 2004)	Subst.: “No Brasil, o preto simboliza o luto”

Quadro 2 – Apresentação da nossa proposta para exemplos de vocábulos de cor em comparação ao que é oferecido atualmente pelas obras analisadas

O quadro aqui apresentado representa um primeiro esforço na tentativa de tornar o exemplo um segmento informativo mais funcional dentro dos verbetes de cores. Acreditamos que estas considerações constituam um avanço em relação ao atual estado dos exemplos de cores nos dicionários, uma vez que, com a ajuda de postulados da Lexicografia e da Semântica Cognitiva, conseguimos reformular alguns exemplos de cores, de modo a torná-los segmentos informativos que atendem às necessidades de um consulente.

É verdade que as discussões feitas até agora sobre a geração de paráfrases explanatórias e de exemplos para vocábulos de cor nos permitiram avaliar uma série de problemas que circundam o tratamento lexicográfico deste tipo de vocábulo. Além disso, as considerações feitas até agora também permitiram que conhecêssemos as limitações das unidades lexicais relativas às cores no que tange a sua descrição por meios linguísticos e os possíveis aprimoramentos que poderiam ser feitos nas obras lexicográficas tendo em vista essas limitações.

No entanto, acreditamos que o ideal seria que fosse possível formular definições e exemplos de cores capazes de fornecer o significado de vocábulos de cores até mesmo para quem jamais tivesse experienciado uma cor, assim como é possível proceder com outros tipos de unidades lexicais. Na nossa opinião, a melhor proposta seria aquela que apresentasse definições de cores que se definissem *per se*. Porém, conforme apontamos ao longo de nossas discussões, parece ser impossível construir uma paráfrase explanatória desse tipo no caso das cores.

Ainda assim, procuraremos comprovar, aqui, que o fato de a língua ser uma entidade de recursos altamente limitados e limitantes na descrição de uma cor não acarreta, necessariamente, na impossibilidade de se apresentar as cores de uma maneira realmente informativa nos dicionários. Para tanto, é necessário se pensar em um dicionário que conte com paráfrases explanatórias criteriosamente elaboradas e mecanismos explanatórios que as complementem.

Até agora, apresentamos o exemplo como uma das possibilidades de complementação às paráfrases explanatórias de cores e demonstramos como é possível tornar este segmento mais funcional dentro de um verbete de cor. Além dos exemplos, acreditamos que os dicionários também possam contar com outro tipo de complementação às suas paráfrases, que constituem mecanismos extralinguísticos

também dispostos a elucidar uma cor. A partir de agora, apresentaremos tais mecanismos como complementação à nossa proposta de tratamento lexicográfico para os verbetes de cores. Estes mecanismos extralinguísticos, somados às nossas propostas de paráfrases explanatórias e exemplos de cores, constituem o que consideramos ser uma solução satisfatória aos problemas que circundam a lematização de vocábulos de cores nos dicionários semasiológicos.

4.1.3 **Proposta para a apresentação de elementos iconográficos**

As discussões desenvolvidas acerca da definição lexicográfica de verbetes de cores nos permitiram estabelecer as seguintes considerações:

a) as definições de cores, do modo como estão estabelecidas nas obras lexicográficas aqui analisadas, apresentam uma série de limitações que comprometem a sua funcionalidade;

b) ao que tudo indica, muito pouco se tem feito para tornar estas definições mais elucidativas, uma vez que as obras analisadas oferecem informações pouco ou nada relevantes nas acepções referentes à cor como tonalidade;

c) no que tange à questão das paráfrases explanatórias, a língua se revela um recurso pouco eficiente para definir uma cor, uma vez que, mesmo que utilizemos teorias semânticas e lexicográficas para aprimorarmos as paráfrases explanatórias de cores, ainda assim essas paráfrases não serão plenamente satisfatórias para elucidar o que é uma cor;

d) Os exemplos constituem segmentos informativos muito úteis na complementação das paráfrases explanatórias, mas isso não impede que eles sejam a única complementação possível na elucidação de uma cor.

Em nossas discussões, procuramos explorar ao máximo de que maneira um dicionário poderia apresentar, através de mecanismos linguísticos, a tonalidade de uma cor. Porém, as soluções parciais que obtivemos ao tentar lidar com o problema da definição lexicográfica de vocabulários de cores levaram à conclusão de que a explicação para os problemas aqui expostos não repousa no método, mas sim no objeto, que, por apresentar particularidades na sua natureza, possui uma tendência a apresentar falhas nas suas paráfrases explanatórias.

Ao discutir sobre as limitações da língua, Priest (2010, p.365) recorre à dificuldade de se expressar o sabor do pêssego e a tonalidade do vermelho para

exemplificar a noção mais difundida a respeito do termo inexpressibilidade [*inexpressibility*] (em português, remete à noção de impossibilidade de se traduzir algo em palavras). No âmbito das cores, o autor postula que

> [...] o que geralmente é visto como *inexpressibilidade*, em relação à cor vermelha, por exemplo, é que nada que possa ser dito em palavras poderá trazer a imagem mental do vermelho para alguém que nunca tenha experienciado esta cor (PRIEST, 2010, p.365)[116]

Priest (2010), no entanto, se posiciona contrário a esta visão mais difundida a respeito da *inexpressibilidade*. Para o autor, existe um paradoxo fundamental na ideia de que a língua possua limites, pois "dizer que a língua possui limites equivale a dizer que existem coisas das quais não podemos falar; porém, dizer isso, é justamente falar sobre estas coisas"[117] (PRIEST, 2010, p.367). Para defender seu ponto de vista, o autor utiliza como exemplo os números ordinais. Segundo o autor, existe uma variedade de números ordinais aos quais não podemos fazer referência e, dentre eles, há o primeiro número ao qual não podemos nos referir. No entanto, ao utilizarmos sentenças como *o menor número ao qual não podemos fazer referência* já estamos fazendo uma referência a este número.

Em um primeiro momento, a visão acima apresentada parece ir de encontro a tudo o que postulamos até agora a respeito das limitações da linguagem. Esta visão, no entanto, serve para explicitarmos e defendermos melhor nosso ponto de vista. Neste trabalho, defendemos que a linguagem é uma entidade limitada e limitante do pensamento, porém, é importante salientar que esta concepção de linguagem não acarreta, necessariamente, que a língua não seja capaz de fazer referência a certos elementos (que, de fato, faz), mas, sim, que ela nem sempre é capaz de descrever de forma satisfatória estes elementos. A diferença entre *fazer referência a algo* e *descrever de modo preciso e satisfatório* é o que diferencia a nossa visão da visão defendida por Priest (2010) a respeito das limitações da língua.

Ao tratarmos de cores, portanto, estamos diante de casos nos quais os dicionários, de fato, fazem referência a uma entidade, porém esta referência não constitui, para nós, uma descrição satisfatória. Assim, uma vez que chegamos a este

[116] [What is usually meant by inexpressibility claims, say, about redness, is that there is nothing that can be said in words that will conjure up the mental image of red for someone who has never experienced this before.]
[117] [To claim that language has limits is to claim that there are things that cannot be talked about; but to say this is exactly to talk about them.]

ponto convencidos de que dificilmente conseguiremos avanços maiores do que os obtidos até agora em relação às definições de cores, cabe-nos optar por uma das seguintes alternativas:

a) reconhecer as limitações da língua na definição de determinadas entidades, aceitar que os verbetes de cores são pouco funcionais por um problema de objeto e não de método e, por isso, encerrar, aqui, as discussões deste trabalho;

b) reconhecer as limitações da língua na definição de determinadas entidades, porém procurar mecanismos extralinguísticos que sejam capazes de oferecer ao consulente informações que não foram possíveis de serem oferecidas por meios linguísticos.

Conforme foi exposto ao longo deste trabalho, elegemos a Semântica Cognitiva como a teoria semântica norteadora das nossas considerações. Um dos motivos que nos levou a optar pela Semântica Cognitiva para levantar uma discussão a respeito de definições de cores foi devido à importância que esta vertente semântica dá aos elementos externos ao conhecimento linguístico do indivíduo que, segundo a Semântica Cognitiva, desempenham um papel fundamental na construção do significado dentro da língua. A língua, portanto, é concebida como uma entidade altamente influenciada por fatores tais como o ambiente em que o indivíduo se insere e as experiências sensório-motoras pelas quais ele passa ao longo de sua existência. Esta "realidade externa" experienciada é filtrada pela cognição humana e, consequentemente, é refletida, também, na língua. Essas considerações levam a um dos principais princípios da Linguística Cognitiva, o Compromisso Cognitivo [*Cognitive Commitment*], proposto por Lakoff (1990, p.39), que defende que tanto a língua como a organização linguística refletem princípios cognitivos gerais, e não apenas princípios cognitivos específicos da linguagem (cf. seção 3.1).

A Semântica Cognitiva, portanto, pode ser capaz de oferecer subsídios que vão além do que é visto como conhecimento linguístico para pensarmos em soluções a problemas em obras lexicográficas. Uma vez que a Semântica Cognitiva defende que o conhecimento enciclopédico (conhecimento do mundo) é primordial na construção do significado, acreditamos que, para esta mesma vertente semântica, este conhecimento seja igualmente importante no processo inverso, ou seja, na decodificação do significado. Assim, os princípios fundamentais nos quais a Semântica Cognitiva se

encontra alicerçada abrem a possibilidade de trabalharmos com alternativas extralinguísticas na elucidação de um significado em uma obra lexicográfica, uma vez que, para esta vertente semântica, o conhecimento linguístico não constitui o único elemento necessário para a construção (ou decodificação) de um significado. Em outras palavras, as obras lexicográficas não necessitam fazer uso estritamente do conhecimento linguístico para cumprirem com a sua função de levar informações sobre os vocábulos ao consulente.

No âmbito das cores, o vocábulo *vermelho*, por exemplo, não se restringiria a um significado delimitado, e sim a uma série de associações com outras tonalidades mais e menos prototípicas desta tonalidade, mantendo, também, relações com outras tonalidades do espectro cromático que estabelecem fronteiras difusas com a cor vermelha, conforme ficou comprovado nos experimentos empíricos desenvolvidos por Rosch e colaboradores (ROSCH, 1975; ROSCH et al, 1976), que buscavam comprovar que o mundo não é formado de coisas intrinsecamente separadas. Mais do que simplesmente descrever o significado complexo de um vocábulo de cor, portanto, a Semântica Cognitiva nos permite mostrar o que é este significado e tratar das relações de prototipicidade que se estabelecem entre ele e outros significados no *continuum* do espectro cromático.

Acreditamos que, em uma teoria semântica voltada apenas para a língua, ou seja, que proponha uma semântica da linguagem, sem fazer menção a referentes externos, a discussão a respeito do tratamento de vocábulos de cores em dicionários poderia se encerrar aqui. No entanto, ao adotarmos uma semântica de cunho extensional como a Semântica Cognitiva, ou seja, uma semântica que não está preocupada apenas em descrever uma entidade, mas também em colocar estas entidades em uso real e apresentar membros que dividem a mesma categoria, evocando, assim, o conhecimento enciclopédico dos falantes, é possível pensarmos em elementos iconográficos como mecanismos auxiliares à paráfrase explanatória. Por defender postulados deste tipo, acreditamos que a Semântica Cognitiva acaba por acolher a possibilidade de utilização de imagens nos dicionários, o que nos permite inserir o mecanismo de substituição ostensiva na nossa proposta para o tratamento lexicográfico de vocábulos de cores.

4.1.3.1 A substituição ostensiva

Ao apresentarmos o nosso modelo para as paráfrases explanatórias, nos apoiamos na taxonomia proposta por Bugueño (2009a), que aborda as paráfrases explanatórias a partir de dois parâmetros: a perspectiva do ato de comunicação e a metalinguagem empregada (BUGUEÑO, 2009a, p.244). Nesta parte da discussão, chamamos atenção para o primeiro parâmetro aqui citado, ou seja, a perspectiva do ato da comunicação.

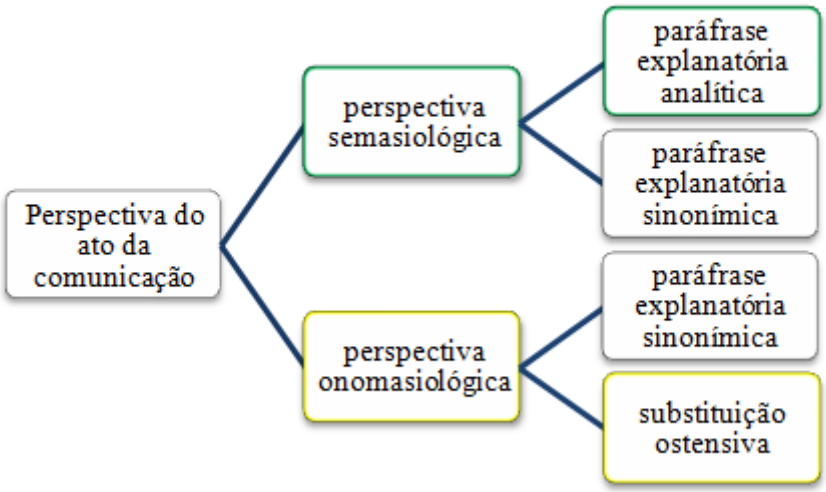
Conforme apresentamos anteriormente, a perspectiva do ato da comunicação pode ser do ponto de vista semasiológico (do signo-lema para a significação) ou onomasiológico (da significação para o signo-lema). Por trabalharmos com obras lexicográficas de orientação semasiológica, uma vez que os dicionários aqui analisados procuram oferecer ao consulente a significação de determinada palavra a qual já se conhece a forma (grafia), optamos por adotar uma perspectiva semasiológica na elaboração de nossas paráfrases para vocábulos de cor. Conforme foi constatado, esta escolha não resultou em grandes efeitos, uma vez que as paráfrases permaneceram muito similares àquelas já encontradas nas obras analisadas e, por isso, também passíveis a uma série de críticas.

Assim, na tentativa de fazer com que a cor seja elucidada de maneira satisfatória nas obras lexicográficas, propomos um redirecionamento da paráfrase explanatória no que tange a perspectiva do ato de comunicação, que passa, agora, a ser de orientação onomasiológica. Sendo a cor um elemento tão complexo de ser descrito em uma definição lexicográfica, propomos, então, que os dicionários semasiológicos abram espaço para a onomasiologia para o tratamento das cores. Trata-se de uma alternativa não utilizada por nenhuma das obras analisadas, mas que, ao que tudo indica, apresenta um grande potencial para aprimorar muito o tratamento das cores nos dicionários.

Dentro das opções oferecidas pela taxonomia de Bugueño (2009a) no que diz respeito à perspectiva onomasiológica, temos a definição sinonímica[118] e a substituição ostensiva como possíveis mecanismos parafrásticos. Nossa discussão, a partir de agora, recairá no mecanismo da substituição ostensiva como alternativa ao problema da definição de cores em dicionários. Na figura abaixo, ilustramos a mudança de direção

[118] Para o autor, a definição sinonímica pode ser concebida tanto como uma classe de definição semasiológica, por reescrever o conteúdo de uma unidade léxica através de sua substituição por outra unidade, como também uma classe de definição onomasiológica, por ser considerada, também, uma definição extensional (BUGUEÑO, 2009a, p.249-251).

que estamos tomando ao apresentarmos a substituição ostensiva como uma possibilidade de contornar os problemas encontrados na definição de uma cor. Em verde, está indicado o caminho percorrido até agora, ao passo que, em amarelo, o novo caminho que pretendemos percorrer a partir de agora:



Esquema 4: representação do redirecionamento da perspectiva do ato da comunicação para se chegar à substituição ostensiva

A substituição ostensiva corresponde, basicamente, à utilização de elementos iconográficos como forma de se exprimir o significado de um vocábulo. Conforme aponta Bugueño (2009a, p.251), embora a literatura especializada também apresente o termo *definição ostensiva*[119], a substituição ostensiva não se trata de uma definição propriamente dita, uma vez que a reescrita do signo-lema está associada à apresentação de gravuras ou fotos para elucidar significados.

Apesar da discussão a respeito do uso de ilustrações em dicionários ainda ser um tema escasso nos estudos lexicográficos (conforme aponta FARIAS, 2009, p.207), procuraremos levantar algumas considerações tendo em vista as discussões levantadas ao longo deste trabalho e alguns postulados de pesquisadores da área. Primeiramente, consideramos necessário avaliar quais são os casos em que as ilustrações devem ser utilizadas e em que medida elas irão auxiliar o consulente no entendimento da

[119] Em Hartmann; James (2001, s.v. *ostensive definition*), a definição ostensiva é definida como uma técnica definitória onde a definição ocorre através do apontamento direto a um objeto ou através do apontamento indireto, pela associação a um objeto. Como exemplo deste segundo tipo de definição ostensiva, é citado o caso das definições de cores, ao definirem determinada cor como *a cor da entidade x*.

significação de uma palavra. Para Landau (2001, p.147), a importância de ilustrações em um dicionário está relacionada ao tipo de consulente que a obra enfoca. O autor postula que quanto mais pedagógico for um dicionário, mais úteis serão as ilustrações, ao passo que dicionários históricos ou acadêmicos não necessitariam deste recurso.

Corroboramos com o autor em relação à necessidade de gravuras no caso de dicionários mais elementares ou pedagógicos[120], no entanto, acreditamos que algumas esferas do léxico sejam altamente dependentes de gravuras, mesmo que se encontrem em dicionários que não sejam voltados para consulentes em fase escolar. Conforme discutimos até agora, ao que tudo indica, vocábulos que designam cores representam um exemplo deste grupo de palavras que, independentemente do fato de estarem inseridos em dicionários escolares, gerais ou para aprendizes de línguas estrangeiras, serão sempre vocábulos de difícil definição, sendo pertinente a utilização de ilustrações para que o dicionário de fato cumpra com a sua função.

No entanto, conforme aponta Jardim (2010, p.12), a adoção do mecanismo da substituição ostensiva requer a consideração de fatores tais como: 1) o tipo e a qualidade da publicação e 2) o quão prototípica é a imagem. Em relação ao primeiro fator citado pela autora (o tipo e a qualidade da publicação) temos que, no caso das obras aqui analisadas (dicionários gerais de língua), contamos com duas formas de apresentação, ou seja, o meio eletrônico (CD-Rom) e impresso. Obviamente, o mercado editorial nem sempre é capaz ou está disposto a inserir nas obras impressas elementos que poderiam encarecer o produto no seu valor de mercado, pois isso colocaria a obra em risco de perder a sua preferência entre os consumidores para um concorrente de custo mais baixo. Assim, a inclusão de imagens nos dicionários impressos nem sempre é uma ideia bem aceita pelas editoras, visto que o lucro ainda é o fator primordial neste mercado editorial. No entanto, a mesma explicação não é válida aos dicionários eletrônicos, que possuem capacidade de apresentar muito mais informações e recursos para complementar os seus verbetes. Hartmann; James (2001, s.v. *illustrated dictionary*), por exemplo, mencionam que, nos dias atuais, os dicionários eletrônicos contam com a possibilidade de oferecer aos seus consulentes recursos como gravações de áudio e vídeo como informações complementares. Infelizmente, estes recursos não são

[120] Farias (2009) faz uma série de críticas em relação às gravuras e ilustrações encontradas em diversos dicionários escolares do português brasileiro. Segundo a autora, em muitos casos, as ilustrações constituem segmentos que não se revelam auxiliares aos consulentes, devido a problemas como a baixa qualidade gráfica ou o baixo poder elucidativo.

explorados pelas obras brasileiras, que se limitam a ser uma reprodução fiel em formato eletrônico do que é encontrado nas obras impressas correspondentes. Nos dicionários eletrônicos analisados nesse trabalho, por exemplo, as únicas vantagens aparentes em relação às suas respectivas obras impressas é a facilidade de busca através do botão localizador e a facilidade de transporte por estarem armazenados em um CD.

Em relação ao segundo fator (a prototipicidade da imagem), fica evidente o importante papel das diversas pesquisas desenvolvidas e/ou corroboradas pela Semântica Cognitiva em relação às categorias de cor. O estudo seminal de Berlin; Kay (1999), que apontou para a possível existência de universais semânticos de cor e demonstrou, empiricamente, que as categorias de cor apresentam centro e periferia, constitui uma peça-chave para uma proposta de apresentação de elementos iconográficos para vocábulos de cor, uma vez que os dicionários não apresentarão tonalidades isoladas, e sim categorias inteiras de cor, que mostrarão ao consulente a natureza prototípica do espectro cromático e a saliência natural de seus centros focais, conforme apontaram os estudos de Berlin; Kay (1999). Assim, sendo o português uma língua com o léxico cromático plenamente desenvolvido (estágio VII da escala proposta pelos autores), ele apresenta as onze categorias básicas de cor, nomeadas pelos termos básicos de cor *branco*, *preto*, *vermelho*, *verde*, *amarelo*, *azul*, *marrom*, *roxo*, *rosa*, *laranja* e *cinza.* Todos estes onze termos de cor possuem um centro prototípico que, ao que tudo indica, são de natureza universal. As cores que não se encontram nesta lista e que são classificadas como cores simples (como *bege*, por exemplo) também devem ser vistas como categorias de cor, cabendo a realização de pesquisas empíricas para descobrir qual seria o seu centro prototípico.

4.1.3.2 O sistema de remissivas e o lugar dos elementos iconográficos no tratamento lexicográfico de vocábulos de cores simples

Uma vez estabelecida a importância da substituição ostensiva na elucidação do significado de vocábulos de cor, o segundo ponto a ser discutido diz respeito à forma como esta informação será apresentada pelos dicionários, ou seja, de que maneira os elementos iconográficos estarão dispostos e o modo como eles se relacionarão aos verbetes de cores. A discussão aqui proposta recai no âmbito da medioestrutura, um dos componentes canônicos do dicionário semasiológico (apresentada na seção 2.1.3).

Para Bugueño; Zanatta (2010), partindo-se de uma concepção espacial do dicionário semasiológico, a macroestrutura (progressão alfabética) poderia ser caracterizada como uma progressão vertical, ao passo que a microestrutura (relação *thema-rhema*) poderia ser caracterizada como uma progressão horizontal. Dentro desta concepção, a medioestrutura corresponderia aos outros movimentos de sentido que não o movimento cima-baixo ou esquerda-direita.

De acordo com Martínez de Souza (1995, s.v. *remisión*) os procedimentos medioestruturais se justificam por duas razões: 1) para evitar a repetição de informação dentro da obra lexicográfica e 2) para ampliar a quantidade de informação procurada pelo consulente. A partir de considerações de tal sorte, Bugueño; Zanatta (2010) propõem a seguinte tipologia de relações medioestruturais:

> a) referências de um segmento macro- ou microestrutural para outro segmento macro ou microestrutural;
> b) referências de um segmento macro- ou microestrutural a qualquer texto externo à macro- ou microestrutura;
> c) referências de um segmento macro- ou microestrutural a outro dicionário. (BUGUEÑO; ZANATTA, 2010)

De acordo com a tipologia dos autores, nossa proposta para a apresentação de elementos iconográficos se encaixa na relação sugerida pela letra b, uma vez que, por uma questão de praticidade e facilidade de acesso à informação, propomos que as figuras de cores estejam localizadas no *outside matter* da obra lexicográfica (no *back matter*, para sermos mais precisos). Caberá, portanto, ao sistema de remissivas, fazer com que o consulente, após ter lido as paráfrases explanatórias e os exemplos elucidativos de uma cor, se desloque aos textos externos do dicionário e entre em contato direto com a cor que o dicionário busca explicitar.

Porém, para que os procedimentos medioestruturais constituam elementos funcionais nas obras lexicográficas, eles devem contar com uma série de parâmetros que lhes garanta essa funcionalidade. Bugueño; Zanatta (2010) sumarizam estes parâmetros em três princípios axiomáticos[121], os quais procuraremos relacionar aos nossos propósitos.

O primeiro princípio diz respeito à eficácia da informação conduzida pela referência medioestrutural. Segundo este princípio, a remissão dentro da obra

[121] Os autores concebem como axiomático (ou algorítmico) o conjunto de regras que resulta na solução de um problema. Neste caso, os princípios axiomáticos propostos buscam tornar a medioestrutura um componente funcional dentro das obras lexicográficas.

lexicográfica deve levar o consulente à informação de maneira rápida, obedecendo sempre a um único movimento. Em nossa proposta, sugerimos que, em complementação à paráfrase explanatória e aos exemplos, exista uma remissão a um terceiro tipo de segmento informativo que também procure elucidar a tonalidade de uma cor. Este segmento informativo constitui um quadro posicionado na parte final do dicionário (*back matter*), onde estarão localizadas as gravuras de tonalidades das principais cores simples do vocabulário do português brasileiro. A informação assume um caráter eficaz uma vez que traz aos olhos do consulente a tonalidade que se buscou explicitar através de paráfrases e exemplos.

O segundo princípio está relacionado ao grau de elucidação da referência. Segundo este princípio, "a referência deve ser compreendida pelo usuário tanto pela motivação do impulso como pela meta de remissão proposta" (BUGUEÑO; ZANATTA, 2010). Levando tais considerações aos nossos propósitos, temos que o mecanismo da substituição ostensiva se justifica por considerarmos as definições e os exemplos de tonalidades de cor pouco satisfatórios para a elucidação de uma cor, requerendo, assim, mecanismos auxiliares para uma boa elucidação. A motivação do impulso, portanto, corresponde à necessidade de complementação ao que está posto no verbete, ao passo que a meta da remissão é justamente levar esta informação complementar, saciando, assim, os anseios do consulente.

O terceiro e último princípio diz respeito à funcionalidade da referência medioestrutural, que, de acordo com a visão dos autores, deve sempre acarretar um ganho para o usuário. A remissão a uma gravura representativa da tonalidade de uma cor, portanto, não constitui somente um acessório ao verbete de cor, e sim um elemento altamente elucidativo, que contribua tanto para propósitos dos dicionários como para as expectativas de seus consulentes.

Os três princípios axiomáticos aqui apresentados servem como sustentação e justificativa para a nossa proposta de elementos iconográficos representativos de tonalidades. As considerações trazidas por Bugueño; Zanatta (2010), ao enfatizarem questões como eficácia, elucidação e funcionalidade das referências medioestruturais, chamam a atenção para uma série de questões que devem ser pensadas ao se inserir este componente em uma obra lexicográfica. Estas ponderações, no entanto, não parecem ser muito consideradas nos dicionários do português brasileiro. Isso fica claro pela análise efetuada pelos autores nesse mesmo trabalho, onde Bugueño; Zanatta (2010) apontam

uma série de problemas concernentes aos procedimentos medioestruturais empregados nos dicionários gerais do português brasileiro. Os problemas apresentados pelos autores derivam, principalmente, do fato de não haver uma concepção clara e definida de que a medioestrutura deve obedecer a princípios estruturantes da mesma forma que os outros componentes canônicos do dicionário. Nossa preocupação, portanto, consiste em oferecer remissões que sejam realmente funcionais e que cumpram com os anseios do consulente no âmbito dos vocábulos de cores.

4.1.3.3 Proposta para a forma de apresentação dos elementos iconográficos das cores simples

O último passo da nossa proposta para o tratamento lexicográfico de cores simples é delinear o modo como os elementos iconográficos correspondentes às cores simples se apresentarão. Neste ponto da discussão, a Teoria Prototípica defendida pela Semântica Cognitiva é de importância fundamental para os nossos objetivos. A noção de prototipicidade nas categorias de cor trazida pelos estudos de natureza empírica de Berlin; Kay (1999) e, posteriormente, corroborados por Rosch et al (1976) assumem tamanha importância porque procuraremos trabalhar com categorias inteiras de cor, de modo a mostrar ao consulente que, embora uma cor possa assumir uma grande variedade de tonalidades, ela possui um centro focal mais saliente que serve como protótipo da categoria. Logo, o fato de defendermos a visão prototípica de categorização terá consequências diretas no produto final do presente trabalho.

Em uma exposição a respeito das definições lexicográficas, Oliveira (2010, p.156-158) apresenta as consequências das categorias prototípicas no âmbito lexicográfico da seguinte forma:

1) No nível da extensão, temos:

a) Diferentes graus de representatividade entre os membros, que tem como consequência a apresentação de membros mais prototípicos da categoria na redação da definição (conforme foi observado na apresentação de elementos prototípicos de tonalidades de cor nas definições de vocábulos de cores);

b) Flutuações nas margens, que, consequentemente, leva o dicionário a desconsiderar casos problemáticos ou poucos típicos nas definições (no caso das cores, equivaleria a tonalidades não correspondentes ao centro focal da categoria, que, em muitos casos, constituem cores complexas).

2) No nível da intensão, temos:

a) Agrupamentos de significados em *semelhança de família* e sobreposições, o que leva à geração de núcleos de significados, ou seja, significados prototípicos e significados menos representativos (no caso das diferentes acepções em um verbete de cor, temos as acepções referentes à cor como tonalidade e as extensões metafóricas que esta cor pode assumir, gerando outras acepções dentro do verbete);

b) A impossibilidade de se aplicar à definição o modelo das condições necessárias e suficientes, responsável pela vagueza nas definições e diferenças de conteúdo semântico (divisões de significado diferentes nas definições; significados com difícil demarcação e dificuldade em delimitar significados próximos). No âmbito das cores, esse fenômeno pôde ser observado, por exemplo, ao expormos as definições dos vocábulos de cores complexas *azul-piscina* e *verde-piscina*, onde ambas remetiam à cor da água da piscina para definir as tonalidades em questão. Ao que tudo indica, talvez a cor da água da piscina constitua um ponto de intersecção existente entre as categorias *verde* e *azul* e que, por isso, possa ser caracterizada tanto como uma cor como também como outra.

Embora as considerações de Oliveira (2010) estejam voltadas para o âmbito da definição, elas também podem ser estendidas ao âmbito da representação iconográfica do espectro cromático, que constitui um elemento de natureza prototípica e limites difusos. Tendo em vista essas considerações, podemos, então, adaptar os postulados de Oliveira (2010, p.158) aos nossos propósitos da seguinte maneira:

1) Se, no nível da extensão, os diferentes graus de representatividade dentro da categoria e a existência de limites difusos levam os dicionários a apresentarem membros mais prototípicos e a desconsiderarem membros menos representativos nas suas definições, então os elementos iconográficos correspondentes a estas definições poderão apresentar gravuras que mostrem a maior saliência dos membros prototípicos da categoria de cor em relação aos membros mais periféricos. No caso das cores simples, portanto, estamos diante das Cores Focais apresentadas nos estudos de Berlin; Kay (1999). Segundo os autores, são estas tonalidades centrais da categoria de cor que estão mais aptas a representarem a categoria.

2) Se, no nível da intensão, o agrupamento de significados pela estruturação conhecida como *semelhança de família* e a impossibilidade de definições de acordo com os critérios do modelo CNS levam à apresentação de significados mais prototípicos e significados menos prototípicos (além da dificuldade de se precisar os limites entre os significados), temos, novamente, um forte argumento para se enfatizar o papel das cores focais como representantes prototípicas das tonalidades de cores. Conforme deve ficar claro, as categorias de cores não apresentam limites rígidos devido a sua estrutura prototípica, portanto, ao pensarmos em uma cor simples, somos levados a imaginar as tonalidades centrais desta categoria e não a seus limites difusos.

Os postulados aqui apresentados serviram para elucidar o modo como enxergamos o fenômeno cromático, ou seja, através de categorias com natureza prototípica. Esta concepção do fenômeno da categorização aplicada ao âmbito das cores acabou se revelando altamente pertinente aos nossos propósitos, uma vez que tornou possível a elaboração de critérios para a forma de representação dos vocábulos de cor nas obras lexicográficas.

Assim, seguindo o modelo semântico que nos alicerça e as considerações feitas até agora sobre a representação de uma cor de através de uma imagem, julgamos que a melhor forma de representação iconográfica dos vocábulos de cores seja através da apresentação da categoria inteira de cor, propiciando ao consulente uma visão geral de todas as gradações que uma cor pode assumir. Abaixo, apresentamos a representação dos vocábulos *verde*, *azul* e *vermelho* de acordo com o que aqui postulamos:

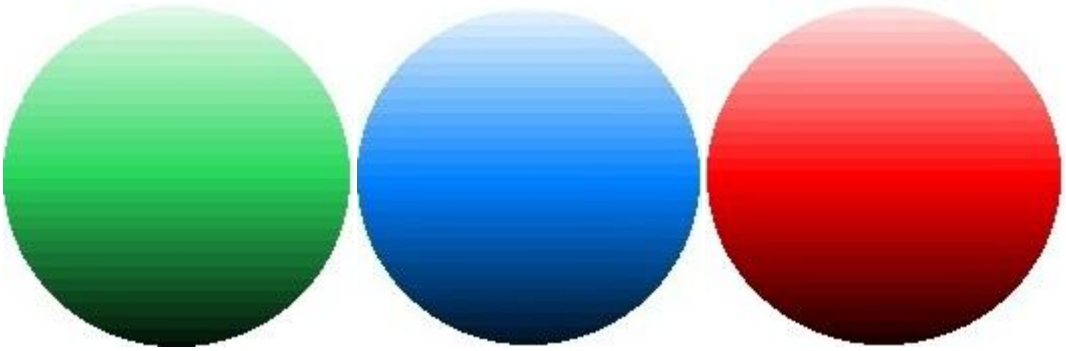


Figura 61: proposta de representação iconográfica para os vocábulos de cores simples

Como se pode observar, as cores simples, que constituem protótipos das categorias de cor, constituem as faixas centrais na gradação de cor de cada categoria. Conforme observamos a categoria em movimento ascendente ou descendente, as tonalidades tendem a ficar mais claras ou mais escuras, respectivamente. Estas tonalidades mais periféricas e menos salientes aos olhos de quem observa constituem os significados da grande maioria dos vocábulos de cores complexas[122]. Acreditamos que uma apresentação deste tipo em uma obra lexicográfica permita ao consulente entender que, ao tratarmos de uma cor simples, não nos referimos a apenas uma tonalidade de cor, e sim a uma categoria inteira. Esta categoria, no entanto, apresenta um centro focal mais representativo, inclinado a ser o exemplar prototípico da categoria de cor.

4.2 PROPOSTA PARA O TRATAMENTO DAS CORES COMPLEXAS

No primeiro capítulo deste trabalho (seção 1.2.1.3), apresentamos o modo como os dicionários aqui analisados tratam as cores complexas no âmbito da macro, medio e microestrutura. Conforme ficou claro, além de lematizarem uma série de vocábulos pouco ou nada familiares aos falantes do português, os dicionários ainda trazem definições muito pouco elucidativas em relação a este tipo de cor. Os principais problemas concernentes às definições de cores complexas são a circularidade (como definir *vermelho-cereja* como "que tem a cor vermelha da cereja", por exemplo) e o uso demasiado de remissões ou associações a outros verbetes de cores simples (como remeter *verde-gaio* a *verde-claro* sem deixar claro se essas duas lexias fazem menção à mesma tonalidade de verde), o que torna os verbetes de cores complexas muito pouco elucidativos.

Ao que tudo indica, existe um grande esforço, por parte das obras lexicográficas, em consolidar (ou tornar pública) uma enorme variedade de vocábulos de cores complexas através da lematização destes vocábulos. No entanto, os dicionários se limitam a informar o consulente a respeito da existência dos vocábulos de cores, deixando muito a desejar em relação à elucidação do significado desses vocábulos. Os dicionários, portanto, elucidam apenas vocábulos, sem elucidar seus significados. Conforme já mencionamos neste trabalho, não há porque se ocupar espaço nas obras lexicográficas para informar fatos óbvios, tais como que o *azul-celeste* é o azul da cor

[122] Falamos em "grande maioria", aqui, porque acreditamos que alguns vocábulos de cores complexas possam fazer referência ao centro prototípico da categoria, como *amarelo-canário*, por exemplo.

do céu ou que o *verde-garrafa* é o tom de verde escuro do vidro de certas garrafas. Na seção 3.2.3.3, onde discutimos sobre a formação de vocábulos de cores complexas a partir da formação de espaços mentais e da mesclagem conceitual proposta por Fauconnier (1985) e Facounnier; Turner (2007), procuramos expor como acontece, no âmbito da cognição humana, o entendimento sobre vocábulos de cores derivados de associações metafóricas e metonímicas, que confere um caráter autoexplicativo a estes vocábulos de cores[123].

Tendo em vista as considerações da Semântica Cognitiva a respeito da construção de significados de cores complexas (FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p.37), tudo indica que uma definição lexicográfica de vocábulos desse tipo de cores não seja necessária dentro de uma obra lexicográfica. Conforme pudemos analisar, estas definições pouco ou nada acrescentam a respeito da elucidação de uma tonalidade, uma vez que, na maioria das vezes, acabam dizendo o óbvio, ou seja, aquilo que já está implícito no nome da cor e que é facilmente decodificado pelo consulente.

4.2.1 **Considerações iniciais a respeito do tratamento lexicográfico das cores complexas**

Tendo em vista as considerações acima, chegamos à conclusão de que, no caso das cores complexas, a utilização de paráfrases explanatórias parece constituir um recurso pouco funcional para a elucidação destas tonalidades de cor. Nesse caso, acreditamos que uma solução realmente funcional seria partir diretamente para o mecanismo da substituição ostensiva, economizando, assim, espaço na obra lexicográfica sem sacrificar a informação a respeito do vocábulo lematizado.

Apesar de acreditarmos que esta solução constituiria uma medida mais satisfatória para o tratamento das cores complexas, estamos cientes de que ela exige uma série de pesquisas que impedem que a apresentemos de forma completa neste momento. Primeiramente, esse tipo de tratamento exigiria um levantamento apurado dos vocábulos de cores complexas existentes no português brasileiro. Para tanto, seria

[123] Se uma pessoa tem conhecimento da categoria *vermelho*, por exemplo, e já entrou em contato com o elemento *cereja*, ela, automaticamente, irá formar, através do processo de mesclagem conceitual, o espaço-mescla resultante de dois espaços distintos (*vermelho* e *cereja*), compreendendo, assim, que o vermelho-cereja se trata de uma tonalidade de vermelho que lembra muito a cor da cereja (cf. seção 3.2.3.3).

necessário um estudo de natureza empírica que cobrisse toda a extensão territorial do país e avaliasse, através de pesquisas quantitativas com falantes nativos, quais são as combinações mais utilizadas no âmbito das cores complexas. Obviamente, as possíveis construções deste tipo de vocábulo são muitas, uma vez que podem ser feitas a qualquer momento e com uma diversidade enorme de elementos (podemos falar, por exemplo, em *verde-grama* para nos referirmos à cor da grama, apesar deste vocábulo não estar consolidado entre os vocábulos de cores complexas do português brasileiro).

Cabe ao dicionário, portanto, estabelecer um limite entre vocábulos construídos momentaneamente e de maneira particular para alguma pessoa que pretende comunicar uma tonalidade (como o exemplo do *verde-grama*) e os vocábulos que já se encontram consolidados na língua (como *verde-água* ou *verde-musgo*).

Na pesquisa apresentada no primeiro capítulo desse trabalho, apresentamos um primeiro esforço em julgar a familiaridade de falantes nativos do português com alguns vocábulos de cores complexas lematizados pelos dicionários aqui analisados. Acreditamos que esta pesquisa representa, em proporções muito pequenas, um primeiro passo referente às tantas averiguações empíricas que devem ser feitas com o intuito de se descobrir, de fato, quais são as cores complexas do português brasileiro. Tomando como base os estudos de Berlin; Kay (1999), acreditamos que averiguações relativas à categorização e nomeação do espectro cromático devem ser, prioritariamente, de natureza empírica, tendo em vista a grande subjetividade que se encontra por trás da percepção e nomeação de tonalidades.

Após se ter descoberto os vocábulos referentes às cores complexas do português, teríamos, ainda, um segundo desafio a enfrentar, que consiste em relacionar cada vocábulo à sua tonalidade correspondente. Este segundo passo parece ser ainda mais complexo do que o primeiro, uma vez que a discussão recai em reconhecimentos de zonas precisas do espectro cromático e consolidação de significados de cor. Por não se tratar de cores focais, tudo indica que este tipo de averiguação constitui um exercício bastante delicado, uma vez que procuraria estabelecer significados unânimes para tonalidades que não apresentam a mesma tendência das cores focais de apresentarem uma estrutura prototípica[124].

[124] Talvez a tonalidade que um falante julgue ser *azul-celeste* não corresponda à mesma tonalidade julgada como *azul-celeste* por outro falante. Isso pode ocorrer, principalmente, porque o azul da cor do céu não apresenta, sempre, a mesma tonalidade, podendo variar de acordo com o período do dia (manhã, tarde ou anoitecer), por exemplo.

As considerações aqui levantadas deixam claro por que postulamos, no início desse capítulo, que nossa proposta de tratamento lexicográfico para vocábulos de cores complexas não constitui uma proposta propriamente dita, e sim uma solução parcial ao problema. Conforme deixamos claro, as sugestões aqui apresentadas dependem de pesquisas bastante exaustivas e criteriosas que fogem dos domínios do presente trabalho.

4.2.2 **Proposta para a forma de apresentação dos elementos iconográficos das cores complexas**

Procuraremos, a partir de agora, apresentar nossa sugestão de apresentação de elementos iconográficos para o tratamento das cores complexas em obras lexicográficas. Porém, é necessário frisar que a relação vocábulo – significado aqui apresentada acontece de maneira subjetiva, ou seja, não está baseada em nenhuma pesquisa empírica como no caso das cores simples.

Uma vez que as definições de cores complexas se limitam a: 1) repetir informações já descritas pelo nome do vocábulo; 2) oferecer informações pouco precisas ou 3) estabelecer relações entre os vocábulos de cores complexas, acreditamos que estas definições possam ser suprimidas das obras lexicográficas sem que haja grandes perdas para as obras. Nesse sentido, a única informação oferecida pelos dicionários seriam os nomes dessas cores, que, na grande maioria das vezes, podem ter seus significados facilmente deduzidos (quem já entrou em contato com o ouro, por exemplo, consegue imaginar o significado do vocábulo *amarelo-ouro*).

Tendo em vista estas considerações, sugerimos que a lematização dos vocábulos de cores complexas constitua apenas na apresentação do vocábulo de cor e na remissão ao *back matter* do dicionário. Assim, caso o nome da cor não seja suficiente para o consulente entender o seu significado, ele, então, poderá buscar esse significado nas páginas finais do dicionário.

Tendo como base a nossa proposta para a apresentação das cores simples nas obras lexicográficas, propomos que as cores complexas sejam localizadas e indicadas em zonas específicas das categorias de cor simples. Frisamos, novamente, que a relação aqui estabelecida entre o nome da cor complexa e a zona da categoria será feita de maneira totalmente subjetiva. Ao adotar a nossa proposta, portanto, é necessário que as obras lexicográficas desenvolvam pesquisas que revelem tanto os vocábulos de cores

complexas que fazem parte do português brasileiro, como suas tonalidades correspondentes. Por ora, com base nos vocábulos apresentados pelas obras aqui analisadas e na nossa intuição a respeito do significado destes vocábulos, apresentamos a seguinte proposta para definição de cores complexas através do método da substituição ostensiva:

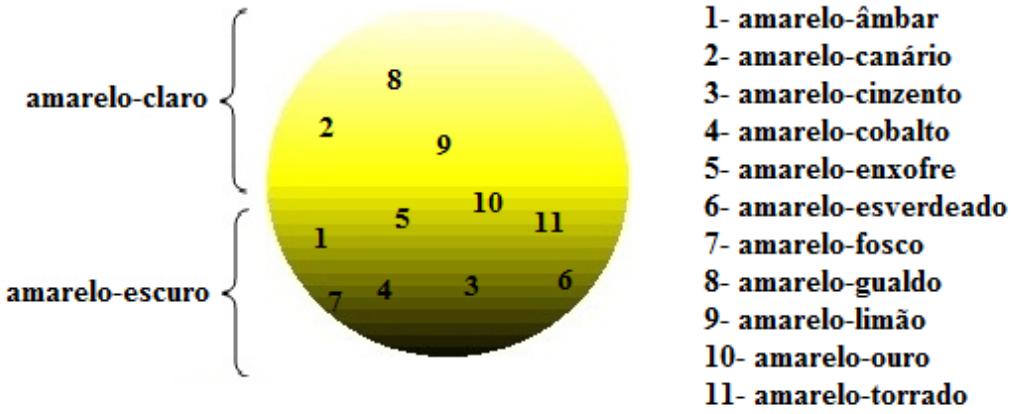


Figura 62 – proposta de definição de cores simples e complexas pelo método da substituição ostensiva

Os vocábulos de cores complexas acima, relativos ao amarelo, constituem todos os vocábulos lematizados por AuE (2004), HouE (2001) e MiE (2001), ou seja, todos os vocábulos derivados de *amarelo* encontrados ao longo de nossas análises. No apêndice D do presente trabalho, apresentamos a definição das onze categorias básicas de cor propostas por Berlin; Kay (1999) de acordo com a nossa proposta de tratamento lexicográfico para cores simples e complexas, que se utiliza do método da substituição ostensiva

Acreditamos que a proposta que aqui oferecemos constitua a maneira mais plausível e mais organizada de se apresentar cores simples e cores complexas em um dicionário semasiológico. A apresentação da cor como uma categoria e não como uma tonalidade isolada, além de poupar espaço na obra, ainda permite ao consulente entender o fenômeno cromático de maneira mais ampla, ou seja, através da observação da categoria inteira de cor e da variada gama de vocábulos que espelham o modo como o português brasileiro divide esta categoria.

5 CONCLUSÃO

Os objetivos principais deste trabalho eram verificar o quão funcional uma definição de cor pode ser e, com isso, propor definições mais satisfatórias do que as encontradas atualmente nas obras lexicográficas. Para alcançar nossos objetivos, primeiramente analisamos os verbetes de cores de três dicionários da língua portuguesa e identificamos os principais problemas presentes nesses verbetes. Após isso, procuramos elencar, com a ajuda da literatura especializada, quais seriam os segmentos informativos realmente necessários em um verbete de cor para, então, consolidar a organização do nosso PCI.

Uma vez estabelecido que os principais elementos que devem estar presentes em um verbete de cor são as paráfrases explanatórias e os exemplos, nosso segundo passo, foi procurar subsídios teóricos capazes de nos auxiliar na reformulação das paráfrases explanatórias e dos exemplos de vocábulos de cores. No que diz respeito à paráfrase explanatória, optamos por adotar uma proposta que leva em conta o cruzamento de três variáveis, que são: o tipo de paráfrase explanatória, o modelo semântico e o *pattern* sintático. No âmbito dos exemplos, adotamos a noção de informações discretas e discriminantes no artigo léxico para a geração de nossa proposta. Procuramos gerar nossas paráfrases explanatórias e nossos exemplos de acordo com os princípios da Semântica Cognitiva, com especial atenção à Teoria Prototípica e à noção de experiencialismo e corporeidade.

Nossa proposta para o tratamento lexicográfico de verbetes de cores, portanto, deriva de uma intersecção entre teorias lexicográficas sobre a definição (em especial, a taxonomia proposta por BUGUEÑO, 2009) e a concepção experiencialista defendida pela Semântica Cognitiva (consolidada por LAKOFF; JOHNSON, 1980). Basicamente, defendemos que as paráfrases de cores simples devem ser do tipo *paráfrase explanatória analítica por metalinguagem do signo extensional* e contarem com exemplares universais de cor no seu viés extensional para melhor elucidar a cor. No caso dos exemplos, eles devem estar alicerçados em padrões sintáticos curtos e orações de construções simples, além de também contarem com exemplares prototípicos de categorias de cor culturalmente estabelecidos. Em complementação a isso, tanto as cores simples como as cores complexas devem contar com o mecanismo de substituição ostensiva, localizado nos textos externos do dicionário. Este mecanismo constitui a apresentação de uma gravura da cor que se almeja definir. Em conformidade com os

postulados sobre a natureza prototípica das categorias de cor trazidos por Berlin; Kay (1999), propomos que as cores simples sejam representadas por categorias inteiras de cor, elucidando ao consulente a noção de centro prototípico (melhor exemplar) e limites difusos. Acreditamos que, desta maneira, seja possível mostrar ao consulente que uma cor simples pode assumir diversas gradações diferentes e ser representada pela mesma palavra (tonalidades claras, médias e escuras de azul, por exemplo, apesar da diferença de gradação, são nomeadas pelo mesmo vocábulo, *azul*).

Em relação às cores complexas, a teoria da mesclagem conceitual desenvolvida por Facounnier; Turner (2007) nos levou a postular que este tipo de cor não necessita de uma definição, uma vez que seu significado é construído através da decodificação do próprio vocábulo. Por isso, propomos que os vocábulos de cores complexas lematizados façam apenas uma remissão para o *back matter* do dicionário, onde se encontram as categorias de cores simples. Nossa proposta consiste em localizar, dentro das categorias de cores simples, as cores complexas lematizadas pelos dicionários, mostrando ao consulente a natureza precisa deste segundo tipo de cor, que, diferentemente das cores simples, se encontram localizadas em zonas bastante específicas da categoria.

Tendo em vista a síntese das discussões desenvolvidas ao longo do trabalho, podemos passar para a avaliação das nossas hipóteses de pesquisa.

5.1 AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES DE PESQUISA

Ao iniciarmos este trabalho, propomos algumas hipóteses de pesquisas que, neste momento, já podem ser confirmadas ou refutadas. Abaixo, apresentamos a nossa avaliação de cada hipótese proposta.

a) O trabalho parte da hipótese geral de que, tendo em vista algumas particularidades do elemento *cor*, a Semântica Cognitiva constitui a abordagem semântica mais apta a lidar com o tratamento lexicográfico de vocábulos relativos a este elemento.

Conforme apresentamos, a Teoria Prototípica e as noções de experiencialismo e corporeidade foram muito úteis aos nossos propósitos. Além de utilizarmos estes subsídios na geração das paráfrases explanatórias para as cores, eles se mostraram muito úteis também na nossa proposta para os exemplos e para a forma de apresentação dos elementos iconográficos. A confirmação desta primeira hipótese de pesquisa foi

bastante satisfatória, uma vez que ela abriu caminhos para a utilização da Semântica Cognitiva como alternativa para o tratamento de problemas ainda pouco discutidos na Lexicografia.

b) A segunda hipótese, mais específica, é que os problemas encontrados nas definições de cores decorrem de dois motivos. O primeiro motivo seria a falta de critérios das obras durante a elaboração dos verbetes de cores, resultando em informações pouco relevantes ao consulente e na omissão de informações que poderiam ajudar na elucidação dos significados dos vocábulos de cores. O segundo motivo seriam as próprias limitações do objeto a ser definido, o que nos faz acreditar que dificilmente será possível se elaborar uma definição plenamente satisfatória de um vocábulo de cor.

A segunda hipótese apresentada pôde ser confirmada ao longo das nossas investigações. No entanto, ao formularmos esta hipótese, não sabíamos ao certo o que influenciava mais nas falhas das paráfrases explanatórias (a falta de método ou a natureza do objeto). Conforme apresentamos no capítulo final do trabalho, os problemas encontrados nas definições de cor decorrem muito mais da natureza do objeto definido do que da falta de metodologia.

c) Decorrente da primeira e da segunda hipóteses, lançamos a terceira hipótese, de que os postulados da Semântica Cognitiva poderão ser de grande utilidade para o aprimoramento das atuais definições encontradas nos dicionários, tornando este segmento mais funcional nas obras lexicográficas. Estas definições, no entanto, poderão requerer segmentos informativos auxiliares para cumprirem satisfatoriamente com a sua função. Caso isso ocorra, estes segmentos informativos complementares também serão norteados pelos princípios da Semântica Cognitiva.

Podemos dizer que a terceira hipótese foi parcialmente confirmada. Ao iniciarmos a pesquisa, apostávamos na Semântica Cognitiva para tornar as definições de cores mais satisfatórias. De fato, a Semântica Cognitiva nos permitiu aprimorar uma pouco mais as paráfrases explanatórias de vocábulos de cores; no entanto, esse aprimoramento não foi suficiente para tornar a paráfrase explanatória o único segmento necessário para definir uma cor. Conforme apresentamos, mesmo sofrendo melhorias em suas reformulações, as paráfrases explanatórias de vocábulos de cores ainda devem contar com mecanismos auxiliares para uma abordagem lexicográfica realmente

satisfatória às cores. A segunda parte da hipótese, a respeito da geração de segmentos informativos complementares à paráfrase explanatória, foi confirmada. Conforme apresentado, os mecanismos auxiliares com os quais trabalhamos foram os exemplos e a substituição ostensiva, e ambos foram elaborados de acordo com os princípios da Semântica Cognitiva.

5.2 LIMITES DO ESTUDO E PERSPECTIVAS

Neste trabalho, abordamos um tema complicado na sua essência. Conforme pôde ser verificado, os problemas concernentes às definições de cores repousam muito mais nas limitações do objeto definido do que na falta de metodologia dos dicionários analisados. Diante desta situação, procuramos apresentar uma proposta que trabalhasse com segmentos informativos complementares à paráfrase explanatória para que as informações a respeito de um vocábulo de cor fossem apresentadas de maneira satisfatória em uma obra lexicográfica. Trata-se, portanto, de uma proposta que busca oferecer um tratamento diferenciado a uma esfera do léxico que, ao que tudo indica, requer um tratamento lexicográfico elaborado de acordo com as suas particularidades.

De uma maneira geral, esse trabalho mostrou, através do enfoque aos vocábulos de cores, que algumas definições tendem a ser problemáticas em razão da natureza do objeto a ser definido. Nesse caso, é necessário que se analise isoladamente esses vocábulos problemáticos para que seja possível a formulação de uma proposta de tratamento lexicográfico adequada. No caso restrito das cores, pudemos comprovar que a utilização de imagens é um recurso altamente funcional para os propósitos do dicionário semasiológico. Obviamente, a utilização deste recurso em 1813 (data do primeiro dicionário do português, AnMS) era algo inconcebível, porém, nos dias atuais, essa iniciativa está em conformidade com o poder de alcance de uma obra lexicográfica (tanto eletrônica como impressa), o que nos leva a crer que se trata de um recurso que deve ser explorado pelos dicionários atuais.

Além disso, em uma visão ainda mais ampla, acreditamos que a relação aqui estabelecida entre a Lexicografia e a Semântica Cognitiva propiciou resultados bastante significativos não só para este trabalho, mas também para as duas esferas de averiguação linguística por ora apresentadas. No âmbito da Semântica Cognitiva, tivemos a oportunidade de reunir postulados diversos com o intuito de esboçar o que seria um estudo sobre o fenômeno cromático sob a luz da Semântica Cognitiva, que

rendeu considerações bastante satisfatórias e que poderão ser desenvolvidas futuramente. No âmbito da Lexicografia, foi possível constatar o grande potencial da Semântica Cognitiva em lidar com problemas que há tempos permanecem estanques nas obras lexicográficas, como o caso dos vocábulos de cores.

Finalizamos nossas considerações salientando que as discussões aqui iniciadas podem e devem ser aprimoradas, com o intuito de preencher lacunas que ainda aguardam uma solução. Esperamos que nossas considerações possam servir de motivação a estudiosos dispostos a tratar de problemas ainda em aberto e que, com isso, contribuam ainda mais para o desenvolvimento das averiguações em torno desse objeto de estudos tão complexo, porém fascinante, que é a linguagem humana.

BIBLIOGRAFIA

DICIONÁRIOS CITADOS:

AnMS. SILVA, A. de M. *Diccionario da Lingua Portugueza recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito accrescentado, por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro.* Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813

AuE. FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Eletrônico Aurélio da língua portuguesa.* 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

HouE. HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa.*Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PeR. *Le nouveau petit Robert*: Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la Langue Française. Paris: Le Robert, 1993.

MiE. MICHAELIS: *Dicmaxi Michaelis Português*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

ReA. REAL Academia Española. *Diccionario de la lengua española.* 22.ed. Madrid: Espasa Calpe, 2001.

Webs. WEBSTER. *Webster's New World dictionary of the american language.* Cleveland and New York: The world publishing company, 1957.

Zin. ZINGARELLI, N. *Vocabulario della língua italiana.* 10.ed. Bologna: Zanichelli, 1970.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. *Fundamentos da biologia moderna.* 2.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

ATKINS, B.T.S.; RUNDELL, M. *The Oxford Guide to Practical Lexicography*, New York: Oxford University Press, 2008.

BARCELONA SÁNCHEZ, A. O poder da metonímia. *Cadernos de tradução*, Porto Alegre n.25, p.7-24, 2009.

BENVENUTTI, E. V. *Química inorgânica.* Átomos, moléculas, líquidos e sólidos. 2.ed. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2006.

BERLIN, B.; KAY, P. *Basic color terms:* their universality and evolution. Stanford: CSLI publications, 1999.

BUENO, R. E. *Desenho da microestrutura em um dicionário monolíngüe de espanhol para estudantes brasileiros:* o tratamento da valência verbal. 2007. 221f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre.

BUGUEÑO, F. Cómo leer y qué esperar de un diccionario monolingüe (con especial atención a los diccionarios del español). *Revista de língua e literatura*, Frederico Westphalen, v.4/5, n.8/9, p.97-114, 2003.

_____; FARIAS, V. S. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n.18, p. 115-135, 2006.

_____. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In ALVES, I. M. A.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do Léxico*: Lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Humanitas, 2007a, p.261-272

_____. Resenha: Langenscheidt Taschenwörterbuch Deutsch als Fremdsprache. Berlin: Langenscheidt, 2004. *Contigentia*, Porto Alegre, v.2, p.120–123, 2007b.

_____; _____. Desenho da macroestrutura de um dicionário escolar de língua portuguesa. In: BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, Ph.; XATARA, C. M. (Org.). *Lexicografia Pedagógica:* Pesquisas e perspectivas. Florianópolis: UFSC / NUT, 2008. p.129-167 (Disponível em: http://www.cilp.ufsc.br/LEXICOPED.pdf. Acesso em: 22/02/2011).

_____. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. *Alfa*, São Paulo, v.53, p.243-260, 2009a.

_____. Sobre a microestrutura em dicionários semasiológicos do alemão. *Contigentia*, Porto Alegre, v.4, p.60-72, 2009b. (Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/20868. Acesso em: 31.08.10)

_____; ZANATTA, F. Procedimentos medioestruturais em dicionários gerais de língua portuguesa. *Lusorama*, Frankfurt am Main, 2010. [no prelo]

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística.* São Paulo: Contexto, 2009, p.113-126

COSERIU, E. *Principios de Semántica Estructural.* Madrid: Gredos, 1977.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics.* Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DAMIM, C. P. *Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar*. 2005. 233f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

DUBOIS, J.; DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie:* le dictionnaire. Paris: Larousse, 1971.

EVANOVICH, E. *Evolução da visão em cores*. Projeto Evoluindo - Biociência.org. 2004. (Disponível em: http://www.evoluindo.biociencia.org/visaocores.htm . Acesso em: 09.07.10)

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics*: an introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

_____. *How words mean*: Lexical concepts, cognitive models, and meaning construction. Oxford: Oxford University Press, 2009.

FARIAS, E. M.; MARCUSCHI, L. A. A metáfora das cores na linguagem e no pensamento. In: PINTO, A. P. (Org.). *Tópicos em cognição e linguagem*. Recife: Editora universitária da UFPE, 2006, p. 19-55

FARIAS, V. S. O exemplo como informação discreta e discriminante em dicionários semasiológicos de língua portuguesa. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.1, p.101-122, 2008. (Disponível em: http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1469/1174. Acesso em: 30.03.10)

_____. *Desenho de um dicionário escolar de língua portuguesa*. 2009. 285f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre.

_____. Whole-sentence definition versus definição por genus proximum + differentiae specificae: um contraste entre duas técnicas definitórias. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.17, p.73-100, 2009b.

_____. Análise da macro e da microestrutura de dicionários bilíngues português-alemão / alemão-português. Contigentia, Porto Alegre, v.5, n.1, p.76-98, 2010 (Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/13322/7623. Acesso em: 22.09.10)

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces.* Cambridge: MIT Press, 1985.

_____; TURNER, M. Mental Spaces: Conceptual integration networks. In GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Org.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press. 2007. p.303-371.

FINATTO, M. J. B. Reconhecimento da metaforização em linguagens técnicas e científicas: desafios e perspectivas. *Organon*, Porto Alegre, n.43, v.21, p.119-127, 2007.

FORNARI, M. K. Concepção e desenho do *front matter* do dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Voz das Letras*, Concórdia, n.9, p.1-15, 2008 (Disponível em: http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/9/95.pdf. Acesso em: 04/09/10).

GEERAERTS, D. Meaning and definition. In:STERKENBURG, P. (Ed.) *A practical guide to lexicography*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 83-93

_____. Introduction: a rough guide to Cognitive Linguistics. In*:* GEERAERTS, D. (Org.). *Cognitive Linguistics:* basic readings. Berlin: Mouton de Gruyter. 2006. p.1-28

_____; CUYCKENS, H. Introducing Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Org.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press. 2007. p. 3-21

_____. *Theories of Lexical Semantics*. New York: Oxford University Press, 2010.

GIERE, R. N. *Scientific perspectivism.* Chicago/ London: The University of Chicago Press, 2006.

GIL, M. M. *Compreensão de metáforas relacionadas à cultura gaúcha:* a figura do cavalo na linguagem do gaúcho. 2009. 65f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2009. (Disponível em: http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22037/000738268.pdf?sequence=1. Acesso em: 29.11.2010)

GOETHE, J. W. *Doutrina das cores.* São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

GUIMARÃES, L. *A cor como informação.* A construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. 3.ed. São Paulo: Annablume, 2000.

HAENSCH, G. *La lexicografía*: de la lingüística teórica a la lexicografia práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; WALKER, J. *Fundamentos de Física.* 6.ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 2003.

HARDIN, C. L. *Color for philosophers.* Unweaving the rainbow. Indianopolis/ Cambridge: Hackett Publishing Company, 1988.

HARDIN, C. L.; MAFFI, L. (Eds.) *Color categories in thought and language.* Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____; _____Introduction. In: HARDIN, C. L.; MAFFI, L. (Eds.) *Color categories in thought and language.* Cambridge: Cambridge University Press, 1997b. p.1-18

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. *Dictionary of lexicography*. London/ New York: Routledge, 2001.

HAUSMANN, F. J.; WIEGAND, H. E. Component parts and structures of general monolingual dictionaries: A survey. In: HAUSMANN, F. J.; REICHMANN, O.; WIEGAND, H. E.; ZGUSTA, L. (Hrsgn.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires.* Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Band 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1989. p.328-360

JARDIM, C. R. A produtividade léxica de *berry* no inglês contemporâneo. *Linguasagem*, São Carlos, 15.ed., p.1-14, 2010. (Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao15/007.pdf. Acesso em: 28.02.2011)

JACKSON, H. *Lexicography*: an introduction. London: Routledge, 2002.

JOHNSON, M. *The body in the mind*: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KAY, P.; BERLIN, B.;MAFFI, L.; MERRIFIELD, W. Color naming across languages. In: HARDIN, C. L.; MAFFI, L. (Eds.) *Color categories in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.21-56

KLEIBER, G. *La sémantique du prototype*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

KÖVECSES, Z. *Language, mind and culture*. New York: Oxford University Press, 2006.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia*: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things.* What categories reveal about the mind. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1987.

_____. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image-schemas? *Cognitive Linguistics*, n.1, v.1, p.39-74, 1990.

_____. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and Thought*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p.202-251

_____; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh.* The embodied mind and its challenge to western thought. Nova York: Basic Books, 1999.

_____; _____. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____; _____. *Metáforas da vida cotidiana.* São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LANDAU, S. *Dictionaries:* the art and craft of lexicography. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LAUFER, B. Corpus-based versus lexicographer examples in comprehension and production of new words. In: FONTENELLE, T. (Ed.). *Practical Lexicography:* a reader. Oxford: Oxford University Press, 2008. p.213-218

LEE, D. *Cognitive Linguistics:* an introduction. Nova York: Oxford University Press, 2001.

LYONS, J. *Semântica Estrutural.* Lisboa: Presença, 1963.

MARTÍNEZ DE SOUZA, J. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.

NEWTON, I. *Opticks or a treatise of the reflections, refractions, inflections & colors of light.* New York: Dover, 1979.

OLIVEIRA, A. F. S. de. *Subsídios da Semântica cognitiva para a disposição das acepções nos learner's dictionaires.* 2010. 232f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre.

PASTOUREAU, M. *Dicionário das cores do nosso tempo*: simbólica e sociedade. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

PRIEST, G. Limits of language. In: BARBER, A.; STAINTON, R. (eds.) *Concise encyclopedia of philosophy of language and linguistics*, Amsterdam: Elsevier, 2010, p. 365-367.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology*: General, v.104, n.3, p.192-233, 1975.

_____; MERVIS, C.B.; GRAY, W.D.; JOHNSON, D.M.; BOYES-BRAEM, P. Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, v.8, n.3, p. 382-439, 1976.

_____. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (Eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1978. p. 27 - 48

RUNDELL, M. More than one way to skin a cat: why full-sentence definitions have not been universally adopted. In: FONTENELLE, T. (Ed.). *Practical Lexicography:* a reader. Oxford: Oxford University Press, 2008. p.197-209

SAEED, J. I. *Semantics*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 2003.

SARDINHA, T. B. Recontando a vida em narrativas pessoais: um estudo de metáforas na perspectiva da linguística de *Corpus*. *Organon*, Porto Alegre, n.43, v.21, p.143-159, 2007.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SECO, M. *Estudios de lexicografia española.* Madrid: Gredos, 2003.

SEUREN, P. A. M. Aristotle and Linguistics. In: BARBER, A.; STAINTON, R. (eds.) *Concise encyclopedia of philosophy of language and linguistics*, Amsterdam: Elsevier, 2010, p. 25-27.

SIQUEIRA, M. *As metáforas primárias na aquisição da linguagem*: um estudo interlingüístico. 2004. 211f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

_____; GIBBS, R. Children's aquisition of primary metaphors: a crosslinguistic study. *Organon*, Porto Alegre, n.43, v.21, p.161-179, 2007.

_____; OLIVEIRA, A. F. S. de ; HUBERT, D. D.; ALMEIDA, G. F. de; BRANGEL, L. M. Metaphor identification in a terminological dictionary. *Iberica*, Barcelona, n.17, p.157-174, 2009. (Disponível em: http://www.aelfe.org/documents/10_17_Siqueira.pdf. Acesso em: 29.11.2010)

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization*. New York: Oxford University Press, 2003.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística.* São Paulo: Contexto, 2004.

WELKER, H. A. *Dicionários*. Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WHORF, B. L. *Language, thought, and reality*: Selected writings of Benjamin Lee Whorf. Cambridge, Mass: MIT Press, 1956.

WITTGENSTEIN, L. *Anotações sobre as cores.* Lisboa: Edições 70, 1977.

YÜ, N. *The contemporary theory of metaphor:* A perspective from Chinese. Philadelphia: John Benjamins, 1998.

ZAVAGLIA, C. Dicionário e cores. *Alfa*, São Paulo, n.2, v.50, p.25-41, 2006.

APÊNDICE A

FOLHA DE PREENCHIMENTO CONCEDIDA AOS VOLUNTÁRIOS DA PESQUISA SOBRE A FAMILIARIDADE DAS CORES COMPLEXAS

Sexo: _____ Idade: _____ Curso: _____

Nomes de cores	Familiaridade				
	Nada familiar	Pouco familiar	Medianamente familiar	Muito familiar	Totalmente familiar
amarelo-âmbar					
amarelo-canário					
amarelo-cinzento					
amarelo-claro					
amarelo-cobalto					
amarelo-enxofre					
amarelo-escuro					
amarelo-esverdeado					
amarelo-fosco					
amarelo-gualdo					
amarelo-limão					
amarelo-ouro					
amarelo-torrado					

Nomes de cores	Familiaridade				
	Nada familiar	Pouco familiar	Medianamente familiar	Muito familiar	Totalmente familiar
azul-aço					
azul-antraceno					
azul-celeste					
azul-claro					
azul-céu					
azul-cobalto					
azul-de-aço					
azul-do-céu					
azul-escuro					
azul-faiança					
azul-ferrete					
azul-fino					
azul-marinho					
azul-pavão					
azul-piscina					
azul-pombinho					
azul-turquesa					
azul-turqui					
azul-violeta					

Nomes de cores	Familiaridade				
	Nada familiar	Pouco familiar	Medianamente familiar	Muito familiar	Totalmente familiar
verde-abacate					
verde-água					
verde-alvo					
verde-amarelo					
verde-azul					
verde-bandeira					
verde-bronze					
verde-cinza					
verde-claro					
verde-cré					
verde-e-amarelo					
verde-escuro					
verde-esmeralda					
verde-gaio					
verde-garrafa					
verde-jade					
verde-mar					
verde-montanha					
verde-musgo					
verde-negro					
verde-oliva					
verde-piscina					

Nomes de cores	Familiaridade				
	Nada familiar	Pouco familiar	Medianamente familiar	Muito familiar	Totalmente familiar
vermelho-cereja					

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO ENTREGUE AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA SOBRE FAMILIARIDADE DE VOCÁBULOS DE CORES COMPLEXAS

Meu nome é Larissa Moreira Brangel, sou mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS e desenvolvo meu trabalho na linha de pesquisa "Teorias Linguísticas do Léxico" sob a orientação da profª Dr. Maity Siqueira. Em meu trabalho, discuto os vários problemas concernentes à definição de vocábulos de cores nos dicionários do Português brasileiro e em que medida a Semântica Cognitiva poderia ser útil no aperfeiçoamento destas definições, tornando-as mais funcionais. A coleta de dados aqui proposta é de grande importância para o andamento da pesquisa, pois procura julgar qual a familiaridade dos falantes nativos do Português com os termos de cores lematizados por grandes dicionários da língua portuguesa.

A pesquisa não envolve nenhum risco e você pode desistir de participar a qualquer momento. As entrevistas serão transcritas para análise, mas o participante não será identificado pelo nome em nenhum momento. A participação de vocês, portanto, é voluntária e anônima e será muito apreciada. Àqueles que decidirem participar, solicito que assinem este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Larissa Moreira Brangel
Se houver qualquer dúvida ou comentários sobre esta pesquisa, sintam-se à vontade para entrar em contato comigo através do e-mail larissabrangel@gmail.com
Desde já agradeço a cooperação.

Folha de Consentimento

Após ter lido as informações acima sobre a pesquisa conduzida pela mestranda Larissa Moreira Brangel, dou meu consentimento para que minhas respostas sejam utilizadas nesse estudo. Entendo que tais respostas permanecerão confidenciais e que posso desistir de participar da pesquisa a qualquer momento.

_____ _____

Assinatura Data

APÊNDICE C

TABELA "FAMILIARIDADE DOS VOCÁBULOS DE CORES COMPLEXAS"

AMARELO-ÂMBAR	2,32
AMARELO-CANÁRIO	3,24
AMARELO-CINZENTO	1,70
AMARELO-CLARO	4,53
AMARELO-COBALTO	1,46
AMARELO-ENXOFRE	1,56
AMARELO-ESCURO	4,20
AMARELO-ESVERDEADO	3,30
AMARELO-FOSCO	2,70
AMARELO-GUALDO	1,08
AMARELO-LIMÃO	3,37
AMARELO-OURO	4,52
AMARELO-TORRADO	2,68

AZUL-AÇO	1,40
AZUL-ANTRACENO	1,11
AZUL-CELESTE	4,61
AZUL-CLARO	4,90
AZUL-CÉU	4,19
AZUL-COBALTO	2,18
AZUL-DE-AÇO	1,30
AZUL-DO-CÉU	2,72
AZUL-ESCURO	4,86
AZUL-FAIANÇA	1,08
AZUL-FERRETE	1,07
AZUL-FINO	1,07
AZUL-MARINHO	4,96
AZUL-PAVÃO	1,68
AZUL-PISCINA	4,51
AZUL-POMBINHO	1,13
AZUL-TURQUESA	4,14
AZUL-TURQUI	1,10
AZUL-VIOLETA	2,55

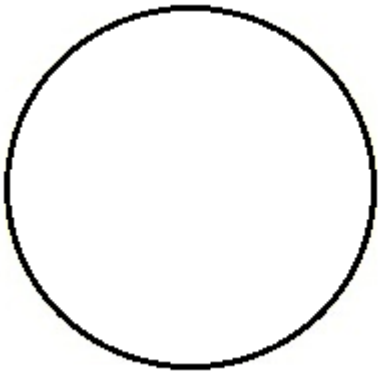
VERDE-ABACATE	4,24
VERDE-ÁGUA	4,47
VERDE-ALVO	1,34
VERDE-AMARELO	2,34
VERDE-AZUL	1,94
VERDE-BANDEIRA	3,74
VERDE-BRONZE	1,43
VERDE-CINZA	1,43

VERDE-CLARO	4,77
VERDE-CRÉ	1,06
VERDE-E-AMARELO	2,88
VERDE-ESCURO	4,81
VERDE-ESMERALDA	3,69
VERDE-GAIO	1,06
VERDE-GARRAFA	2,43
VERDE-JADE	2,59
VERDE-MAR	3,31
VERDE-MONTANHA	1,58
VERDE-MUSGO	4,37
VERDE-NEGRO	1,62
VERDE-OLIVA	3,77
VERDE-PISCINA	3,09

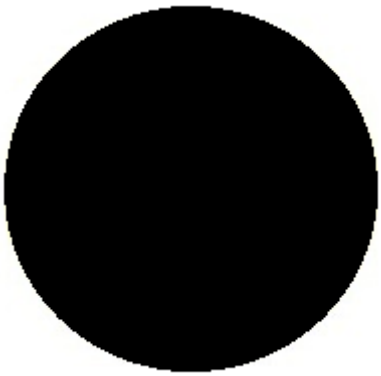
VERMELHO-CEREJA	3,74

APÊNDICE D
PROPOSTA DE REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DAS ONZE CATEGORIAS BÁSICAS DE COR SUGERIDAS POR BERLIN E KAY (1999)

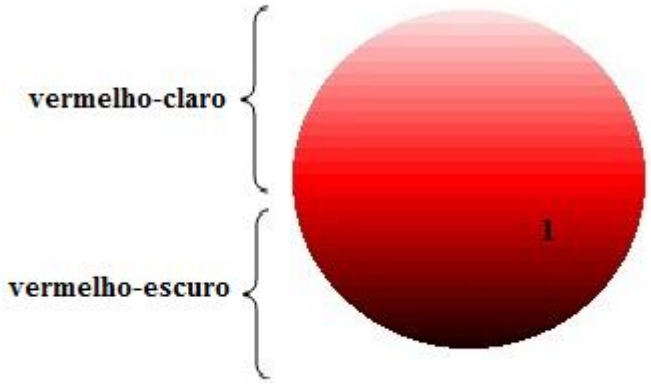
BRANCO



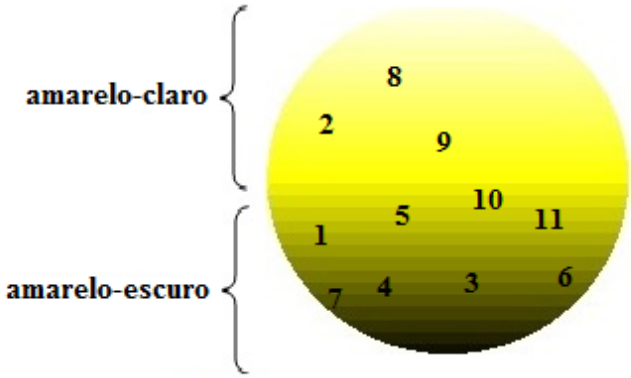
PRETO



VERMELHO

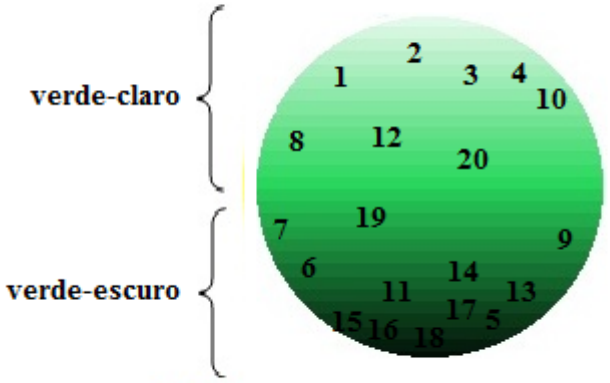


AMARELO



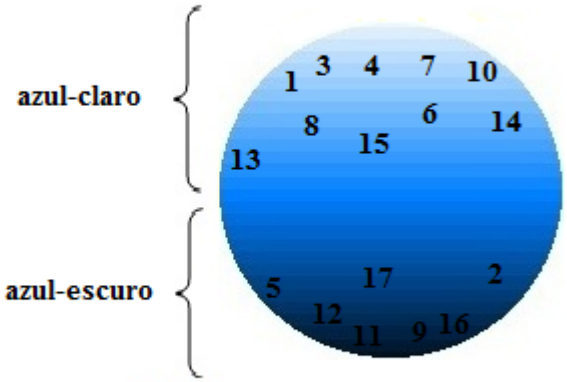
1- amarelo-âmbar
2- amarelo-canário
3- amarelo-cinzento
4- amarelo-cobalto
5- amarelo-enxofre
6- amarelo-esverdeado
7- amarelo-fosco
8- amarelo-gualdo
9- amarelo-limão
10- amarelo-ouro
11- amarelo-torrado

VERDE



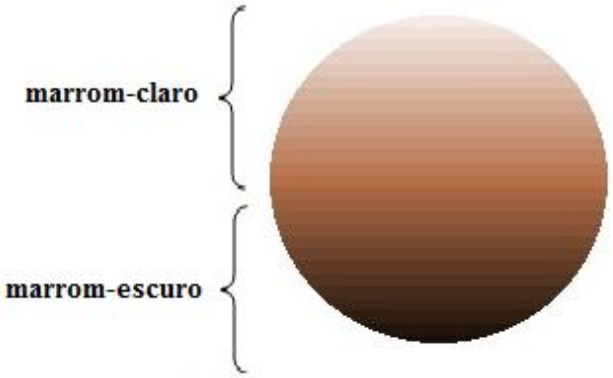
1- verde-abacate
2- verde-água
3- verde-alvo
4- verde-amarelo
5- verde-azul
6- verde-bandeira
7- verde-bronze
8- verde-cinza
9- verde-cré
10- verde-e-amarelo
11- verde-esmeralda
12- verde-gaio
13- verde-garrafa
14- verde-jade
15- verde-mar
16- verde-montanha
17- verde-musgo
18- verde-negro
19- verde-oliva
20- verde-piscina

AZUL

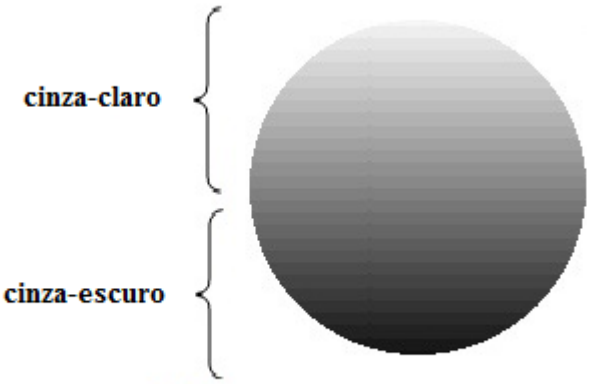


1- azul-aço
2- azul-antraceno
3- azul-celeste
4- azul-céu
5- azul-cobalto
6- azul-de-aço
7- azul-do-céu
8- azul-faiança
9- azul-ferrete
10- azul-fino
11- azul-marinho
12- azul-pavão
13- azul-piscina
14- azul-pombinho
15- azul-turquesa
16- azul-turqui
17-azul-violeta

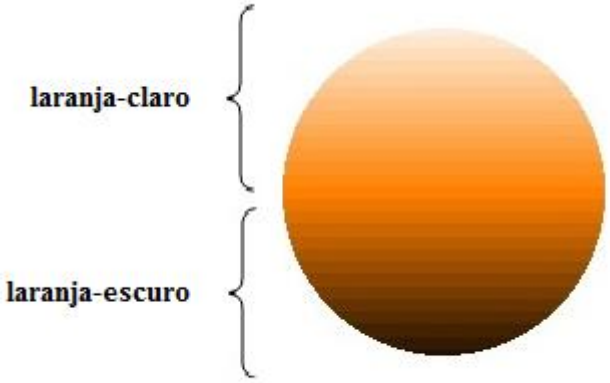
MARROM



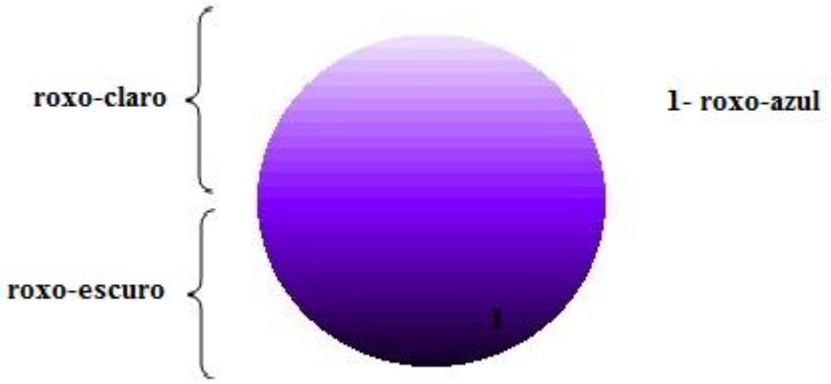
CINZA



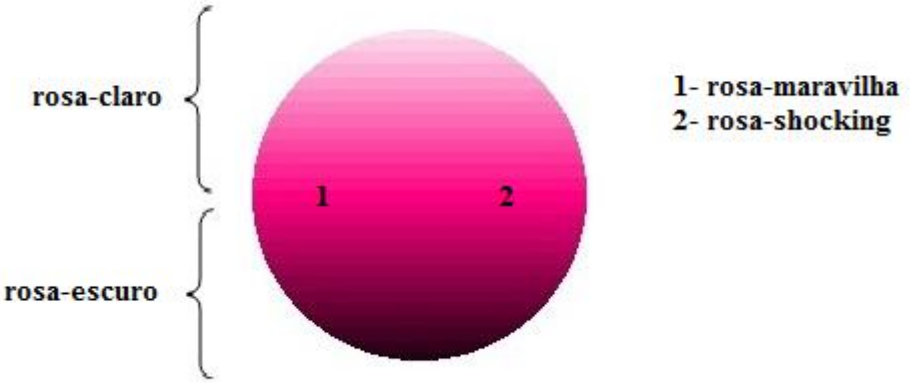
LARANJA



ROXO



ROSA



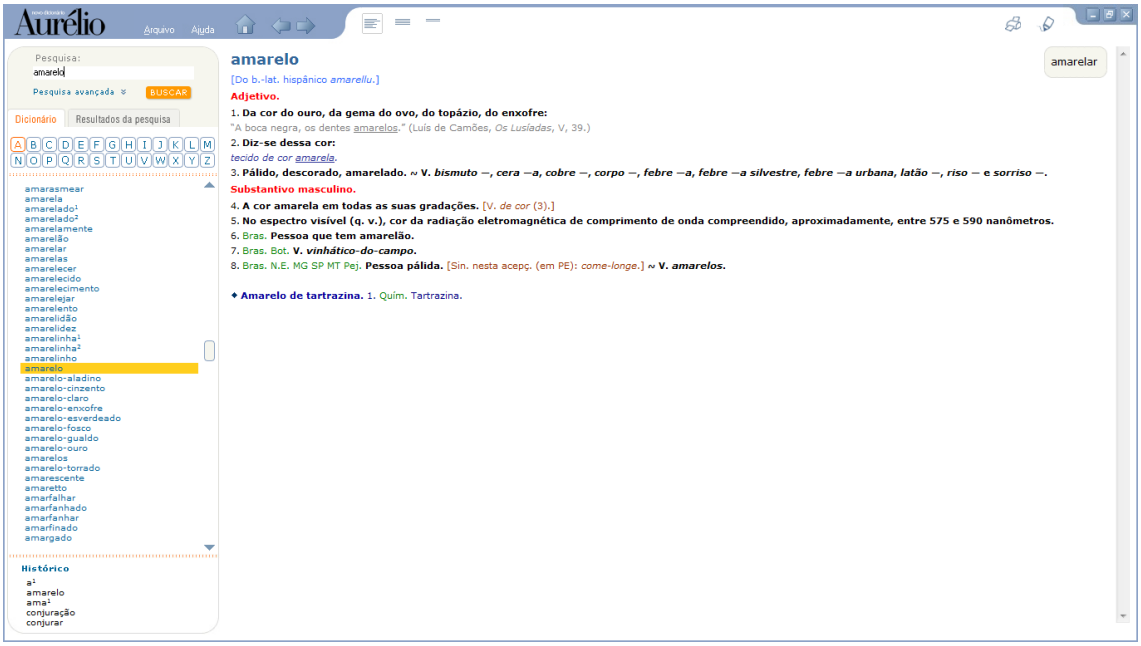
ANEXO 1
VERBETES ORIGINAIS DE AnMS (1813)

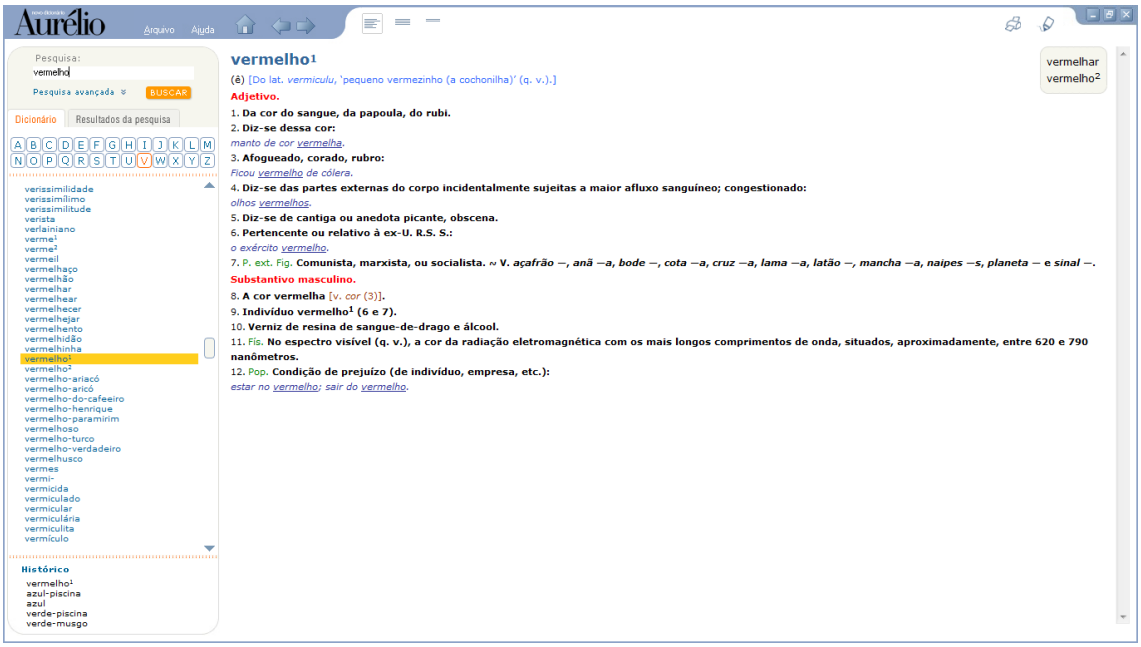
AMARÉLLO, adj. Da còr da gemma de ovo, do oiro, do rom, enxofre, &c. §. *Amarello tostado* é o mũito acceso: *amarello gualdo* é o mũito claro. t. de Pint. §. *Homem amarel'o*; pallido, desmayado. §. *Peixe amarello*, da China, que anda no mar, e pelo estio se muda em ave, &c.

AZÚL, s. m. Tinta azul. *Arte da Pintura.*

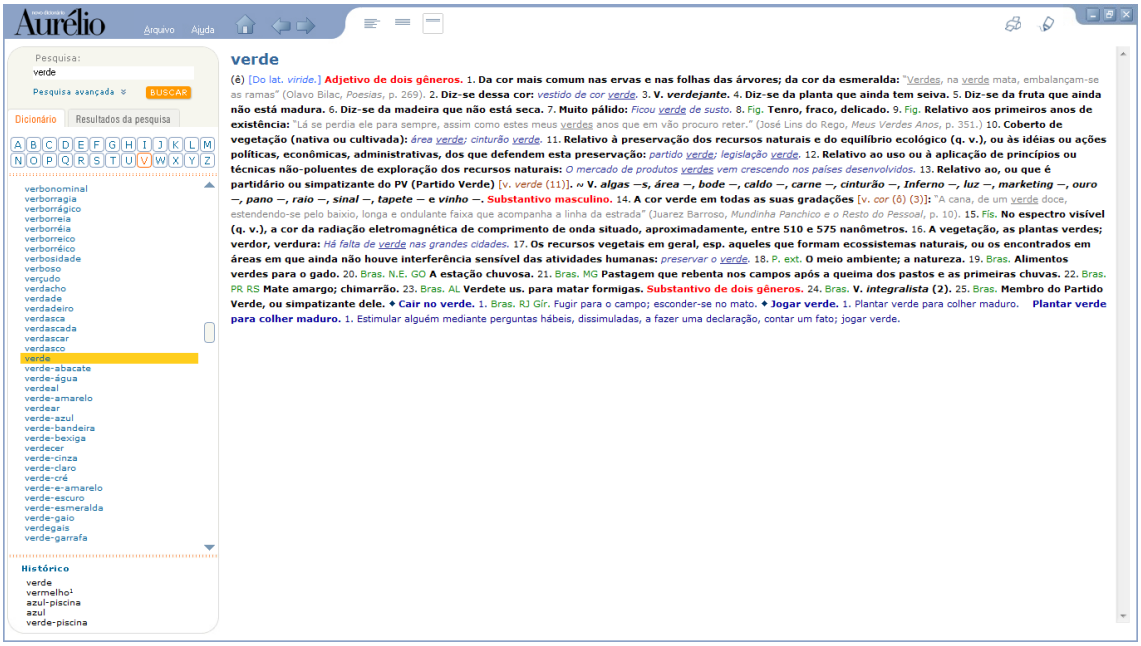
AZÚL, adj. Cor da massa extrahida do anil; a còr, que tem o Ceo limpo, é *azul celeste*; alias *pombinho*, *fino*: o claro é mais aberto que o celeste. *azul ferrete*; *apertado*, *fechado*; *turqui* é o escuro. §. *Servidores de azul*, da Misericordia, trazem sotaina azul.

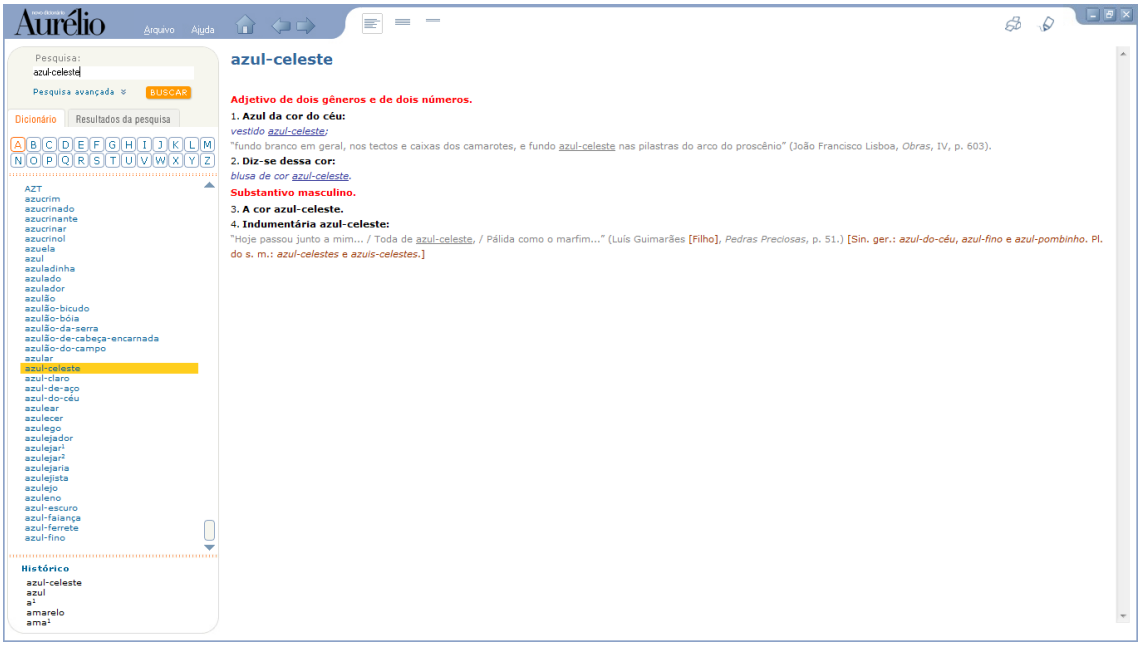
ANEXO 2
VERBETES ORIGINAIS DE AuE (2004)

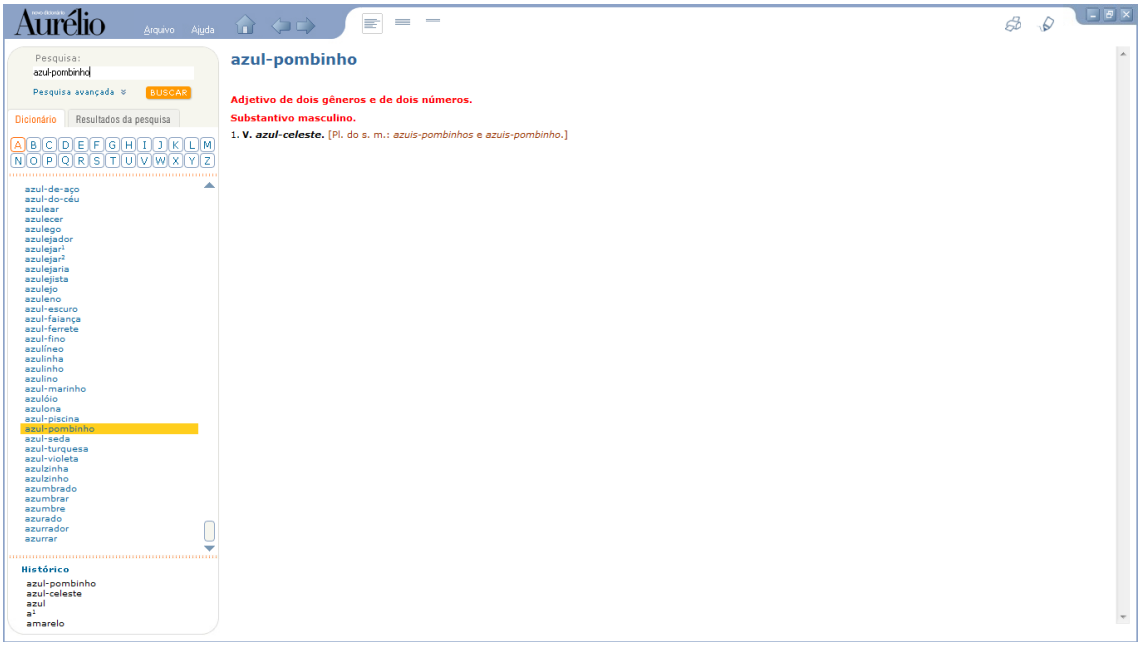


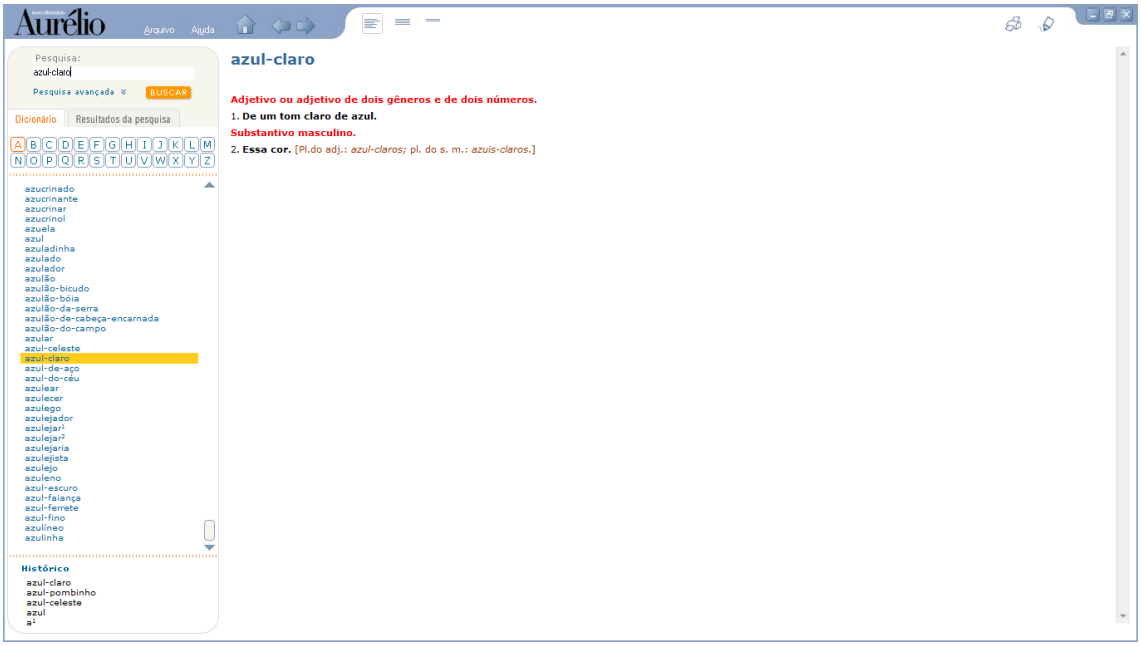


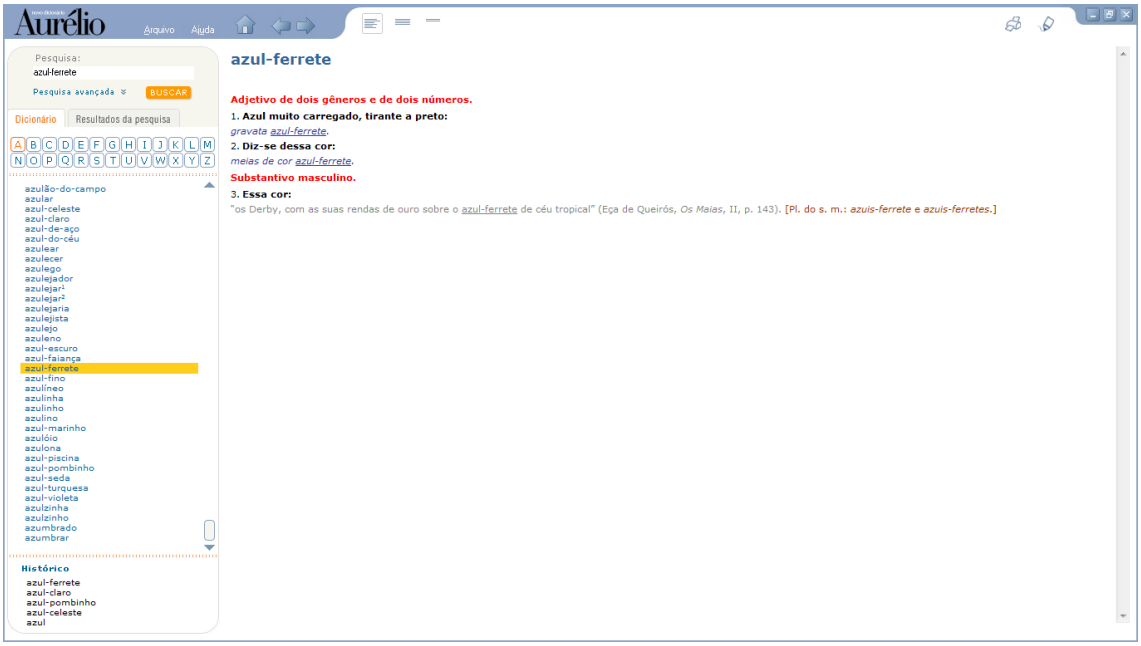
Aurélio
Arquivo
Ajuda
Pesquisa:
laranja
Pesquisa avançada
BUSCAR
Dicionário
Resultados da pesquisa
laranja
[Do ár. nāranǧa(t) < persa nārang, poss. de or. indiana, assim como o fruto.]
Substantivo feminino.
1. O fruto da laranjeira.
2. Pessoa, ingênua, simples ou sem importância.
Substantivo masculino.
3. Alaranjado (4 e 5):
O laranja assenta-lhe muito bem.
4. Gír. Agente intermediário, esp. no mercado financeiro, que efetua, por ordem de terceiros, transações ger. irregulares ou fraudulentas, ficando oculta a identidade do verdadeiro comprador, ou vendedor:
"Ao depor na CPI .... admitiu que sua empresa havia tido participação nas admissões irregulares, porém na condição de laranja." (Gazeta Mercantil, 21.2.1997).
Adjetivo de dois gêneros e de dois números.
5. Alaranjado (2):
"camisa laranja" (Davi Antunes, Briguela, p. 135); "Negro e laranja, o japiim, sendo o pássaro mais esquivo, ... foi o primeiro alado que se aproximou do selvagem." (Raimundo Morais, País das Pedras Verdes, p. 47).
6. Diz-se da cor laranja:
terno de cor laranja.
Histórico
laranja
laracha
verde
vermelho¹
azul-piscina

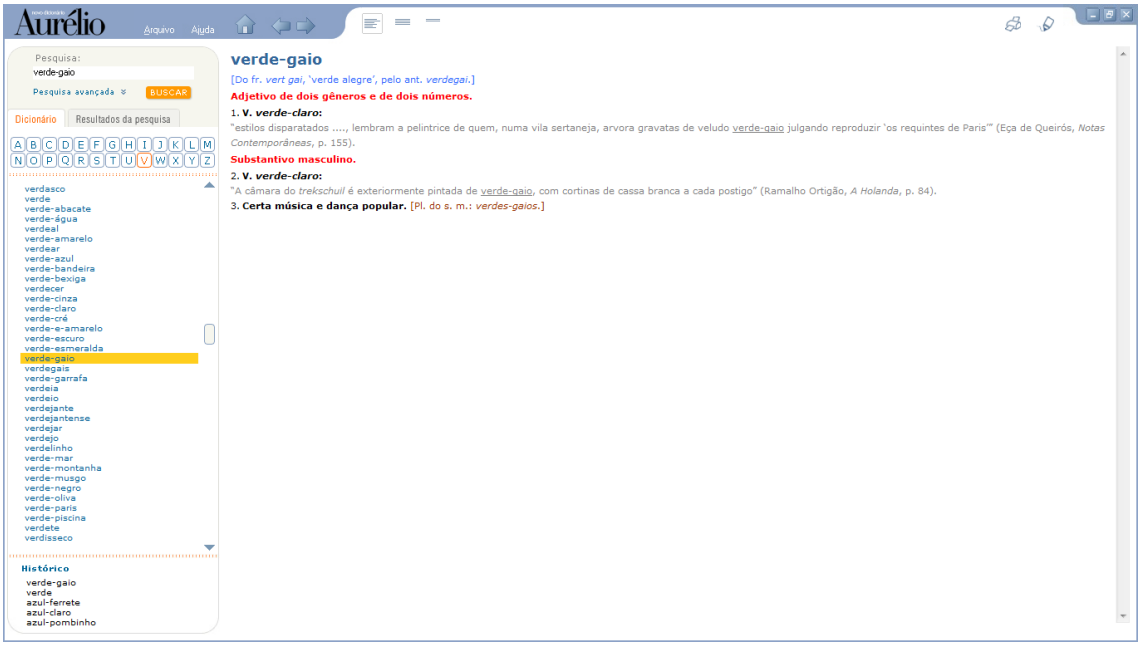

Aurélio
Arquivo
Ajuda
Pesquisa:
verde
Pesquisa avançada
BUSCAR
Dicionário
Resultados da pesquisa
verde
(ê) [Do lat. viride.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores; da cor da esmeralda: "Verdes, na verde mata, embalançam-se as ramas" (Olavo Bilac, Poesias, p. 269). 2. Diz-se dessa cor: vestido de cor verde. 3. V. verdejante. 4. Diz-se da planta que ainda tem seiva. 5. Diz-se da fruta que ainda não está madura. 6. Diz-se da madeira que não está seca. 7. Muito pálido: Ficou verde de susto. 8. Fig. Tenro, fraco, delicado. 9. Fig. Relativo aos primeiros anos de existência: "Lá se perdia ele para sempre, assim como estes meus verdes anos que em vão procuro reter." (José Lins do Rego, Meus Verdes Anos, p. 351.) 10. Coberto de vegetação (nativa ou cultivada): área verde; cinturão verde. 11. Relativo à preservação dos recursos naturais e do equilíbrio ecológico (q. v.), ou às idéias ou ações políticas, econômicas, administrativas, dos que defendem esta preservação: partido verde; legislação verde. 12. Relativo ao uso ou à aplicação de princípios ou técnicas não-poluentes de exploração dos recursos naturais: O mercado de produtos verdes vem crescendo nos países desenvolvidos. 13. Relativo ao, ou que é partidário ou simpatizante do PV (Partido Verde) [v. verde (11)]. ∾ V. algas —s, área —, bode —, caldo —, carne —, cinturão —, Inferno —, luz —, marketing —, ouro —, pano —, raio —, sinal —, tapete — e vinho —. Substantivo masculino. 14. A cor verde em todas as suas gradações [v. cor (6) (3)]: "A cana, de um verde doce, estendendo-se pelo baixio, longa e ondulante faixa que acompanha a linha da estrada" (Juarez Barroso, Mundinha Panchico e o Resto do Pessoal, p. 10). 15. Fís. No espectro visível (q. v.), a cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda situado, aproximadamente, entre 510 e 575 nanômetros. 16. A vegetação, as plantas verdes; verdor, verdura: Há falta de verde nas grandes cidades. 17. Os recursos vegetais em geral, esp. aqueles que formam ecossistemas naturais, ou os encontrados em áreas em que ainda não houve interferência sensível das atividades humanas: preservar o verde. 18. P. ext. O meio ambiente; a natureza. 19. Bras. Alimentos verdes para o gado. 20. Bras. N.E. GO A estação chuvosa. 21. Bras. MG Pastagem que rebenta nos campos após a queima dos pastos e as primeiras chuvas. 22. Bras. PR RS Mate amargo; chimarrão. 23. Bras. AL Verdete us. para matar formigas. Substantivo de dois gêneros. 24. Bras. V. integralista (2). 25. Bras. Membro do Partido Verde, ou simpatizante dele. ♦ Cair no verde. 1. Bras. RJ Gír. Fugir para o campo; esconder-se no mato. ♦ Jogar verde. 1. Plantar verde para colher maduro. Plantar verde para colher maduro. 1. Estimular alguém mediante perguntas hábeis, dissimuladas, a fazer uma declaração, contar um fato; jogar verde.
Histórico
verde
vermelho¹
azul-piscina
azul
verde-piscina

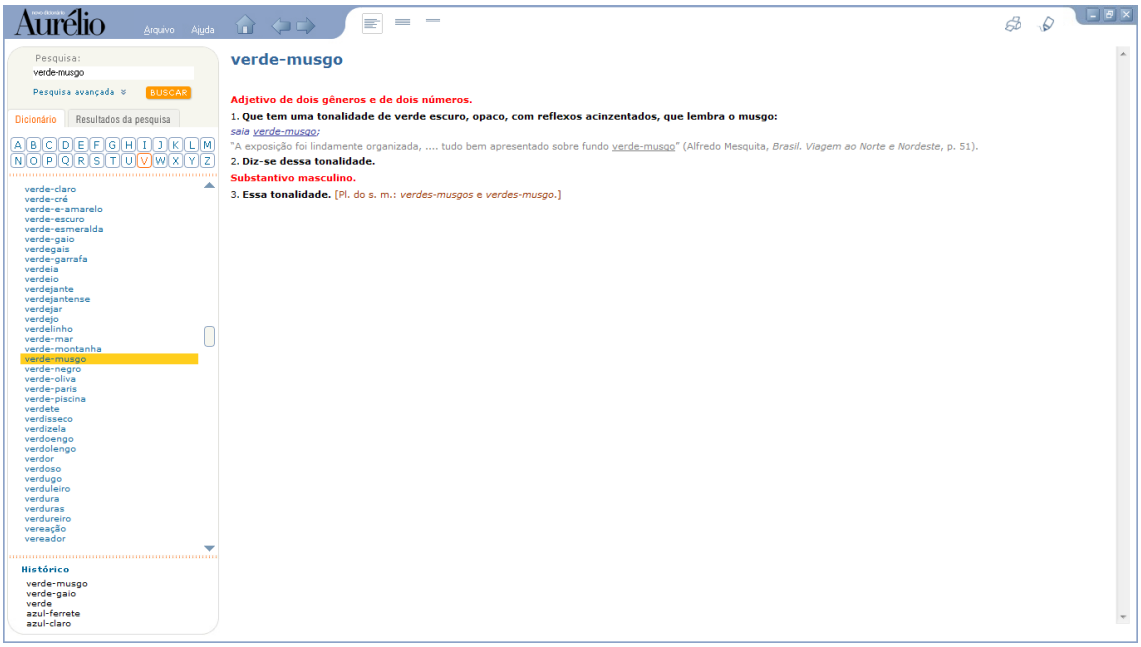

Aurélio
Arquivo
Ajuda
Pesquisa:
azul-celeste
Pesquisa avançada
BUSCAR
Dicionário
Resultados da pesquisa
A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V W X Y Z
AZT
azucrim
azucrinado
azucrinante
azucrinar
azucrinol
azuela
azul
azuladinha
azulado
azulador
azulão
azulão-bicudo
azulão-boia
azulão-da-serra
azulão-de-cabeça-encarnada
azulão-do-campo
azular
azul-celeste
azul-claro
azul-de-aço
azul-do-céu
azulear
azulecer
azulego
azulejador
azulejar¹
azulejar²
azulejaria
azulejista
azulejo
azuleno
azul-escuro
azul-faiança
azul-ferrete
azul-fino
Histórico
azul-celeste
azul
a¹
amarelo
ama¹
azul-celeste
Adjetivo de dois gêneros e de dois números.
1. Azul da cor do céu:
vestido azul-celeste;
"fundo branco em geral, nos tectos e caixas dos camarotes, e fundo azul-celeste nas pilastras do arco do proscênio" (João Francisco Lisboa, Obras, IV, p. 603).
2. Diz-se dessa cor:
blusa de cor azul-celeste.
Substantivo masculino.
3. A cor azul-celeste.
4. Indumentária azul-celeste:
"Hoje passou junto a mim... / Toda de azul-celeste, / Pálida como o marfim..." (Luís Guimarães [Filho], Pedras Preciosas, p. 51.) [Sin. ger.: azul-do-céu, azul-fino e azul-pombinho. Pl. do s. m.: azul-celestes e azuis-celestes.]

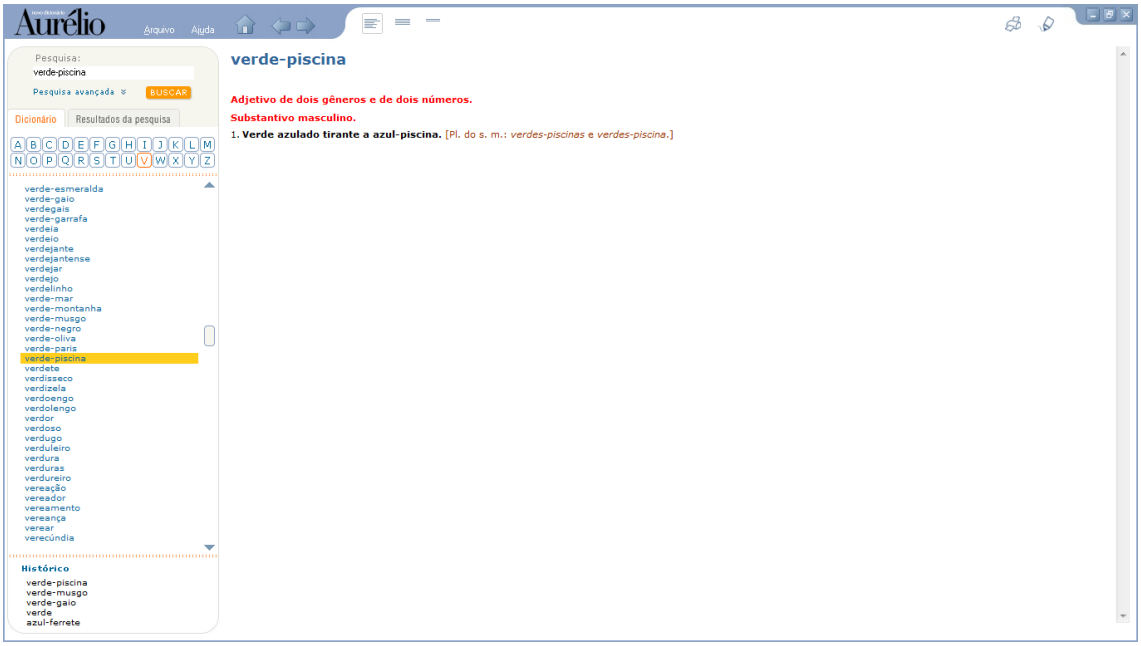

Aurélio
Arquivo
Ajuda
Pesquisa:
azul-pombinho
Pesquisa avançada
BUSCAR
Dicionário
Resultados da pesquisa
A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V W X Y Z
azul-de-aço
azul-do-céu
azulear
azulecer
azulego
azulejador
azulejar¹
azulejar²
azulejaria
azulejista
azulejo
azuleno
azul-escuro
azul-faiança
azul-ferrete
azul-fino
azulíneo
azulinha
azulinho
azulino
azul-marinho
azulóio
azulona
azul-piscina
azul-pombinho
azul-seda
azul-turquesa
azul-violeta
azulzinha
azulzinho
azumbrado
azumbrar
azumbre
azurado
azurrador
azurrar
Histórico
azul-pombinho
azul-celeste
azul
a¹
amarelo
azul-pombinho
Adjetivo de dois gêneros e de dois números.
Substantivo masculino.
1. V. azul-celeste. [Pl. do s. m.: azuis-pombinhos e azuis-pombinho.]


Aurélio
Arquivo
Ajuda
Pesquisa:
azul-claro
Pesquisa avançada
BUSCAR
Dicionário
Resultados da pesquisa
azucrinado
azucrinante
azucrinar
azucrinol
azuela
azul
azuladinha
azulado
azulador
azulão
azulão-bicudo
azulão-bóia
azulão-da-serra
azulão-da-cabeça-encarnada
azulão-do-campo
azular
azul-celeste
azul-claro
azul-de-aço
azul-do-céu
azulear
azulecer
azulego
azulejador
azulejar¹
azulejar²
azulejaria
azulejista
azulejo
azuleno
azul-escuro
azul-faiança
azul-ferrete
azul-fino
azulíneo
azulinha
Histórico
azul-claro
azul-pombinho
azul-celeste
azul
azul-claro
Adjetivo ou adjetivo de dois gêneros e de dois números.
1. De um tom claro de azul.
Substantivo masculino.
2. Essa cor. [Pl.do adj.: azul-claros; pl. do s. m.: azuis-claros.]


Aurélio
Arquivo
Ajuda
Pesquisa:
azul-ferrete
Pesquisa avançada
BUSCAR
Dicionário
Resultados da pesquisa
azulão-do-campo
azular
azul-celeste
azul-claro
azul-de-aço
azul-do-céu
azulear
azulecer
azulego
azulejador
azulejar¹
azulejar²
azulejaria
azulejista
azulejo
azuleno
azul-escuro
azul-faiança
azul-ferrete
azul-fino
azulíneo
azulinha
azulinho
azulino
azul-marinho
azulóio
azulona
azul-piscina
azul-pombinho
azul-seda
azul-turquesa
azul-violeta
azulzinha
azulzinho
azumbrado
azumbrar
Histórico
azul-ferrete
azul-claro
azul-pombinho
azul-celeste
azul
azul-ferrete
Adjetivo de dois gêneros e de dois números.
1. Azul muito carregado, tirante a preto:
gravata azul-ferrete.
2. Diz-se dessa cor:
meias de cor azul-ferrete.
Substantivo masculino.
3. Essa cor:
"os Derby, com as suas rendas de ouro sobre o azul-ferrete de céu tropical" (Eça de Queirós, Os Maias, II, p. 143). [Pl. do s. m.: azuis-ferrete e azuis-ferretes.]

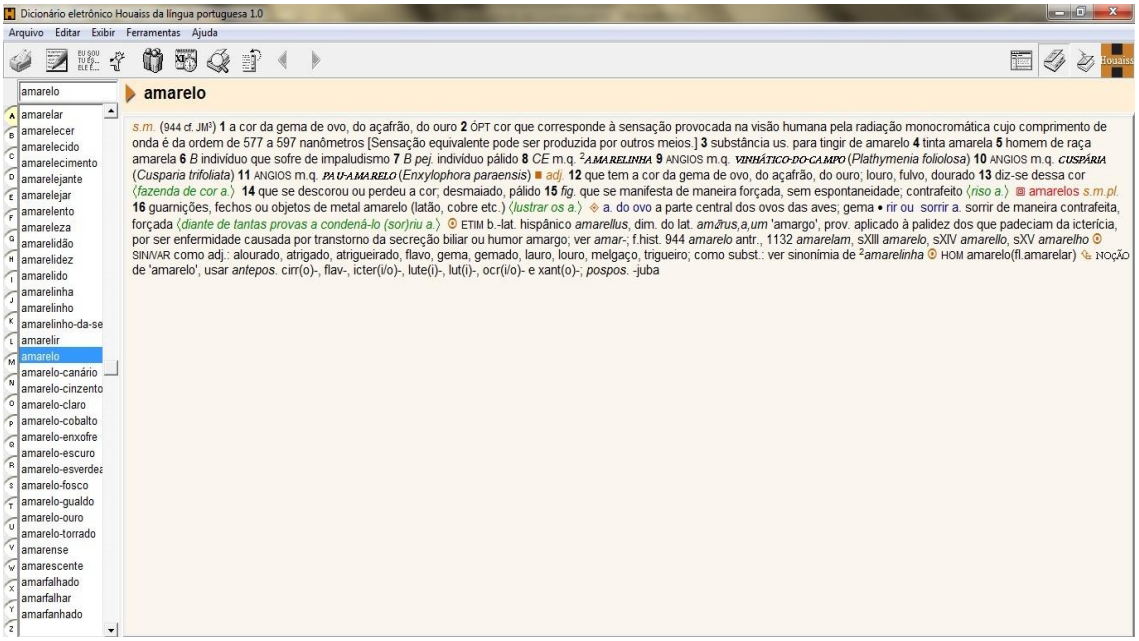

Aurélio
Arquivo
Ajuda
Pesquisa:
verde-gaio
Pesquisa avançada
BUSCAR
Dicionário
Resultados da pesquisa
A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V W X Y Z
verdasco
verde
verde-abacate
verde-água
verdeal
verde-amarelo
verdear
verde-azul
verde-bandeira
verde-bexiga
verdecer
verde-cinza
verde-claro
verde-cré
verde-e-amarelo
verde-escuro
verde-esmeralda
verde-gaio
verdegais
verde-garrafa
verdeia
verdeio
verdejante
verdejantense
verdejar
verdejo
verdelinho
verde-mar
verde-montanha
verde-musgo
verde-negro
verde-oliva
verde-paris
verde-piscina
verdete
verdisseco
Histórico
verde-gaio
verde
azul-ferrete
azul-claro
azul-pombinho
verde-gaio
[Do fr. vert gai, 'verde alegre', pelo ant. verdegai.]
Adjetivo de dois gêneros e de dois números.
1. V. verde-claro:
"estilos disparatados ...., lembram a pelintrice de quem, numa vila sertaneja, arvora gravatas de veludo verde-gaio julgando reproduzir 'os requintes de Paris'" (Eça de Queirós, Notas Contemporâneas, p. 155).
Substantivo masculino.
2. V. verde-claro:
"A câmara do trekschuil é exteriormente pintada de verde-gaio, com cortinas de cassa branca a cada postigo" (Ramalho Ortigão, A Holanda, p. 84).
3. Certa música e dança popular. [Pl. do s. m.: verdes-gaios.]

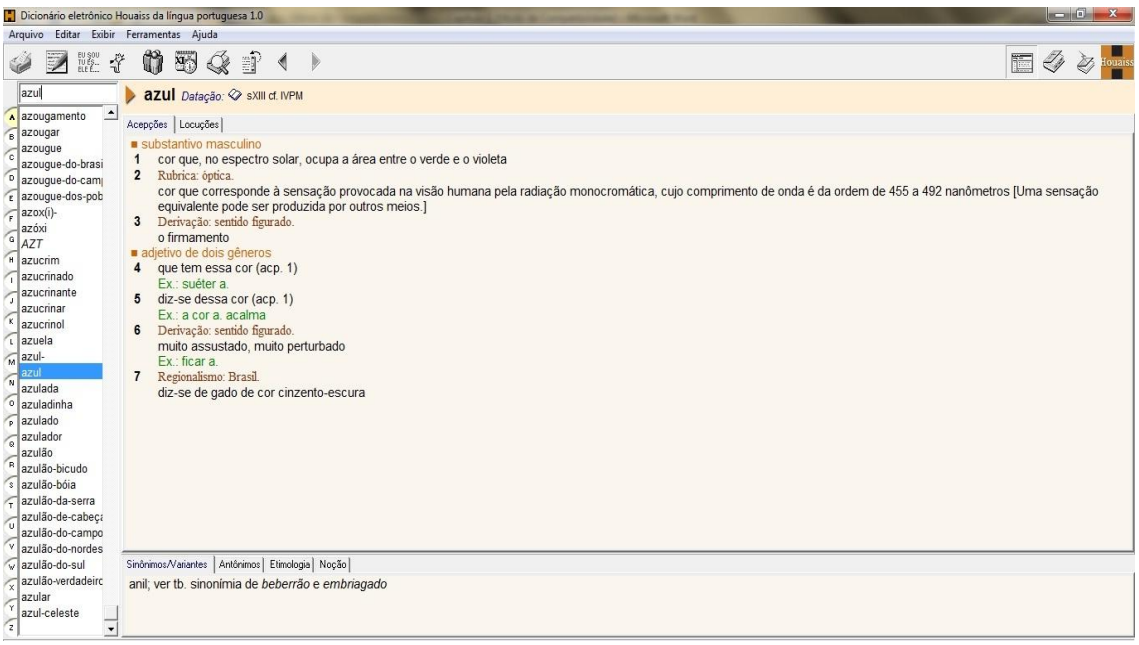

Aurélio
Arquivo
Ajuda
Pesquisa:
verde-musgo
Pesquisa avançada
BUSCAR
Dicionário
Resultados da pesquisa
A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V W X Y Z
verde-claro
verde-cré
verde-e-amarelo
verde-escuro
verde-esmeralda
verde-gaio
verdegais
verde-garrafa
verdeia
verdeio
verdejante
verdejantense
verdejar
verdejo
verdelinho
verde-mar
verde-montanha
verde-musgo
verde-negro
verde-oliva
verde-paris
verde-piscina
verdete
verdisseco
verdizela
verdoengo
verdolengo
verdor
verdoso
verdugo
verduleiro
verdura
verduras
verdureiro
vereação
vereador
Histórico
verde-musgo
verde-gaio
verde
azul-ferrete
azul-claro
verde-musgo
Adjetivo de dois gêneros e de dois números.
1. Que tem uma tonalidade de verde escuro, opaco, com reflexos acinzentados, que lembra o musgo:
saia verde-musgo;
"A exposição foi lindamente organizada, ... tudo bem apresentado sobre fundo verde-musgo" (Alfredo Mesquita, Brasil. Viagem ao Norte e Nordeste, p. 51).
2. Diz-se dessa tonalidade.
Substantivo masculino.
3. Essa tonalidade. [Pl. do s. m.: verdes-musgos e verdes-musgo.]

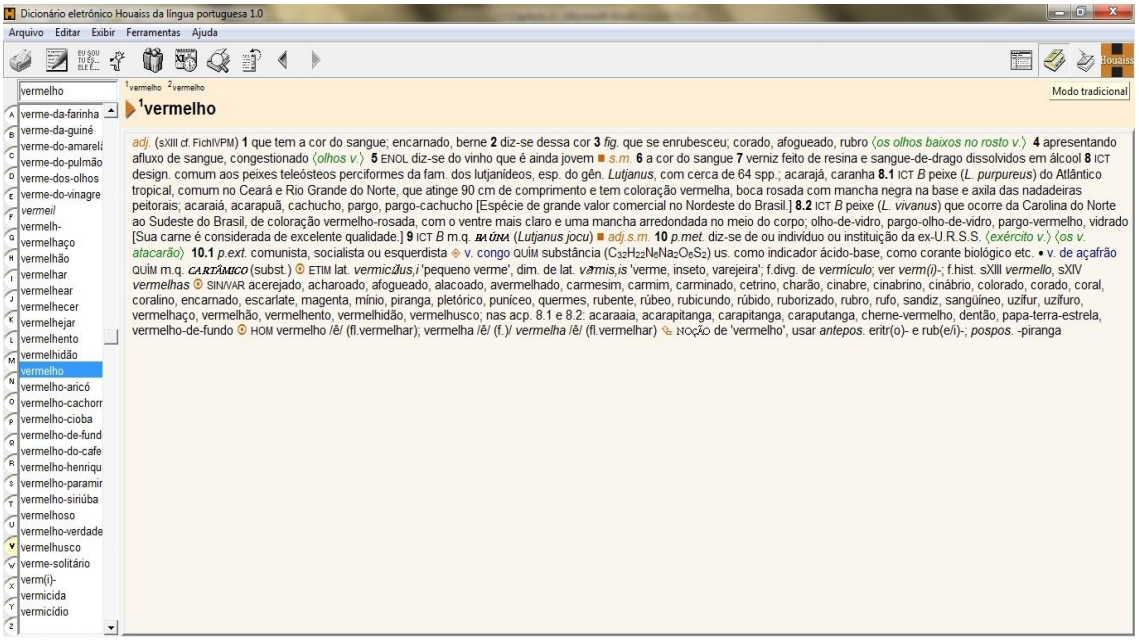

Aurélio
Arquivo
Ajuda
Pesquisa:
verde-piscina
Pesquisa avançada
BUSCAR
Dicionário
Resultados da pesquisa
A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V W X Y Z
verde-esmeralda
verde-gaio
verdegais
verde-garrafa
verdeia
verdeio
verdejante
verdejantense
verdejar
verdejo
verdelinho
verde-mar
verde-montanha
verde-musgo
verde-negro
verde-oliva
verde-paris
verde-piscina
verdete
verdisseco
verdizela
verdoengo
verdolengo
verdor
verdoso
verdugo
verduleiro
verdura
verduras
verdureiro
vereação
vereador
vereamento
vereança
verear
verecúndia
Histórico
verde-piscina
verde-musgo
verde-gaio
verde
azul-ferrete
verde-piscina
Adjetivo de dois gêneros e de dois números.
Substantivo masculino.
1. Verde azulado tirante a azul-piscina. [Pl. do s. m.: verdes-piscinas e verdes-piscina.]

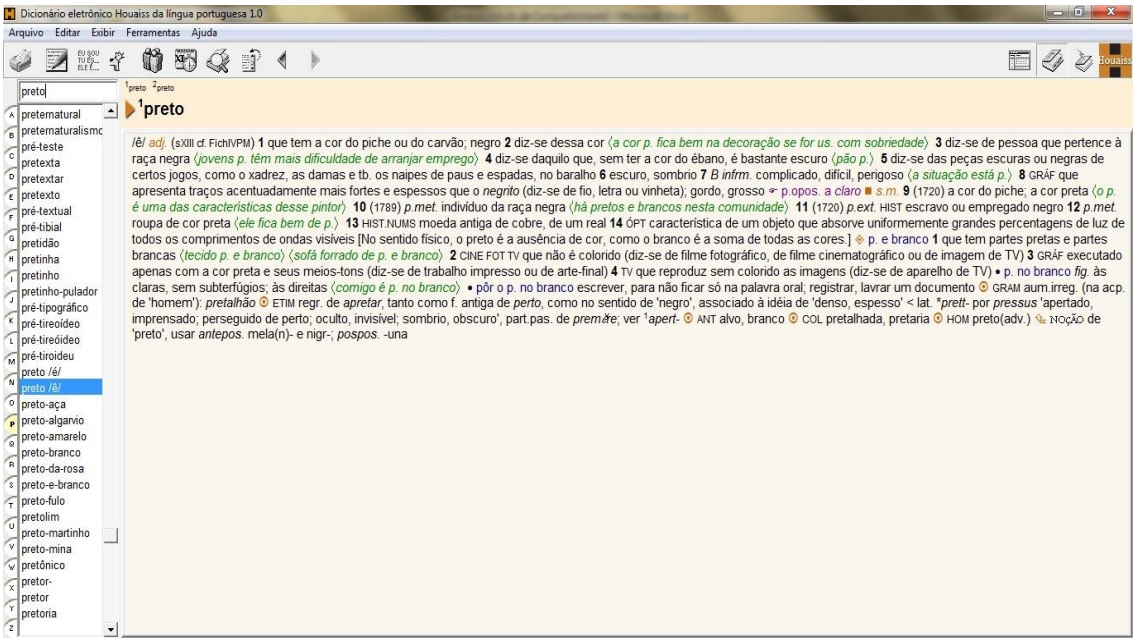
Aurélio
Arquivo
Ajuda
Pesquisa:
azul-piscina
Pesquisa avançada
BUSCAR
Dicionário
Resultados da pesquisa
A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V W X Y Z
azul-de-aço
azul-do-céu
azulear
azulecer
azulego
azulejador
azulejar¹
azulejar²
azulejaria
azulejista
azulejo
azuleno
azul-escuro
azul-faiança
azul-ferrete
azul-fino
azulíneo
azulinha
azulinho
azulino
azul-marinho
azulóio
azulona
azul-piscina
azul-pombinho
azul-seda
azul-turquesa
azul-violeta
azulzinha
azulzinho
azumbrado
azumbrar
azumbre
azurado
azurrador
azurrar
Histórico
azul-piscina
azul
verde-piscina
verde-musgo
verde-gaio
azul-piscina
Adjetivo de dois gêneros e de dois números.
1. Azul tirante a verde como o da cor da água clorada de piscina:
vestidos azul-piscina.
2. Diz-se dessa cor:
biquíni de cor azul-piscina.
Substantivo masculino.
3. A cor azul-piscina. [Pl. do s. m.: azuis-piscinas e azuis-piscina. Sin. ger.: verde-piscina.]

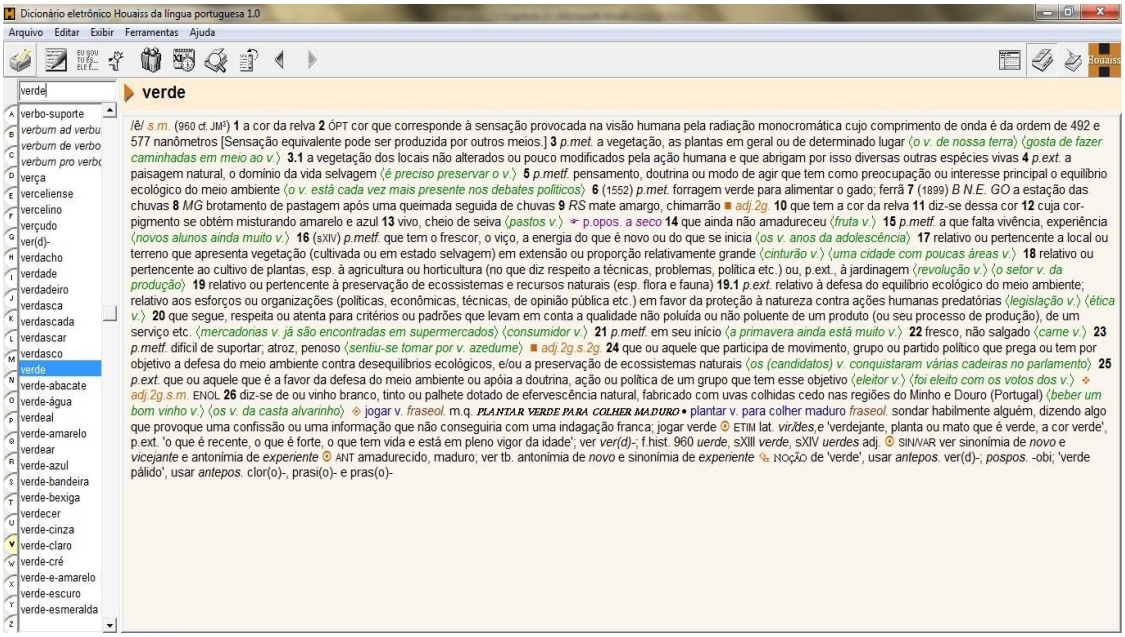
ANEXO 3
VERBETES ORIGINAIS DE HouE (2001)

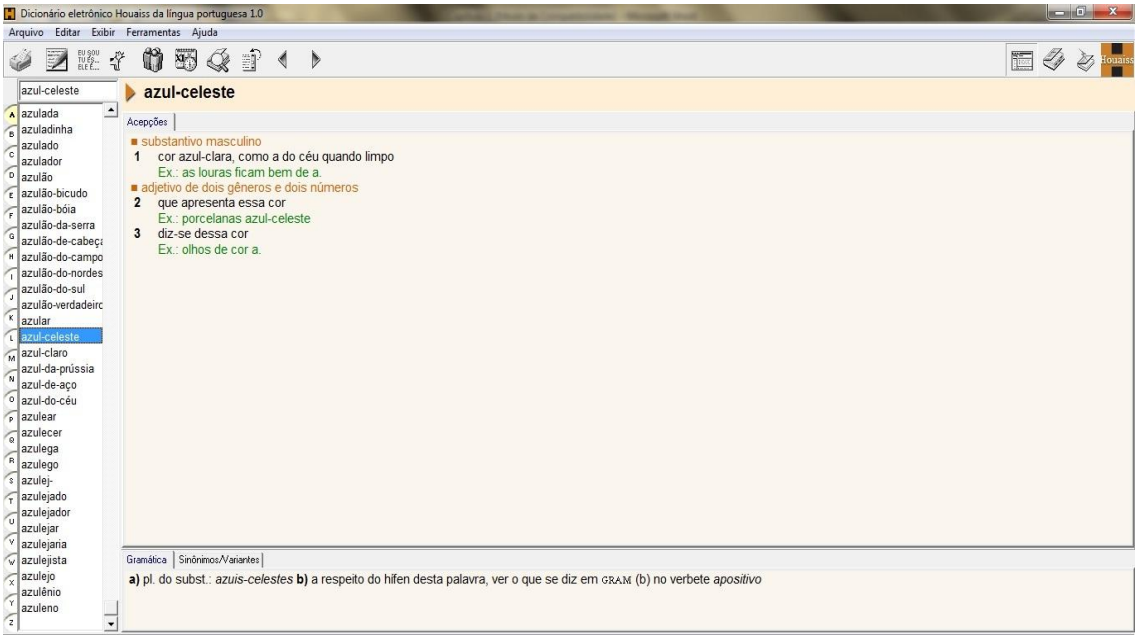


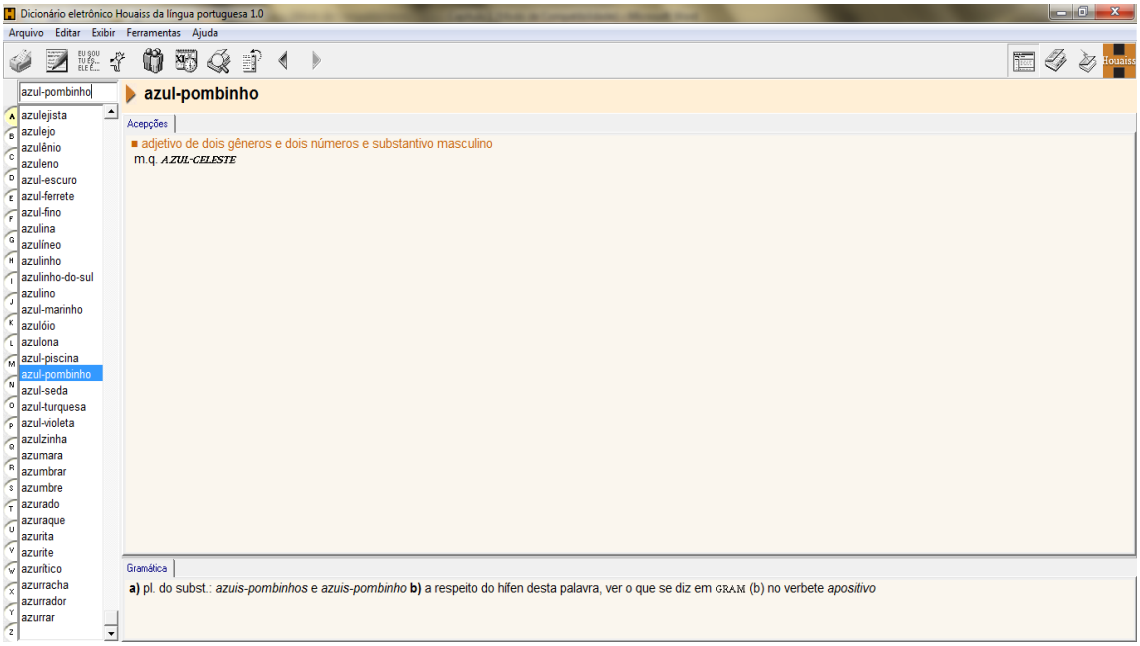


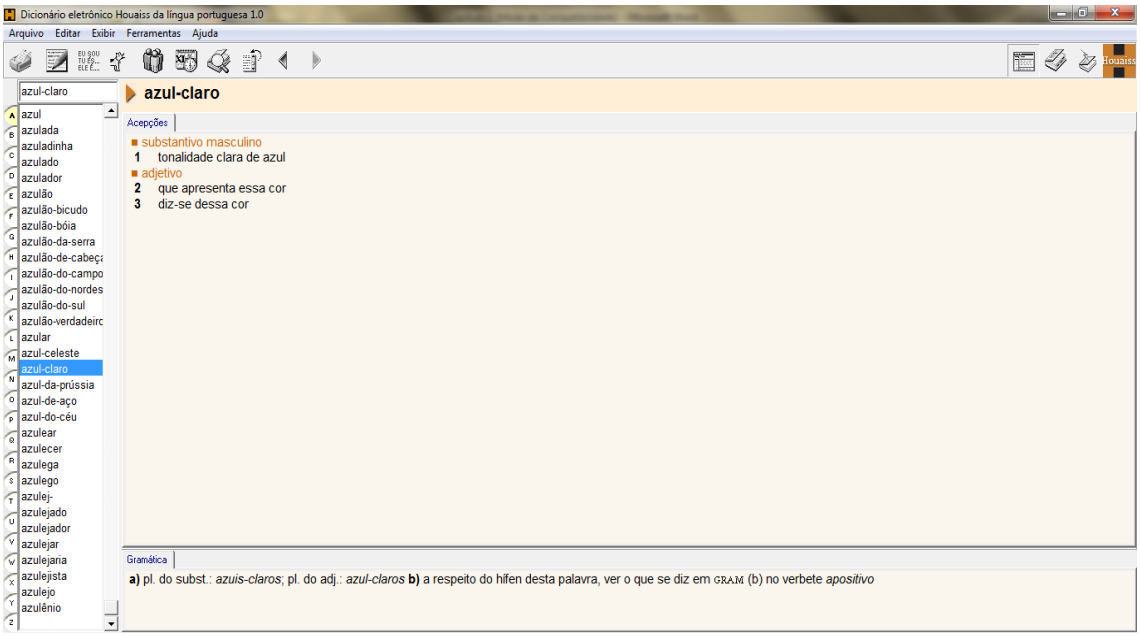

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0
Arquivo Editar Exibir Ferramentas Ajuda
vermelho
1vermelho 2vermelho
1vermelho
Modo tradicional
adj. (sXIII cf. FichIVPM) 1 que tem a cor do sangue; encarnado, berne 2 diz-se dessa cor 3 fig. que se enrubesceu; corado, afogueado, rubro ⟨os olhos baixos no rosto v.⟩ 4 apresentando afluxo de sangue, congestionado ⟨olhos v.⟩ 5 ENOL diz-se do vinho que é ainda jovem ■ s.m. 6 a cor do sangue 7 verniz feito de resina e sangue-de-drago dissolvidos em álcool 8 ICT design. comum aos peixes teleósteos perciformes da fam. dos lutjanídeos, esp. do gên. Lutjanus, com cerca de 64 spp.; acarajá, caranha 8.1 ICT B peixe (L. purpureus) do Atlântico tropical, comum no Ceará e Rio Grande do Norte, que atinge 90 cm de comprimento e tem coloração vermelha, boca rosada com mancha negra na base e axila das nadadeiras peitorais; acaraiá, acarapuã, cachucho, pargo, pargo-cachucho [Espécie de grande valor comercial no Nordeste do Brasil.] 8.2 ICT B peixe (L. vivanus) que ocorre da Carolina do Norte ao Sudeste do Brasil, de coloração vermelho-rosada, com o ventre mais claro e uma mancha arredondada no meio do corpo; olho-de-vidro, pargo-olho-de-vidro, pargo-vermelho, vidrado [Sua carne é considerada de excelente qualidade.] 9 ICT B m.q. BAIANA (Lutjanus jocu) ■ adj.s.m. 10 p.met. diz-se de ou indivíduo ou instituição da ex-U.R.S.S. ⟨exército v.⟩ ⟨os v. atacarão⟩ 10.1 p.ext. comunista, socialista ou esquerdista ◈ v. congo QUÍM substância (C32H22N8Na2O6S2) us. como indicador ácido-base, como corante biológico etc. • v. de açafrão QUÍM m.q. CARTÂMICO (subst.) ETIM lat. vermiculus,i 'pequeno verme', dim. de lat. vermis,is 'verme, inseto, varejeira'; f.divg. de vermículo; ver verm(i)-; f.hist. sXIII vermello, sXIV vermelhas SIN/VAR acerejado, acharoado, afogueado, alacoado, avermelhado, carmesim, carmim, carminado, cetrino, charão, cinabre, cinabrino, cinábrio, colorado, corado, coral, coralino, encarnado, escarlate, magenta, minio, piranga, pletórico, puníceo, quermes, rubente, rúbeo, rubicundo, rúbido, ruborizado, rubro, rufo, sandiz, sangüíneo, uzífur, uzífuro, vermelhaço, vermelhão, vermelhento, vermelhidão, vermelhusco; nas acp. 8.1 e 8.2: acaraaia, acarapitanga, carapitanga, caraputanga, cherne-vermelho, dentão, papa-terra-estrela, vermelho-de-fundo HOM vermelho /ê/ (fl.vermelhar); vermelha /ê/ (f.)/ vermelha /ê/ (fl.vermelhar) NOÇÃO de 'vermelho', usar antepos. eritr(o)- e rub(e/i)-; pospos. -piranga
verme-da-farinha
verme-da-guiné
verme-do-amarelã
verme-do-pulmão
verme-dos-olhos
verme-do-vinagre
vermeil
vermelh-
vermelhaço
vermelhão
vermelhar
vermelhear
vermelhecer
vermelhejar
vermelhento
vermelhidão
vermelho
vermelho-aricó
vermelho-cachorr
vermelho-cioba
vermelho-de-fund
vermelho-do-cafe
vermelho-henriqu
vermelho-paramir
vermelho-siriúba
vermelhoso
vermelho-verdade
vermelhusco
verme-solitário
verm(i)-
vermicida
vermicídio

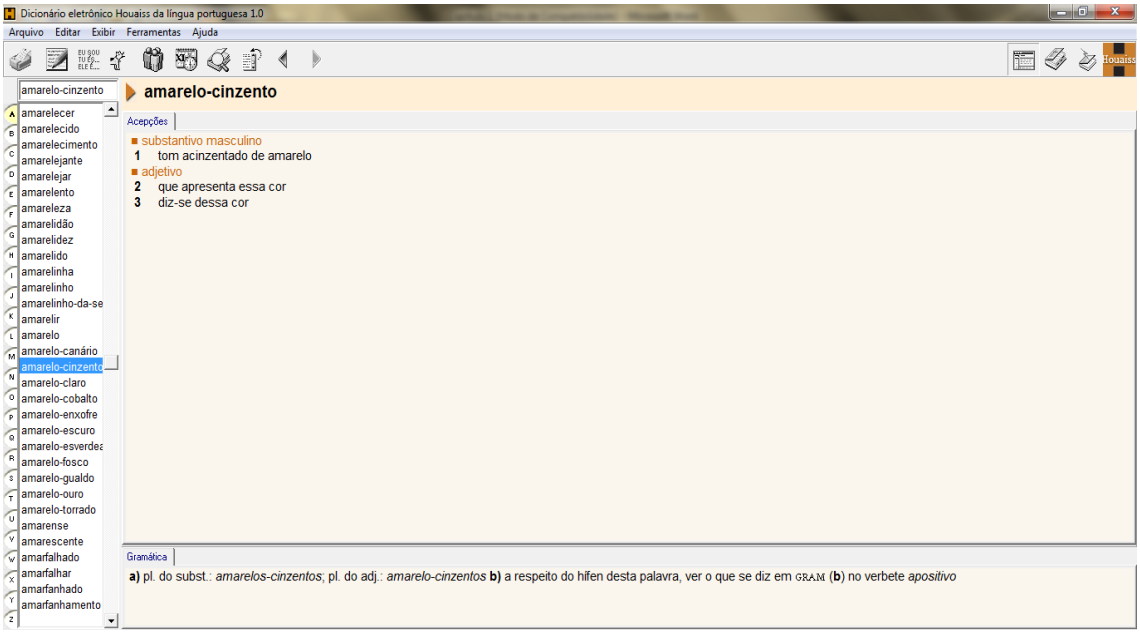

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0
Arquivo Editar Exibir Ferramentas Ajuda
preto
1preto 2preto
1preto
/ê/ adj. (sXIII cf. FichIVPM) 1 que tem a cor do piche ou do carvão; negro 2 diz-se dessa cor ⟨a cor p. fica bem na decoração se for us. com sobriedade⟩ 3 diz-se de pessoa que pertence à raça negra ⟨jovens p. têm mais dificuldade de arranjar emprego⟩ 4 diz-se daquilo que, sem ter a cor do ébano, é bastante escuro ⟨pão p.⟩ 5 diz-se das peças escuras ou negras de certos jogos, como o xadrez, as damas e tb. os naipes de paus e espadas, no baralho 6 escuro, sombrio 7 B infrm. complicado, difícil, perigoso ⟨a situação está p.⟩ 8 GRÁF que apresenta traços acentuadamente mais fortes e espessos que o negrito (diz-se de fio, letra ou vinheta); gordo, grosso ☞ p.opos. a claro ■ s.m. 9 (1720) a cor do piche; a cor preta ⟨o p. é uma das características desse pintor⟩ 10 (1789) p.met. indivíduo da raça negra ⟨há pretos e brancos nesta comunidade⟩ 11 (1720) p.ext. HIST escravo ou empregado negro 12 p.met. roupa de cor preta ⟨ele fica bem de p.⟩ 13 HIST.NUMS moeda antiga de cobre, de um real 14 ÓPT característica de um objeto que absorve uniformemente grandes percentagens de luz de todos os comprimentos de ondas visíveis [No sentido físico, o preto é a ausência de cor, como o branco é a soma de todas as cores.] ◈ p. e branco 1 que tem partes pretas e partes brancas ⟨tecido p. e branco⟩ ⟨sofá forrado de p. e branco⟩ 2 CINE FOT TV que não é colorido (diz-se de filme fotográfico, de filme cinematográfico ou de imagem de TV) 3 GRÁF executado apenas com a cor preta e seus meios-tons (diz-se de trabalho impresso ou de arte-final) 4 TV que reproduz sem colorido as imagens (diz-se de aparelho de TV) • p. no branco fig. às claras, sem subterfúgios; às direitas ⟨comigo é p. no branco⟩ • pôr o p. no branco escrever, para não ficar só na palavra oral; registrar, lavrar um documento GRAM aum.irreg. (na acp. de 'homem'): pretalhão ETIM regr. de apretar, tanto como f. antiga de perto, como no sentido de 'negro', associado à idéia de 'denso, espesso' < lat. *pretī- por pressus 'apertado, imprensado; perseguido de perto; oculto, invisível; sombrio, obscuro', part.pas. de premĕre; ver 1apert- ANT alvo, branco COL pretalhada, pretaria HOM preto(adv.) NOÇÃO de 'preto', usar antepos. mela(n)- e nigr-; pospos. -una
preternatural
preternaturalismo
pré-teste
pretexta
pretextar
pretexto
pré-textual
pré-tibial
pretidão
pretinha
pretinho
pretinho-pulador
pré-tipográfico
pré-tireoídeo
pré-tireóideo
pré-tiroideu
preto /é/
preto /ê/
preto-aça
preto-algarvio
preto-amarelo
preto-branco
preto-da-rosa
preto-e-branco
preto-fulo
pretolim
preto-martinho
preto-mina
pretônico
pretor-
pretor
pretoria

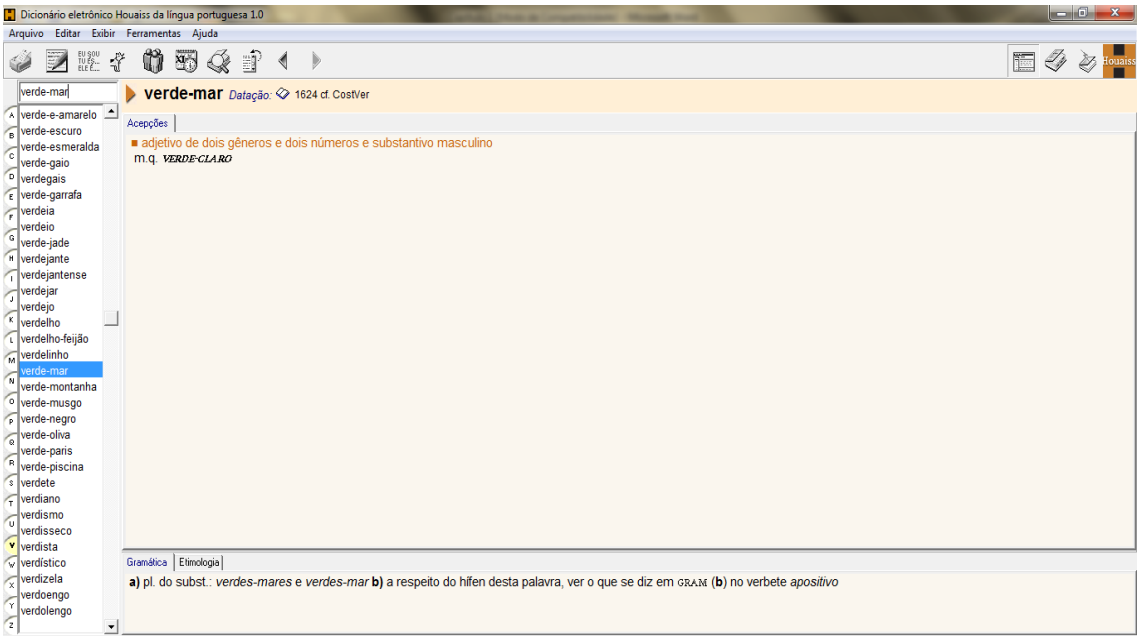

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0
Arquivo Editar Exibir Ferramentas Ajuda
verde
verde
/ê/ s.m. (960 cf. JM²) 1 a cor da relva 2 ÓPT cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática cujo comprimento de onda é da ordem de 492 e 577 nanômetros [Sensação equivalente pode ser produzida por outros meios.] 3 p.met. a vegetação, as plantas em geral ou de determinado lugar ⟨o v. de nossa terra⟩ ⟨gosta de fazer caminhadas em meio ao v.⟩ 3.1 a vegetação dos locais não alterados ou pouco modificados pela ação humana e que abrigam por isso diversas outras espécies vivas 4 p.ext. a paisagem natural, o domínio da vida selvagem ⟨é preciso preservar o v.⟩ 5 p.metf. pensamento, doutrina ou modo de agir que tem como preocupação ou interesse principal o equilíbrio ecológico do meio ambiente ⟨o v. está cada vez mais presente nos debates políticos⟩ 6 (1552) p.met. forragem verde para alimentar o gado; ferrã 7 (1899) B N.E. GO a estação das chuvas 8 MG brotamento de pastagem após uma queimada seguida de chuvas 9 RS mate amargo, chimarrão ■ adj 2g. 10 que tem a cor da relva 11 diz-se dessa cor 12 cuja cor-pigmento se obtém misturando amarelo e azul 13 vivo, cheio de seiva ⟨pastos v.⟩ ☞ p.opos. a seco 14 que ainda não amadureceu ⟨fruta v.⟩ 15 p.metf. a que falta vivência, experiência ⟨novos alunos ainda muito v.⟩ 16 (sXIV) p.metf. que tem o frescor, o viço, a energia do que é novo ou do que se inicia ⟨os v. anos da adolescência⟩ 17 relativo ou pertencente a local ou terreno que apresenta vegetação (cultivada ou em estado selvagem) em extensão ou proporção relativamente grande ⟨cinturão v.⟩ ⟨uma cidade com poucas áreas v.⟩ 18 relativo ou pertencente ao cultivo de plantas, esp. à agricultura ou horticultura (no que diz respeito a técnicas, problemas, política etc.) ou, p.ext., à jardinagem ⟨revolução v.⟩ ⟨o setor v. da produção⟩ 19 relativo ou pertencente à preservação de ecossistemas e recursos naturais (esp. flora e fauna) 19.1 p.ext. relativo à defesa do equilíbrio ecológico do meio ambiente; relativo aos esforços ou organizações (políticas, econômicas, técnicas, de opinião pública etc.) em favor da proteção à natureza contra ações humanas predatórias ⟨legislação v.⟩ ⟨ética v.⟩ 20 que segue, respeita ou atenta para critérios ou padrões que levam em conta a qualidade não poluída ou não poluente de um produto (ou seu processo de produção), de um serviço etc. ⟨mercadorias v. já são encontradas em supermercados⟩ ⟨consumidor v.⟩ 21 p.metf. em seu início ⟨a primavera ainda está muito v.⟩ 22 fresco, não salgado ⟨carne v.⟩ 23 p.metf. difícil de suportar; atroz, penoso ⟨sentiu-se tomar por v. azedume⟩ ■ adj 2g.s.2g. 24 que ou aquele que participa de movimento, grupo ou partido político que prega ou tem por objetivo a defesa do meio ambiente contra desequilíbrios ecológicos, e/ou a preservação de ecossistemas naturais ⟨os (candidatos) v. conquistaram várias cadeiras no parlamento⟩ 25 p.ext. que ou aquele que é a favor da defesa do meio ambiente ou apóia a doutrina, ação ou política de um grupo que tem esse objetivo ⟨eleitor v.⟩ ⟨foi eleito com os votos dos v.⟩ ❖ adj 2g.s.m. ENOL 26 diz-se de ou vinho branco, tinto ou palhete dotado de efervescência natural, fabricado com uvas colhidas cedo nas regiões do Minho e Douro (Portugal) ⟨beber um bom vinho v.⟩ ⟨os v. da casta alvarinho⟩ ❖ jogar v. fraseol. m.q. PLANTAR VERDE PARA COLHER MADURO • plantar v. para colher maduro fraseol. sondar habilmente alguém, dizendo algo que provoque uma confissão ou uma informação que não conseguiria com uma indagação franca; jogar verde ⊙ ETIM lat. vir/des,e 'verdejante, planta ou mato que é verde, a cor verde', p.ext. 'o que é recente, o que é forte, o que tem vida e está em pleno vigor da idade'; ver ver(d)-; f.hist. 960 uerde, sXIII verde, sXIV uerdes adj. ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de novo e vicejante e antonímia de experiente ⊙ ANT amadurecido, maduro; ver tb. antonímia de novo e sinonímia de experiente ⇆ NOÇÃO de 'verde', usar antepos. ver(d)-; pospos. -obi; 'verde pálido', usar antepos. clor(o)-, prasi(o)- e pras(o)-
verbo-suporte
verbum ad verbu
verbum de verbo
verbum pro verbo
verça
verceliense
vercelino
verçudo
ver(d)-
verdacho
verdade
verdadeiro
verdasca
verdascada
verdascar
verdasco
verde
verde-abacate
verde-água
verdeal
verde-amarelo
verdear
verde-azul
verde-bandeira
verde-bexiga
verdecer
verde-cinza
verde-claro
verde-cré
verde-e-amarelo
verde-escuro
verde-esmeralda

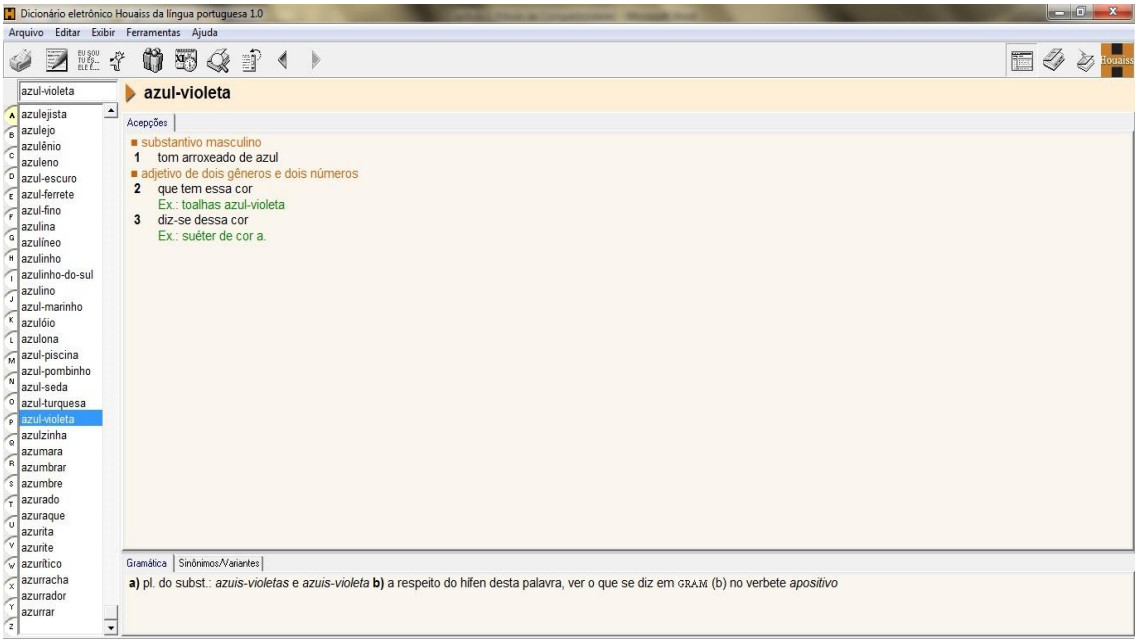

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0
Arquivo Editar Exibir Ferramentas Ajuda
azul-celeste
azul-celeste
Acepções
■ substantivo masculino
1 cor azul-clara, como a do céu quando limpo
Ex.: as louras ficam bem de a.
■ adjetivo de dois gêneros e dois números
2 que apresenta essa cor
Ex.: porcelanas azul-celeste
3 diz-se dessa cor
Ex.: olhos de cor a.
Gramática Sinônimos/Variantes
a) pl. do subst.: azuis-celestes b) a respeito do hífen desta palavra, ver o que se diz em GRAM (b) no verbete apositivo
azulada
azuladinha
azulado
azulador
azulão
azulão-bicudo
azulão-bóia
azulão-da-serra
azulão-de-cabeça
azulão-do-campo
azulão-do-nordes
azulão-do-sul
azulão-verdadeiro
azular
azul-celeste
azul-claro
azul-da-prússia
azul-de-aço
azul-do-céu
azulear
azulecer
azulega
azulego
azulej-
azulejado
azulejador
azulejar
azulejaria
azulejista
azulejo
azulênio
azuleno


Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0
Arquivo Editar Exibir Ferramentas Ajuda
azul-pombinho
azulejista
azulejo
azulênio
azuleno
azul-escuro
azul-ferrete
azul-fino
azulina
azulíneo
azulinho
azulinho-do-sul
azulino
azul-marinho
azulóio
azulona
azul-piscina
azul-pombinho
azul-seda
azul-turquesa
azul-violeta
azulzinha
azumara
azumbrar
azumbre
azurado
azuraque
azurita
azurite
azurítico
azurracha
azurrador
azurrar
azul-pombinho
Acepções
adjetivo de dois gêneros e dois números e substantivo masculino
m.q. AZUL-CELESTE
Gramática
a) pl. do subst.: azuis-pombinhos e azuis-pombinho b) a respeito do hífen desta palavra, ver o que se diz em GRAM (b) no verbete apositivo

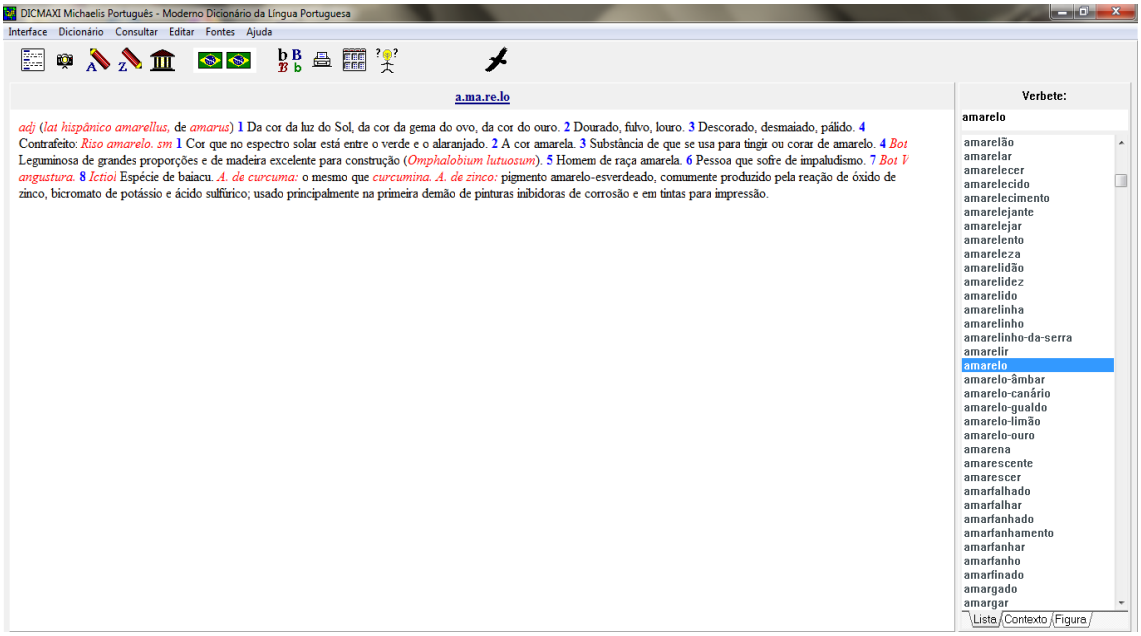

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0
Arquivo Editar Exibir Ferramentas Ajuda
azul-claro
azul
azulada
azuladinha
azulado
azulador
azulão
azulão-bicudo
azulão-bóia
azulão-da-serra
azulão-de-cabeça
azulão-do-campo
azulão-do-nordes
azulão-do-sul
azulão-verdadeirc
azular
azul-celeste
azul-claro
azul-da-prússia
azul-de-aço
azul-do-céu
azulear
azulecer
azulega
azulego
azulej-
azulejado
azulejador
azulejar
azulejaria
azulejista
azulejo
azulênio
azul-claro
Acepções
substantivo masculino
1 tonalidade clara de azul
adjetivo
2 que apresenta essa cor
3 diz-se dessa cor
Gramática
a) pl. do subst.: azuis-claros; pl. do adj.: azul-claros b) a respeito do hífen desta palavra, ver o que se diz em GRAM (b) no verbete apositivo

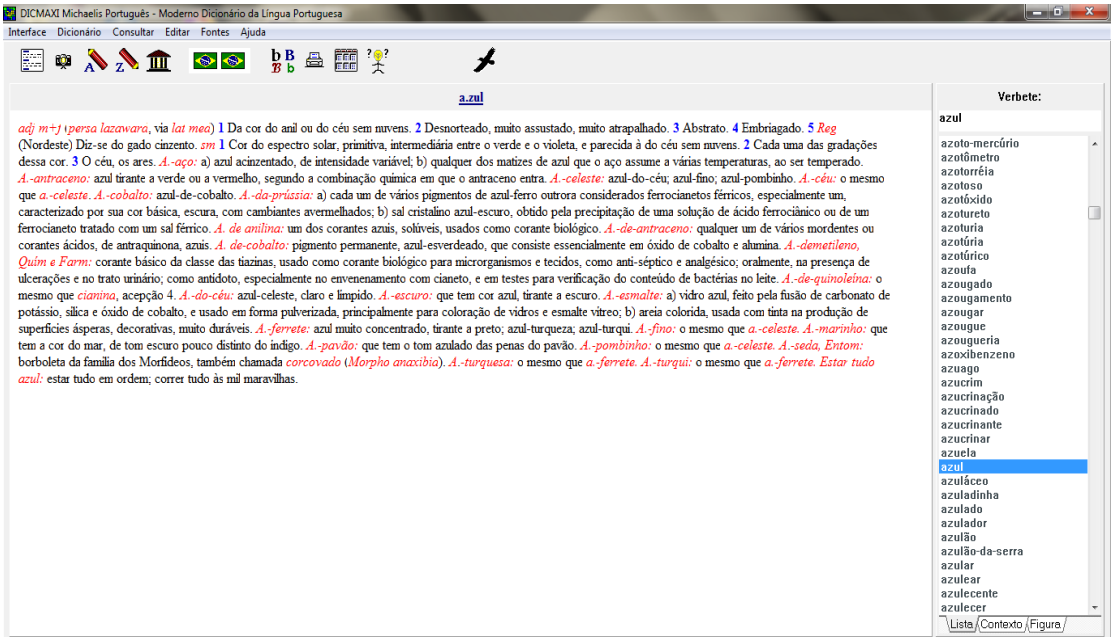

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0
Arquivo Editar Exibir Ferramentas Ajuda
amarelo-cinzento
amarelecer
amarelecido
amarelecimento
amarelejante
amarelejar
amarelento
amareleza
amarelidão
amarelidez
amarelido
amarelinha
amarelinho
amarelinho-da-se
amarelir
amarelo
amarelo-canário
amarelo-cinzento
amarelo-claro
amarelo-cobalto
amarelo-enxofre
amarelo-escuro
amarelo-esverdea
amarelo-fosco
amarelo-gualdo
amarelo-ouro
amarelo-torrado
amarense
amarescente
amarfalhado
amarfalhar
amarfanhado
amarfanhamento
amarelo-cinzento
Acepções
substantivo masculino
1 tom acinzentado de amarelo
adjetivo
2 que apresenta essa cor
3 diz-se dessa cor
Gramática
a) pl. do subst.: amarelos-cinzentos; pl. do adj.: amarelo-cinzentos b) a respeito do hífen desta palavra, ver o que se diz em GRAM (b) no verbete apositivo


Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0
Arquivo Editar Exibir Ferramentas Ajuda
verde-mar
verde-e-amarelo
verde-escuro
verde-esmeralda
verde-gaio
verdegais
verde-garrafa
verdeia
verdeio
verde-jade
verdejante
verdejantense
verdejar
verdejo
verdelho
verdelho-feijão
verdelinho
verde-mar
verde-montanha
verde-musgo
verde-negro
verde-oliva
verde-paris
verde-piscina
verdete
verdiano
verdismo
verdisseco
verdista
verdístico
verdizela
verdoengo
verdolengo
verde-mar Datação: 1624 cf. CostVer
Acepções
adjetivo de dois gêneros e dois números e substantivo masculino
m.q. VERDE-CLARO
Gramática Etimologia
a) pl. do subst.: verdes-mares e verdes-mar b) a respeito do hífen desta palavra, ver o que se diz em GRAM (b) no verbete apositivo

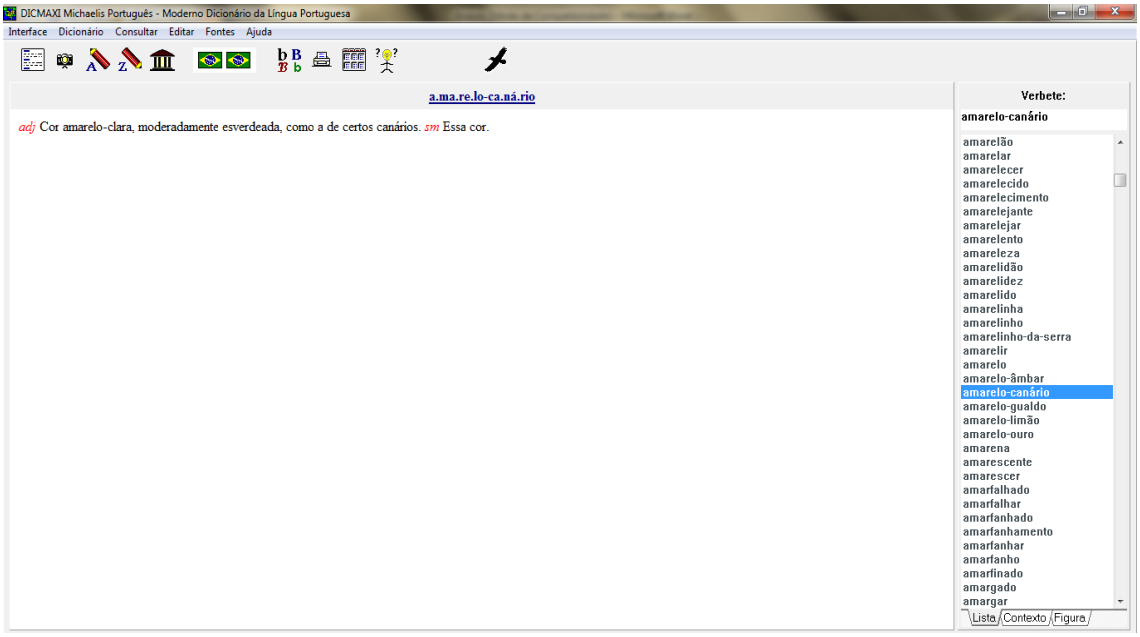

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0
Arquivo Editar Exibir Ferramentas Ajuda
azul-violeta
azulejista
azulejo
azulênio
azuleno
azul-escuro
azul-ferrete
azul-fino
azulina
azulíneo
azulinho
azulinho-do-sul
azulino
azul-marinho
azulóio
azulona
azul-piscina
azul-pombinho
azul-seda
azul-turquesa
azul-violeta
azulzinha
azumara
azumbrar
azumbre
azurado
azuraque
azurita
azurite
azurítico
azurracha
azurrador
azurrar
azul-violeta
Acepções
substantivo masculino
1 tom arroxeado de azul
adjetivo de dois gêneros e dois números
2 que tem essa cor
Ex.: toalhas azul-violeta
3 diz-se dessa cor
Ex.: suéter de cor a.
Gramática
Sinônimos/Variantes
a) pl. do subst.: azuis-violetas e azuis-violeta b) a respeito do hífen desta palavra, ver o que se diz em GRAM (b) no verbete apositivo

ANEXO 4
VERBETES ORIGINAIS DE MiE (2001)




DICMAXI Michaelis Português - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa
Interface Dicionário Consultar Editar Fontes Ajuda
a.zul
adj m+f ↑persa lazawara, via lat mea) 1 Da cor do anil ou do céu sem nuvens. 2 Desnorteado, muito assustado, muito atrapalhado. 3 Abstrato. 4 Embriagado. 5 Reg (Nordeste) Diz-se do gado cinzento. sm 1 Cor do espectro solar, primitiva, intermediária entre o verde e o violeta, e parecida à do céu sem nuvens. 2 Cada uma das gradações dessa cor. 3 O céu, os ares. A.-aço: a) azul acinzentado, de intensidade variável; b) qualquer dos matizes de azul que o aço assume a várias temperaturas, ao ser temperado. A.-antraceno: azul tirante a verde ou a vermelho, segundo a combinação química em que o antraceno entra. A.-celeste: azul-do-céu; azul-fino; azul-pombinho. A.-céu: o mesmo que a.-celeste. A.-cobalto: azul-de-cobalto. A.-da-prússia: a) cada um de vários pigmentos de azul-ferro outrora considerados ferrocianetos férricos, especialmente um, caracterizado por sua cor básica, escura, com cambiantes avermelhados; b) sal cristalino azul-escuro, obtido pela precipitação de uma solução de ácido ferrociânico ou de um ferrocianeto tratado com um sal férrico. A. de anilina: um dos corantes azuis, solúveis, usados como corante biológico. A.-de-antraceno: qualquer um de vários mordentes ou corantes ácidos, de antraquinona, azuis. A. de-cobalto: pigmento permanente, azul-esverdeado, que consiste essencialmente em óxido de cobalto e alumina. A.-demetileno, Quím e Farm: corante básico da classe das tiazinas, usado como corante biológico para microrganismos e tecidos, como anti-séptico e analgésico; oralmente, na presença de ulcerações e no trato urinário; como antídoto, especialmente no envenenamento com cianeto, e em testes para verificação do conteúdo de bactérias no leite. A.-de-quinoleína: o mesmo que cianina, acepção 4. A.-do-céu: azul-celeste, claro e limpido. A.-escuro: que tem cor azul, tirante a escuro. A.-esmalte: a) vidro azul, feito pela fusão de carbonato de potássio, silica e óxido de cobalto, e usado em forma pulverizada, principalmente para coloração de vidros e esmalte vitreo; b) areia colorida, usada com tinta na produção de superfícies ásperas, decorativas, muito duráveis. A.-ferrete: azul muito concentrado, tirante a preto; azul-turqueza; azul-turqui. A.-fino: o mesmo que a.-celeste. A.-marinho: que tem a cor do mar, de tom escuro pouco distinto do indigo. A.-pavão: que tem o tom azulado das penas do pavão. A.-pombinho: o mesmo que a.-celeste. A.-seda, Entom: borboleta da familia dos Morfideos, também chamada corcovado (Morpho anaxibia). A.-turquesa: o mesmo que a.-ferrete. A.-turqui: o mesmo que a.-ferrete. Estar tudo azul: estar tudo em ordem; correr tudo às mil maravilhas.
Verbete:
azul
azoto-mercúrio
azotômetro
azotorréia
azotoso
azotóxido
azotureto
azoturia
azotúria
azotúrico
azoufa
azougado
azougamento
azougar
azougue
azougueria
azoxibenzeno
azuago
azucrim
azucrinação
azucrinado
azucrinante
azucrinar
azuela
azul
azuláceo
azuladinha
azulado
azulador
azulão
azulão-da-serra
azular
azulear
azulecente
azulecer
Lista Contexto Figura

DICMAXI Michaelis Português - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa
Interface Dicionário Consultar Editar Fontes Ajuda
ver.me.lho
adj (lat vermiculu) 1 Que tem cor encarnada muito viva; rubro. 2 Revolucionário. 3 Que emprega palavras obscenas (canto). 4 Diz-se da raça dos índios da América. 5 Diz-se da cor da pele dos indivíduos dessa raça. sm 1 A cor encarnada viva. 2 Verniz composto de resina e sangue-de-frango dissolvidos em álcool. 3 Ictiol Peixe marinho da família dos Lutjanídeos (Lutjanus aya); acaraiá, acarapitanga, carapitanga, dentão. 4 Comunista. V. cereja: que tem a cor vermelha da cereja. V.-herinque, Ictiol: pexe marinho, da família dos Lutjanideos (Lutjanus synagris); ariocó, caranho, caranho-verdadeiro. Estar no vermelho: estar em déficit. Fazer-se vermelho: corar de pejo, envergonhar-se.
Verbete:
vermelho
verisimilidade
verisimílimo
verisimilitude
verismo
verissímel
verissimense
verissímile
verissimilhança
verissimilhante
verissimilidade
verissimílimo
verissimilitude
veríssimo
verista
verlainiano
verlete
verme
vermeil
vermelhaço
vermelhante
vermelhão
vermelhar
vermelhear
vermelhecer
vermelhejar
vermelhento
vermelhidão
vermelhinha
vermelho
vermelhusco
vermem
vermetídeo
Vermetídeos
Vermeto
Lista Contexto Figura


DICMAXI Michaelis Português - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa
Interface Dicionário Consultar Editar Fontes Ajuda
a.ma.re.lo-ca.ná.rio
adj Cor amarelo-clara, moderadamente esverdeada, como a de certos canários. sm Essa cor.
Verbete:
amarelo-canário
amarelão
amarelar
amarelecer
amarelecido
amarelecimento
amarelejante
amarelejar
amarelento
amareleza
amarelidão
amarelidez
amarelido
amarelinha
amarelinho
amarelinho-da-serra
amarelir
amarelo
amarelo-âmbar
amarelo-canário
amarelo-gualdo
amarelo-limão
amarelo-ouro
amarena
amarescente
amarescer
amarfalhado
amarfalhar
amarfanhado
amarfanhamento
amarfanhar
amarfanho
amarfinado
amargado
amargar
Lista Contexto Figura